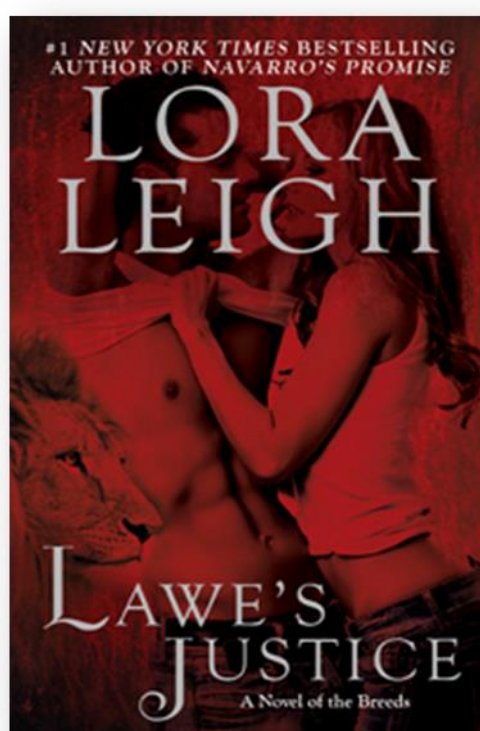




A Justiça de Lawe - Castas 26

Lora Leigh







Resumo:

Diane Broen vivia para proteger sua irmã mais jovem Rachel de qualquer mal. Mas agora que Rachel estava acasalada, Diane se ocupava com tarefas menos gratificantes contra o Conselho de Genética... até que ela acasala com um novo membro da equipe, um Casta notório por suas atitudes, e um toque que a faz recuar.

Lawe tampouco esta feliz. Um leão de coração, prefere a solidão. Quando se trata de fêmeas, prefere rosnar a ronronar. E enquanto o destino os coloca para lutar na mesma equipe, nem sempre estão dispostos a reconhecer o óbvio: O calor do acasalamento está, positivamente, incinerando-os.

É somente quando o perigo os ameaça é que fazem aquela conexão quente-como-o-inferno — uma tão explosiva que poderia destruí-los. Ou, como revela o destino, vinculá-los, para sempre.

Rev. Inicial: Sandra Maia

Rev. Final: Daniella Lioni

Projeto Revisoras Traduções



PRÓLOGO

Gritos ecoaram em torno das paredes de aço.

O som ricocheteava, se fragmentando na área cavernosa e cortando os sentidos daqueles forçados a ouvir.

Não havia lugar para o som sair, nem rachaduras, nem ventilação para o exterior. Não existia nenhuma maneira para que se dissipasse facilmente. O som ricocheteava de parede a parede e do teto ao chão antes de voltar e se misturar com os sons, que continuavam agonizantes.

Em torno sala de exame/operação, em estilo teatro, estavam 12 celas de 8x10m feitas de barras de aço e ferro. As celas corriam toda a extensão da parede de aço de um lado e eram ligadas por quadros de barras de ferro preto na frente. As portas trancadas eram reforçadas; as fechaduras digitais e a chave eletrônica eram quase impossíveis de quebrar, a menos que a energia total, incluindo a dos geradores de apoio, fosse perdida. Só então soltariam as travas e permitiriam que os animais mantidos dentro pudessem ser liberados.

Ou será que eram seres humanos?

Havia momentos em que até mesmo eles não tinham certeza de quem ou o que eram, além do fato de que foram criados pelas mãos dos médicos e cientistas que causavam uma morte infernal ao invés de criar uma vida infernal.

Gritos ecoaram pela sala cavernosa outra vez, cheios de dor, medo e conhecimento de que o tempo acabava e não haveria escapatória.

Mas ela chorou por dias. Lamentos inconsoláveis que deixaram os trancados atrás das grades lutando contra a raiva que ameaçava se agitar. Parecia até afetar os guardas criados para governá-los. Homens, animais, cujos olhos não tinham nenhuma misericórdia, mas que agora pareciam olhar de um para outro em desconfortável silêncio enquanto o tempo da morte se aproximava. Como se as criações presas parecessem observá-la mais ainda, mais calmos e silenciosos do que nunca.

Eles eram seus filhos, de certa forma.

A concepção ocorreu no ambiente artificial de um laboratório, e o óvulo fecundado, transplantado em seu ventre, levado até o fim da gestação. Quando o momento do nascimento se aproximava, ela foi injetada com o monstruoso paralisante que criaram, que paralisava tudo menos as cordas vocais, deixando suas vítimas apenas com a capacidade de gritar. Uma vez que contida, a criança era tirada de seu corpo enquanto ela gritava em agonia.

Incapaz de se mover.

Incapaz de lutar.

Incapaz de controlar qualquer parte de seu corpo, exceto as cordas vocais, que os cientistas se recusavam a manter em silêncio.



Ela gritaria até a voz esmaecer e só animalescos e silenciosos rosnados emergirem de sua garganta.

Mas ela não era um animal. Não era nem mesmo um meio animal como seus filhos eram. Era uma jovem que esqueceu como eram a ternura e a liberdade. Conhecia apenas o cativeiro, a dor, as gestações e os partos forçados sem fim.

E agora só conhecia a agonia e o medo de uma morte sem sentido, que seus filhos eram forçados a assistir em silêncio indiferente.

O Casta número 107 sentou em sua cama estreita no canto da cela, com a cabeça encostada contra as barras de aço, enquanto o terror de sua mãe, cheio de soluços, ecoavam, mais uma vez, pela sala.

Ele e aquele que chamava de irmão, a quem chamavam 108, eram apenas alguns dos jovens no laboratório que foram produtos da sua genética. Nascidos não apenas de seu corpo, mas também de seu óvulo, que foi fertilizado in vitro com o esperma animal modificado geneticamente e usado para criar as Castas.

E foram forçados a permanecer em silêncio, aparentemente despreocupados, como se seus gritos não significassem nada. Como se não estivessem rasgando suas almas e entranhas a cada vez que ela pedia, cada vez que gritava em agonia.

Cada vez que implorava a Deus por misericórdia.

O Casta número 107 manteve os olhos fechados, a respiração regular, e apelou aos 14 anos de treinamento para manter o controle necessário para conter sua raiva e dor. Se apenas um dos jovens quebrasse, se apenas um deles mostrasse reação ou emoção, então três deles morreriam.

Como muitos já haviam morrido. Tantos já haviam conhecido a desumana agonia que os esperava quando eram amarrados à mesa de autópsia no centro da sala.

Um dia antes, os cientistas torturaram um dos seus animais de estimação favoritos também. Como se não pudessem saciar sua fome de sangue, gritos e agonia forçada sobre as Castas. Sua vítima, o Coyote Tenente Elder foi uma adição surpreendentemente inclemente dos cientistas. Porque, estranhamente, num ato tão fora de caráter para um Coyote, Elder tentou deixar escapar a mulher dos laboratórios e desligar os geradores que mantinham as criações dos cientistas enjaulados e sob controle.

Elder não conseguiu, no entanto. Foi traído por um dos doze que agora se sentavam silenciosamente nas celas enquanto sua voz presa começava a crescer em horror.

O Casta número 107 sabia que este seria o horror final que quebraria a única mulher no grupo. A jovem fêmea Cheetah — também suspeita de ser filha natural da mulher. Aquela que jazia, como se dormindo, na pequena cama numa cela distante.

No entanto, Morningstar não estava somente sendo punida, e todos sabiam. Todos viram a vivissecção¹ de Elder no dia anterior e ouviram os cientistas murmurando uma conversa sobre acasalamento. Então não foi surpresa para 107 quando arrastaram a gentil mulher, chorando, da sala fechada onde estava confinada desde a tentativa falha de Elder de fugir do seu laboratório.

¹ Dissecção anatômica ou qualquer operação congênere feita em pessoa ou animal vivo para estudo de algum fenômeno fisiológico.



Seu longo cabelo preto pesado fluía em torno de seu corpo nu, emaranhado e despenteado da batalha com os soldados que a arrastaram para longe do corpo inconsciente de Elder depois que foram capturados.

Agora estava louca de raiva pela morte de Elder, e de dor pelo toque dos soldados. Lutou como nunca a viram lutar.

Ela amaldiçoou, se enfureceu, gritou obscenidades e chamou todos os tipos de maldições contra eles. Seus olhos castanhos escuros, estranhamente salpicados de azul, agora eram de um puro gelo azul, como se chamas queimassem suas características nativa americana.

Ela chutou, lutou para se soltar de seus guardas e jurou vingança. Sem sucesso. —Bastardos! — Gritou. — Eles virão por vocês. Meu pai e seu pai e aqueles que vieram antes. Vão visitá-los na calada da noite, seu sangue irá fluir. — Sua voz era irregular e selvagem, e 107 nunca tinha ouvido esse som da garganta de qualquer criatura, mesmo aqueles Castas torturados em base regular.

As narinas inflaram quando seu cheiro chegou até ele.

Pelo canto do olho, pode vislumbrá-la quando a prenderam na mesa de autópsia no centro da sala de cirurgia. Uma vez que inserissem o IV e, pelo gotejamento lento, o paralisante chegasse ao seu sistema, seria incapaz de se mover, incapaz de lutar contra qualquer coisa que fizessem.

Não demorou muito para que a droga fizesse efeito. Seu corpo relaxou, e enquanto ela chorava de dor e horror, os técnicos de laboratório liberaram lentamente as tiras que a prendiam na mesa.

O Casta 107 não podia ver seus olhos, mas pegou uma pitada de medo humano e compaixão, horror e desespero silencioso que não pertenciam a Morningstar.

Era a primeira vez que era injetada com a droga paralisante quando não estava carregando uma criança em seu corpo. A primeira vez que foi colocada sobre uma mesa no centro da sala quando não estava sendo inseminada.

Estava lá para morrer e sabia disso.

Seus filhos sabiam disso.

O Casta 107 se obrigou a fechar os olhos mais uma vez. Se concentrar nos cheiros dos humanos e dos chacais que faziam parte dessa prática demoníaca. Porque um dia estaria livre, prometeu. Um dia, os encontraria, cada um deles, e garantiria que pagassem pelo inferno que criaram dentro destes laboratórios. Até então, não podia fazer nada, apenas afastar a agitação das emoções que queimavam, rasgando sua alma. Não podia fazer nada, apenas guardá-las, colocá-las tão profundamente dentro de seu espírito que não haveria chance de virem à superfície novamente, jamais.

Seu peito estava apertado enquanto lutava para contê-las. Seus olhos úmidos. Castas não choravam. Não sentiam dor. Ou eram ensinados que deveria ser assim.

Não foram nomeados, não eram cuidados, acarinhados ou amados.

Não saiam para brincar quando jovens, nem era permitido dormir com seus pais como as crianças humanas.



Porque não eram humanos.

Eram animais que andavam sobre duas pernas e que se vestiam, falavam e agiam como seres humanos.

Mas não eram humanos.

O conhecimento de que não eram humanos, de que não nasceram, que foram criados era uma de suas primeiras lembranças. Uma das primeiras lições ensinadas.

— Nada vai mudar sua morte. — Os lamentos de sua mãe estavam cheios de lágrimas. E medo. — Nada pode te salvar!

E nada poderia salvar sua mãe.

Os cientistas não seriam punidos. Não existiam leis para proteger Castas ou as indefesas mulheres sequestradas para dar à luz para eles. Não haveria justiça para as criações que ganharam vida dentro destas paredes de aço. Ou aqueles enviados para a morte sobre a mesa adiante.

Os gritos cheios de pânico de Morningstar soaram quando o aço frio do bisturi tocou sua carne. Era um som de horror, de histeria.

O cheiro dela ficou mais forte. Reconheceu a fragrância original, fresca, misturada com o medo profundo e sabia que sempre se lembraria dela como a única criatura que já mostrou bondade a ele.

No entanto, havia outro cheiro misturado com o dela.

O perfume de Elder estava lá e o cheiro de algo mais profundo, mais forte, que sempre associou a uma emoção profunda e sem nome. Uma emoção que apenas cheirava quando partilhada entre dois seres humanos. Seres humanos com uma ligação que nunca entendeu.

Era um perfume que só sentiu um punhado de vezes quando saiu em missões no ano passado. Que veio a associar com o que os soldados chamavam sarcasticamente de amor. Uma mistura de desejo e calor de verão, de conforto e contentamento sobreposto com uma pitada de adrenalina e emoção. E quando misturados, era uma fragrância que o atraía tão fortemente que era tudo que podia fazer para manter a compostura.

E agora arrependimento jorrava dentro dele enquanto lutava para conter sua raiva.

Se afastar, se abaixar, custou cada grama de força que possuía. Seu irmão, 108, estava sentindo a mesma raiva, forçando sua própria fúria a retroceder. Nenhuma reação.

Aqueles que existiram dentro deste laboratório tinham visto muitos irmãozinhos morrer pela incapacidade de segurar sua fúria, sua dor, pelo fato de que eles conheciam a emoção e não podiam escondê-la. Que eles conheciam a honra e recusavam-se a ignorá-la.

Eles não tinham permissão para fingir ser humanos. Somente os humanos tinham emoções e eles eram animais. Aqueles, com a arrogância de acreditar que poderiam ser humanos também, foram mortos instantaneamente.

Castas não estavam autorizados a ter emoção, honra, lealdade a nada nem a ninguém, exceto aos seus criadores e, com certeza, não era permitido qualquer forma de vínculo entre si ou suas mães. Esses títulos, quaisquer títulos, eram a base para a morte instantânea.



—Por favor, Deus, me mate agora!

Ela estava implorando agora.

Sua mãe. Seu nome era Morningstar e era filha de um curandeiro Navajo. Em sua última missão, na semana anterior, 107 enviou fotos ao seu pai, um mapa, uma carta solicitando sua ajuda, pedindo que viesse e salvasse a mulher que sabia ser sua filha.

Ninguém chegou. E agora Morningstar estava morrendo.

Ele não vacilou quando o som de seus uivos se tornaram mais nítidos, cheios de uma terrível agonia, e o cheiro de seu sangue e horror começou a encher a sala. Seu olhar deslizou até seu irmão, 108. Seu irmão gêmeo.

Eles compartilhavam outra ligação, que até agora não foi revelada aos soldados, cientistas ou outras Castas que compartilhavam as celas. Uma ligação e o conhecimento de que poderiam ser mortos, se essa ligação fosse descoberta.

Compartilhavam o vínculo com a mãe também, e sabia que 108 compartilhava sua agonia também.

O Casta 107 conhecia seu irmão como a nenhum outro. Um conhecimento que permitiu perceber e vislumbrar as emoções e o coração do outro.

Ele teve que inalar lentamente, profundamente quando o cheiro do sangue dela se tornou mais forte e seus gritos mais nítidos com agonia, com o conhecimento terrível do que estava sendo feito com ela.

A vivissecção. A dissecação de um corpo vivo.

E tinha que ignorá-la. Tinha que permanecer exteriormente não afetado.

Fingir ser indiferente a sua mãe sendo cruelmente torturada porque o cheiro de Elder foi deixado nela. Nela. O perfume que reconheceu num nível selvagem como aquele que a marcava como pertencente a Elder. Era um perfume que nunca conheceu, nunca sentiu antes.

Os sentidos animais, que eram uma parte dele, sabiam a nível primitivo. O conhecimento era transmitido ao homem, e embora o homem estivesse confuso, ainda assim sabia o que era — uma marca de pertencer, que penetrava até a alma e se recusava a ser negada. E neste lugar, no horror da vida que nasceram, era uma sentença de morte.

Esta era a dor de pertencer a um Casta? O pesadelo horrível de uma vivissecção por causa de uma mudança dentro de seu corpo? Uma mudança que cada Casta sabia que a marcava como pertencente a um Casta, se ela tivesse a chance de viver? Um perfume que a marcava como pertencente somente a Elder.

Foi assim que Elder foi capturado. Foi por isso que foi incapaz de salvar a mulher que se uniu, porque outra Casta detectou a marca e relatou a eles. Porque uma das “crias” de Morningstar traiu o mais forte de todos eles.

Elder.

107 poderia ter entendido se fosse outro Coyote que tivesse entregado o comandante Coyote e seu cheiro aos seus mestres. Poderia ter entendido se fosse um humano.

Mas não foi. Foi um Casta. Um dos filhotes Casta que foi abrigado, nutrido e protegido dentro de seu corpo até que os cientistas o arrancaram.



Era um Casta que morreria, 107 prometeu a si mesmo. Mataria o filho da puta e garantiria que o Casta sofresse.

Que o traidor sofresse no inferno, assim como Morningstar Martinez agora sofria. Assim como seu companheiro, o Coyote Elder, sofreu em sua tentativa de salvá-la. Ela e as Castas a quem deu à luz.

O voto marcou sua alma enquanto os gritos se tornavam ainda mais torturados, esfaqueando sua alma e quase quebrando seu controle.

Suas entranhas apertaram enquanto ele afastava toda a emoção. Era a única maneira de escondê-la. A única maneira de esconder a raiva.

Os músculos de suas coxas eram aço rígido, as costas se contraíam e descontraíam dolorosamente. Não podia deixar que ninguém soubesse da agonia que o dilacerava. Uma agonia que não podia se comparar a de sua mãe. Seus gritos nunca poderiam se comparar aos dela em angústia, dor e derrota.

E a única maneira de salvar seu irmão, garantir que 108 não sofresse por seu erro ao mostrar sua raiva, era enterrá-la. Enterrá-la tão profundamente dentro de sua alma que não existiria, de modo que poderia funcionar em meio a ela.

Para enxugar essa veia final de lealdade, dor e necessidade de atrair alguma emoção própria, necessidade de sentir e gritar de raiva.

Tudo que restava agora era a necessidade de ser livre, a necessidade de provar, tocar e ser livre. Fazer justiça, entender as leis que seguia.

A necessidade de ter um nome.

Ele sentou quieto e silencioso, não mostrando nenhuma raiva, agonia ou o lento sepultamento da fome que começava a montá-lo desde o ano passado. Tudo que restava era a necessidade de liberdade, a fome pela justiça e a avassaladora fome por vingança.

Queria regras, uma lei a seguir, e naquele momento percebeu que não havia nada, ninguém que pudesse seguir, somente a si mesmo.

Precisava de justiça, mas se não a tomasse por si mesmo, então nunca a conheceria, nunca teria seu gosto ou a sentiria.

Ele se tornaria sua própria lei. Se tornaria sua própria justiça. E nesse momento, 107 encontrou um nome.

Naquele momento, se tornou sua própria lei, sua própria justiça.

Lawe Justice.



CAPÍTULO 1

Jonas Wyatt olhou para os arquivos espalhados sobre a mesa, fotos, diagnósticos médicos e relatórios de pesquisa gritando de volta para ele em preto e branco enquanto passava as mãos sobre o rosto cansado.

Os arquivos que finalmente foram decodificados a partir das informações reunidas nos últimos meses eram horríveis. Storme Montague, a filha de um dos cientistas no isolado laboratório Omega, nos Andes, para pesquisas genéticas Castas finalmente entregou as informações que carregava há anos demais.

A morte de Phillip Brandenmore, bem como os arquivos que sua sobrinha descobriu, deu-lhes informações sobre a continuação dos projetos que começaram no laboratório Omega.

Continuações que tinham o poder de horrorizar até mesmo ele. E acreditava que nada do Conselho de Genética, nem de Phillip Brandenmore e os cientistas de sua pesquisa pudessem horrorizá-lo ainda mais.

As muitas experiências em homens e mulheres inocentes, tanto humanos como Casta, acasalados e não acasalados, alguns testados com cuidado, outros torturados sem parar, eram mais que podia aguentar de uma só vez.

A verdade da crueldade que o homem poderia impor, pesava em sua alma. A verdade da pura maldade do falecido Phillip Brandenmore fazia uma faixa de horror apertar seu peito.

Pensava ter visto o pior que o homem poderia fazer por seu companheiro, besta, ou as Castas que existiam no meio. E talvez sim, mas o que viu nos arquivos diante dele era tão terrível, talvez mais ainda porque não foram feitas em nome da pesquisa ou em nome de criar ou melhorar a espécie perfeita que o Conselho de Genética imaginou.

Os arquivos aqui representavam sua maldade na sua pior forma. Cientistas que fizeram o pior que poderiam, em nome da ciência, curiosidade e, em seguida, em nome da imortalidade.

Baixando suas mãos, olhou para os arquivos novamente antes de escolher um do fundo da pilha.

Brandenmore detalhou o som dos gritos das vítimas, desumanos e agonizantes. O som do horror de um Casta, entorpecido por um medicamento paralisante e personalizado criado pelo Conselho de Genética, que deixava apenas a capacidade de gritar. Por alguma razão, os cientistas raramente desabilitavam a capacidade de suas vítimas ao som de seu horror, apelos ou agonia. E para esta vítima, era quase sem fim.

O Bengala macho, cujo DNA animal era forte o suficiente para que fosse rotulado como "selvagem"... primitivo. Por pelo menos dois anos, foi dado a ele não apenas o soro que Brandenmore criou, para reprimir o envelhecimento e curar o câncer que tentava eliminar de seu próprio corpo, mas também a droga de controle da mente que ele criou. A droga que já havia comprovadamente sido desastrosa em outra Casta, na Dr. Elyana Morrey, quando a usou para convencê-la que um de seus Executores e perito em códigos, Mercury, era um perigo para as Castas.



—Foi drogado com o paralisante que o Conselho criou e vivissecado ao ponto da morte três vezes. — Lawe Justice falou da cadeira em frente a ele, sua expressão e voz sem emoção, gelada pela completa falta de sentimento.

No entanto, as emoções giravam abaixo da superfície e Jonas podia senti-las, como um vulcão pronto para explodir.

—Ele escapou quando os cientistas e os soldados do laboratório estavam preparando a ele e dois outros sujeitos para a exterminação. Foi recapturado novamente dez anos depois. Foi quando a vivissecação começou. Ele escapou da última vez após a morte de Phillip Brandenmore, — afirmou Jonas quando abriu o arquivo e olhou para o rosto do Casta que sofreu dois anos de testes viciosos e terríveis. Pálidos olhos verdes olhavam por trás de um rosto duro de bronze cortado com uma listra. De seu olho esquerdo, por seu nariz e bochecha direita, a carne era de um ouro vibrante escuro na forma de uma listra de Bengala. Seus dentes estavam apertados, os lábios puxados atrás num rosnado enfurecido. Caninos afiados saíam pelos lados dos lábios, brilhando brancos e selvagememente afiados.

A imagem abaixo mostrava grandes mãos acorrentadas a uma maca enquanto um soldado examinava um dos dedos poderosos. A unha era ligeiramente arredondada e com a pressão do soldado contra a almofada do dedo a "garra" foi forçada do leito ungueal. Apesar de ter sido arquivada como menos letal, era ainda mais dura que uma unha humana normal, sua construção e dureza quase se tornando uma arma formidável.

—Eles nomearam este. — Lawe comentou sobre o hábito de cientistas do Conselho "de dar números aos Castas, em vez de nomes.

—Aprenderam o poder de um nome. — Jonas suspirou. — Mas deram a este o nome errado, acredito. Se destinava a reforçar sua submissão, então deveriam ter escolhido um nome muito menos poderoso que Gideon.

Ele observou enquanto Lawe voltava sua atenção para a pasta idêntica de que se ocupava. Jonas poderia adivinhar os pensamentos, os tormentos passando por sua mente.

As memórias.

Memórias da mulher que chamou de mãe e se obrigando a permanecer imóvel, com toda a despreocupação aparente, enquanto ela morria sob um bisturi durante uma vivissecação.

—Três vezes, — afirmou Lawe. — O cortaram e abriram três vezes. — Sua cabeça balançou brevemente quando levantou o arquivo novamente. — E vamos puni-lo por fazer o mesmo aos bastardos que está caçando?

Havia uma veia de raiva na voz de Lawe, desaprovação que Jonas poderia concordar em silêncio, mas não tinha o poder de permitir que continuasse.

—E se as agências de notícias souberem que é um Casta cometendo esses crimes ao invés de um serial killer? — Jonas questionou a desaprovação de Lawe. —Conseguimos cobrir tanto quanto pudemos Lawe, mas não seremos capazes por muito mais tempo. Uma vez que a verdade esteja lá fora, seremos forçados a prendê-lo ou entregá-lo aos tribunais para sua justiça ao invés da nossa. Prefiro muito mais capturá-lo, ver se o dano à sua mente pode ser revertido e salvá-lo. Não parece menos do que ele merece.



—E mais uma vez os Castas são forçados a se curvar perante seus criadores, — acusou Lawe.

Apesar do desprezo em seu tom, Jonas conhecia a intenção por trás. Era a mesma intenção que sentia quando fazia comentários semelhantes. A injustiça de ser obrigado a virar a outra face tantas vezes que lentamente foi se construindo uma aversão para a realidade de sua situação. E pelos humanos em geral.

Castas não tinham escolha, apenas angariar a boa vontade da sociedade e daqueles que não foram contaminados pela genética animal dos Castas. Havia tantos deles, e os Castas eram tão poucos, que se a opinião pública se voltasse contra eles, então estariam ferrados.

—A busca de Gideon pela menina Roberts está se intensificando, — disse Lawe enquanto lia mais. — Três dos cientistas envolvidos no teste em que ela era parte, 20 anos atrás, bem como dois dos soldados estão mortos. O único sobrevivente, uma técnica do laboratório, relatou que um homem entrou em seu quarto, a conteve e a questionou extensivamente sobre a fuga dos jovens Bengalas macho e fêmea, bem como qualquer amizade que pudessem ter desenvolvido entre eles e a menina Roberts enquanto ela estava lá. — Ergueu seu olhar mais uma vez. — Ela estava apavorada, mas a deixou viva. Foi a única que deixou viva.

—E por incrível que pareça, ela não chamou a polícia ou seus empregadores, — ponderou Jonas. — Ao invés disso, ela me contatou.

— Ela disse por quê? — O olhar de Lawe se estreitou, uma vez que o levantou para Jonas.

—O conhecimento público que fazia parte dos experimentos e torturas contra não apenas Castas, mas também seres humanos, poderiam potencialmente levar a acusações que estão sendo movidos contra ela e uma convicção que poderia mandá-la para a prisão por seis a dez anos. — Jonas deu de ombros. — Estava esperando que eu fosse mais brando em troca das informações sobre Gideon e o que ele está procurando.

Ela tinha uma apólice de seguro e Jonas vontade de barganhar, como ela imaginou que seria. Afinal, a injeção que Phillip Brandenmore deu em sua filha era agora de conhecimento público graças aos arquivos que Brandenmore escondeu, antes que Jonas conseguisse raptá-lo. Alguns desses arquivos, as autoridades encontraram antes que Jonas pudesse chegar até eles.

—Será que ela não se lembra de nada mais do que afirmou em seu relatório inicial sobre a visita? — Lawe perguntou quando olhou para a próxima página e, lentamente, enrijeceu.

Jonas balançou a cabeça, seu olhar conhecedor quando ignorou a reação do comandante ao que ele leu, enquanto mudava de assunto. — Diane Broen e sua equipe devem voltar hoje à noite com o relatório. Eles questionaram a técnica e concluíram uma investigação sobre o desaparecimento da menina Roberts 12 anos atrás, logo após os outros dois escaparam. Não há dúvida de que ela fugiu da casa dos pais dela. Estamos simplesmente incertos do por que, onde teria ido, ou como desapareceu tão facilmente. Pelos arquivos de Brandenmore, e com base em sua amizade nos laboratórios, Gideon suspeita que os três estão juntos em algum lugar. Simplesmente não sabe onde. Diane esteve investigando seu possível



paradeiro nos últimos três meses. Acredito que ela sabe onde estão os três e que está retendo a informação por algum motivo, até que chegue aqui.

Lawe ergueu a cabeça lentamente pela admissão de Jonas de que enviou Diane Broen e sua equipe para a linha de fogo. Há anos os Castas e seus inimigos conheciam a mercenária Diana. A caçadora. Era um disfarce que até sua irmã tinha perpetuado quando necessário. Comandando quatro machos humanos e, um de cada vez, duas Castas, ela caçou Castas Coyote desonestos, assim como soldados do Conselho, treinadores, cientistas e apoiadores.

Na verdade, seu nome era Diane Broen, a companheira de Lawe. A mulher que Jonas mandou em busca do que estava se tornando um dos Castas renegados mais perigosos e das três vítimas da pesquisa que poderiam trazer a fúria do restante do Conselho sobre a cabeça de Diane.

Jonas esperava uma reação de Lawe, mas a visão da raiva chamejando naqueles normalmente gelados, quase violeta, olhos azuis foi surpreendente.

Era extremamente raro ver Lawe chateado. Era ainda mais raro vê-lo chateado por uma mulher.

Lawe estava ignorando completamente o fato de que Jonas acreditava que Diane poderia ter as informações que precisavam, claro. Nada importava naquele momento, ninguém importava, exceto sua companheira. Se o acasalamento concluiu ou não.

—Enviá-la foi a escolha errada, — afirmou Lawe, sua voz retumbante com correntes selvagens.

O desafio contido nesse tom fez as sobrancelhas de Jonas arquearem e ele ficou tenso pelo questionamento deliberado de sua decisão.

Recusou a se permitir reagir, pelo menos no momento. Por Lawe. Forçou-se a exercer moderação ao invés de retaliação imediata como faria com qualquer outro Casta.

Lawe estava sendo preparado para assumir a cadeira de diretor assistente, o que o permitiria expressar mais opiniões que a maioria. Permitia-lhe privilégios que Jonas nunca daria a outro Executor ou líder Alfa, Casta ou humano.

Jonas não tinha necessidade de um "sim" do homem, mas estaria amaldiçoado se fosse desafiado, ainda mais sobre esta decisão em particular. Ou qualquer decisão sobre a busca das três vítimas da pesquisa. Vítimas que poderiam ajudar a encontrar respostas para as mudanças que sua filhinha estava experimentando. Mudanças que não faziam sentido e que até agora não podiam ser revertidas ou explicadas.

Especialmente considerando o fato que estava sendo desafiado pela mulher que fez essa pesquisa. A mulher que Lawe se recusava a reivindicar. A companheira que se recusava a marcar, ou tomar. A companheira que estava tentando conter numa gaiola e tratar como um animal de estimação. Uma decisão que Jonas discordava e que bloquearia a cada oportunidade.

—E por que isso? — Jonas perguntou quando fechou o arquivo, contendo a necessidade de flexionar suas garras em alerta.

Lawe não hesitou em responder também.



—A missão era muito perigosa. Lidar com várias forças, também procurando a menina, se transformou num banho de sangue à espera de acontecer. Não a quero no meio e você também não deveria, considerando que ela é irmã de sua companheira.

—A faça sua companheira, torne isso oficial e acabe logo com isso, então poderá lidar com a situação sozinho, — Jonas rosnou quando sentiu a picada das "garras" ameaçando sair. — Caso contrário, contanto que está deixando seus homens disponíveis para cobrir os Executores que temos atualmente fora em missões, eu pretendo usá-la.

Lawe não podia exigir qualquer desejo que tivesse no que dizia respeito à Diane até que acasalasse totalmente com ela, a marcasse e garantisse o vínculo de acasalamento entre eles.

Mais ao ponto, até que ela aceitasse oficialmente o acasalamento, Lawe não tinha nenhum direito a respeito de sua segurança. Era uma emenda à Lei Casta que foi votada por unanimidade depois que uma companheira negou o Casta que a marcou, por causa de sua percepção e de sua falta de honestidade e tratamento com ela. Lawe olhou para Jonas por longos momentos, a genética animal queimando dentro dele pela necessidade de desafiar o diretor do Departamento.

Havia também o maldito conhecimento que não tinha direito a esse desafio.

Devia saber que Jonas estava ciente de que o calor do acasalamento estava se formando entre ele e Diane. Os exames de sangue revelaram o potencial para isso no momento que foram realizados. Mas, ainda mais, Jonas teria detectado que ela carregava o cheiro de Lawe no momento que a conheceu.

Um cheiro que seu corpo se recusava a renunciar desde a noite que ajudou no seu resgate de uma cela de prisão síria, 16 meses antes.

Ele se recusou a dar o passo final que daria início ao calor do acasalamento após a fase preliminar atual. Mais longe e queimariam um pelo outro. No momento, era simplesmente irritante e um conhecimento do que estava negando a si mesmo.

Irritação suficiente para que fugisse no sentido oposto da moça por muito tempo.

As glândulas sob a língua estavam apenas ligeiramente inchadas; o hormônio dentro dele ainda não tinha começado a penetrar em seu sistema. O tesão que a necessidade causava ia e vinha com regularidade frustrante, mas a necessidade dela ainda não era uma mordida viciosa em suas bolas.

Era simplesmente desconfortável.

Ainda não era um imperativo biológico, mas seria necessário muito pouco para criar a fome avassaladora que iria corroer a restrição que tinha até agora conseguido manter no lugar.

Permitir que sua fome abrisse caminho era um passo que ainda tinha que tomar.

Beijá-la ou tocá-la de qualquer maneira enviaria o calor do acasalamento numa espiral fora de controle. Era algo que se recusava a fazer.

Perder uma amante para a crueldade das forças que tentavam destruir os Castas era uma coisa. Perder uma companheira, a mulher que aliviaria sua alma e curaria as amargas feridas que um Casta carregava dentro de si, era algo totalmente diferente.



Por um segundo, a memória de sua mãe, tão delicada e frágil sob o bisturi que a abria, passou por sua mente. Ouviu seus gritos, seus apelos, o momento que sua voz quebrou e o horrível perfume da sua morte.

As chances de tal coisa acontecer com uma Casta e sua companheira eram muito maiores do que qualquer Casta gostaria de enfrentar, especialmente para aqueles acasalados.

Companheiros eram protegidos, mantidos atrás das paredes do Santuário, o composto seguro Casta de Haven com Wolf ou na recém-nomeada base dos Coyote, com vista para o paraíso, apropriadamente chamada de Cidadela. Cada Casta solteiro fez uma promessa para proteger as fêmeas acasaladas e os filhos de um acasalamento, com sua própria vida. Elas eram muito importantes. Eram vitais para a sobrevivência dos Castas acasalados e para a sobrevivência futura dos Castas como um todo. Nenhum risco poderia ser tomado de que fossem prejudicados.

Havia aqueles com companheiros que permitiam que suas mulheres viajassem com eles, lutassem ao lado deles, mas eram poucos. E, embora os machos Castas fossem forçados a permitir às mulheres a liberdade em prol da sua felicidade feminina, ainda era para Lawe um risco que não poderiam permitir.

—Você vai perdê-la, — Jonas falou baixinho no silêncio, como se estivesse ciente dos pensamentos o atormentando. —Assim como Dawn quase perdeu Seth quando se separou dele. Continue a ignorá-la, Lawe, e a marca do seu perfume irá se dissipar e deixá-lo vulnerável a perdê-la.

Lawe olhou para ele enquanto uma fúria selvagem ameaçava queimar através de seu controle.

—Eu nunca a tive.

Os lábios do diretor se torceram com uma borda de conhecimento zombeteiro quando sentou em sua cadeira, relaxado e à vontade, apesar do fato que Lawe não conseguia controlar a tensão e a necessidade de confrontar o diretor sobre a posição de Diane dentro do Escritório.

Ela era uma Executora, uma bem treinada, armada, muitas vezes agente secreta, que lutava para erradicar qualquer ameaça para a sobrevivência das Castas.

—Ela supostamente passará uma mensagem de texto em sua chegada, quando seu avião aterrissar hoje à noite, — afirmou Jonas, ignorando o desafio que Lawe dirigia silenciosamente em direção a ele. — Rule vai encontrá-la no hotel que usamos e obterá as informações que conseguiu. Sei que ela encontrou algo, mas parecia hesitante em discutir qualquer coisa eletronicamente ou por meio do celular por satélite que estava usando. Rachel diz que alguma coisa assustou sua irmã, e estou assumindo que seja a razão para reter a informação.

Lawe olhou para Jonas, pensativo, seu olhar estreitando, as narinas queimaram pela súbita percepção. Conhecia Diane. Se ela se assustou, então sentiu que estava sendo rastreada ou de alguma forma vigiada.

Diane não era paranoica. E era muito bem treinada para cometer tal erro vital. Lawe cerrou os punhos enquanto se forçava a ignorar essa ameaça súbita sem nome que o animal dentro dele estava no auge de enfrentar.



—E Gideon? — Lawe perguntou. — Quão perto acha que está de encontrar a menina Roberts ou os outros?

Jonas suspirou pela questão, uma sobrancelha levantada em arco, zombando da contenção de Lawe. — Está mais perto do que nós, acredito. Não vou saber ao certo até que Diane chegue e conclua seu relatório. Esperemos que tenha a informação que precisamos e esteja disposta a entregá-la.

—E se ele encontrá-los antes de nós? — Lawe perguntou.

A boca de Jonas se apertou. — Se ele se tornar uma ameaça e não pudermos capturá-lo, então vamos neutralizá-lo. Chame Dog, Loki, Mutt e Mongrel, e os tenha prontos para sair, caso Gideon seja encontrado. Não quero correr nenhum risco.

Lawe olhou para ele surpreso pelos quatro nomes. Esses Castas eram os rastreadores mais altamente treinados e assassinos que saíram das criações do Conselho de Genética. Chamar todos era uma prova que Jonas temia Gideon e a ameaça que poderia se tornar.

E revelar o fato que eram agentes do Escritório era um movimento que Lawe não esperava que Jonas fizesse. Especialmente Dog, cujo disfarce era ainda o de um Coyote controlado pelo Conselho, embora fosse conhecido como autônomo quando os interesses do Conselho não estavam envolvidos.

—Ruler passará o relatório de volta para mim esta noite depois que se encontrar com Diane — Jonas ordenou.

Jonas estava forçando esse confronto. Lawe apertou os dentes, hesitante em enfrentar este problema, ou Jonas, por muito mais. O animal dentro dele estava no auge para resolver a questão de qualquer ameaça a este acasalamento. O lado humano, a lógica gelada que o governava percebia o erro que seria. Se Jonas ou sua genética animal quisessem admitir isso, Jonas nunca colocaria deliberadamente Diane em perigo. Era irmã de sua companheira, protegê-la-ia tanto quanto possível. Ainda assim, o fato de que ela estava enfrentando qualquer perigo, neste período, fez a coragem Lawe apertar em reflexo.

Lawe se levantou. — Vou encontrar com ela. — Não pode evitar o rosnado em sua resposta ou o comando de sua voz.

Estaria maldito se permitisse seu irmão, um Casta com a genética tão semelhante à sua própria, em torno de Diane no momento. O medo silencioso que Ruler poderia, talvez, acabar acasalando com ela, era um risco grande demais. O medo podia ser apenas a possessividade atacando ao invés de qualquer risco real com ela. Ainda assim, era uma ameaça que não podia ignorar.

Caso isso acontecesse, Lawe sabia que nunca controlaria a fúria viciosa que entraria em erupção dentro dele contra seu irmão. Um irmão que arriscou sua vida inúmeras vezes para salvá-lo.

Lawe se moveu para a porta, a tensão em seu corpo quase impossível de controlar ou esconder quando deixou o escritório de Jonas e se dirigiu ao seu próprio.

Castas renegados deixando um rastro de sangue através dos cientistas envolvidos no desenvolvimento e pesquisa Castas eram um problema. A jovem que o Casta estava



procurando, e o perigo que representava para ela e para as duas vítimas da pesquisa com quem estava se escondendo, era nada menos que horrível.

Mas não era obrigação de sua companheira lidar com isso ou encontrar qualquer das partes sumidas. Era sua obrigação ficar segura. Podia não ter acasalado com ela ainda, mas ainda era sua companheira.

Ainda o destruiria se fosse machucada, ou talvez até mesmo morta.

Deus ajudasse quem a arranhasse porque ele perderia a cabeça, bem como sua perspectiva, e derramaria uma faixa de sangue que podia muito bem destruir as Castas para sempre.

Ela era tão essencial a ele como o ar que respirava.

Mas enquanto não a tivesse, contanto que mantivesse sua distância e seu controle, então talvez, apenas talvez, tivesse uma chance.

A chance de sobreviver, de manter o controle e sua sanidade mental se o pior acontecesse.

Era a única chance que tinha de deter a pura raiva que podia sentir queimando pronta para incendiar dentro de si. A raiva por muitas vidas Castas perdidas, também muitos companheiros torturados, e muitos pesadelos o assombrando.

Sabendo disso, agora entendia como um chacal como Elder, uma criatura nascida para não ter piedade, apenas sede de sangue, deu sua vida por uma minúscula, frágil e impotente criação que afundou dentro de sua alma.

Ele também daria sua vida — daria sua alma — por Diane.



CAPÍTULO 2

Arlington, Virgínia

Alguns diriam que ele era louco, e outros estariam nada menos que completamente certos.

Ele estava louco.

Olhando para o técnico de pesquisa impotente, aterrorizado diante dele, Gideon reconheceu esse fato com um sentimento de dor, pesado e amargo.

Sua sanidade foi retirada dele a cada dia, a cada injeção, cada corte do bisturi contra sua carne enquanto os monstros de Phillip Brandenmore conduziam seus experimentos sobre ele.

Tantos anos. Tantos ossos quebrados, tantas experiências demoníacas. Tantas vezes orou pela morte e a morte não chegou. A insanidade veio em seu lugar. Insanidade e sede avassaladora pelo sangue, primeiro de seus inimigos e depois pelo sangue daqueles que o traíram quando deveriam ter permitido que morresse.

Agachando-se no chão onde estendeu sua vítima, Gideon inclinou a cabeça e olhou para o pânico nos olhos cor de avelã do técnico de pesquisa.

Gideon injetou nele a mesma droga que foi usada para paralisar as vítimas do Conselho e laboratórios Brandenmore.

A mesma droga que foi usada nele.

Scott Connelly foi um bastardo particularmente sádico com as cobaias que a pesquisa atribuía. O mal que existia dentro dele saía para garantir que sentiriam dor, tanto quanto possível.

E eles sentiram dor. Uma dor, uma agonia horrível que nunca poderia ser esquecida.

Todos menos um. Apenas uma dessas vítimas inocentes seria poupada da sua crueldade, sua insanidade. A que Gideon considerava sua presa final.

A vingança pela morte que estava preparada para recebê-lo com suaves braços reconfortantes, apenas para ser arrancada dele. Ao lhe darem o sangue que manchou o dele, criaram uma febre em seu interior que não podia suportar. Uma fúria selvagem que não podia conter dentro dele.

Gideon ficou tenso com a memória, ainda tão clara e vívida, a agonia de tantos anos rasgando seus sentidos e forçando um rugido involuntário a passar por seus lábios.

Seus músculos apertaram como se preparando para matar, e sentiu água na boca pelo gosto de sangue.

Sangue de um inimigo.

Um grunhido selvagem retumbou em seu peito, raspando a garganta quando descobriu os caninos afiados nos lados de sua boca.



Foi recompensado com um gemido de terror e pânico. O medo perfumava o ar ao seu redor, mas não fez nada para aliviar a violência selvagem em turbilhão dentro dele.

O controle foi duramente conquistado. Só foi vencido porque agora era a vez de infligir dor. Sua vítima aguardava. O cheiro de seu terror flutuava pela sala. Apesar de ser um aroma viciante, fez pouco para aplacar a fúria crescente dentro dele.

Gideon girou o bisturi entre os dedos quando descansou os braços sobre as longas pernas, pulsos apoiados sobre seus joelhos, enquanto observava o técnico de pesquisa. Ele mal sentia a grossura do jeans contra a parte inferior de seus braços, onde as mangas da camisa branca que usava estavam dobradas. Normalmente, as finas cicatrizes brancas que tinha sobre a carne não toleravam a grossa roupa também. Mas desta vez, mal sentiu.

Sangue o esfriaria, pensou enquanto contemplava sua vítima. Mancharia a camisa e o jeans, mas roubar mais roupas não seria um problema.

—Gideon, por favor, — Scott arquejou de sua posição, deitado de costas, nu no frio do ar condicionado que Gideon regulou na sua configuração mais baixa.

Qualquer sensação que tocasse a carne ou os órgãos seria amplificada por causa da droga. Reações a cada sensação seriam mais puras, mais fortes, permitindo aos cientistas prever melhor como cada ferida afetava o corpo. O desgraçado não podia sequer tremer, embora seus dentes vibrassem no momento. O som era mais um sinal de sucesso, de vingança, e ajudava a conter o animal rondando sob a carne.

—Por favor, o quê? — Gideon disse.

O som de sua própria voz nunca deixou de enfurecê-lo.

Quantas vezes foi quebrado por seus gritos de dor?

Quantas vezes pediu, implorou e chorou por misericórdia?

Era um Primal, um Casta primitivo macho. Seu orgulho era tão intenso como sua força natural e inatas habilidades animais. Ser conduzido por tanta agonia, horríveis torturas a ponto de implorar, derramar lágrimas e implorar pela morte, não quebrou seu orgulho no núcleo, mas o destruiu.

Mesmo nos laboratórios que foi criado não havia dor terrível de tal forma que os Castas fossem levados a implorar, a menos que os cientistas decidissem que a morte era a conclusão final do experimento.

Os cientistas que criaram os Castas no Laboratório Denali, no Alasca, se orgulhavam da força e do poder que enchiam suas criações. Não tinham desejo de dobrar seus Castas a ponto de danificá-los.

Os cientistas, assistentes de pesquisa e técnicos, soldados e zeladores nas profundidades mais baixas da Pesquisa Brandenmore, encontraram um grande prazer em fazer isso. Em transformar suas vítimas Castas em animais chorões que imploravam por misericórdia.

E Scott tinha mais prazer que a maioria em torturar os dois Castas que Gideon suspeitava vir das profundezas do inferno.



—Me implore, — Gideon sussurrou para o assistente de pesquisa. —Derrame lágrimas Scott, e peça misericórdia ao monstro que ajudou a criar.

O horror se intensificou nos olhos do homem enquanto seus lábios tremiam pelo conhecimento do que estava por vir. Seu olhar se centrou no bisturi e Gideon não pode deixar de sorrir.

—Devo dizer-lhe o que se sente? — Perguntou ele, baixando a voz até que soou suave, reconfortante. Era nada menos que horrível para sua vítima.

Porque ele se lembrava. Deus doce, lembrava-se da agonia, a cada dia, cada segundo de sua vida.

Seu abdômen apertou pelas sensações das queimaduras do bisturi cortando nele quando a lembrança atravessou seus sentidos.

Ele rosnou em fúria, fazendo Connelly chorar de horror. Seus olhos arregalaram, a certeza da morte piscando em seu olhar.

—Por favor, Gideon... — Scott engasgou com suas próprias lágrimas, engasgando por um segundo enquanto lutava para respirar. — Por favor, não faça isso. Apenas me mate. Só me mate agora.

Gideon sabia o que Scott sentia naquele momento. A forma como o estômago apertava e contraía, recuando de terror enquanto lutava para não vomitar. A luta para não pedir, porque pedir não ajuda.

No entanto, o terror tinha mente própria, após certo ponto, as palavras saíam dos lábios de qualquer maneira.

—Parece que sua coragem desceu ao inferno, — Gideon disse com prazer. — A agonia começa com o primeiro corte e, acredite, pode ficar pior. — Ele se inclinou, estendendo a mão com o bisturi para passar a ponta ao longo dos cachos grisalhos que cobriam o peito da vítima. — Mas pode ficar pior, Scott. Muito pior. E quando o ar frio encontra o calor de suas entranhas, então vai jurar que tem uma centena de bisturis mordendo seus órgãos, o aço destruindo, recortando e arrancando sua mente junto com ele.

—Por favor, Gideon! — Scott gritou com voz rouca, as lágrimas começando a cair, o medo crescente dentro dele num cheiro acre que Gideon inalou com satisfação inebriante.

O cheiro se tornava viciante. Como uma droga que não podia resistir. Agora entendia, sabia por que os Coyotes tinham sede de sangue. Pelo seu perfume doce e acobreado, a sensação de deslizar como seda molhada sobre as mãos.

—Por favor, — Gideon repetiu o apelo. — Por favor, Scott. Grite para mim pela dor sem sentido. Por favor, sinta o que senti. Por favor, peça o que implorei. Deus, por favor, deixe-me ver você morrer como você me olhava cada vez que parava meu coração.

Então Gideon riu e olhou para o fluxo amarelo escorrendo do pau flácido do homem.

Scott estava se mijando.

O pobre covarde.



Era algo que Gideon não fez durante os experimentos, até que o frio do ar atingia sua coragem. Até que a dor era pior que o inferno na terra e seu corpo lutava para morrer em meio a ela.

E não havia nada que quisesse mais que fatiar o monstro naquele momento e permitir que sentisse a mesma agonia. Observar o escoar do sangue de sua carne, uma vez que se separava. Vê-lo correr em riachos vermelhos ao longo de seu tórax e abdômen para a piscina no tapete cremoso abaixo dele.

Mas, primeiro, precisava de informações. Precisava de uma informação mais que precisava cheirar a morte de sua vítima.

Pelo menos, neste momento.

Podia esperar para matá-lo. Poderia esperar até que Scott dissesse à verdade que Gideon sabia que ele conhecia. As verdades que o homem, até agora, escondeu de seus amigos, colegas de trabalho e sacerdote. A verdade da localização da pessoa que Scott mostrou alguma gentileza nesses laboratórios. Mas não seria capaz de esperar por muito tempo.

—Ao contrário de você e seus mestres cientistas, posso ser misericordioso. Não quero ser, mas posso ser. Se cooperar.

Os lábios de Scott tremeram enquanto ele soluçava, meleca escorria do nariz e caíam ao longo do lado do seu rosto.

—Qualquer coisa, Gideon, — ele implorou desesperadamente. —Qualquer coisa que quiser. Eu juro.

Gideon olhou para o cofre que encontrou antes. Enfiado na parede do outro lado da sala e escondido, sem muita imaginação, atrás de uma foto emoldurada de Scott, sua esposa e dois filhos.

Seus filhos não pareciam tão patéticos e fracos como Scott. Surpreendentemente, mais se assemelhavam à sua mãe com suas fortes características nórdicas e diretos olhos azuis.

Como Scott Connelly conseguiu encontrar uma mulher forte, sendo ele uma fraca e triste desculpa de homem? Como teve filhos criados, cujo cheiro estava misturado com o suor do trabalho duro, e cujas palmas eram calejadas por isso? Homens cuja reputação de honestidade e um dia de trabalho eram tão bem conhecido em sua pequena comunidade que os pais frequentemente usavam seus filhos como exemplos para seus próprios filhos?

Talvez não fossem seus filhos, Gideon pensou antes de voltar sua atenção para Scott. Infelizmente, Gideon não poderia estar certo. Linhas familiares não eram perfumes para o qual era particularmente sensível. Seus pontos fortes selvagemmente corriam para outras áreas.

—A combinação do cofre, — Gideon exigiu, mantendo a voz baixa. — Quero isso.

A combinação saiu dos lábios de Scott enquanto os dentes batiam pelo frio que Gideon foi criado para ignorar.

Quando terminou, Gideon assentiu, depois sorriu novamente. Sabia a imagem que apresentava.



Com a listra de Bengala em seu rosto, a força de seus afiados dentes incisivos e a inclemência gelada de seus frios e pálidos olhos verdes, parecia cada pedaço do animal que foi criado para ser. A imagem e o frio gelado nos olhos asseguravam ao pesquisador que Gideon tinha toda a intenção de causar-lhe tanto sofrimento quanto possível.

Estranhamente, a faixa selvagem em seu rosto era nova para ele. Não apareceu até a primeira vivisseção e transfusão de sangue viral dois anos antes. Só ficou mais escura a cada experiência horrível que era forçado a suportar. A cada transfusão de sangue que descobriram que seu sistema aceitaria, depois que a febre selvagem o ultrapassou 12 anos antes.

Seu sangue.

Somente o sangue dela era compatível. Somente seu sangue podia salvar sua vida e a cada transfusão a insanidade parecia ter um controle firme sobre ele.

Levantando-se, Gideon se moveu para o cofre, seguiu as instruções e cantarolou com satisfação quando a porta de aço se abriu.

Dinheiro, joias, títulos e várias identificações falsas enchiam o interior, juntamente com uma arma laser.

Eram os itens típicos que qualquer um que trabalhasse com o Conselho de Genética mantinha à mão desde a revelação das Castas e os terríveis experimentos que o Conselho de Genética praticou.

Ninguém que trabalhou com os monstros responsáveis pela criação das Castas queria que alguém soubesse que estavam alinhados com eles. No momento, o sentimento era para os Castas, não para o Conselho.

Uma vez que tais indivíduos eram identificados, não era inédito que Castas caíssem sobre eles com a fúria de anos de sangue, tortura e morte. Muito discretamente, claro.

—Muito bom, Scott, — Gideon murmurou com aprovação, enquanto enchia um saco com o muito rentável achado.

Foi seu melhor golpe. Scott Connelly foi um pouco mais que frugal com alguns dos rendimentos que recebeu por sua participação na pesquisa Casta dos Laboratórios Brandenmore.

Menos mal. Estava perdendo este esconderijo esta noite. Mas então, homens mortos não tinham necessidade de riqueza, e se a pesquisa de Gideon estava correta, então a família da mulher a protegeria e a seus filhos da miséria. Largando o saco numa cadeira ao lado de sua vítima, Gideon se agachou ao lado dele mais uma vez e virou as costas do bisturi para cima.

—Você prometeu, — Scott de repente soluçou. — Prometeu não me machucar.

—Não, disse que seria misericordioso, — Gideon o lembrou pacientemente. —Mas não terminamos ainda. Há algumas outras coisas que preciso antes que possa partir.

Scott morreria, não havia dúvida. Não havia como, em sua consciência, Gideon deixar o filho da puta vivo para continuar com sua vida impune pelos crimes que cometeu contra todas as leis que a natureza possuía.



—Honor Christine Roberts, — ele disse o nome devagar, claramente, observando os olhos de Scott o tempo todo. — Como posso encontrá-la?

Scott foi seu cuidador principal enquanto estava no centro de pesquisa. Ele anotava os efeitos do soro bombeado nela. Observou-a depois de sua liberação por seu pai, um general do Exército dos Estados Unidos alinhado com o Conselho, e foi Scott quem liderou sua busca depois que ela fugiu, 12 anos antes.

Ela não era sua favorita, mas era seu assunto mais importante. A única que sabia que o Conselho nunca correria o risco de matar.

O olhar de Scott cintilou e o cheiro do medo engrossou. Havia mais que medo, no entanto. Estranhamente, havia também cheiro de... afeto? Scott Connelly sentia algo por alguém? Algo que, evidentemente, mostrava mais se o cheiro era qualquer coisa próxima. Mas, ainda mais, ele sabia alguma coisa. Gideon estava certo disso agora.

Gideon sorriu para ele. — O que sabe Scott? Diga-me, meu amigo, para que eu possa ir embora tão silenciosamente como cheguei.

Gideon correu o bisturi ao longo do estômago do outro homem, observando o rastro de sangue fino que escorreu do arranhão profundo e anunciou um grito aflito de sua vítima. — Não se preocupe em mentir para mim. Posso sentir o cheiro. E apenas me irritaria mais ter que perguntar de novo.

Ele deixou a ponta do bisturi ir mais fundo na carne vulnerável e mole da pelve do homem. Um filete de sangue jorrou em seguida, lentamente caindo ao longo do lado de sua coxa.

—Ninguém sabe onde ela está, — Scott chorou pateticamente, sua voz alta, aterrorizada. — Nenhum dos Coyotes que trabalhava com Brandenmore pode descobrir se ela esteve em contato com um dos outros dois filhotes que estavam no laboratório com ela, pouco antes que fugisse.

Gideon quase amaldiçoou. Porra, não esperava isso. Não ouviu os rumores que o Conselho ou Brandenmore suspeitassem que os outros dois ainda estivessem vivos. Ele suspeitava que Scott soubesse, mas Scott era o único, e não acreditava que Scott revelaria tal conhecimento a qualquer alma viva.

—Os outros dois morreram. — Gideon afirmou a história que contaram para as outras vítimas que tinham parentesco com ele. A história que acreditaram. Gideon se deixou parecer um pouco menos ameaçador, fingindo que era ignorante de sua sobrevivência — incentivando o ex-pesquisador a conversar. Se Scott pensasse que salvaria sua pequena vida miserável, entregaria sua própria família, quanto mais um projetinho de pesquisa — desde que não fosse o alvo. Contanto que não fosse a única criatura na face da terra por quem Scott Connelly parecia ter qualquer calor. Mas, não havia nada tão importante para Scott quanto sua própria vida.

—Não, não. Eles não estão. — Scott soluçou. — Mas deveriam estar. — Sua voz falhou violentamente pelo medo. — Estavam sendo transportados para o local onde seriam mortos. Em seguida, o garoto Bengala conseguiu se livrar de suas correntes e atacar o motorista e o soldado que os transportava. A van foi destruída e as duas crianças



escaparam. Ninguém sabe para onde foram, mas encontraram evidências de que havia alguém lá.

Havia. Gideon esteve lá. Mas ninguém deveria saber disso. Mesmo depois de ser recapturado semanas mais tarde, longe da área, fraco e tudo mais, quase morto, nunca pensaram em questioná-lo sobre eles. Gideon nunca usou as informações. Mesmo quando teria aliviado a dor que infligiram, pelo menos uma vez.

Decepção ainda afiava a voz de Scott, contudo. Havia apenas uma sugestão, e Gideon sabia que o pesquisador estava escondendo mais.

Gideon permitiu que o bisturi raspasse ao longo do osso do quadril de Scott, soltando a pele da carne crua quando ele gritou de dor.

—O que sabe Scott? — Gideon baixou a voz, o tom de aviso rude, perigoso.

Scott estava soluçando. Gideon sabia como era ter a fina camada de pele descascada da carne viva para sentir a carícia agonizante do ar frio reunindo lá.

—Isso pode doer mais, — alertou ao assistente de pesquisa. — Muito, muito mais. Quero tudo Scott. Diga-me tudo que sabe.

Seus lábios tremeram um segundo antes que ele gemesse de dor e medo. E fúria. Gideon conhecia a fúria interior angustiante quando a vontade se partia e o instinto de sobrevivência chutava. — Estão com um velho índio. Não sei seu nome ou quem é e porra, não me importei. Estava procurando uma menina sequestrada há décadas pelo Conselho. Todo mundo sabia que estava procurando por ela. Tudo que tinha era um contato de e-mail. Estava furioso sobre sua identidade. Enviei um e-mail para ele, com sua localização e o tempo aproximado que estariam lá. Mas os homens de Brandenmore encontraram alguém que viu este velho índio trazê-los para um café três dias após sua fuga. Eles comeram, então foram para o oeste. Estavam no Missouri. A garçonete lembrava claramente, apesar de todos os anos, que a menina parecia doente, e o rapaz tinha um braço quebrado.

Para o oeste. E sim, a menina estava doente. Com a mesma doença que infectou Gideon também. Que ainda o infectava.

—E uma equipe foi enviada? — Gideon perguntou.

—Não. Não. — Scott engoliu firmemente. — A equipe ainda está em Missouri tentando identificar o índio. Foi há muitos anos. Eles têm que encontrar o índio para encontrar as crianças agora, porque são adultos. Porque não tem ideia do como seriam agora. Eu... — lambeu os lábios nervosamente, parando. — Eu destruí todas as fotos deles. Todos os arquivos porque deveriam ser exterminados.

Apenas Gideon foi recapturado. Porque o deixaram. Deixaram no frio e no vazio da noite depois de infectá-lo com sua doença. Depois de salvá-lo quando a morte o balançou em seu abraço delicado.

—Você deveria ter escapado. — Scott soluçou novamente. — Eu lhe dei os meios para fazê-lo. Ajudei você também. — Raiva encheu seus olhos. — Ela me fez prometer. — Lágrimas escorriam de seus olhos, o ranho correndo em riachos. — De que outra forma poderia ter saído tão facilmente, Gideon, depois de tantos anos de fracassos? Você e o menino. Isso era tudo que ela se preocupava, com você e esse menino danado.



Gideon não sabia disso.

O rapaz não era exatamente um menino, se Gideon lembrava corretamente. Estaria em seus treze anos. Como Gideon, suportou a pesquisa por anos antes que as meninas fossem adicionadas. Aquele destinado à exterminação era uma coisinha submissa, se Gideon lembrava corretamente, e estava certo que o fazia.

Cabelos negros e grandes olhos escuros. Ela tinha apenas catorze anos, no momento da fuga, assim como a menina Roberts. Foi apenas semanas após a fuga dos outros dois que ela fugiu de sua casa.

Honor Roberts simplesmente desapareceu após sair deixando uma breve carta para sua mãe. Nessa carta, como Gideon leu por si mesmo, era um adeus, e a esperança que iria entender. Embora a mãe parecesse tão confusa quanto qualquer outra pessoa que a menina deixou.

Gideon não estava confuso.

Honor Roberts era muito inteligente, até mesmo nos laboratórios. E sempre parecia saber e ouvir mais que era bom para seu bem-estar.

Estava apostando sua própria vida no palpite que ela descobriu, ou suspeitou, que os cientistas de pesquisa estavam tentando convencer o General Roberts, que permitissem fazer mais testes com ela.

E estava apostando, mais uma vez sua vida, que os outros dois tiveram contato com ela. Eles foram próximos nos laboratórios, então não havia nenhuma maneira no inferno que perdessem completamente o contato após os outros dois estarem livres. Só sabia que tinha que encontrar a outra menina. A de olhos grandes e escuros e expressão vulnerável. A que ele abraçou, apesar da punição por vir, depois de uma sessão experimental particularmente brutal com as drogas sendo bombeadas.

— Muito bom. — Gideon suspirou pela memória inútil. — O que mais disse Wallace?

Ele ainda tinha que pegar Wallace, estava na lista de Gideon. Sua hora chegaria.

— Eles tinham uma lista, — Scott chiou. — Uma lista de nomes, dos índios que eram conhecidos por estar na área no momento, mas que não viviam lá. Mas sei que a pessoa que estavam procurando não estava nessa lista. Quando ouvi que era um índio, sabia quem era e não disse. Percebi ao longo dos anos que fiz o certo, já que seu nome nunca apareceu.

Gideon inclinou a cabeça para o lado curioso. — Sério?

Ele não estava mentindo. Desgraçado ganancioso. Pensou que poderia capturá-los sozinho e ganhar a recompensa, sem dúvida.

— Quem foi? — Perguntou ele.

— Havia uma garota que o Conselho matou quando soube que se acasalou com um de seus soldados Coyote, — Scott respondeu asperamente. — Foi há mais de vinte anos atrás. Morningstar Martinez. Ela foi tirada de Window Rock, Arizona, por causa da suspeita de talentos psíquicos que corriam na família. Soube que o irmão dela, Terran Martinez, estava na área naquele momento, mas ninguém mais sabia. E nunca disse a uma alma. — Seu olhar era atormentado. — Eu menti, Gideon. Ajudei-os a escapar. — Ele chorou. — Não conta para alguma coisa?



—Alguma coisa, — Gideon concordou, mentindo tão facilmente quanto os treinadores do Conselho o ensinaram enquanto ele estava sob seus cuidados menos que ternos.

Esta informação era interessante, no entanto. Muito, muito interessante. O Conselho de Genética sempre procurou por criadores que mostravam, ou cujas famílias mostravam, uma alta taxa de psíquicos ou outros talentos paranormais.

Gideon considerou as informações por vários longos momentos, perguntando se poderia satisfazer sua necessidade de vingança sem derramar sangue agora. Sem ouvir Scott Connelly gritar em desumana agonia.

Por que ele estava incomodando? Perguntou-se. Por que se importava se o filho da puta acreditava que Gideon mentiu para ele ou não, uma vez que começou a torturá-lo?

Porque, admitiu Gideon, *ele fez uma promessa.*

Ele prometeu misericórdia.

Cortar o homem enquanto vivo não seria considerado misericordioso, pensou em renúncia. E, infelizmente, Gideon não conseguia pensar numa morte pior que pudesse usar para assegurar que a vivissecção de Scott fosse menos dolorosa.

O que era uma merda, admitiu para si mesmo.

Porém Scott lhe deu algo que ninguém mais fez, tentou apaziguar o animal que rosnava inquieto dentro dele. Contava para alguma coisa, por misericórdia, no mínimo.

O pesquisador tentou ajudar na sua fuga, Gideon não sabia disso. Mas o que sabia, contaria a alguém que o torturasse. Gideon não podia permitir isso. Infelizmente, para Scott, isso não era um alívio.

Gideon finalmente balançou a cabeça lentamente. — Sem vivissecção para você, Scott. Fez o que os outros não conseguiram. Deu-me algo útil.

Alívio se misturou à desconfiança nos olhos arregalados de Scott.

Não havia nada que Gideon pudesse fazer sobre a desconfiança, porque não podia explicar que de fato morreria.

—Tenho que ir agora. — Gideon jogou o bisturi de lado quando se pôs de pé e olhou ao redor da sala.

A pequena almofada no sofá chamou sua atenção. Movendo-se para ela, Gideon a pegou antes de voltar para sua vítima.

—Aqui. Vou levantar sua cabeça para que não engasgue com seu próprio ranho. — Ele bufou. — Isso não é exatamente uma maneira confortável de morrer.

—Gideon.

Ele fez uma pausa enquanto olhava abaixo para o monstro, impotente e vulnerável que outrora encheu seus pesadelos, mas não mais.

—Sim, Scott? — Disse arqueando a testa jocosamente quando olhou para o rosto manchado de lágrimas como lembrava dos escárnios que outrora o cobriu.

—Está atrás da menina, não é? — Os lábios de Scott tremeram quando mais lágrimas caíram. — Está atrás de Fawn.



Gideon descobriu os incisivos afiados em alerta. — Estou atrás de todos eles, Scott. Cada um deles. E vou ter o que me devem. Nunca duvide disso.

— Eu fiz de tudo para mantê-los escondidos. — Engoliu com força. — Para ajudá-lo. Não sabia que iriam usar a vivissecção em você. Não estava lá no dia que a decisão foi tomada. Não me avisaram a tempo.

— Ninguém me avisou também. — Gideon deu de ombros quando se moveu novamente para colocar o travesseiro sob sua cabeça.

— Gideon, se encontrá-la primeiro. — Scott engoliu firmemente. — Eles vão descobrir o que escondi todos esses anos.

— E o que é? — Ele realmente não se importava.

— Ela é especial, — ele sussurrou. — Da última vez que testei o sangue dela havia hormônios adicionais no mesmo. Mudanças que não faziam sentido. Mudanças que os cientistas teriam matado para entender e ainda vão.

— E por que se importa? — Gideon levantou a cabeça de Scott para ajustar o travesseiro sob ele.

Agachado atrás dele, empurrou o travesseiro no lugar.

— Ela é minha filha, — Scott sussurrou.

— Mentiroso! — Gideon rosnou e ao mesmo tempo torceu a cabeça de Scott com uma força brutal.

O som de quebra da coluna de Scott entrou em choque com o cheiro de morte instantânea quando Gideon fechou os olhos e lutou contra o choque e o arrependimento, que insistia em sentir.

Ele se recusava sequer a considerar as palavras finais de Scott porque não tinham importância. Nada poderia torná-lo mais determinado a se vingar dela, nem mesmo a paternidade de sua presa.

Ele devia ser capaz de matar facilmente, pensou em vez disso, sem remorso ou culpa. Nunca devia sentir a necessidade de manter sua promessa de misericórdia quando a ele próprio nunca foi dada misericórdia.

Instalou a cabeça de Scott sobre o travesseiro e olhou para a forma deitada. Gentilmente, fechou os olhos vazios que ainda refletiam o alívio abjeto que sentiu no momento de sua morte.

No entanto Gideon se recusou a reconhecer o vislumbre de renúncia que ouviu na voz do outro homem. Como se soubesse que morreria naquele segundo.

— Eu não podia permitir-lhe viver, — ele disse suavemente quando olhou para o rosto sem vida do homem que o torturou por tantos anos. — Monstros não podem ser autorizados a viver após sua utilidade, Scott. E sua utilidade acabou.

Em seguida, seu olhar foi capturado por uma foto da maldita família. Filho da puta. Não queria ver isso. Não queria ver, nem considerar a família que voltaria mais tarde.



No entanto, sua consciência se recusou a permitir que fizesse o contrário. Ele vestiu sua vítima antes de levantá-lo e carregá-lo para o sofá onde o deitou contra as almofadas, como se o homem estivesse cochilando, em vez de entrar no inferno. Em seguida, limpou o chão da urina e excrementos, eliminando os trapos que usou e cuidadosamente devolveu o espaço para sua condição.

A esposa de Connelly era considerada uma espécie de mulher compassiva. Na semana que Gideon gastou vigiando a família e descobrindo seus hábitos, encontrou razão para acreditar.

Os dois jovens que eram seus filhos eram considerados simpáticos e generosos jovens que riam e curtiam a vida com um sentido aparente de humor e um amor pelas pessoas.

Mesmo pelos Castas.

Não mereciam encontrar seu pai nu e tão obviamente torturado. Seria uma visão que nunca iriam esquecer. Uma que Gideon teria lamentado deixar para eles.

Apesar de não estar bem certo de onde encontrou essa capacidade de se preocupar. Scott Connelly não deu a mínima para alguém ou alguma coisa naqueles laboratórios, exceto para a menina cujos olhos grandes, escuros observavam o mundo com resignação sombria. Gideon mostrou aos cientistas que encontrou nos últimos meses a mesma falta de misericórdia que lhe mostraram. Mas como viu a família de Connelly durante a semana passada, encontrou-se sentindo pena pela esposa e os filhos que viviam sob a tirania do bastardo que raramente estava em casa e que pouco se importava com seus sentimentos.

Estariam em paz agora.

Se pudesse encontrar um momento de paz também.

Ouvindo passos na sala de estar, desligou as luzes, então deslizou pela casa tão silenciosamente como entrou. Saindo pela porta dos fundos, deixou o sistema de segurança desligado e não se incomodou com todas as impressões digitais que poderiam ser deixadas.

Ele não tinha nenhuma.

Foram queimadas e tiradas muito tempo atrás, deixando apenas calejada carne áspera em seu lugar.

Movendo-se através das sombras do quintal, fez seu caminho para as quadras de diversas casinhas e ao parque onde estacionou a caminhonete preta que roubou na semana anterior.

Jogando o saco de dinheiro e outros itens no banco de passageiro, ligou o veículo e saiu pela entrada escurecida aonde estacionou.

Usaria sua própria identidade falsa e compraria um veículo quando a manhã viesse e abandonaria a caminhonete roubada. Faria a viagem mais segura à frente.

Se dirigisse dia e noite, chegaria ao seu destino rapidamente.

Window Rock, Arizona, a casa de Terran Martinez e sua família.

Gideon ouviu falar de Morningstar Martinez e conhecia bem a história do Casta Coyote acasalado que ajudou os Castas no laboratório. As informações encontradas durante sua vivisseção foram usadas na pesquisa Brandenmore para o soro criado lá.

E, aparentemente, sua casa de infância também era agora a casa da menina que, por um



tempo, foi conhecida apenas como cobaia número 4. A menina que iria agora pagar o preço pelos dois últimos anos de angustiantes experimentos que Gideon sofreu. Uma vez que a encontrasse, também se encontraria infligida pela mesma dor, tormento e a mesma agonia primitiva que Gideon sofria por causa dela.

Sua hora estava chegando.

Mas, primeiro, havia um pequeno problema que precisava lidar. Uma mulher mercenária com quatro homens procurando a menina também. Poderia matá-los. Ou, poderia encontrar uma maneira de fazer contato com a comandante, o único membro da equipe que confiava, e usá-la para garantir que chegasse perto o suficiente para tomar posse assim que a menina fosse encontrada.

Não havia dúvida que sua presa nunca confiaria nele. Lembrou de sua dor, sua fúria, as ameaças que fez enquanto ela o observava com aqueles olhos escuros, torturados.

—Vou encontrá-la. — O rosnado que deixou sua garganta era animalesco e enraivecido enquanto seu sangue fluía para ele, queimando-o, despertando a genética animal que sua perda de sangue havia silenciado. —Você vai pagar caro. Vou garantir isso.

—Terá que nos encontrar primeiro, Gideon. — A voz de Judd falou suavemente de um ponto atrás da sua cabeça. Um ponto que Gideon não podia ver, porque não podia virar a cabeça. Não podia se mover. Só podia falar.

—Vou encontrá-lo também, — ele jurou a ela quando ela chorou.

—E vou ter certeza que você não vai, — Judd prometeu. —Vamos escondê-lo antes de sairmos, ter certeza que estará seguro. Mas não vai saber onde estamos. E nunca terá uma chance de prejudicar qualquer um de nós.

Ele iria encontrá-los. E manteria a promessa que fez. Teriam tanto que pagar.



CAPÍTULO 3

Havia algumas coisas que Diane Broen odiava mais que odiava pousos noturnos, forçando seu corpo cansado para mais um quarto de hotel.

Um dia desses, prometeu a si mesma quando entrou no saguão do exclusivo e caro hotel que Jonas Wyatt os enviou, ia ter sua própria cama, seu próprio apartamento e suas próprias roupas para preenchê-lo.

Ao invés de tudo que tinha na mala, fosse sujo ou não.

—Chefe, não se esqueça de que temos reunião com o contabilista, enquanto estamos na cidade, — Thor, o enorme sueco loiro de voz profunda a lembrou quando entraram no lobby do hotel em DC e se dirigiram para os elevadores.

—Temos um compromisso? — Perguntou ela, arrastando suas malas enquanto lutava para permanecer em pé tempo suficiente para chegar ao seu quarto.

Três meses. Ela e os quatro homens que lutaram uma vez com seu tio e agora seguiam seu comando estavam na trilha de um dos alvos mais malditamente evasivos que já foi enviada atrás.

Estiveram atrás de terroristas, extraíram vítimas de sequestro, proveram segurança para chefes de Estado, reis e até mesmo algumas figuras obscuras, mas nunca na história de seu tempo com os homens de seu tio não conseguiram concluir um trabalho. Até agora.

Era como se ela tivesse desaparecido da face da terra e a mensagem que recebera na noite antes de voltar a DC não tranquilizara sua mente.

Uma mensagem anônima deixada em seu quarto de hotel e um aviso que havia um espião muito próximo dela. Um espião que não se importava em matar. E com essa mensagem estava uma referência para um local possível que ainda não podia acreditar.

Inferno, ela não precisava disso.

—Tem um compromisso, chefe, — Thor prometeu. — Mas tem que mantê-lo.

—Sim, sim, sim — disse com um suspiro enquanto apertava o botão do elevador e via os números iluminados descendo quando o elevador se moveu dos andares superiores de volta ao lobby.

Estava tomando aquele aviso de coração, tanto quanto o odiava. Havia muito em jogo e não ia arriscar seus homens, sem mais informações.

Ela encostou-se à parede e olhou para os quatro homens.

O sueco, Thor, era seu Homem do Dinheiro. Os mantinha solventes e bem abastecidos. Pagava as contas e conseguia manter seus contracheques em dia. Ao lado dele estava Aaron, seu especialista em logística, necessidades de emergência médica e agente de viagens. Brick era seu especialista em comunicações e tecnologia enquanto Malcolm cuidava das armas e, antes de se juntarem ao Escritório de Assuntos Castas, programava suas missões.



Haviam perdido dois de seus homens depois de ingressar no Escritório, contudo. Os dois Castas que lutaram com eles desde que a equipe foi resgatada de um pequeno laboratório vários anos antes. Se mudaram para a segurança no Santuário, a base de felinos na Virgínia.

Agora Diane e o restante de sua equipe eram consultores especializados para o Escritório, um título de glória para americanos, como gostava de pensar, mas a mantinha perto de sua irmã, Rachel, e da filha de Rachel, Amber.

Levava consigo o suficiente para que pudesse garantir que nunca mais fosse incapaz de ajudar sua irmã e sobrinha quando precisassem dela.

O elevador soou sua chegada.

— Ei, chefe, quer que leve seu equipamento? — A voz de Thor era mais suave quando ela abriu os olhos e olhou para ele.

Estava cansada e, evidentemente, parecia cansada também.

Estava ciente dos outros três homens olhando para ela com curiosidade.

— Eu levo meu equipamento, Thor. — Ela se endireitou quando as portas se abriram e um casal deixou o elevador. Suas expressões eram cautelosas enquanto seus olhares se moviam ao longo da menos que respeitável aparência do grupo.

Diane riu para Thor quando entrou no elevador e pegou seu olhar descontente. Reacomodando seus apetrechos nos ombros, ela quase desejava ter levado em conta sua oferta.

Sim, gostaria de ter Thor levando sua bagagem para ela. Seus ombros eram um inferno de muito mais robustos que os dela, e carregava sua própria bagagem como se não pesasse nada. Mas seu tio a advertiu que não importa o quão cansada ou ferida estivesse, tinha que carregar seu próprio peso se queria que a respeitassem. No dia que não pudesse transportar sua própria bagagem, e não estivesse ferida, seria o dia que seus homens começariam a protegê-la em vez de segui-la. Seria o dia em que perderia seu comando.

Ela lutou por muitos anos para arriscar sua relação. Não ia desistir porque perdeu algumas noites de sono a fim de retornar aos Estados a tempo de seguir o exemplo que foi dado e completar sua missão.

— Cara, preciso de uma cerveja gelada, uma mulher quente e uma cama macia, — Aaron disse, suspirando quando se encostou à parede do elevador, seus olhos castanhos refletindo o cansaço que todos sentiam.

Diane bufou quando se encostou à parede para esperar o décimo andar. — Cerveja gelada, chuveiro quente e cama macia. — Ela suspirou. O pensamento de um homem quente deslizou através de sua mente e ela imediatamente, à força, o empurrou atrás.

— Aqui vamos nós, — Thor soprou em alívio quando as portas se abriram. — Vou deixar que saiba sobre esse contador, chefe.

— Estarei lá, — prometeu. — Uma vez que Wyatt ouça meu relatório, provavelmente sairemos para as férias que todos sonhamos.



Era a única distração que tinha para explicar seu próprio desaparecimento, uma vez que desse a impressão de ter desistido de sua missão.

Ela não estava prestes a desistir.

A menina que estava procurando era muito importante e havia muitas forças convergentes em torno dela para Diane desistir agora.

—Noite, chefe. — Thor disse indo na direção oposta ao seu quarto.

—Noite, chefe, — Malcolm ecoou quando atravessou o corredor para seu quarto.

—Nos vemos chefe. — Aaron seguiu Thor, e foi mais longe até o salão, os ombros um pouco caídos.

Aaron desejava ir para casa para ver seus pais. Brick poderia encontrar a mulher com quem vivia nos últimos anos, enquanto Malcolm tinha uma irmã que pretendia visitar. Thor continuou falando sobre orçamentos, contabilistas e atualizar os livros. Ela deu um aceno descuidado por cima do ombro para seus homens enquanto se dirigia pelo corredor até o quarto dela. Chegando à porta, acenou para os Castas Executores atribuídos à guarda do piso do hotel exclusivo em DC reservado para os visitantes Castas VIP na cidade.

Hoje à noite, estava em casa.

Ela podia sentir a sujeira de três dias em seu corpo, e as longas horas passadas no meio do deserto antes não ajudavam. E parecia não importar a direção que fosse, a informação que procurava estava sempre um passo à frente deles. Assim como a mulher.

• • •

Lawe saiu da entrada das escadas, preferindo-a sobre o elevador para ajudar a aliviar a tensão que apertava seus músculos.

Quando a porta fechou atrás dele, o ping do elevador o fez parar enquanto as portas se abriam e Rule entrava no hall.

Vestido de preto, a insígnia de Executor Casta Leão em seu ombro direito e seu cabelo preto puxado atrás de seu rosto para revelar os traços fortes e o brilho de seus olhos de topázio, não parecia gêmeo de Lawe. No entanto havia uma semelhança forte o suficiente para que a linha genética não estivesse em dúvida.

Ele parou quando se virou e viu Lawe, uma carranca marcando a testa.

—Jonas não mencionou que estava programado para estar aqui.

Os lábios de Lawe se apertaram.

—Nunca se cansa de suas maquinações?

Rule bufou. — Não todos. Se não fosse pelo fato de que matá-lo só causaria mais problemas, o mataria eu mesmo.

Era um maldito refrão regular de cada Casta que entrava em contato com o diretor.



Rule inclinou a cabeça em seguida, enquanto olhava de volta para Lawe interrogativamente. — Por que está aqui?

— Porque Jonas está jogando conosco, — rosnou Lawe. — Conhece minha companheira.

Rule assentiu bruscamente. — Seria difícil não notar. Ela carregava seu cheiro quando a conheci. Gostaria de saber se podia me dizer quando isso aconteceu e por que se afastou dela.

A curiosidade no olhar de seu irmão gêmeo era impossível de perder. Lawe a ignorou por meses, e não pretendia explicar isso agora também.

— Eu não acasalei com ela. — Os dentes apertaram pela especulação nos olhos de seu irmão. — Jonas o enviou para tentar me forçar a isso.

Os lábios de Rule apertaram. Não gostava dos jogos de Jonas mais que qualquer pessoa, mas Lawe podia ver algo mais que rodava no olhar de seu irmão. Algo que o deixou tenso pela possibilidade de que seu irmão pudesse se tornar um problema no que dizia respeito à Diane, assim como Jonas estava se tornando um.

— Não acasalou huh? — Rule perguntou baixinho. — Diga-me Lawe, o que acha da posição de Jonas e Ely que, se um Casta não reivindica sua companheira, então um parente genético, ou irmão, pode ter essa chance?

As narinas de Lawe queimaram com sua tentativa de conter a raiva instintiva que atravessou seu corpo por causa da pergunta.

Jonas e a especialista Casta, Dra. Ely Morrey, pareciam estar sob a impressão que, se uma mulher não se relacionasse fisicamente após a primeira fase do calor do acasalamento a deixava vulnerável a outros machos.

Nessa primeira etapa, quantidades mínimas do hormônio apareciam no fino pelo que cobriam o corpo de um Casta e, um simples roçar de seus lábios na carne dela podia infectá-la com quantidade suficiente de hormônio para ativar sua capacidade de se tornar uma companheira. Isso combinado com uma resposta emocional, Ely ponderava, poderia deixá-la acasalar com outra Casta.

Lawe não tinha ideia se aconteceu no passado, mas que se danasse se permitiria a Rule e Diane provar isso.

— Não vá por aí, Rule, — Lawe avisou em voz baixa. — Não acho que seu horóscopo declarou ser hoje um bom dia para morrer.

Rule se afastou e esfregou seu pescoço quando deu um suspiro pesado.

— Jonas quer que você saia dessa, — disse Rule quando deixou cair o braço de volta ao seu lado. — Concordo com ele. Não a quer, não quer o acasalamento e eu entendo o por que. Isso não significa que deva ser deixada vulnerável a qualquer Casta que pareça completá-la. Um Casta talvez incapaz ou que não queira utilizar seus pontos fortes.

— Usá-los você quer dizer? — Lawe questionou com desdém gelado. — Não doure a pílula, Rule. Nós dois sabemos que Jonas não quer perdê-la e à sua equipe. Ele sabe que vou tirá-la da ativa no segundo que puder.



Rule encolheu os ombros. — Ela é um inferno de guerreira. Vai destruí-la se fizer isso, Lawe. Por outro lado, acho que eu poderia lidar com isso.

Lawe não pode deixar de rir, embora o som tivesse pouca diversão. — Vá encontrar sua própria mulher. Essa está fora dos limites para cada outro Casta com a intenção equivocada até mesmo para tentar uma coisa dessas.

—Mas você não a está reivindicando. — Rule apontou suavemente. — Sabe, Lawe, somos irmãos. Gêmeos idênticos, apesar das diferenças em nossa aparência. Não quero amar uma mulher a ponto de marcar minha alma. Se não quer sua companheira, me dê essa chance. Eu cuidarei dela.

Ele estava falando sério?

Lawe olhou para Rule e mais uma vez foi atingido pelo frio estranho que entrou nos olhos de seu irmão nos últimos meses. Havia a chance de que seu irmão estava falando totalmente a sério.

—Por que não corre para casa, enquanto considero seu pedido? — Lawe grunhiu quando sentiu o animal despertar de seu canto escuro... e tentar superar sua humanidade.

Os lábios de Rule torceram. — Enquanto está pensando nisso, vou passar por aqui e fazer as coisas iniciarem, e por que não eu? — Apesar da diversão, havia uma advertência no tom de Rule.

O rosnado que enrolou os lábios de Lawe e mostrou seus caninos foi a primeira indicação que a genética animal estava deslizando pelo freio que tinha sobre ela.

Rule não recuou. Sua testa levantou quando cruzou os braços sobre o peito e olhou para Lawe. — Você não faz isso com frequência, — ele apontou friamente. — A está deixando chegar até você.

—Não, você e Jonas estão chegando a mim, — rosnou Lawe. — Que diabos o faz pensar que pode me forçar a um acasalamento? Mesmo Cabal nos disse que sua parceira não tinha atração por seu irmão gêmeo, Tanner. O que o faz pensar que seria diferente com você? Inferno, o que faz Jonas e Ely acreditarem que tal coisa poderia até ser considerada?

—Porque eles foram criados de maneira diferente, Lawe. Somos realmente gêmeos. Fraternos, talvez, mas a genética ainda é mais forte que em Tanner e Cabal, e compartilhamos um vínculo que eles não. Vale a pena descobrir se essa genética permite reivindicar a mulher que você não quer. Além disso, é uma informação que a Dra. Morrey pode ser capaz de usar no futuro, se minha capacidade de ser seu companheiro for possível.

Lawe quase balançou a cabeça, na esperança de forçar um nível de crença em seus sentidos. Para realmente aceitar que seu irmão consideraria tal coisa.

—Você tomaria o que é meu? — Lawe perguntou, não querendo admitir a confusão.

—Você não a está reivindicando, Lawe, — Rule rosnou. Era um som baixo, surdo, que sugeria a Lawe a mesma raiva interna que estava sentindo. — Não a quer. Não quero uma Companheira que pode me destruir. Parece uma troca justa o suficiente para mim.

—Não a quer realmente. Não como ela merece. Então o que diabos faz você pensar que valeria a pena lutar? Dê o fora daqui, Rule. — Não havia chance que deixasse seu irmão em



torno de sua companheira. — Saia daqui antes que eu faça algo que nós dois vamos nos arrepender.

Seu irmão começou a virar e subir pelo corredor em direção ao quarto de Diane. Lawe podia ver sua intenção, senti-la, e não gostava.

Estava em movimento, mesmo antes que estivesse ciente do impulso. Por esse breve momento, o animal dentro dele se ergueu e agiu antes que pudesse mantê-lo trancado.

Rule foi jogado contra a parede enquanto Lawe pressionava seu braço apertado e forte na garganta do seu irmão. Os Castas de guarda mais acima do salão avançaram deliberadamente um passo, evitando sair de seus postos.

Os VIPs que guardavam eram mais importantes que sua curiosidade felina ou instintos sobre o aumento da violência entre os dois irmãos. Mas ainda observavam com curiosidade e Lawe ainda estava muito consciente deles.

—Não! — Disse ele com um rosnado no rosto de seu irmão. — Não destrua o vínculo que temos desde o nosso nascimento Rule. Desista, porra.

Os lábios de Rule se enrolaram em diversão, apesar do braço poderoso de Lawe pressionando em sua garganta.

A diversão zombeteira de momentos antes retornou ao seu olhar. — O perfume que você deixou pode ser lavado, eventualmente, — Rule o advertiu. — Não é forte o suficiente para fazer qualquer coisa, apenas pede que um Casta faça uma pausa e, em seguida, se assegure que ela é uma companheira compatível. Se eu não tiver minha chance, depois outra Casta fará. Qual prefere, Lawe? Outro companheiro para ela ou aquele que sabe que vai protegê-la com sua vida?

—Outro Casta não vai receber o aviso que está recebendo. Vou matá-lo. Fique bem longe dela ou vou ter a maldita certeza que você gostaria de ter.

Antes que o animal, feroz através de seus sentidos, pudesse atacar e prejudicar o irmão que se comprometeu a proteger, Lawe se afastou antes de enfiar seu dedo no painel de controle do elevador.

O ping do elevador soou antes da porta se abrir.

—Para o bem de ambos, — afirmou Lawe tranquilamente com muito mais reserva do que realmente sentia.

Seus olhares travaram em confronto silencioso, um lendo a intenção do outro e a força por trás antes de Rule, finalmente, dar um aceno lento.

—Desta vez, — Rule declarou em voz baixa. — Desta vez Lawe. Mas antes de ver outro tirar o que sei que deveria ser seu, passo ao seu redor e a reclamo eu mesmo. De uma forma ou de outra, não importa a inimizade que possa causar entre nós.

Lawe cerrou os punhos ao seu lado, se forçou a conter a raiva que atingiu suas veias e manteve seus instintos animais numa borda acentuadamente afiada.

Odiava essa sensação. Aquela sensação que havia outra entidade dentro dele, subindo e ameaçando roubar o controle que aperfeiçoou ao longo dos anos.



Seu olhar ficou preso ao de seu irmão, até que as portas do elevador deslizaram fechadas e o pequeno cubículo carregando Rule fez sua viagem de volta para o lobby do hotel. Ele se levantou, olhando os números no display digital na contagem decrescente do progresso do elevador até chegar ao lobby.

Ficou ali, observando e esperando que lutasse contra os instintos primitivos que o dilaceravam.

Conseguiu mantê-los sob controle nos últimos meses, desde que salvou Diane e percebeu que era sua Companhia. Ele se refreou e se assegurou que podia negar esse impulso selvagem de reclamá-la. Toda vez que entravam em contato, toda vez que a batalha se tornava mais difícil, ainda conseguia ir embora.

Enquanto seguia para sua porta, o controle que foi parte de sua vida estava desaparecendo. A parte animal dele arranhava seu caminho à frente de seus sentidos, e sua atenção estava presa num perfume único e sutil.

O cheiro de sua companhia.

A companhia que, mesmo agora, a parte racional e lógica de seu cérebro estava gritando para negar. Não podia tê-la. Não se permitiria arriscar. Mas poderia garantir, pelo menos por um tempo, que o cheiro que colocou sobre ela fosse forte o suficiente para manter até mesmo Rule à distância.

Por pouco tempo.

• • •

Diane acabou de jantar e limpava a sujeira quando de repente parou dentro da cozinha, seu olhar indo para a porta ao som de um cartão deslizando através da fechadura.

O silvo suave era um som que a maioria das pessoas nunca detectaria, mas a maioria das pessoas não foi treinada por seu tio paranoico.

Talvez paranoico fosse a palavra errada para usar. Seu tio muito cauteloso.

Nesse segundo, tirou a arma que tinha no coldre que usava abaixo de suas costas. A pequena arma laser para defesa pessoal parecia uma velha Glock dos militares, mas continha todo o poder do laser ajustável dos rifles.

As rajadas de energia de fogo poderiam derrubar um homem ou colocar um buraco do tamanho de uma bola de boliche nele.

—Abaixe sua arma, gata selvagem. Sou só eu.

Diane congelou, a arma ainda segura em sua coxa por ambas as mãos quando a porta abriu e ele entrou.

Só eu. Não havia “só” a respeito de Lawe Justice. Não havia nada tão simples como essa palavra implícita.

Confiante, poderoso, um macho supremo e a porra de Alfa que poderia ser, ele entrou na suíte como se pertencesse a ele.



Ele era complicado, poderoso, misterioso e jovial, perverso e sedutor, e seu corpo inteiro parecia inundar de calor pela visão dele.

Diane ficou imóvel, sua mandíbula trancada numa tentativa deliberada de exercer controle sobre si mesma e sua reação ao som do tom sombrio, com intenção sexual que fazia seu corpo querer derreter.

Havia noites que pensar nele, no toque pelo qual doía, a atormentava a tal ponto que se perguntava se, talvez, ele já não possuísse uma parte dela. No mínimo, possuía suas fantasias carregadas de erotismo, fantasias sensualmente atormentadoras desde o primeiro momento, quando abriu os olhos para encontrá-lo de pé acima dela.

Alto, ombros largos, corpo poderoso, o grosso e pesado cabelo preto estava muito mais longo que da última vez que o viu. Parecia tão perigoso quanto sabia que era. Tão primitivo e selvagem quanto intenso como ela sentia que era.

Jeans envolviam as pernas longas e poderosas e caíam baixas na cintura para ser seguras por um cinto de couro em seus quadris musculosos. Uma camisa de algodão branco, dobrada até o cotovelo cobria os ombros largos e um impressionante peito. Pesadas botas de cowboy cobriam os pés, uma corrente de prata envolvida ao redor do calcanhar.

Ele parecia bom o suficiente para morder, e sua boca molhou para fazer exatamente isso.

O crescimento noturno de uma barba sombreava a parte inferior de seu rosto — os Castas não tinham barba cheia, apenas joviais, e sua sombra permitia aquele sexy olhar de matar. E isso era exatamente o olhar de Lawe nesta noite. O visual despojado a fazia querer despi-lo, ter sexo duro e a necessidade de montá-lo até que ambos estivessem esgotados.

Não que levasse muito tempo para chegar a exaustão depois dos últimos três meses e uma pesquisa que a deixou louca. Mas de um caminho a seguir.

—O que está fazendo aqui? — Primeiro abaixou a arma, então a colocou no coldre antes de caminhar através da suíte. Passando pela pequena sala de estar quando Lawe entrou no quarto, ela se moveu para a cama onde colocou a arma na mesa de cabeceira antes de virar para encará-lo.

—O que estou fazendo aqui deve ser bastante óbvio. — As sobrancelhas negras formaram um V entre os intensos olhos gelados azul violeta que a varreram.

Olhos frios, gelados. Ela nunca poderia saber o que estava pensando e com certeza não tinha ideia de como se sentia de um segundo para o outro. Mas queria. Tinha vezes que daria qualquer coisa para ver por trás do gelo em seu olhar.

—Se você diz, — ela concordou com uma pitada de zombaria. — Cheguei sã e salva, Lawe, para que possa voltar ao seu próprio quarto, seu próprio lugar ou onde quer que esteja dormindo agora. Vou te dar meu relatório quando o der a Jonas na parte da manhã. Estou muito cansada esta noite para brincar de interrogatório.

Ela sempre quis saber onde ele dormia. E com quem. O rumor era que Lawe passava poucas noites sozinho e sua sexualidade com certeza não descansava.

Sabia que o Escritório tinha vários apartamentos na cidade, bem como uma casa segura, onde ele e outros Executores de alto nível permaneciam enquanto estavam em DC.



Que diabos ele estava fazendo aqui esta tarde, simplesmente não fazia sentido. Lawe Justice raramente, ou nunca, se hospedava em hotéis a menos que tivesse a Suíte Presidencial. E ela sabia que as três suítes presidenciais estavam em uso pelos Alfas Russos das Matilhas Lobo e Coyote, bem como o líder russo do Bando Felino.

— Ficaria preocupado com você se não soubesse que chegou segura. — Ele a surpreendeu com sua resposta. — E ainda bem que o fiz. Acabou de chegar e posso ver o quão pouco tomou cuidado consigo mesma. Por que me fez salvá-la da morte certa só para se suicidar devagar?

Nunca diga que os Castas não protegem seus ativos da melhor forma. Faziam. Até o ponto que estava aqui esta noite para garantir que ela chegou bem e a segurança estava dobrada em seu quarto.

— Prefere que eu seja mais rápida? Ansioso para se livrar de mim, não é?

Ele bufou. — Me surpreende observar você definhar dia a dia.

Por que era tão doce, pensou com zombaria selvagem.

Sim, certo, era por isso que estava aqui, tudo bem, para verificar sua saúde.

Grande merda.

Estava lá pela mesma razão que ela não podia tirá-lo de sua mente. Porque nenhum deles tinha autocontrole ou força de vontade para ficar longe do outro. E isso a aterrorizava. Nos dez meses desde que a resgatou de um inferno no Oriente Médio, consumiu não apenas suas fantasias, mas também seus pensamentos e sua determinação em não se importar com ninguém, a não ser Rachel e Amber.

Não precisava disso. Não aqui, não agora, não num momento que estava tentando tomar muitas decisões a respeito de sua vida.

Quando se virou para encará-lo, viu como seu olhar se moveu dela para a cama, depois de volta.

A cama estava convidativa, pronta para eles, se tivesse coragem suficiente.

O chuveiro esperava. Poderiam compartilhá-lo, pensou ela, apesar de que seria um ajuste perfeito. O pensamento da água aquecida caindo sobre seu corpo, duro e nu, fez seus joelhos amolecerem pela excitação e a necessidade de seu toque.

Só tocar.

Como a tocou na Inglaterra pouco antes de voltar aos Estados Unidos, após resgatá-la. A maneira como acariciou as costas de seus dedos ao longo de sua bochecha.

Ou logo após Brandenmore ser finalmente capturado por Jonas Wyatt. Ele a encontrou em Nova York naquela noite antes que voasse para a Turquia para outro trabalho.

Ele não a tomou. Apenas a tocou, seus dedos calejados brincando sobre o corpo dela como se a sensação de sua carne sob seu toque fosse um êxtase próprio.

Ela nunca se despiu e nem ele. Ele não a tocou abaixo da cintura e não deu a ela a liberação pela qual seu corpo gritava. Mas a fez doer.

Inferno, não devia querê-lo assim. Não devia se permitir querê-lo assim.



Ela poderia estar na cama dormindo para se recuperar da diferença de fuso horário e frustração, se ele simplesmente saísse. Poderia se apressar e se masturbar, usar o vibrador escondido em suas malas e, em seguida, descansar por algumas horas antes que tivesse que se reunir com seu chefe.

—Tudo bem, estou sã e salva, — ela finalmente disse, quebrando o silêncio tenso que crescia entre eles. — Pode parar de me proteger agora e me deixe dormir um pouco antes que eu enfrente o grande e mau Bundão na parte da manhã.

Não que Jonas fosse realmente assim tão mau, mas não o deixaria saber que realmente gostava dele. Sentia que ele se aproveitaria deliberadamente desse fato, e não seria mesmo engraçado.

Assim como Lawe tiraria o máximo partido do fascínio enorme que ela tinha por ele, se soubesse disso.

Deixá-lo saber seria o maior erro que poderia cometer.

Lawe continuou olhando para ela. Seu olhar era como uma carícia dominante e poderosa da qual não podia escapar.

A sensação do toque invisível sempre a deixava fora de equilíbrio e nervosa. Podia sentir seu sangue começar a correr pelas veias, sua frequência cardíaca pinicando e subindo. Seu clitóris inchava de fome, desespero e dor sexual. Porra, precisava que ele saísse, então poderia pelo menos tê-lo em suas fantasias.

—Por que ainda está aqui, Lawe? — Perguntou ela. Ele estava destruindo seus nervos com a intensidade azul violeta de seu olhar e a certeza que havia de fato emoções rolando sob a camada de calma gelada.

—Deve saber por que estou aqui.

Ela balançou a cabeça num movimento firme e irregular. Oh Deus, agora não era momento para isso. Não quando estava tão cansada e tão fraca. — Não tenho ideia, e realmente não dou à mínima.

Deus a ajudasse, ele a estava matando.

Se tinha que estar fascinada por um homem neste momento de sua vida, por que tinha que ser um Casta? E por que esse Casta em particular? Havia um nível de independência dentro dela que francamente o apavorava e ela sabia o por que.

Ele era protetor.

Iria sufocá-la com camadas de proteção, se permitisse. Isso era o que ele faria com qualquer mulher que chamasse de sua. Inferno, mesmo suas amantes eram conhecidas por queixar-se de sua insistência em guarda-costas e segurança reforçada. Se queixavam de sua incapacidade de fazer compras, almoçar com amigos, desfrutar de suas vidas.

Por um minuto, num curto espaço de tempo, podia se divertir, mas Diane se conhecia, e isso iria destruí-la. Ela e Lawe. Nunca poderia aceitar o perigo para sua mulher e, com certeza, não poderia aceitar perigo para a mulher que pensava ser sua companheira.

E ele achava que ela era sua companheira.

Ela quase tremeu com o pensamento.



—Precisa sair, estou cansada, preciso de um banho e não posso lidar com você esta noite, — ela retrucou, se obrigando a enfrentar o único homem com quem fantasiou sobre sexo em sua vida inteira.

Ela tinha 30 anos de idade, pelo amor de Deus.

Acostumou-se com as acusações de ser frígida, lésbica, insensível, robótica. Deixaram de ofendê-la ou ferir a muito tempo. Na maioria dos casos, sinceramente a divertia.

Para os homens que ela conhecia, dormir com uma mulher não era diferente de caçar um cervo para colocar na prateleira como troféu. Usavam os mesmos instintos e muitas vezes a mesma finesse.

Mas este homem, ele a fazia sentir algo. Este Casta. Fazia seu coração disparar e seu corpo se sentir livre. Fazia inchar seu clitóris, os mamilos endurecerem, e oh sim, sabia muito bem que ele sentia isso.

Era um Casta, afinal de contas. Todos esses sentidos poderosos. Os sentidos da audição, olfato e visão eram 400 ou 500 vezes maiores que um ser humano normal.

Provavelmente podia cheirar sua boceta molhada.

As narinas inflaram quando ela permitiu que suas sobrancelhas arqueassem zombeteiramente.

Oh sim, podia sentir o cheiro.

—Se atrasou na chegada do aeroporto, — afirmou e ela percebeu como sua voz estava muito mais profunda do que estava acostumada a ouvir. Desde o momento que falou antes. Como se a genética animal que carregava estivesse subitamente ganhando vida de maneira que nunca fez antes.

Ela estremeceu com o pensamento.

—Estou muito cansada, Lawe. — Não tinha tempo ou coração para se engajar na batalha, e sabia o que ele queria. — Podemos adiar isso até amanhã?

Exatamente o que era "isto" ela realmente ainda não descobriu. Tudo que sabia era que, se o deixasse tomar o que queria, se estendesse a mão e o agarrasse com ambas as mãos, estaria cometendo um erro supremo. Um que poderia acabar destruindo-a.

Ela não queria um protetor ou um carcereiro, e era isso o que Lawe se tornaria. Ela não podia nem ao menos suportar a ideia.

—Engraçado, cada vez que estamos juntos o cheiro de sua excitação começa a encher o ar, e é repentinamente cortado com a mesma rapidez, — ele meditou, chocando-a com o comentário. — Como consegue isso, Diane? Diga-me seu segredo, amor. Talvez então eu possa controlar minha própria fome tão facilmente.

—Lembro perfeitamente o saco que Castas machos podem ser, — ela o informou fortemente. — Acha que por um minuto eu o toleraria sem disparar em você? Em seguida, Jonas teria que atirar em mim. Rachel provavelmente choraria...

Ela deu de ombros como se tivesse ido longe o suficiente.

Seus lábios se inclinaram em diversão. — Tem tudo planejado pelo que vejo.



—Gosto de estar preparada. — Enfiando os polegares nas alças do cinto de sua calça, ela continuou a observá-lo atentamente. — Qual o ditado? Melhor prevenir do que remediar? Prefiro agradáveis e seguros machos não-Castas. Não me incomodam tanto e me deixam ir e vir como quero.

Oh menino, grande erro. Ficou observando seu olhar se estreitar perigosamente.

—E quantos desses machos não-Castas têm sua preferência, Diane? — Sua voz baixou quando começou a se aproximar, tornando-se sedosa e escura, sedutora. Poderia molhar a calcinha de uma mulher apenas com a voz, pensou com uma borda de fome escaldante. E uma vez que ele percebesse o calor, como diabos supostamente poderia resistir?

Ela ficou perfeitamente imóvel quando ele se moveu em sua direção. Deslizou entre ela e a parede, até que estava diretamente atrás dela.

Ela deveria ter fugido, mas seria o mesmo que admitir a derrota. Além disso, era um homem; Casta, e a pior coisa que uma mulher podia fazer era fugir. Se tornaria a presa então. Um prazer erótico que Lawe não iria ignorar.

—Será que isso importa? — Ela teve que se forçar a permanecer imóvel enquanto sentia sua bochecha roçar contra seu cabelo.

—Oh, isso importa. — Isso era definitivamente um rosnado em sua voz. — Mais do que pensa.

Ela definitivamente ouviu o estalo baixo e perigoso de seus dentes atrás dela quando ele terminou de falar.

—Que diabos está fazendo?

Ela cedeu. Moveu-se e o empurrou longe, oprimida e despreparada para o efeito que tinha sobre ela.

Suas mãos a prenderam pelos ombros, a mantendo no lugar enquanto uma respiração afiada saía de seus pulmões.

—Quero morder você, Diane, — ele rosnou. — Quero estar atrás de você, preenchendo sua boceta doce com meu pau e travando os dentes ao lado do seu pescoço, enquanto sinto os tremores de sua liberação através de seu corpo tremulo. Tenha muito cuidado querida, porque, confie em mim, seria algo que nenhum de nós iria se recuperar. — Seu corpo apertou ainda mais atrás dela, seus quadris mergulhando e esfregando, apertando seu pau contra a fenda de seu traseiro enquanto ela sentia os joelhos enfraquecendo.

Uma mão caiu em seu quadril, mantendo-a no lugar enquanto Diane tentava se livrar mais uma vez, sua respiração áspera e desigual quando o prazer começou a atravessar de seu corpo.

A outra mão acariciou de seu braço ao baixo ventre, adentrando sob sua camiseta e subindo até a curva ao redor da carne inchada e sensível do seu seio, enquanto seus dedos encontravam e começavam a brincar com um mamilo.

—Lawe! — Disse sem fôlego, a voz grossa com um prazer repentino e avassaladora incerteza, e seus dedos seguraram o pulso em seu quadril quando ela sentiu a respiração prender em seu peito por preciosos segundos.



Entre as coxas dela sua boceta apertou e derramou seus sucos quando o clitóris começou a latejar furiosamente.

A necessidade de gozar gritava através de seu corpo, deixando seus músculos tensos enquanto ela lutava para encontrar sensação suficiente contra seu clitóris para mandá-la voando para a liberação. Talvez então pudesse encontrar seu controle novamente.

Isto era o mais próximo, o máximo que se atreviam a tocar. Cada um deles sabia o que o calor do acasalamento faria com eles, como sabiam que estava lá, entre eles, pronto para incendiar fora de controle.

Alguma coisa definitivamente queimava fora de controle agora. Como um fogo queimando tudo em seu caminho, as sensações e a fome por mais ardiam em sua resistência e bom senso.

—Lawe, — ela sussurrou o nome dele neste momento, o gemido de excitação agonizante, uma indicação das altas sensações queimando nas terminações nervosas dela. — Por favor. Não faça isso comigo.

Ela não podia suportar o desespero latejante por mais tempo. Nenhuma quantidade de aperto nos músculos de sua coxa ia aliviar a dor. Ele estava começando a ficar fora de controle, furando suas defesas e roubando sua capacidade de respirar.

Era aterrorizante. Emocionante. Era a coisa mais perigosa que poderia permitir que acontecesse.

—Deixe-me mostrar o que nunca vai encontrar com outro homem, Casta ou não. — Selvagem, feroz, ele rosnou as palavras em seu ouvido enquanto sua mão acariciava de seu quadril para o fechamento de seu jeans.

Abrindo o botão e o zíper da calça jeans até que se separaram e seus dedos foram capazes de entrar.

Devia impedi-lo, sabia. Nunca deveria permitir que fosse tão longe. Não podia se permitir afundar tanto nesse emaranhado de sensações.

Mas estava acontecendo.

Suas coxas se separaram quando seus dedos encontraram o tufo suave de cachos entre suas coxas.

Ele não a beijou. Mas naquele momento cada pensamento estava centrado no que ele estava fazendo, e não sobre o que ele não fez.

Houve pouquíssimas preliminares, mas não precisava delas esta noite. Quando seus dedos encontraram a fenda, saturada e sensibilizada de sua boceta e as dobras inchadas da carne entre as coxas dela, se perguntou se de alguma forma perdeu sua mente naquele momento.

Porque não havia como o toque de qualquer homem ou Casta realmente parecer tão bom.

Realmente sentiu a sensação de repente, por todo o seu corpo, quando algo muito além do prazer que rasgou por seus sentidos.



Um grito deslizou de seus lábios. Áspero, irregular, foi um que ecoou com um êxtase crescente e necessidade que não podia controlar.

Ela não queria controlar.

—Lawe, isso é perigoso! — Sua voz estava cheia da necessidade de mais, medo de mais, e a exclamação veio apenas enquanto seus dedos acariciaram em torno de seu clitóris, agarrando-o e começando a ordenhá-lo.

Os joelhos enfraqueceram quando se arqueou sensualmente pelo prazer, pelo erotismo doloroso. Mal podia puxar o ar, as sensações tão brilhantes. Tudo que podia fazer era abrir mais suas coxas. Inclinando seus quadris mais perto, Diane o alcançou atrás para segurar seu pescoço enquanto seus dedos laçavam o broto apertado, deslizavam mais abaixo, em seguida, afundaram no interior apertado, nas profundidades de sua boceta.

Ela gemeu. Seus músculos internos apertaram, flexionaram e convulsionaram em torno deles.

—Sinta seu corpo ordenhando meus dedos. — O rugido em seu tom, animalesco e primitivo, fez seu útero apertar pulso após pulso com excitação erótica. — É assim que vai pegar meu pau, Diane. Toda doce e quente. Como um punho apertado envolvendo em torno dele e chupando meu pau até que eu exploda dentro de você. — Seus dedos empurraram mais fundo, a sensação deles áspera e calejada. — Até eu bombear meu gozo com tanta força dentro de sua boceta que nós dois vamos morrer com isso. Tão apertado dentro de você que não vamos saber onde um começa e o outro termina.

E ela não se importaria.

Estava tão perto.

Não se importaria onde ele começava e ela acabava. Tudo que se preocupava agora era o prazer e a necessidade de liberação que atingia sua corrente sanguínea como uma febre.

—Tão sedosa e quente. — Seus dedos deslizaram atrás antes de bombear dentro dela novamente forte e profundo e outro grito irregular sair de seus lábios.

—Quero provar você, Diane. — Sua voz era mais gutural, mais áspera que nunca. — Quero te foder com minha língua, provar todos os seus sucos doces e sentir você gozar para mim. Quero provar seu prazer, até que esteja me afogando em você.

—Lawe, por favor. — Ela não podia suportar. A necessidade de liberação crescia, apertava, ardia dentro dela até que sentia como se as chamas estivessem lambendo através de seu corpo. — Apenas faça, maldito.

—Acasalar com você? — Seus dedos estavam dentro dela, acariciando, tocando, esfregando contra terminações nervosas nunca tocadas antes e sensíveis demais para suportar por muito tempo. — Se eu acasalar com você, Diane? Der meu beijo e deixá-la louca pelo calor que vai nos encher?

—Por que está fazendo isso comigo? — Ela gemeu quando a realidade ameaçou se intrometer.

Um gemido cresceu em seu peito quando as sensações começaram a se juntar numa conflagração branco-quente que não tinha mais nenhum controle.



Podia sentir seu lançamento crescer, sentir seu ventre, sua boceta, seu clitóris apertar, chegando, correndo para a cabeça em êxtase.

—Você é minha, — ele sussurrou em seu ouvido enquanto seus dedos acariciavam, esfregavam, empurravam o tecido apertado. — Meu cheiro cobre você. É meu toque que a deixa dolorida e só meu toque vai satisfazer essa doce e pequena boceta quente.

Seus dedos estavam se movendo mais duro dentro dela. Mais rápido. Podia sentir que começava a derramar através dela, como uma onda correndo fora de controle, batendo com ela, crescendo, surgindo...

Ela queria gritar.

—Por que está fazendo isso? — Ela gritou, desesperada pela liberação enquanto ele a atormentava. —Por favor, Lawe. . .

—Não acho que vai deixar outro fazer, Diane, — rosnou em seu ouvido, beliscando-o. — Porque nenhum outro nunca vai te dar isso. . .

Mais duro.

Seus dedos dentro dela a fodiam num ritmo que a deixou ofegante pela selvageria do prazer, alcançando, gritando e dando-se a cada sensação incandescente que desencadeava dentro dela.

Quando o êxtase a golpeou não pode fazer nada além de se elevar para ele e suspirar para o ar, sua boceta apertando os dedos, convulsionando, derramando mais de seus sucos quando disparou seu clímax com um poder que a deixou fora de controle.

Ela nunca conheceu algo tão intenso, tão erótico e selvagem. Um orgasmo nunca a jogou tão violentamente no êxtase, em tal êxtase que não havia controle, sem negação ou realidade, apenas Lawe e a culminação de seu toque.

Com Lawe não havia como desacelerar, nenhuma maneira de aliviar alguma coisa ou controlá-lo.

Ela era sua.

Dependente dele para ficar de pé e não cair no chão.

Dependente dele para segurá-la contra ele, compartilhar seu calor, seu batimento cardíaco, protegê-la nos poucos momentos frágeis em que estava indefesa e incapaz de se proteger.

Era dependente de Lawe para garantir que voltasse para seu próprio corpo após voar através do espaço e do tempo. Para deslizar pela selvageria anterior de cada réplica, murmurar o nome dela em seu ouvido, trazê-la lentamente de volta a Terra, antes que tirasse os dedos das garras apertadas e convulsivas de seu sexo.

Estava caída contra ele quando a virou em seus braços, uma mão pressionando sua cabeça contra o peito enquanto o som de seu coração batia em fúria no peito em seu ouvido. Sob a batida furiosa um grunhido de macho primitivo retumbou como um soluço que quase a arrancou de seu peito.



Seu domínio, a maneira como se envolveu em torno dela, a maneira como a desafiou a nunca permitir que outra pessoa a tocasse, assim como lhe deu um prazer que sabia que nunca chegaria sem ele, aumentou cada medo que já tinha dele.

Dela própria.

Se permitisse, Lawe Justice roubaria cada milímetro de sua independência, todas as chances de ser a mulher que sempre lutou para ser.

Poderia ser ela mesma, ou poderia ser sua companheira.

Em pé em seus braços, lutou contra as lágrimas que enchiam seus olhos.

Nunca poderia ser ambas.

— Não posso ser alguém que não sou, — ela sussurrou dolorosamente, não se preocupando em esconder o conflito dentro dela, como não se preocupou em esconder a dor.

Não havia como escondê-la profundo o suficiente para impedi-lo de sentir. Estava simplesmente muito fraca, e muito dilacerada.

— Como sabe a extensão de quem você é? — Sua mão a acariciou delicadamente pelas costas quando fez a pergunta em voz baixa. — Como sabe Diane, se o destino não lhe deu uma saída que não sabia que precisava?

Ela endureceu, com a cabeça aninhada em seu peito enquanto piscava as lágrimas e aceitava o conhecimento que Lawe jamais aceitaria o fato que era exatamente o que fez toda a sua vida. A luta pela justiça, o sentimento de ser parte dessa luta, de simplesmente fazer a diferença, apenas uma diferença, sempre esteve no âmago de quem e do que era.

— Eu sei quem sou. — Assim como sabia que não podia aceitá-lo. — Sei o que o destino reserva para mim, Lawe. Você é o único que não quer aceitar. Não quer me aceitar.

No entanto, ela o aceitou. Cada parte dele. A arrogância. A genética, a força Casta e a confiança fenomenal que possuía.

Aceitou tudo o que era e não havia nada que quisesse mudar.

Nada, exceto sua recusa em ver quem ela era.

Sua companheira.

Muito mais que um jogo da biologia, ou mesmo um laço emocional. A companheira era mais que uma esposa, uma foda disposta ou a sobrevivência da espécie Casta.

Ela era sua igual feminina.

A outra metade dele.

Sua mão direita, esquerda se fosse isso que precisasse.

Sua espada.

Guerreira ao seu guerreiro.

E tudo que ele queria era que fosse o brinquedo que tirava para diversão sempre que tivesse tempo.



Ela recuou e olhou para ele com tristeza. Seu corpo ainda vibrava, seu sexo doía e a fome por ele queimava mais quente e mais brilhante dentro dela.

Ele era sua outra metade também.

Sua mão direita.

Seu guerreiro, seu parceiro, sua força, assim como sua fraqueza. Raiva atingiu sua alma por ele se recusar a aceitá-la como ela o aceitou.

—Eu preciso ficar sozinha...

—Não, Diane.

Sua mão a agarrou quando ela se moveu mais longe dele. — Preciso pensar Lawe. Preciso saber se posso ser o que precisa antes que isto vá mais longe.

—É tarde demais para negar. — Seu olhar pesado e taciturno cortou o dela. — O calor do acasalamento não funciona dessa maneira.

O queixo se levantou.

Inferno.

—Nada de regras, Lawe. Sem calor do acasalamento, sem emoção ou necessidade. Nem mesmo você. Vou aceitar de bom grado, ou não será uma parte da minha vida. E preciso considerar o que posso e não posso aceitar. — Ela continuou até a porta e a abriu lentamente enquanto ele a seguia. —Por favor, saia.

—Não terminamos.

Ela tomou suas palavras de despedida como uma declaração de intenções.

—Ainda nem sequer começamos, — informou a ele. — E não vamos, até eu decida estar pronta.

—Deveria apenas ter beijado você.

—E eu nunca deveria ter retornado aqui, — ela retrucou. — Você não é meu chefe, nem meu carcereiro. Agora, por favor, saia. Pelo menos, me permita à chance de aceitar o que não pode ser mudado aqui e ir a partir daí.

Seus lábios apertaram. Ele não respondeu. Passou por ela, caminhando para a sala antes de virar e ir na direção dos elevadores, mais uma vez.

Quando Diane fechou a porta, sabia que sua vida tinha acabado de tomar um rumo. E era, muito possivelmente, um rumo para que não estava totalmente pronta.



CAPÍTULO 4

Em algum lugar entre o ponto A e o ponto B, ela conseguiu perder sua mente de merda.

Em algum lugar entre Lawe se movendo atrás e um orgasmo que irrompeu como um vulcão dentro dela, seu bom senso tirou férias e deixou sua libido no comando.

Má ideia.

Ideia muito ruim.

Porque sua libido não tinha bom senso e com certeza não tinha instintos de autopreservação.

De pé embaixo da ducha na manhã seguinte, com os olhos fechados enquanto a água jorrava sobre seu corpo, Diane admitiu que pudesse ter cometido o pior erro da sua vida quando se permitiu aqueles poucos momentos de prazer.

Sim, de fato, permitir a Lawe Justice uma janela para a maior fraqueza de uma mulher era um não-não. O toque dele era sua maior fraqueza, o beijo sua fantasia, sua posse uma fome dolorida que atravessava seus sentidos.

E seria sua destruição, se ela permitisse.

Ontem à noite devia estar com algum tipo de avaria. Essa era a única maneira que permitiria que isso acontecesse, assegurou a si mesma. Afinal, seu bom senso estava, normalmente, firmemente intacto. Seu tio não a criou para ser boneca ou animal de estimação favorito de ninguém.

E podia ver tão facilmente Lawe tentando transformá-la em seu animalzinho de estimação favorito.

Ela estremeceu de horror pelo pensamento. Mas quase aconteceu ontem à noite. Ela permitiu que ele fizesse muito mais que tocar. Ela permitiu muito mais que a fraqueza que veio com o momento de prazer.

Ele a fez se arrepender por sua falta de vontade de ser um animal de estimação dos Castas — por quantos segundos bloqueou seu orgasmo? Certo, pelo tempo que o arrebatamento a manteve em suas garras, que foi o tempo que teve para se arrepender.

A sensibilidade de sua carne esta manhã era irritante, contudo. A sensação de uma carícia fantasma contra seus mamilos sensíveis, a necessidade de seu beijo tentando seus sentidos. Todas essas coisas eram algo que simplesmente não precisava agora.

Porque sabia exatamente o que era.

Era o calor do acasalamento.

Deixou a água bater em cheio no rosto, querendo saber se poderia possivelmente lavar o conhecimento que de alguma forma essa genética animal selvagem que Lawe possuía a escolheu como sua companheira.

Ela devia estar honrada?



Quanto ele ficaria insultado se soubesse que não estava, ela se perguntava quando bateu na parede do chuveiro e deixou um rosnado de indignação muito humano passar por seus lábios.

Ela apenas, simplesmente não precisava disso.

Não estava disposta a negá-lo, contudo se veria em problemas muito maiores do que já estava. Negar o fato que o calor do acasalamento estava pronto para iniciar um incêndio através de seus sentidos era a pior coisa que podia fazer.

Negar seria um erro ainda maior do que o feito. Talvez um beijo para ser compartilhado, ou até a transgressão final — realmente teriam sexo e, em seguida, a agonia do calor varreria através dela e Lawe com uma força que seria destrutiva para ambos.

Diane estremeceu com o pensamento. Uma onda de fome debilitante a varreu, amolecendo seus joelhos ao pensar em ter o macho primitivo se movendo sobre ela.

Movendo-se nela.

Esticando sua carne interna...

Tomando-a...

Fodendo com ela como um homem possuído pela besta que sua genética derivava.

Oh sim, poderia então começar no prazer.

Era o pensamento que a posse era definitiva que a deixou completamente em pânico, no entanto.

Era o pensamento de estar atada. Desamparada. Vendo a morte roubar aqueles que conhecia, aqueles que amava, e ser incapaz de detê-la.

Os pais dela, porque era muito jovem.

Seu tio, porque não confiou nela para ajudá-lo.

E Padric. Padric com os olhos sorrindo, seu sorriso desprendido e seu amor pela poesia. Ela não foi capaz de salvá-lo, porque nem ele nem seu tio ouviram suas advertências que o passado nunca ia completamente embora.

Com uma balançada dura de cabeça, Diane saiu do chuveiro e rapidamente se enxugou antes de vestir calça jeans, uma camisa de seda branca sem mangas, botas de couro meio desgastadas que ela preferia.

Ajeitar o cabelo era uma simples questão de passar os dedos por ele enquanto espalhava um gel leve e organizava as ondas pesadas à medida que caíam até os ombros.

Arrumá-lo não era exatamente normal para ela, mas no momento precisava de toda autoconfiança feminina que pudesse. Enfrentar Lawe naquele encontro com Jonas não seria fácil.

Na verdade, tentava matar a excitação. Estava lavando seu corpo inteiro com o calor e fazia cada zona erógena no corpo dela se iluminar como o Quatro de Julho.

Maldição.



Tudo que era capaz de pensar era em rodar no corpo duro e poderoso. Se mover acima dele. Tomá-lo dentro dela. Senti-lo trabalhando o comprimento intumescido de seu pau em sua...

Controlando o poder requintado, excepcional, masculino...

Ela estremeceu novamente, olhou no espelho, em seguida, fez uma careta para a imagem totalmente feminina que viu no espelho.

Aos olhos dos homens com quem lutava e comandava, havia uma diferença entre ser fraco e fraqueza feminina. Assim como havia uma diferença entre ser mulher e possuir um lado “mocinha” que nunca afetou sua capacidade de levá-los, e ser uma mulher submissa. E submissa era algo que Diane sabia que nunca poderia ser. Por isso não afetava sua vontade de segui-la.

Seguiu a aplicação leve de maquiagem, só um pouquinho de uma base em pó. Passou mais tempo esfumando os tons de sombra aplicados em seus olhos e uma leve aplicação de rímel para alongar e engrossar os cílios. A camada de gloss para os lábios, então um spray leve de seu perfume favorito.

A mulher que olhou para ela não era a mulher que se registrou no hotel na noite anterior. Desgastada, exausta e lutando para carregar suas malas para o quarto, sentiu como se nunca fosse descansar o suficiente.

Esta manhã, descansada, de olhos brilhantes e se aproximando de uma mente clara, ela respirou fundo e deu um breve aceno para sua imagem. Determinada a nunca permitir que seu toque pudesse estar comprometido, mas mesmo agora, estava lidando com as consequências disso.

Sua boceta estava molhada e aquecida, ansiando por seu toque.

Seus mamilos estavam apertados e duros, ansiando por seus lábios, o toque de sua língua, sugados pelo calor de sua boca e a lixa de seus dentes.

Cada célula do seu corpo ansiava pelo calor dele, mas não estava agonizando. Era irritante. Malditamente irritante. Estava perto de uma compulsão, mas estava lidando com isso.

E ia continuar lidando com isso, prometeu a si mesma. Olhando para a imagem no espelho, decidiu que estava pronta para enfrentar o dia.

Ou Lawe.

Um rubor correu pelo seu rosto e abaixo do pescoço pela memória do prazer escaldante que atravessou seu corpo no auge de seu toque na noite anterior. Um prazer que inundou todo o corpo dela. Foi tão inesperado, tão quente que estava indefesa contra ele.

A enfraqueceu, aqueceu, marcou uma parte que ela não conseguia explicar.

E a liberação. . .

Era um gemido escorregando por seus lábios?

Agarrando apertado o balcão, ela respirou fundo e lutou contra a dor insidiosa, que insistia em atormentar as partes mais femininas de seu corpo.



Tinha que parar.

Ela podia sentir sua boceta molhando, apertando, se preparando para a posse definitiva e final do animal macho.

E tinha que impedir que isso acontecesse.

Agora.

Não podia ir neste encontro com Jonas Wyatt cheirando a necessidade sexual e incapacidade de se concentrar.

Não podia permitir que Lawe Justice transformasse sua mente numa desordem como esta.

Havia muito em jogo, não apenas para as Castas, mas para sua irmã e sua sobrinha também.

O soro que o gigante da pesquisa médica, Phillip Brandenmore, injetou em sua sobrinha era tão desconhecido que não tinham ideia do que faria à criança.

Diane sabia que havia mudanças em Amber. Podia vê-las quando passou mais de algumas semanas longe do bebê. E então houve a noite, quando Rachel chamou pela linha segura, enquanto Diane estava fora do país numa missão.

Rachel estava soluçando.

Sua filha estava ronronando, ela chorou, e as outras crianças assobiavam e batiam no bebê quando ela estava por perto, fazendo Amber chorar.

Amber não era Casta, mas estava agindo como uma Casta, e estava ficando com medo das outras crianças por causa de sua reação a ela. Ficava isolada, choramingando sempre que Rachel a levava perto de outras crianças, por causa de suas reações a ela. Amber estava agora com medo de todas as crianças, e tinha apenas oito meses de idade. Era muito pequena, muito jovem para enfrentar uma reação tão instintiva e primitiva dos outros da sua idade.

Rachel estava quase histérica e tentando esconder sua dor e medo de seu companheiro, Jonas. Rachel chamou sua irmã em vez disso e derramou o mundo de dor dentro dela a dor atormentando.

A agonia, enquanto as mudanças em seu bebê se tornavam mais perceptíveis, estava destruindo-a. Soluçando, implorou apenas para Diane fazer o que estava acontecendo com Amber parar, quando ambas sabiam que se pudesse ser detido, em seguida, Jonas já teria feito o que fosse necessário para pôr fim nisso.

A mãe dentro de sua irmã estilhaçou e chorou pelas mudanças em seu bebê. Mudanças que eram tão incertas e desconhecidas.

A Rachel corajosa, forte e flexível esperou até seu companheiro ir para o DC e então se partiu. Foi então que ela, finalmente, chamou sua irmã e disse o que estava acontecendo com Amber após Brandenmore tentar sequestrá-la naquela noite.

Diane correu de volta para os Estados Unidos no meio de uma missão apesar da raiva dos homens, e voltou para o lado de sua irmã.

O que viu por si mesma a chocou profundamente, e a apavorou.



Aos cinco meses de idade Amber a olhava com uma inteligência e compreensão que Diane não conseguia processar.

Amber não estava falando ainda, mas Diane tinha a sensação mais intensa que Amber sabia exatamente o que queria dizer se pudesse falar.

O medo de que Amber fosse prejudicada no futuro rasgava aqueles que a amavam. Tanto assim que Diane começou a investigar imediatamente Phillip Brandenmore na busca pelos cientistas que o ajudaram a criar o soro.

Jonas tinha sua própria investigação andando, mas, como ela disse, Amber não seria sua primeira vítima. Um cientista nunca usava seu objeto de pesquisa mais importante em primeiro lugar. E Amber era muito importante por algum motivo. A razão Diane ainda tinha que encontrar.

Havia outros.

Diane queria respostas e estava em posição de apertar botões e ir mais longe que os Castas. Eram vistos com a mesma intensidade que qualquer experiência sob um microscópio. Só podiam trabalhar nas sombras, mas o tipo de interação social que Diane era especialista, eles realmente não podiam fazer. Esse tipo de vida que Diane nasceu e viveu até ser uma adolescente.

Poderia subornar, fazer charme e ameaçar pessoas que os Castas tinham mais dificuldade em conseguir, nessa configuração mais social. E podia fazê-lo sem ter que matar mais tarde. Afinal, não havia maneira de ferir os Castas indo atrás dela. Só iam prejudicar sua irmã. E a si mesmos, se o mundo descobrisse que feriram a esposa do diretor do Escritório de Assuntos Castas.

Diane encontrou nos últimos três meses exatamente o que suspeitava. Encontrou provas que Brandenmore fez o mesmo experimento antes, e mais de uma vez. As cobaias deste primeiro teste foram mais de 20 anos atrás, e terminou quando o soro resultou em febre selvagem. No segundo teste, houve sucesso, medíocre. Pelo menos, não perderam as cobaias do teste que usaram para ajudar a criar seu soro.

O mesmo soro que deu a Amber.

Três crianças. Um Casta Bengala macho, uma jovem que foi expulsa por sua família influente, quando foi diagnosticada com HIV positivo, e uma criança registrada como sequestrado de sua família militar muito influente, e mantida por cinco anos. Aqueles foram suas segundas cobaias.

O Casta e a mulher expulsa deviam ter sido assassinados uma vez que os experimentos com o soro foram consideradas um sucesso e os cientistas se moveram para indivíduos adultos. A filha da família militar foi devolvida à sua família, livre da leucemia fatal que se espalhava rapidamente, diagnosticado na idade de dois anos.

Tudo começou com aquelas crianças. Crianças que agora eram adultos e, de acordo com uma mensagem anônima que recebeu através de um contato que encontrou em Nova York antes de partir para a Argentina, ainda estavam vivos. Estavam mais que vivos, estavam prosperando. E tinham as respostas para os perigos, e mudanças que Amber agora enfrentava. Movendo-se para a sala de estar da suíte do hotel, Diane pegou a mochila que carregava para onde quer que fosse e se dirigiu para a porta.



Estava alcançando a maçaneta quando uma batida pesada soou do outro lado. Sabia quem batia. Thor não era exatamente tímido.

Um sorriso inclinava seus lábios enquanto abria a porta e olhava os quatro homens que comandava desde a morte de seu tio cinco anos antes.

E a maldita advertência que escorregaram sob sua porta do hotel a assombrava.

Havia um espião perto dela. Estes quatro homens eram os mais próximos e as únicas pessoas, além de sua irmã, que Diane confiava. E não podia descontar o fato que cada vez que pensava que encontrou alguém que sabia alguma coisa, e compartilhou essa informação com seus homens, algo aconteceu com suas fontes.

—Tive a sensação que estaria pronta para sair antes de uma hora humanamente decente, — resmungou Thor, seu olhar claro, mas seu comportamento da manhã normal. Rabugento como o inferno.

Esse era o problema. Não podia imaginar qualquer um de seus homens a traindo. Inferno. Sentia-se como uma traidora apenas por considerar que um deles pudesse traí-la.

—Perdeu seu café desta manhã, Thor? — Ela perguntou maliciosamente quando ele a olhou silenciosamente. — Vamos, ouvi que Jonas está com Rachel na cidade. Ela sempre se assegura que ele tenha um excelente café em seu escritório. — Fechando a porta firmemente atrás dela, saiu à frente dos outros enquanto ignorava a esperança que iluminava sua expressão melancólica.

—Qualquer nova informação chegou chefe? — Brick perguntou quando se dirigiram para os elevadores. — Estou pronto para ir para casa para umas pequenas férias.

Diane pôs algumas antenas um pouco antes de sair da Argentina. Ela encontrou vários cientistas e técnicos de investigação que trabalharam no laboratório Omega na Cordilheira dos Andes, bem como aquele que trabalhou brevemente num laboratório pouco conhecido no Alasca, nas montanhas Denali.

No entanto, conseguir que qualquer um deles falasse, uma vez que conseguiu escapular de seus homens não foi simples. O medo era um inferno de silenciador e trabalhar em torno dele muitas vezes não era o mais fácil.

Chantagem era uma palavra tão suja, e por isso muito eficaz quando os cientistas e assistentes de pesquisa ficavam aterrorizados se o mundo descobrisse que trabalharam com Brandenmore ou o Conselho de Genética.

Foi então que Diane descobriu sobre as três cobaias dos laboratórios de Brandenmore que desapareceram. Cobaias que foram tratadas durante anos com o soro que Brandenmore criou.

Se esses três ainda viviam, significavam as respostas que ela precisava para Amber também estavam lá. Naquela noite, Diane encontrou a nota de aviso em seu quarto. A localização e o aviso que estava sendo traída por alguém próximo a ela. Estava assinado, O Carrasco. Rumores diziam que um Casta estava matando os cientistas e alguns pesquisadores que trabalharam nos laboratórios secretos que Brandenmore atribuiu à pesquisa Casta.



—Evidentemente que não, — respondeu Thor, seu tom revoltado quando ela não falou.
— É como se sumissem da face da terra, Diane. Não há nem mesmo uma pista de onde poderiam estar.

Oh, havia uma pista, Diane sabia, mas simplesmente não podia compartilhá-la ainda. Não até que conseguisse verificar por si mesma e descobrir exatamente o que estava acontecendo.

Odiava desconfiar de seus homens, mas também não era estúpida. Havia algo que simplesmente não parecia bem desde sua captura no Oriente Médio, 16 meses antes. Algo que nunca encaixou.

Inimigos de seu tio nunca deveriam tê-la encontrado enquanto estava na Síria. Não sabiam como ela se parecia. Usou um passaporte falso e credenciais, e não tinha nenhum de seus próprios contatos lá. Não estendeu a mão para nenhum dos contatos de seu tio também.

Então, como sabiam não só onde estava, mas também quem estava fingindo ser a essa hora?

Teve a sensação que foi traída então, mas apenas seus homens sabiam onde estava naquele dia, e o que estava fazendo. Ninguém mais sabia, e ela com certeza não mostrou sua própria localização.

Seus pensamentos foram cortados quando a porta do elevador abriu, deixando-os no cheio lobby do hotel.

—Péssimo esse maldito filho da puta do Brandenmore morrer, — Malcolm murmurou atrás dela. —Poderíamos ter arrancado às informações dele.

Que foi a sugestão de Malcolm desde o início. Diabos, seu desejo de Natal foi dois minutos com o homem morto para garantir que sofresse antes de matá-lo novamente.

Um homem crescido que ainda fazia desejos de Natal. Ele nunca deixava de diverti-la.

Assim como pensar em Brandenmore nunca deixava de irritá-la.

Brandenmore estava na cama com o Conselho de Genética bem antes dele mesmo perceber isso. Seu pai e seu avô, ambos, apoiaram o Conselho de Genética e esperavam se beneficiar das experiências e criações que o Conselho concebeu.

Através de sua conexão com eles e a revelação do retardo do envelhecimento com os acasalamentos Castas, Brandenmore foi atraído para pesquisar o fenômeno.

Um fenômeno que encontrou motivos para suspeitar que pudesse não apenas retardar o envelhecimento, mas também curar qualquer doença humana que o companheiro humano pudesse ter.

Uma vez que desse a qualquer criança fêmea na puberdade seu soro, Brandenmore teorizou, então ela possuiria a habilidade de se acasalar com qualquer Casta também. O soro retardaria seu envelhecimento uma vez que atingisse sua maturidade sexual, curaria qualquer doença, e também garantia a concepção Casta híbrida e possivelmente ajudaria Brandenmore a encontrar a cura para o câncer que ocorria em sua família.



Isso não era exatamente verdade, como Diane entendia. O calor do acasalamento fazia muito mais que o soro de Brandenmore, e muito menos que seus arquivos e as informações que Rachel lhe deu apontavam.

Castas acasalavam para a vida, Rachel disse a ela. Os Castas conhecidos que perderam o companheiro e sobreviveram à perda viviam tristes vidas miseráveis. O soro não era um acasalamento. Não poderia aliviar ou curar um acasalamento. E no caso de Brandenmore, causou uma morte dolorosa e terrível.

—Wyatt enviou um carro para nós, — informou Aaron enquanto atravessavam o saguão e se dirigiam para a saída da frente. — Deve estar esperando fora do hotel.

Diane acenou com a cabeça ao invés de fazer o comentário mordaz que faria em qualquer outro momento.

Este encontro com Jonas era muito importante para qualquer possibilidade de viagem que não fosse o Escritório. Só esperava que entendesse a pista e encontrasse uma maneira de distraí-la dos homens antes do início da reunião.

—Um dos meus contatos chamou na noite passada. — Thor se aproximou quando os outros homens avançaram. — Preciso encontrar com ele esta noite. Ele pode ter alguma informação de onde o general Roberts e sua filha estão.

Ela olhou para ele, de repente, ciente do fato que estava garantindo que ninguém o ouvisse falar, apenas ela.

—Quão confiável é seu contato? — Ela perguntou a Thor, mais uma vez, se congratulando por torná-lo seu tenente. Se o que estava dizendo era verdade e não uma traição.

Ele se tornou um ímã de informação desde a promoção e o pequeno aumento de salário. Suspeitas de lado, nunca falhou em encontrar o que precisavam, não importa a missão que estavam.

—Confiável, — ele disse suavemente. — Mas prefiro manter isso entre nós no momento. Não há sentido em decepcionar os outros, enquanto estão sonhando com férias, — ele bufou.

Diane forçou um sorriso, mas teve que admitir, os outros estavam antecipando as férias se Jonas não descobrisse nada.

Estaria o homem determinado a traí-la tão ansioso para escapar de sua presença?

—Deixe-me saber quando sair, — ela disse calmamente. —Precisa de apoio?

—Não deveria, — respondeu ele. — Mas avisarei quando verificar algumas coisas lá fora.

Isso era estranho para Thor. Ele raramente saía sem apoio, e nunca viu o vislumbre escuro da suspeita que via em seus olhos agora. Apesar das desculpas que estava dando, havia outras razões que não informou aos outros da reunião que estava montando. Olhando para cada homem, não podia imaginar qualquer um deles traíndo-a, embora soubesse, até a sola dos seus pés, que alguém a traiu na Síria. Ela também sabia que estava sendo observada nos últimos meses. Essa suspeita, uma coceira na sua nuca, não ia embora.



Movendo-se através da saída, Diane fez uma pausa, o olhar dela subindo e descendo pela rua lotada de DC quando uma carranca começou a franzir sua testa.

Jonas nunca se atrasava, e nem seus Executores ou motoristas.

—O carro não está aqui, — resmungou Thor, confusão e preocupação evidentes em sua voz.

—Engarrafamento, talvez? — Malcolm o consultou enquanto também começava ficar tenso.

Diane sentia isso agora, aquela coceira peculiar na nuca, um alerta que não era antecipação.

Andando rápido em seus saltos tinha a sensação de ter um alvo pintado na cabeça. Direto entre os olhos. Um dedo no gatilho e que o dedo não ia esperar.

Viver pela espada, morrer pela espada, ela leu uma vez. Quando o caçador se tornava experiente o suficiente, ficava imediatamente ciente de se tornar a caça. Seu tio disse isso apenas semanas antes de ser morto naquela explosão do armazém.

Ela não estava apenas sendo vigiada. Não estava apenas sendo rastreada. O dedo estava literalmente apertando o gatilho.

—Se movam! — Ela gritou a ordem, seu olhar girando em torno, verificando os inocentes na linha de fogo enquanto se movia para empurrar uma senhora idosa para a segurança das portas do hotel.

O som da bala chicoteou passando por sua cabeça com um gemido de perigo e morte, pouco antes de explodir no cimento e parede de pedra do edifício atrás dela.

Gritos começaram a ricocheteiar em torno da calçada quando outra rajada de tiros soaram e começou a chover balas. Gritos de choque e medo começaram a encher a multidão ocupada da manhã, que corria para o trabalho ou afazeres. Estavam agora correndo para salvar suas vidas quando outra rodada de armas automáticas começou a respingar pelas ruas movimentadas.

Buzinas de carros soavam, acidente de metal contra metal e gritos de histeria ecoavam em sua cabeça enquanto ela se mexia para puxar uma adolescente apavorada do lado da rua para a entrada do hotel.

Diane estava lutando para entrar, segurando a porta aberta enquanto empurrava a criança, em seguida, viu Malcolm e Thor, de repente pegar Aaron sob o braço enquanto uma flor de cor vermelha começava a molhar o tecido de sua calça sobre sua coxa.

—Mexam-se! Movam-se! — Diane gritou para os presentes, abaixando a cabeça quando a janela grande ao seu lado explodiu e vidro começou a chover em torno dela.

O bastardo estava atirando nela.

Era apenas distantemente consciente dos gritos, sirenes e mais tiros.

Era uma rua movimentada, a não mais que algumas quadras da Casa Branca. A resposta imediata que convergia para a área seria engrossada com o serviço secreto, ATF, FBI e qualquer outra agência de execução baseada atualmente na cidade.



Mas as balas ainda estavam gemendo quando Diane gritou para Thor mover sua bunda enquanto arrastava uma jovem profissional através da porta e a histeria ameaçava a jovem.

Quando ela se virou em busca de seus homens para garantir que estavam em segurança, foi subitamente agarrada pela cintura, puxada contra um peito duro e jogada através da entrada em cacos e cimento explodidos ao seu redor. O lado do prédio onde sua cabeça esteve parecia que um punho de ferro bateu no seu interior. Então estava voando pelo ar e batendo contra um peito duro no piso do átrio.

—Thor! — Ela estava ciente de Lawe saltando em pé num movimento felino gracioso que invejou quando correu para o Aaron ferido. —Como ele está?

—Fodidamente vivo, — Aaron rosnou, com o rosto áspero apertado de dor e fúria.

Estava estirado no chão com um torniquete que Brick rapidamente pôs em torno de sua coxa com um cinto.

Gritos, ordens berradas e Castas preenchiam a área. Frios, olhos duros e armados ferviam pelo hotel e pela rua antes de desaparecer inteiramente quando Diane virou, seu olhar indo para Lawe que estreitava os olhos com conhecimento.

—Estavam atirando em mim. — E ela não estava armada. — Droga, disse a Jonas que precisava de armas públicas permitidas.

A raiva de repente a inundou enquanto ela olhava em volta para as chorosas, feridas e chocadas vítimas que encontraram segurança dentro do hotel.

—Que diabos está acontecendo? O que achou Diane? — Lawe de repente estava em seu rosto, seus caninos piscando e, pela primeira vez, seus gélidos olhos azuis não estavam gelados.

Estavam queimando. Uma chama interior azul piscava dentro dos seus olhos ardente e furiosa quando agarrou seus ombros e deu-lhe uma sacudida.

—Inferno se sei, — ela gritou de volta furiosamente quando se afastou dele e se mexeu pelo chão para seus homens. — Onde estava meu motorista? Se Jonas não tivesse sua merda e meu motorista estivesse lá fora, então não teria a porra dos tiros e meus homens não seriam feridos.

Aaron não era o único atingido. Brick e Malcolm estavam ambos sangrando, embora as feridas de Aaron parecessem ser piores.

Todos os três levaram tiros em suas pernas. Aaron foi atingido na coxa, Brick parecia ter uma ferida na carne, enquanto Malcolm amarrava um torniquete em sua perna. Nenhum dos ferimentos era fatal, mas definitivamente o suficiente para afastá-los por um bom tempo.

Lawe fez uma careta, sua expressão selvagem quando, mais uma vez, olhou ao redor da sala, enquanto o som das estridentes sirenes fora crescia. —O inferno se sei, mas prometo que vou descobrir.

O som de tiros cessou, como se com a possibilidade de pegá-la com uma das balas passasse e o atirador encontrasse coisas melhores a fazer que brincar com sua arma.

—Como de ruim está isso? — Ela questionou Thor quando se aproximou para verificar seus homens.



—Mal o suficiente. — Nojo enchia a voz do gigante. —Todos os três estão fora de combate. Sairão de férias quer queiram quer não.

Também garantia que nenhum dos três tentaria segui-la, ou a trairia ainda mais, que seus esforços seriam adiados.

Aaron, Brick e Malcolm não pareciam felizes. Estavam olhando para ela, os lábios pressionados firmemente juntos, seus olhares fixos. — Que diabos está acontecendo, chefe? — Aaron rosnou.

Diane deu uma sacudida rápida de sua cabeça. —Não sei Aaron, mas pretendo descobrir.

—Não vai fazer nada, — Lawe a agarrou por trás enquanto seus dedos de repente, agarravam seu braço, a puxando para parar. — Os cinco estão fora. O resto de vocês vai para casa. — Então se virou para Thor. — Leve Diane para o Santuário. Um heli-jet estará aqui a tempo de transportá-los para lá, e então o piloto vai voar para onde você precisar ir.

Diane congelou.

Seu olhar encontrou Thor quando Lawe começou a gritar ordens para os Castas ainda no lobby. A maioria dessas ordens se centrava em torno de protegê-la.

Como o inferno.

Estava consciente de seus homens olhando para ela. Brick, Aaron, Thor e Malcolm permaneciam em silêncio enquanto ela olhava para eles.

Podia sentir a desconfiança, de repente ver um vislumbre dela em seus olhares.

Ela não seria protegida. Levou muitos anos para provar a seus homens que poderia comandá-los. Que poderia protegê-los.

Infelizmente, no momento, precisava deles longe dela. Até que descobrisse o que estava acontecendo, era o melhor.

Lawe se afastou como se suas ordens fossem tudo que importava.

—Chefe? — Thor a questionou suavemente. —O que vamos fazer?

—Parece-me que estamos indo para casa. — Brick bufou quando deu a ela um olhar acusador.

Nesse segundo, tão facilmente, Lawe estragou o próprio fundamento da sua vida.

—Chefe? — Thor perguntou de novo, seus olhos azuis se estreitando.

—Não encontrei nada ainda, Thor, — afirmou, mantendo a voz baixa. —Se não tivermos mais informações antes de amanhã, então parece que estamos de férias.

Seu sorriso era apertado. Sentia gelo por dentro. Congelada.

Ela sabia onde estava indo. Não tinha que entregar o que sabia; podia esperar. Se encontrasse quem ou o que estava procurando, então poderia chamar Jonas. Talvez então soubesse qual de seus homens era o traidor. Não que houvesse uma chance de ganhar qualquer ajuda deles agora. Lawe era outra história.



Como ousava pensar que podia governar sua vida tão facilmente? Que podia tomar tais decisões e forçá-la a segui-las.

—Desde quando obedecemos Castas? — Malcolm soltou furiosamente enquanto as narinas de Thor queimavam e Malcolm amaldiçoava em voz baixa, enquanto o descontraído Aaron, fechava os olhos em desgosto.

Estava muito consciente de sua percepção dela, mas ainda mais, Diane estava ciente de sua percepção de si mesma, sua determinação de nunca ser fraca novamente. Os deixaria acreditar que Lawe podia enfraquecê-la, no momento, de qualquer maneira. Até descobrir com que estava lidando e que diabos estava acontecendo, talvez fosse o melhor.

—Parece que todos vamos tirar férias, — afirmou. —Não há nada que possamos fazer com vocês três feridos. — Ela acenou para os três estirados no chão.

—Ele está enfraquecendo você, — murmurou Aaron sem abrir os olhos. —Inferno de maneira de ser retirado do jogo.

—É isso que realmente pensa? — Perguntou ela, levantando o queixo quando deliberadamente manteve sua voz suave, sua expressão clara.

—O que mais poderia pensar? — Ele grunhiu, se recusando sequer a considerar abrir os olhos.

—Pode pensar: “Espero que tenha boas férias, chefe. Vejo-a quando estivermos todos curados” — ela disse suavemente antes de informar: — Receberá seu pagamento quando estivermos de volta ao trabalho.

Uma vez, há muito, muito tempo atrás, ela foi fraca. Não foi capaz de se proteger ou a Rachel, e não foi forte quando mais importava.

Jurou que não aconteceria novamente.

Nunca mais se permitiria ser tão fraca e tão dependente de alguém que, se falhasse com ela, então poderia destruí-la.

Inferno, talvez devesse apenas deixar Thor carregar suas malas na noite passada depois de tudo. Então poderia se acostumar a essa suspeita em seus olhares.

No entanto, não podia negar a acusação. A oportunidade repentina pelas feridas não podia ser desperdiçada. Isso não significava que tinha que aceitar os insultos de Aaron.

Seus olhos se abriram lentamente. — Se você fosse um homem...

—O quê? — Ela realmente riu dele. — Chutei sua bunda da última vez, Aaron. É mais forte, mas sou menor, e suas bolas são malditamente vulneráveis. Lembre-se disso.

As narinas inflaram com raiva instintiva, antes que olhasse para ela com ressentimento silencioso.

—Qualquer outra pessoa? — Ela encontrou o olhar de cada um de forma firme.

—Isso é muito bonito, Di, — Brick disse suavemente. — Controla o dinheiro e pode colocar-nos no chão. Mas há outras maneiras de ser fraca, e agora, aqueles Castas estão tornando-a fraca.



Diane deu de ombros. — Sua opinião. Agora, espero que todos desfrutem de suas férias. Pretendo aproveitar as minhas.

—Vamos. — Malcolm assentiu lentamente, os lábios curvados em diversão, ligeiramente zombeteiros. — Podemos não estar disponíveis quando nos chamar de volta.

—Sua escolha, — assegurou Diane, como se não duvidasse por um momento que todos saltariam ao seu comando.

Desviou o olhar para Thor e levantou a sobrancelha inquiridora. — Tem algo a dizer?

Thor balançou a cabeça lentamente enquanto a observava, seus olhos se estreitando, a intenção no azul gelado, pensativo. O que significava exatamente ela não sabia e não ia perguntar.

—Estarei esperando, chefe, — ele finalmente declarou. —Saio de férias, assim como o resto dos idiotas farão. — Ele acenou para os outros homens. — Mas hoje não é meu dia de ser estúpido, por isso vou apenas dizer que vamos sentir sua falta.

Ela quase sorriu. Maldito espertinho. Pelo menos não suspeitavam que ela tinha seus próprios planos. Após o encontro com Jonas, sairia e veria se Honor Roberts estava onde suspeitava que estivesse, sem que ninguém soubesse.

Se Lawe queria se convencer que ela estava a caminho do Santuário, inferno, então isso o ajudaria a dormir à noite, certo?

Mas ela não ia para o Santuário.

Ia à caça.

E sozinha. Seu tio a treinou como se proteger primeiro. Como controlar sozinha, caçar sozinha, como deslizar da vista e fazer o que tinha que ser feito se algo acontecesse e seus homens não estivessem com ela.

Trabalhar sozinha não era seu programa preferido, mas o único homem que confiava neste ponto era Lawe. Lawe nunca permitiria a caça para a qual estava se preparando.

Malcolm chamou sua atenção. — Me pergunto há quanto tempo seu Casta está à sua volta. Perguntava-me como todos tinham tão maldita sorte nestes últimos seis meses. Alguns daqueles trabalhos que nos levou deveriam ser missões suicidas. Seus Castas estavam nos protegendo, porém, e se não eram eles?

—Não que eu saiba no momento Malcolm, mas se ele e seus homens querem nos salvar de algumas balas, então para mim está bem.

Malcolm deu um suspiro de zombaria. — Não nos salvaram desta vez, não foi? Faz-me pensar se talvez ele não organizou tudo. Mantém-na fora da linha de fogo, não é?

Era.

—Só no momento, — ela disse logo. — Isso prometo a você, só no momento.



CAPÍTULO 5

Lawe a esteve observando o tempo todo.

Ela não tinha como proteger a si mesma e seus homens como assumiu. Sua preparação cuidadosa e planos alternativos só poderiam dar confiança a seus homens se ninguém interferisse.

Lawe interferiu.

O conhecimento tomou conta dela quando teve seus homens atendidos e retornaram aos seus quartos com os médicos.

A ferida de bala à moda antiga estava limpa e a bala cavou o duro músculo e carne masculina e foi enfaixada dentro do tempo. O heli-jet Casta estava saindo do Santuário e voaria com seus homens para suas casas antes de retornar para voar com ela e Rachel de volta ao Santuário.

Ou assim Lawe e Jonas pensavam.

Ela se recostou na poltrona da sala de estar do piso inferior da suíte de cobertura que Jonas e Rachel ocupavam no hotel, após o ataque à Diane e seus homens. Sabia que outras Castas de alto nível estavam na residência também. Estava se tornando um maldito reduto militar Casta. Com um pé calçado em botas apoiado sobre a mesa de café, o cotovelo apoiado no braço, enquanto o queixo descansava na palma da mão, Diane observava silenciosamente, enquanto Jonas e Lawe falavam do outro lado da sala.

Sua irmã estava ao lado de seu companheiro, e ao contrário de Jonas e Lawe, via a preocupação de Diane. Sua irmã a conhecia. Os lábios de Diane torceram com o pensamento. Rachel sabia bem que Diane não ia a qualquer lugar perto do Santuário.

Mas Rachel não veio até ela uma vez que chegaram ao quarto. Ficou ao lado de seu companheiro, silenciosamente, alinhada com ele, e pela primeira vez, Diane percebeu que sua irmã não se virou para ela em primeiro lugar.

Lawe tinha uma equipe altamente treinada de Castas secretos a rastreando não sabia há quanto tempo, pensou enquanto observava.

Oh sim, sabia. Porque sabia quanto tempo passou desde que começou sua coceira durante as missões. Não foi ferida numa missão desde a noite que Lawe, e uma equipe muito pequena de homens a resgataram do castelo em que foi presa no Oriente Médio. Brigas de bar, no entanto, eram outra história. Diane estava se recuperando de uma briga de bar na Ásia, quando Thor disse a ela sobre o sequestro quase bem sucedido de sua sobrinha por Brandenmore.

Pensando sobre isso, teve algumas lesões por brigas desde seu rapto e suspeitava que foi decisão de Lawe colocar uma equipe para sua proteção. As lesões envolviam brigas de bar, normalmente iniciadas por Malcolm, o cabeça quente.

Diane tinha se retirado imediatamente do trabalho recorrente, deu retorno ao cliente e afastou sua berrante insistência de que ela cumprisse o acordo que Thor tinha arrumado. Ela voou direto para os Estados Unidos e imediatamente começou a seguir sua irmã.



Foram semanas de inferno depois que tentou seguir Rachel e fornecer apoio para as Castas tentar protegê-la.

Thor substituiu os pontos na perna mais de uma vez, amaldiçoou-a por sua teimosia e a criticou quando ela caiu em exaustão.

E quando Lawe a encontrou, quase ficou irracional.

Lembrava claramente de caminhar para longe dele enquanto ele rosnava de raiva para as duas Castas que eram parte de sua equipe na época.

As Castas desde então a abandonaram e se juntaram ao Santuário. Ela foi inteligente o suficiente para enfrentá-los e exigir sua lealdade quando descobriu que Lawe esperava que relatassem cada movimento que ela fazia. Foram incapazes de cumprir essa demanda. Sua primeira lealdade, como informaram, era para seu povo. Diane suspeitava que já assumiam que era companheira de Lawe. Isso significava que sua mais alta prioridade era sua proteção.

Diane já começava a suspeitar que esse algo que os atraía não era inteiramente normal.

Calor do acasalamento.

E ela marcou um ponto, assim como parecia que ele fez, se afastando para longe de qualquer chance de que chamuscasse vindo à vida.

Quanto tempo desde que ele a tirou daquele inferno? Dezesesseis meses? Houve momentos que ainda se sentia como se estivesse se recuperando da semana que ficou presa e sendo interrogada sobre seu falecido tio e suas atividades antes de sua morte.

E desde o resgate não foi ferida uma vez no cumprimento de uma missão.

Não era de admirar que o maldito Escritório de Assuntos Castas enviasse Executores espalhados sobre as missões contratadas. Estavam enviando seus Executores em muitas malditas missões pessoais, pensou causticamente.

E não somou dois e dois para chegar a quatro por ela mesma em todos esses meses. Sentiu a dor da autoaversão a esse pensamento.

Ela viu os olhares nos olhos dos homens mais cedo e sabia que eles também avaliaram a situação corretamente.

Lawe tinha uma equipe a cobrindo sem seu conhecimento também. O que significava que eram mais que danados de bons.

Eram bons pra caralho.

O número de "acidentes" que aumentou. Ferida a faca durante uma briga de bar, uma queda de um penhasco quando seu equipamento misteriosamente falhou.

A primeira vez que Rachel precisou dela, assim que descobriu que estava grávida, ainda na Suíça, Diane estava na Síria com a merda voando para todo lado.

Na segunda vez, quando Amber foi levada por Brandenmore naquela noite, Diane estava se recuperando de uma facada infligida durante uma briga de bar.

Na terceira vez, quando aquele bastardo caloteiro que era o pai de Amber estava tentando tomar legalmente Amber de sua mãe, Diane estava se recuperando de ferimentos sofridos quando seu equipamento falhou durante uma escalada de montanha.



Estranhamente seus chamados acidentes coincidiram com eventos que envolviam sua irmã ou sobrinha, num momento que mais precisavam dela.

E finalmente juntava tudo isso, por quê?

Porque só na semana passada, após o Executor — que era como chamavam Gideon Cross — deixou essa mensagem para ela, na Argentina, começou a suspeitar que um de seus homens pudesse estar tentando garantir que não fosse mais uma parte da vida de sua irmã, ou sua proteção.

Ela simplesmente não podia considerar Thor, pelo simples fato que foi o único a livrar o rabo o tempo todo. Mas, não podia confiar completamente nele também.

—Sabia que estavam na minha bunda? — Ela perguntou a Thor enquanto ficava silenciosamente atrás dela, os braços cruzados sobre o peito enquanto também observava o pequeno grupo.

—Não. Não, — disse ele logo.

Estava chateado, mas não era o único. O resto de seus homens também.

Aaron, Brick e Malcolm estavam em outro quarto. Aaron levou um tiro na coxa, Malcolm um na parte detrás de sua perna. Brick um na parte externa da coxa, uma ferida de carne que requereu remedos na pele, juntamente com dois pontos. Ele afirmou que era muito danado de nojento aturar Castas hoje à noite. Thor insistiu em ficar com ela. Como se precisasse de alguém para protegê-la.

Seu comando já começou a ruir, ou Thor estava mais preocupado com qualquer informação que pudesse perder?

Era o que ela mais confiava. Ajudava a planejar cada missão, sabia cada movimento que fazia e era o mais insistente que ela nunca fosse a parte alguma, ou fizesse alguma coisa sozinha.

E ela tinha um espião perto dela.

—Nem sequer suspeitei que estavam lá, até que começaram a verter para fora da madeira como baratas, hoje, — ela murmurou com rancor.

—Esse não é o único problema que temos, — Thor disse suavemente. —Não gosto de surpresas. Verifiquei nossos quartos enquanto eles estavam tratando os outros. Estávamos sob escuta, e não eram dispositivos Castas.

Então foi por isso que escapou do resto do grupo.

—Por quê? — Perguntou ela. —O que o fez suspeitar que estávamos sobescuta?

—Porque quem diabos estava lá fora, tentando colocar um buraco em sua cabeça sabia exatamente a hora para ficar esperando por você. — Baixa e retumbando com fúria, sua voz raspava acima dela. — Nunca saímos ao mesmo tempo, nunca usamos a mesma saída duas vezes. Não há como prever a porra de seus movimentos, chefe. É por isso que a seguimos, em vez de liderar, porque só você sabe o caminho que vamos.

Que era a maneira de seu tio também.

—Foi capaz de identificar o dispositivo? — Perguntou ela.



—Ainda não, mas estou trabalhando nisso, — disse a ela.

Ela balançou a cabeça lentamente, quando a cabeça de Lawe de repente girou ao redor, seus olhos azuis se estreitando em Thor.

—Não vai voltar ao Santuário, — declarou Thor, a suspeita em seu tom assegurando que não acreditava de todo no plano que ela deu.

—Sim, até que mais informações cheguem.

Odiava mentir para ele. Thor era o único que conhecia melhor. Era o único que veio com seu tio, quando seus pais foram mortos, aquele que ajudou seu tio a deslizar para fora dos Estados Unidos e na África, quando ela e Rachel estavam em risco de segurança.

Ela franziu a testa para isso.

Seu tio, Colt Broen, levou a ela e Rachel para o único lugar que estava certo que seria seguro, enquanto investigava a morte de seus pais.

—Vou me encontrar com meu contato à meia-noite. Ele chamou. Há um relatório que você tem uma sombra em seu rabo, — Thor disse à ela. —Ele ouviu falar sobre o tiroteio e me informou que alguém está tentando separá-la de sua equipe, mas não descobrimos o motivo. Algo não está bem aqui, Di, sabe disso.

—Deixe-me saber antes de sair e quero seu relatório no momento que a reunião acabar, — ela ordenou. — Continue trabalhando sobre por que alguém quer me separar dos meus homens.

—Sou tudo que resta para cobrir suas costas, Di, — afirmou preocupado. — Não faça algo estúpido e fuja por conta própria.

Se conhecia Thor, então ele a conhecia muito bem. Poderia se tornar um problema quando fizesse seu próprio movimento para o oeste.

—Não se preocupe Thor, — ela murmurou, cobrindo os lábios com os dedos quando sua irmã olhou atrás para ela mais uma vez. —Estou tentando muito duro não fazer coisas estúpidas este mês.

Ele grunhiu, incrédulo pelo comentário.

Lawe se afastou de Jonas e Rachel antes que ela pudesse dizer qualquer coisa mais, caminhando para onde ela estava sentada e parando a apenas alguns centímetros dela enquanto olhava atrás, para Thor, com intensidade de gelo.

—Acho que ele quer que eu saia patroa, — Thor falou devagar, seu tom coberto de sarcasmo.

Diane curvou os lábios num sorriso frio.

—Vamos finalizar os arranjos mais tarde, Thor. — Ela terminou a conversa, a voz baixa, enquanto ela permanecia presa no olhar de Lawe. — Certifique-se de ter as contas em ordem e deixar o contador saber que teremos que mudar nossa reunião para amanhã à noite.

Realmente não tinham uma reunião ainda, mas era o melhor que podia fazer para avisá-lo. — Vou indo, chefe. — Thor assentiu bruscamente, deu um sorriso rígido para Lawe, então virou e caminhou rapidamente para a porta.



Uma das duas Castas de guarda no interior da sala abriu as portas para ele, depois as fechou e trancou quando saiu.

Olhando além de Lawe, Diane encontrou o olhar preocupado da irmã do outro lado da sala, e entendeu completamente por que Rachel não disse, e provavelmente não diria muito a ela por enquanto. Não até que soubesse exatamente o que Diane planejava. Ou mais ao ponto, não até que Jonas e Lawe percebessem isso.

Doeu. Sentiu como se sua irmãzinha a abandonasse. Como se a única pessoa que sempre dependeu, de repente fosse mais leal aos outros que a ela.

Não se preocupou em esconder seus sentimentos quando Rachel encontrou seu olhar. Diane deixou a dor, bem como descrença, encher os olhos antes de deliberadamente virar a cabeça.

Para encontrar o olhar de Lawe. Ela quase suspirou. Aquele olhar era taciturno e intenso, como se caso a olhasse duro o suficiente, profundo o suficiente, então poderia ler seus planos em seus olhos.

Não havia como ela permitir isso.

Os sentidos Castas eram muito primitivos. O menor indício de mentira ou subterfúgios e Diane teria tantos guardas Castas na bunda dela que seria impossível se livrar deles. A única maneira de se esconder era a raiva. Tinha uma razão danada de boa para ficar zangada também. Um de seus homens a estava traindo ao ponto dela suspeitar que os acidentes anteriores não fossem realmente acidentes. Alguém estava tentando colocar um buraco altamente fatal em sua cabeça e sua irmã a estava abandonando.

— Ignorar sua irmã não é o movimento certo para agradar Jonas, — disse Lawe enquanto ela olhava para ele em silêncio.

Diane deu de ombros. — Ela sabia que você tinha Castas na minha bunda?

Sem dúvida, ela sabia. Diane conhecia sua irmã, e sabia como Rachel se preocupava. Não iria culpá-la, mas definitivamente poderia usar isso em sua vantagem. Assim como Rachel esperaria que ela fizesse.

— A equipe foi uma decisão minha, — ele rosnou quando seu olhar brilhou com algo semelhante a pesar. — Estava quase morta na Síria, Diane.

— Oh, sem dúvida, — disse ela, a zombaria enchendo sua voz. — Duvido que Rachel ou Jonas não o incitaram, Lawe. Por alguma razão, ambos parecem acreditar que sou perfeitamente capaz de liderar minha própria equipe e salvar minha própria bunda sempre que necessário.

— Nenhum deles a viu como eu o fiz no calabouço do Oriente Médio também, — ele explodiu.

Diane saiu da cadeira, a raiva a empurrando em pé pelo tom cortante de sua voz.

— Você não é meu fodido guardião, — ela informou furiosamente enquanto um dedo afundava firmemente em seu peito antes que suas mãos fossem para seus quadris. — Coloque em sua cabeça, Lawe Justice. Não tive um guardião desde que tenho 21 anos de idade, e me recuso a aceitar outro agora. Especialmente um tão arrogante, autoritário e completamente superior, como parece ser.



Seu olhar se estreitou. — Definitivamente vamos ter esta luta, — informou a ela. — Mas Jonas quer primeiro seu relatório.

— Não há nenhum relatório. — Cruzando os braços sobre os seios, estava confiante que o perfume que estava procurando quando as narinas inflaram não estava lá.

Realmente não havia relatório. Não ia dizer uma maldita coisa. Não nesta vida. Não enquanto corria o risco de perder o controle da missão que considerava ainda ativa. Que considerava sua responsabilidade pessoal.

— Disse a Jonas que não era confortável enviar informações eletronicamente, — lembrou a ela, seu tom se tornando frio, duro. — Se não havia nada a assinalar, para quê?

Ela zombou de volta em seu rosto. — Porque estava sendo observada. Por alguma velha pequena razão pensei que era um inimigo ou um desses grupinhos irritantes que pensam que podem alcançar o prêmio antes de mim. Acha que queria que soubessem que não podia encontrar uma maldita coisa? Tenho uma reputação a zelar, Lawe. E também estou doente pela confiança exibida pelo Conselho quando se trata de encontrar sujeitos que não querem que a gente encontre.

Ela aprendeu enquanto as duas Castas estavam com sua equipe exatamente como mentir para uma Casta. Inferno, até mesmo a ajudaram a aprender.

Um feroz cenho havia sulcado a sobrancelha de Lawe quando um rosnado levantou os lados de seus lábios. — É por isso que o patife que chamam de Executor estava atirando em você. Porque achava que sabia alguma coisa, Diane. — Ele cuspiu suas palavras, o gelo em seu tom quase cobrindo a raiva. — Por que diabos está arriscando a si mesma e seus homens dessa maneira?

— Deixe-o continuar pensando isso, então. — Um aceno de cabeça, e um aceno devia ser suficiente para convencê-lo que realmente não dava à mínima. — Espero que o desgraçado tenha pesadelos sobre eu chegando lá primeiro. Onde quer que "lá" seja.

Ele passou os dedos pelos cabelos dele quando se virou para ela, deu dois passos e se voltou desconfiado. — Passaram três meses, — lembrou a ela. — Não encontrou nada?

— Oh, encontrei muito, — informou a ele. — Os arquivos estão na minha mochila. — Ela balançou os dedos para a bolsa de couro que pegou nas escadas antes. — Brandenmore e seus cientistas foram monstros de coração frio, mas você já sabia disso. Estavam determinados a fazer os cientistas do Conselho de Genética parecem fofinhos ursos de pelúcia. Mas nenhum deles sabia onde a menina Roberts ou as outras duas cobaias anteriores estavam. Pelo que sabiam, o Bengala e a menina foram exterminados. Se sabiam de outra coisa, não disseram.

Ela não esperava que soubessem de algo diferente. Esperava que um dos técnicos tivesse feito amizade com a menina, ou talvez um dos assistentes dos cientistas, que se manifestaria, mas nenhum fez.

— Filho da puta, — ele rosnou, a exclamação uma lixa animalesca empurrando entre os dentes.

— Nenhuma das informações que encontrei se aplica a ela, — o informou. — E sabe o que mais, Lawe, estou cansada de procurar. Especialmente considerando o fato que já tinha uma equipe só esperando para me empurrar para fora e assumir o controle.



O olhar no rosto dele assegurou que faria exatamente isso.

— Não sabia que estava nessa missão, — ele finalmente disse a ela, sua voz áspera. — Tinha uma equipe cobrindo você, nada mais, no caso dos inimigos do seu tio encontrá-la novamente. Sequer me notificaram que Jonas enviou você. Até onde sabia, ainda estava nos detalhes de segurança, na Califórnia.

A expressão de desgosto no rosto a fez suspeitar que ele só poderia estar falando a verdade, mas isso realmente não importava. Uma vez que descobrisse o que estava fazendo, a teria afastado.

Ela bufou pela desculpa. — Tudo para ajudá-lo a dormir à noite, idiota. E esse detalhe de segurança? Não sou uma maldita idiota. Sabia o que estava lá. Um maldito tapinha na cabeça e um cantinho seguro para a mulherzinha fraca. — Ela virou a mão descuidadamente enquanto olhava para ele com nojo. — Agora, tenho relatórios em triplicado para escrever para seu chefe e umas feriazinhas para organizar para meus homens. Tenho contracheques a assinar e contas a pagar. Faça um depósito na minha maldita conta para que eu possa conseguir isso. — Sua voz se levantou com raiva. — E me deixe sozinha.

Enquanto ele estava sem palavras, ou pelo menos não estava falando, ela passou por ele e atravessou a sala até a porta. Ela deu um rosnado furioso muito mais que humano para o guarda permanente dentro.

Havia mais dois fora e mais dois em cada extremidade do corredor. A mulher acasalada com o diretor do Escritório de Assuntos Castas estava presente, assim a segurança necessária não era menos impressionante que a das mulheres acasaladas com o Alfa no próximo nível.

Isso não significava que havia um único maldita Casta no lugar que quisesse ter alguma coisa a ver no momento.

Sacudindo seu cartão-chave da parte detrás da calça jeans, Diane o deslizou através da fechadura eletrônica e abriu caminho para a sala.

Como sabia que estariam, seus homens estavam à espera, quietos e silenciosos, seus olhares se estreitando enquanto ela entrava.

— Chefe, não gosto dessas porras desses Castas nos dizendo o que fazer, — Brick reclamou imediatamente quando ela fechou a porta atrás dela, com o rosto sombrio enrugado numa carranca. — Isso não é divertido para mim. E com certeza não gosto da minha perna destruída para que alguns bastardos mantenham seus segredos. Digo para sairmos deste inferno e voltar ao nosso trabalho real.

Seu trabalho real. Enfrentamentos militares e privados que, naturalmente, pagavam muito melhor, mas apesar do franco-atirador mais cedo naquele dia, ainda era um inferno de muito mais perigoso. E os trabalhos garantiam mantê-la longe de sua irmã e sua sobrinha se precisassem dela novamente.

Malcolm e Aaron murmuraram de acordo enquanto Thor se adiantava e jogava vários dispositivos eletrônicos de escuta na mesa longa e estreita ao lado dela.

Diane olhou para eles.

— Inferno, — disse ela, suspirando. — Quando encontrou estes?



—Quando voltamos, — ele disse suavemente. —Alguém entrou enquanto estávamos fora, chefe.

—Não é seguro aqui, — disse Aaron com raiva silenciosa. — E estes malditos Castas não fazem uma maldita coisa para protegê-lo.

Ela virou e olhou para a porta. —Há guardas Castas até o salão, — afirmou. —Como alguém poderia ter entrado?

—Se estavam vestidos como funcionários do hotel mesmo pelos Castas poderiam ter chegado aqui, — apontou Thor. —Os Executores estão longe o suficiente no salão para que algum cheiro os atinja.

—E quanto àqueles que estão no elevador? — Ela balançou a cabeça em confusão. — Não são dispositivos Castas.

Conhecia cada projeto que usavam, mesmo os ocultos. Jonas teve certeza que ela não arriscasse remover algum que os Castas colocassem, enquanto estava rastreando os cientistas de Brandenmore.

—Os funcionários do hotel, — disse Malcolm mais uma vez. — Tudo que tinham a fazer era olhar, agir e fazer sua parte.

—A menos que não mostraram todos os seus dispositivos de escuta, — assinalou Aaron. — Apenas no caso de decidiram ver você mais perto. — Ele estava olhando para ela. Aaron e Thor eram as duas mais fortes personalidades na unidade e geralmente os únicos a discutir com ela ou se aproximar com quaisquer divergências que os outros dois tinham.

Diane se inclinou mais perto e olhou para o que Thor desmontou. Tomando a lupa que Thor oferecia, pesquisou os componentes internos em silêncio.

A eletrônica não parecia Casta, mas qualquer coisa era possível quando vinha de homens e mulheres criados para serem mais astutos, mais cruéis que qualquer outra espécie na Terra.

Diane começou a sacudir a cabeça de novo, só para uma batida firme na porta a interromper. Deixou cair o queixo quando estourou uma respiração irritada.

Deveria saber melhor que achar que iriam deixá-la escapar.

Sabia quem era. Certo como o nome dela era o que era, sabia quem era.

Em vez de falar, se virou, encostou na mesa e esperou até que Thor chegasse à porta e abrisse.

Lawe e Jonas. Não esperava Jonas.

Thor olhou abaixo para Lawe.

Não que tivesse que baixar muito. Com 1,90m Lawe não era muito menor que Thor. O 1,98m de Jonas era exatamente da mesma altura.

—Thor, vamos conversar mais tarde, — Diane disse a advertência antes de olhar para os outros homens. — Os quatro precisam dormir um pouco. Seus cheques estarão prontos pela manhã e vamos todos para casa.



Thor grunhiu em desaprovação quando os outros levantaram de seus assentos. Aaron levantou, agarrou as muletas de Thor, de alguma forma conseguindo encontrar com os outros dois mancando até a porta.

—Mais tarde, chefe.

—A vemos, chefe.

—Intrometidos malditos, — resmungou Thor antes de empurrar a outra metade da porta dupla e se mover através dela.

Brick a bateu quando ele e um Aaron mancando deixaram por último o quarto, deixando-a sozinha com Jonas e Lawe.

Pelo menos não sugeriram ficar e protegê-la, pensou com raiva. Não graças a Lawe. Ele assegurou que seus homens tivessem todos os motivos para questionar suas ordens, bem como sua competência.

Se encostando contra a mesa e cruzando um tornozelo sobre o outro, Diane esperou.

As portas fecharam quando Jonas e Lawe entraram na sala, parando a vários metros dela.

—Posso sentir o cheiro da irritação. — Os lábios de Jonas enrolaram em diversão quando a olhou com aqueles misteriosos olhos prata.

—Imagino que possa vê-la bastante fácil também, — ela falou lentamente, seu olhar passando rapidamente por Lawe antes de voltar para Jonas. — Realmente prefiro não brigar com o dois no momento. Então saiam.

A cabeça de Jonas se inclinou zombando, mas não comentou enquanto ele e Lawe a olhavam em silêncio por vários momentos longos.

—Rachel está preocupada, — Jonas finalmente admitiu. — Estou aqui para ver se posso consertar a situação.

Os lábios de Diane apertaram. Deu um olhar furioso para Lawe antes de virar para o diretor.

—Então me diga Jonas, por que o Escritório sente necessidade de espionar a mim e meus homens? Quando decidiu que não podia confiar?

—Não estava sendo seguida porque não é de confiança, — Jonas respondeu bruscamente, sua própria irritação vincando sua expressão. — Deve saber que.

—Não estou falando de seus valentões Castas, — ela retrucou. —E deve saber disso.

Se não soubesse, juraria que ele não tinha ideia do que ela estava falando. Ele e Lawe se entreolharam antes que sentisse a tensão que, de repente, encheu a sala e se estendeu entre eles.

—O que aconteceu, Diane? — Era Lawe raspando a pergunta, não Jonas.

Sua testa levantou.

Baixou as sobrancelhas numa carranca. — Continue me dando esse olhar, querida, e prometo que terá razões para suspeitar de um inferno de monte de coisas, mas meus motivos não serão um deles.



—O que sabe sobre as escutas que encontrei no quarto? Colocadas aqui, enquanto estava convenientemente ocupada na suíte de Jonas? Diga-me, Lawe, acha que, agravada por seus Castas me seguindo, que podem ajudar minhas suspeitas quando se trata dos seus motivos?

A cabeça de Lawe girou de lado, seu olhar cortante para Jonas, quase com acusação.

—Não eu. — Jonas levantou as mãos em negação enquanto enfrentava a ira de Lawe. — Inferno, Lawe, você seria a quem eu daria a ordem se quisesse escutar alguém. Dei essa ordem?

Os lábios de Lawe apertaram. — Onde estão?

Silenciosamente ela apontou o dedo acima do ombro e viu cada homem se mover em torno dela até os dispositivos minúsculos que foram deixados sobre a mesa.

Nenhum homem os tocou. Dobraram-se perto, seus olhares treinados nos dispositivos enquanto observavam silenciosamente. Seus olhos se fixaram nas costas de Lawe, ajoelhado, e ela jurou que podia sentir água na boca por ele.

Seu sincronismo era incrivelmente ruim, para dizer o mínimo. O próprio fato que sua libido estava chutando agora, quando estava furiosa com ele, era suficiente para irritá-la.

Não precisava disso. Não queria isso. Não queria nada a ver com isso.

Pelo menos agora.

Ela e Lawe Justice eram como óleo e água.

Ela era independente e ele queria uma gatinha como companheira, esposa ou amante. Ela queria um homem que confiasse em suas habilidades e no tempo de vida que gastou se formando, adaptando e aprendendo a proteger não apenas a si mesma e seus homens, mas àqueles que fora contratada para proteger e/ou resgatar.

Queria um parceiro para amante, e Lawe nunca seria um parceiro para sua companheira mais que foi com suas amantes. Mesmo as amantes Castas que teve foram forçadas a ficar atrás das paredes do Santuário ou ficar sem aquele perfeito corpo duro e incrivelmente sexy.

Apostava que até mesmo rosnava quando fodia.

O pensamento de ouvir aquele som rouco perigoso em sua garganta quando se aproximasse dela, dentro dela, foi o suficiente para enviar um arrepio de antecipação afluindo através dela.

E se ele fosse seu companheiro? Haveria a farpa, aquela extensão que sua irmã contou a ela que emergia sob a crista do pau de um macho felino, quando encontrava sua liberação dentro de sua companheira.

O rubor que cobriu as bochechas de sua irmã e o brilho do êxtase lembrado em seus olhos foram suficientes para trazer Lawe imediatamente à mente de Diane.

Ela se virou longe dele rapidamente.

Precisava de um retorno rígido de tais pensamentos ou...



—Tarde demais, ele já pode cheirar sua excitação. — A voz de Jonas fez uma carranca se tornar um olhar furioso de volta para ele.

Tanto ele como Lawe a observavam de perto.

—Espera que eu core? — Ela perguntou quando cruzou os braços sobre os seios, mais para esconder seus mamilos endurecendo do que pelo confronto. —Desculpe meninos, parei de corar na minha adolescência. Gostaria de saber de onde essas escutas vieram, no entanto. — Ela indicou os dispositivos, então deu a Lawe um sorriso apertado. — Qualquer perfume que eu possa ter, não posso cheirar, para que eu possa ignorar.

A testa de Lawe arqueou. — Contanto que não espere que eu o ignore.

—Posso não ser capaz de ignorar o fato que o calor do acasalamento está aí, mas posso com certeza ignorar qualquer cheiro de necessidade que eu, eu mesma, não consiga detectar, — ela o informou com firmeza. — E você pode ignorá-lo também, Lawe, porque não vai acontecer. Fim. Você é arrogante, autoritário e sua atitude em relação às mulheres apenas me chateia pra caramba. Não somos animais de estimação, e estarei amaldiçoada se vou bancar sua gatinha, por um segundo sequer. Agora pegue seus brinquedos lá e deem o fora do meu quarto. Gostaria de dormir um pouco antes de ter que decidir como diabos vou reparar o dano que fez à minha equipe quando mostrou a eles que fez seus meninos ronronarem cuidando de mim, em vez de respeitar minha capacidade de me proteger.

—Como fez naquela pequena aldeia da Síria no ano passado, quando os inimigos do seu tio puseram as mãos sobre você? Onde estavam seus homens, Diane? Deixe-me dizer onde estavam, — ele a informou quando lançou um olhar duro, brutal e gelado. — Estavam confortáveis e seguros e não arriscaram suas bundas, porque Thor e os dois Castas com você no momento, tiveram o bom senso de entrar em contato com o Santuário. Tem alguma porra de pista do perigo que representaria se seus captores tivessem um indício que estavam com a cunhada do diretor do Escritório de Assuntos Castas?

Lawe podia sentir. A perda de controle que sinalizava a determinação de Diane em desafiá-lo com palavras e atos. Podia sentir no cheiro dela a intenção de empurrá-lo, ver em seu olhar e sua expressão enquanto ficava ali olhando para ele.

—E quanto àqueles Coyotes que atravessaram seu couro com suas balas no ano passado? — Ela cobrou quando sua testa levantou zombeteiramente, a raiva brilhando em seus olhos castanhos escuros. — Nenhum de nós vive exatamente uma vida segura. Pare de tentar fingir que é o único que o faz.

—E tenho que ficar de lado quando tenho a capacidade de aumentar suas chances de sobreviver? — Ele podia sentir o rosnado ameaçador beirando sua voz.

Porra, podia sentir o animal dentro dele despertando por sua determinação em colocar sua vida em perigo. Como se incitasse o inimigo a atacar. Desafiando-o a fazer sua jogada e desafiá-la.

—O que deveria ter feito era deixar meus Castas na porra da minha equipe ao invés de levá-los para longe de mim e me dar a opção de contatar com você quando precisasse deles. — Sua voz se ergueu junto com sua raiva quando de volta para ambos.

—O atirador hoje foi Gideon, — Jonas informou em silêncio enquanto interrompia a batalha que se preparava para incendiar. — Estava seguindo vocês por semanas, Diane. A



equipe de monitoramento viu sinais da sombra em seu rabo, mas não puderam verificar. Tudo que tinham era uma sensação. Capturar uma vista dele tem sido impossível, apesar de seus esforços, e sabe que meus homens são condenadamente bons.

Ela conhecia Gideon, o Executor, e não tinha intenção de matá-la, apesar das aparências. Não uma vez que ela mesma não foi atingida por uma das balas precisamente destinadas. Mas três de seus homens foram. Três que não podia ter certeza se não a traíam.

—E se seus homens não estivessem entre mim e ele, talvez aceitasse o conselho que deixei para ele na minha posição anterior e realmente saísse das sombras e marcasse um encontro, — ela de repente gritou para ele quando balançou suas mãos em fúria.

Em seu quarto, ela deixou uma resposta à mensagem que recebeu na Argentina. Fez todo o possível para chamar o Executor para uma reunião depois que ele deixou o aviso que estava sendo traída.

—Meu Deus, Jonas, percebe quantas vezes seus homens, por sua ordem, provavelmente, estiveram entre mim, meus contatos e minhas malditas missões? — Ela apontou o dedo na direção de Lawe quando uma névoa de descrença encheu sua mente.

Ela ficou furiosa.

Não havia cheiro tão intoxicante quanto à fúria feminina, a menos que fosse de luxúria feminina. E a luxúria definitivamente estava lá, Lawe pensou enquanto sentia a fome queimando instantaneamente, de repente travando sua mente.

Ela queria esconder. Queria negar. Ela negaria até o inferno e de volta se a confrontasse sobre isso. Ela se machucaria se tentasse machucá-lo e ambos sabiam disso.

Estava tão determinada a ficar sozinha, afastá-lo, que corria na direção oposta dele em todas as chances que tinha.

—Ambos se acalmem, — Jonas ordenou, seu tom áspero com irritação.

Virando-se para ele, Lawe percebeu que o outro homem não tirava os olhos dos dispositivos dispostos inocentemente sobre o brilho puro da mesa.

—Por que você não pega seu treinador e sai, — ela ordenou a ele, a ordem irritando os instintos animais que ameaçavam tomá-lo. — Então, vocês dois podem chorar a eletrônica juntos.

—Isto não é apenas eletrônica, — Jonas disse enquanto enfiava a mão no bolso para tirar um lenço cuidadosamente e envolvê-lo em torno das três escutas e as embolsar antes de voltar seu olhar para eles.

—Sério? — Seus braços deslizaram para permitir que suas mãos se apoiassem nos quadris desafiadoramente. —São alienígenas disfarçados de eletrônicos? Já não vi esse filme?

Jonas torceu os lábios. —Só se conseguiu encontrar uma cópia que eu não pude. Esse filme tem mais de quarenta anos e é mais difícil de encontrar que Casablanca. Mas esses bebês são como impressões digitais. Só as vi duas vezes antes, o que significa que se Gideon as colocou no lugar, então posso ter uma maneira de rastreá-lo.

Diane centrou sua atenção sobre ele e não na raiva exigindo ação, subindo dentro dela.

—Tais como? — Diane perguntou.



Não que se importasse. Viria o dia que sua presa seria muito diferente. — Tal como o mesmo sinal que usou para inserir informações nesses bebês podem ser usados para extrair informações deles, — disse a ela. — Vou explicar amanhã quando encontrarmos com Leo, Leo Vanderale. Vai precisar falar com você, assim como Thor em relação a onde os encontrou e como estavam ligados à sua fonte de energia.

Ah sim, ela estaria nessa reunião. Além do fato que não tinha intenção de estar em DC amanhã, também não tinha intenção de enfrentar Leo Primeiro, a primeira fusão bem sucedida de DNA humano e animal, mais de cem anos antes.

—Falando de informação, vou tê-la antes de sair.

Autoritário, exigente e arrogantemente certo de si mesmo. Ela esperava que Jonas exigisse a informação, não Lawe. Diane riu da pura confiança que o Casta tinha em si mesmo e sua certeza que seria levada tão facilmente.

—Pode obter as informações ao mesmo tempo em que Leo e seu Alfa o fazem, — bufou. — Não vou explicar as coisas duas vezes, Lawe.

E ele sabia disso.

Era um teste. Dependendo do que dissesse, então saberia se não tinha intenção de ir a essa reunião.

Seus olhos se estreitaram.

—A reunião é as dez, — Jonas informou enquanto ela e Lawe estavam presos numa batalha silenciosa travada apenas com seus olhos.

—Tudo bem. Agora pode sair. — Ela não tinha intenção de falar com Leo Vanderale no dia seguinte. Uma vez que o primeiro vislumbre de luz fizesse sua estreia, pretendia estar a caminho de Window Rock, Arizona.

Dando um aceno breve e agudo, Jonas se virou para Lawe. — Vou contatar Callan e Leo hoje à noite. Quando terminar aqui... — Ele fez uma pausa antes de seus lábios abrirem um sorriso afiado. — Ou deveria dizer em vez disso, em algum momento desta noite, que deve entrar em contato com Ruler e deixá-lo saber que vai precisar de cada Casta na vizinhança quando o heli-jet chegar na parte da manhã.

—Eu vou cuidar disso, — prometeu Lawe, seu aceno afiado quando Jonas foi para a porta.

Quando a porta fechou e trancou atrás do Diretor, Diane se voltou para Lawe.

—Precisa sair com ele, — afirmou Diane, o peito apertado e dolorido enquanto lutava contra as lágrimas que não faziam sentido. Era mais forte do que isso, disse a si mesma. Não era tola para chorar pelo homem como se fosse essencial para sua vida. Mas por alguma razão, a traição que sentia estava rasgando seu coração.

Lawe estava imóvel. Com seu olhar travado em Diane, tinha a sensação que a batalha de vontades iniciada poderia acabar por destruir a ambos.

Como ela sugeriu, devia simplesmente sair com Jonas. Ficar aqui, aceitar esse desafio foi a pior decisão que poderia ter tomado, mas isso era exatamente o que estava fazendo.



—Depois da noite passada, realmente acha que será assim tão fácil? — Perguntou ele com suavidade sedosa.

O olhar de Diane cintilou com um lampejo de emoção e expectativa em que podia sentir sua tentativa de lutar.

Tentativa.

Lawe sentiu seu próprio corpo se preparando, seu pau endurecendo, alongando, as glândulas inchando sob sua língua e uma leve sugestão do gosto incomum de especiarias e peras carameladas.

Não esperava isso.

Ouviu que o hormônio tinha gosto de canela, chuva de primavera, mesmo calor de verão. Mas nunca ouviu falar de peras carameladas.

—Não quero isso. — A declaração surpreendente o fez lutar com cada instinto que possuía para ignorá-la.

Jonas sugeriu que apenas fosse companheiro dela e acabasse com isso. Acasalar com ela não era seu curso preferido de ação até que viu aquelas balas atingindo a parede de cimento acima de sua cabeça.

Até que quase a viu morrer diante de seus olhos.

Sua companheira.

Ela era sua, e fora os momentos roubados na noite anterior, ele não tocou nela. Mesmo assim, não a tinha beijado. Sentiu seu calor doce, mas não a tinha provado. Estava morrendo por isso. Queria lambe a carne aquecida de sua boceta, saborear o deslizamento lento de seus sucos quando encontrassem sua língua.

Ele a queria, com cada célula do seu corpo, com cada respiração que podia arrastar para seus pulmões.

—Não olhe para mim desse jeito, Lawe. — Havia uma ponta de falta de ar na voz dela que fazia o suor saltar na sua testa e ao longo de suas costas enquanto ele lutava com a necessidade de beijá-la. Compartilhar o gosto erótico preenchendo seus sentidos.

A cabeça do seu pau latejava e a imperativa necessidade que o deixava duro e dolorido não era algo que iria embora tão cedo.

Essa ordem, porém, com a arrogância da fêmea quando exigiu que ele negasse a si mesmo o prazer de olhar, fez o animal dominante dentro dele elevar sua cabeça em negação furiosa.

—Posso olhar para você quanto quiser, — ele rosnou, se aproximando dela, ciente que ela não estava recuando, não estava fugindo dele.

Uma mulher cautelosa como Diane deveria estar fugindo para proteger sua virtude, porque sua intenção era de roubar cada pedacinho dela.

E uma vez que tivesse sua virtude, teria sua submissão. Suas mãos realmente doíam para segurar as curvas de sua bunda, abri-las, mostrar uma fome erótica que levaria ao pleno reconhecimento feminino de que era seu companheiro, seu protetor.



Diane respirou lenta e profundamente e ele quase podia ouvir o trovão do seu coração. Podia vê-lo definitivamente no pulsar forte de sangue na veia em seu pescoço.

—Acha que pode me intimidar? — Perguntou ela.

—Não estou tentando intimidá-la. — Intimidação não tinha nada a ver com o que tinha em mente. Claro que não. Queria foder com ela até que ambos estivessem exaustos, mas não tinha a intenção de intimidá-la.

A não ser que não tivesse outra escolha.

E só depois que saciasse a fome que rasgava seus sentidos.

Ela olhou para ele agora, o nervosismo fluindo através de seus sentidos baseados na sua necessidade por ele, uma necessidade que estava lutando desesperadamente para negar. E podia sentir a luta, o desespero, e embora ele conseguisse entender por que lutava, mesmo que aprovasse a luta, se recusava a permitir que ela estivesse menos desamparada do que ele.

—Combater isso não funciona, — ele murmurou enquanto se movia em torno dela, abaixando a cabeça, seus lábios em sua orelha. — Só deixa o corpo mais quente, a necessidade mais intensa. Só faz você mais faminta, não é, Diane, especialmente depois de ter um pequeno e tentador gosto do mesmo.

Sua respiração acelerou.

Ele podia sentir o cheiro de seu calor, em seguida, queimando mais quente e mais selvagem do que nunca. Ele estava florescendo dentro dela, ultrapassando seu controle e chegando a ele quando parou atrás dela e permitiu que suas mãos se acomodassem em seus quadris, seus dedos envolvendo levemente os ossos frágeis.

—Bem aqui, — ele respirou sobre a veia pulsando ferozmente no pescoço. —Poderia ser a mais gentil das mordidas para começar. Queimaria por nós dois, fazendo com que a fome fosse impossível negar, impossível de se afastar.

As mãos dela apertaram o topo da cadeira a sua frente. Um aperto duro e desesperado enquanto ele sentia sua luta para se segurar no último fio de seu controle. O mesmo que estava lutando para se segurar também.

—Não vou esperar muito mais tempo, — a advertiu, sabendo que não podia negar a borda instintiva de necessidade desesperada que começava a rasgar seus sentidos.

—E isso supostamente me faz entrar na linha? — A negação, o desafio, ainda estavam lá.

—Eu podia esperar. — Ele não pôde resistir a roçar os lábios ao longo de seu pescoço. Apenas seus lábios.

Não a lambeu. Não colocou uma camada de hormônio entre os lábios e sua carne.

E o animal dentro ficou furioso porque ele não fez.

Ela pulou contra ele, de repente, se movendo para escapar de seu controle quando se virou para encará-lo.

—Não.

Não.



Seus lábios torceram. Não era não. Era intrínseco, fosse um jogo ou não. Tinha o mesmo significado.

Iria acatar. Por enquanto.

—Temos um encontro com Jonas, Callan e Leo amanhã, — disse a ela em seu lugar. — Vai estar lá para dar seu relatório.

Ela balançou a cabeça bruscamente, o cheiro de seu calor quase o drogando pela necessidade irresistível de prová-la como apenas seu companheiro podia fazer.

Voltando-se, foi até a porta e saiu sem um adeus, sem resposta, pois perdia rapidamente o controle de seus instintos primitivos.

Mais um segundo. Outra respiração perfumada pelo desejo fluorescente, que se envolvia em torno dela e teria esquecido que ela disse não. Teria esquecido a borda de medo que sentiu dentro dela.

Teria esquecido tudo e teria tomado sua companheira.



CAPÍTULO 6

—Sinto muito, Diane, — Rachel falou de sua cama onde estava enrolada em torno da menina que olhou de volta para Diane quando ela ficou ao lado da cama.

Amber despertou antes mesmo que Diane desabilitasse o bloqueio da janela digital e entrasse pela abertura estreita. Sua pequena cabeça levantou, os olhos focando a janela quando Diane estava na borda de fora, considerando o bloqueio e os ocupantes da sala além da janela.

Ela observou o bebê, agora com um pequeno sorriso sonolento enrolado em seus pequenos lábios. Fazendo uma curva suave ao lado de seu rosto, Amber olhou para ela, um olhar sombrio, como se pudesse sentir o coração pesado de sua tia.

—Por que se virou contra mim, Rachel? — Diane perguntou suavemente quando sentou sobre o colchão, seus dedos se aproximando para tocar a bochecha macia da sobrinha. — Por que não falou comigo hoje à noite? Por que não pode ficar comigo e não contra mim?

Por que sua irmã se virou contra ela? Ela mostrou que sua lealdade estava com Jonas e Lawe por ficar na sala numa conversa tranquila com eles ao invés que de pé ao lado da irmã que esteve com ela toda sua vida.

—Foi porque não estive aqui quando precisou de mim? Quando Amber precisou de mim? — Diane perguntou, a dor esfarrapada da memória a rasgando quando sua irmã não falou.

—Deus não, — exclamou Rachel, sua voz ainda abafada e agora cheia de lágrimas e dor. — Nunca poderia culpá-la por isso, Diane. Não havia nada que pudesse ter feito quando Brandenmore agiu.

Rachel fechou os olhos brevemente quando segurou sua filha apertada. A dor da memória ainda tinha o poder de trazer lágrimas aos olhos de Diane, bem como enviar um eixo de dor marcante em seu coração. Seu olhar deslizou para Amber. Era tão doce e inocente, e Diane estava bem ciente que falhou com a criança.

Enquanto Diane observava, viu o brilho de lágrimas no rosto de sua irmã um segundo antes de um pequeno, quase silencioso rosnado, pouco mais que um ronronar sair do pequeno peito de Amber.

O único sinal que Rachel deu que ouviu foi um tremor breve de seus lábios quando Diane se surpreendeu. Era a primeira vez que ouvia o som e achou completamente cativante. Mas pela reação de sua mãe, um gemido saiu dos lábios de Amber enquanto ameaçava chorar.

—Jonas diz que ela pode sentir quando estamos com medo, ou se algo nos causa dor, — a voz de Rachel era irregular, obviamente, provocando o grito confuso e as lágrimas nos olhos umedecidos da menina.

Por um momento, Diane desejou ainda poder repreender sua irmã como quando ela era criança. Infelizmente, estavam muito além de tais recriminações. A necessidade de aliviar a confusão de Amber não podia ser ignorada, contudo.



—Olha a mamãe, ficando toda chateada com um pequeno ronronar, Ambie. Ela não percebe o quão especial isso faz você, querida? — Diane repreendeu o bebê quanto se inclinou e esfregou o nariz contra o narizinho da sobrinha.

O sorriso de Amber tremeu por um momento antes duma gargalhada de bebê abrir seus lábios e Diane a ergueu dos braços de Rachel. Afagou a pequena forma perto de seu próprio peito quando a pequena cabeça se inclinou atrás para olha-la, fazendo o coração de Diane derreter com essa onda de amor, muito dolorosa.

—Ela parece uma mini você, — Diane sussurrou temerosa quando olhou para a irmã dela por apenas um segundo, seus olhos atraídos de volta ao bebê. — Está mais bonita a cada vez que a vejo, e a cada vez vejo mais de suas características quando você era um bebê. Estão vivos dentro dela. Mamãe e papai teriam se derretido por ela.

Sua irmã fungou quando uma lágrima desceu por sua face. — E você parece mais com a mamãe a cada dias, Diane. Às vezes, juro, é como tê-la aqui.

Ela não podia deixar de rir.

Diane fez cócegas na barriguinha de Amber pela abertura de seu pijama. As pernas rechonchudas chutaram quando o riso do bebê encheu a escuridão. Agarrando os dedos pequenos na camisa de Diane, agarrou e segurou firme quando Diane se inclinou e roçou um beijo na testa. O pequeno som voltou, um bonito ronronar, mais forte, quase provocante. Um som de felicidade quando Diane abraçou o bebê contra ela e explodiu outro beijo em seu pescoço cheiroso de bebê.

A mão de Rachel apertou os lábios enquanto lutava com um soluço, a dor e o medo tremendo através de seu corpo quando Amber, de repente, ficou tensa. Ela lutou contra Diane até que pode virar e olhar de volta para sua mãe em confusão.

—Ignore a mamãe, — aconselhou Diane e fez cócegas na sua barriga de novo, trazendo um hesitante riso antes de Amber olhar para a mãe novamente, como se pedindo permissão para ter uma alegria tão simples.

Diane baixou os lábios no ouvido de Amber, seu olhar encontrando o de sua irmã. — Mamãe se esquece de que foi injetada por um desagradável soro Casta, que um médico velho mau te deu, — Diane lembrou a mãe, em vez da criança que estava falando. — O que ela esperava, humm? Rosnado de lobos talvez?

Rachel balançou a cabeça. — Não é engraçada, Diane.

—Bem, sabe, precisamos torná-lo engraçado, ou nosso pequeno chimpanzé aqui vai pensar que não a amamos como deveríamos. — Diane baixou a cabeça e resmungou ainda mais contra o pequeno ombro da sobrinha.

O vendaval do riso de Amber foi seguido por esse ronronar bonitinho. No segundo que som saiu, seu olhar se moveu rapidamente para sua mãe mais uma vez. Rachel não ouviu dessa vez, estava concentrada no riso do bebê em vez disso, o medo desaparecendo enquanto sua filha parecia desfrutar deste momento de prazer inesperado.

—Rachel, tem que aproveitar as mudanças que não são prejudiciais a ela, — Diane repreendeu enquanto continuava a atrair os risinhos do bebê. — Toda vez que ela ronrona ou faz um som que considere estranho, aposto que chora. A deixa assustada.



—Diane, está errado, — Rachel sussurrou baixinho.

Mais uma vez Amber deu um começo de soluço quando os lábios franziram e ela se virou para sua mãe em busca de consolo.

—Gostaria de poder bater em você. — Diane suspirou em decepção. — Está deixando seu próprio estresse a afetar e roubar sua infância. Dê-lhe alguns risos, Rachel. Brinque com ela. Deixe-a ronronar ou rosnar ou qualquer coisa que precise fazer. Ela é tão preciosa. Preciosa demais para se sentir apenas aceita.

Diane continuou a falar com carinho gentil enquanto fazia cócegas, acariciava e provocava o bebê. Finalmente, teve a atenção de Amber mais uma vez enquanto Rachel a observava com compreensão e arrependimento angustiantes.

—Como as outras crianças estão reagindo a ela agora? — Diane perguntou, sabendo que Rachel mencionou problemas alguns meses antes.

—Eles rosnam para ela, batem nela sem pensar. — Rachel estendeu a mão e fez cócegas na barriga de Amber, enquanto mantinha suave o tom.

Amber não era boba. Observou a mãe sombriamente por longos segundos antes que Rachel fosse capaz de atrair um sorriso dela.

—Os moleques mestiços dando à minha garota um momento difícil? — Diane sussurrou quando Amber se enrolou mais perto dela e deu um bocejo sonolento.

—Eles não significam nada — Rachel começou a protestar.

—Nossa Rachel, sei que não significam nada. — Diane suspirou enquanto balançava o bebê delicadamente. — É a mudança em seu cheiro que os assusta, talvez? São apenas bebês também.

Ela queria dizer algo à irmã, algo que aliviasse os temores que Diane sabia que a atormentavam.

—Não David, — Rachel sussurrou enquanto corria os dedos carinhosamente sobre as mechas pesadas de Amber. — O filho de Callan e Merinus não é um bebê, Diane. É o primeiro a rosnar para ela. Basta estar em torno dela para irritá-lo. Baixos rosnados involuntários retumbam em seu peito antes que fique irritado e simplesmente saia da sala.

A voz de Rachel tremia dolorosamente. — Está sendo preparado para a posição de seu pai, treinado para assumir. É o Alfa das crianças, sabe as implicações de sua rejeição a Amber?

Diane passou a mão pelas costas do bebê, enquanto fazia um som pequeno de aflição, mais uma vez. — Quais são as implicações, Rachel? — Ela perguntou suavemente, porém o olhar que deu à sua irmã era repreensivo. — David está na puberdade, está passando não apenas pela maturação dos hormônios humanos, mas também dos animais. Era o favorito de Jonas antes de Amber. Inconscientemente, talvez se ressentia dela pelo amor que Jonas tem por ela e seu DNA animal simplesmente reage.

Jonas amava as crianças, mas David foi seu favorito antes da chegada de Amber. Uma vez que Rachel deu à luz, Diane ouviu que Jonas se apaixonou pela criança. Nada neste mundo importava tanto quanto Rachel e a menina que afirmava como dele próprio. Embora Diane soubesse que David ainda recebia um pouco de atenção por parte do diretor.



—Quando está tudo dito e feito, ele ainda é humano, — ela lembrou sua irmã. — Você disse a Merinus?

Rachel se virou para olhar o teto, um braço sobre sua barriga quando fez uma careta pesada.

—Rachel? — Diane perguntou a ela.

—Não vou à Callan ou Merinus, — Rachel murmurou, embora desta vez, mantivesse a raiva e a dor que sentia fora de seu tom.

—Por que não, Rachel? — Talvez sua irmã não pudesse, mas ela podia.

—E você também não. — A cabeça de Rachel virou de lado, sua expressão feroz quando olhou para ela.

Os lábios de Diane apertaram. Odiava quando Rachel podia tão facilmente adivinhar suas intenções.

—Porque não pode ir até Merinus? — Diane perguntou ao invés de discutir. — Ela é a mãe de David, pode falar com ele. Se Merinus não puder, então Callan.

Rachel fungou enquanto esfregava as mãos sobre o rosto antes de começar a se afastar de Diane. — Porque me recuso a fazer mexericos de uma criança. — Ela suspirou.

Diane teve que rir. — Mas, Rachel, é a criança que supostamente está levando os mexericos adiante.

Os lábios de sua irmã quase se contorceram em diversão.

—Ria, Diane. — Sentou e foi então que Diane viu as lágrimas brilhando em seus olhos. — Não vou dar uma de mãe cadela e implorar a Merinus Lyons para me agradecer fazendo seu filho parar de ser tão pretensioso com meu bebê.

Diane estava confusa agora. Olhou para a irmã dela, querendo saber qual era o problema real aqui.

—Quase fui para a escola com você nos primeiros seis anos, porque as crianças mais velhas gostavam de intimidar você, — Diane lembrou com carinho sua irmã. — Gritei com os professores e argumentei com os diretores. Então tio Colt entrou, olhou para todos e até visitou seus pais, inclusive os ameaçou. Mas o que aconteceu para pará-los, Rachel?

—Esta não é a escola, Diane. — Ela suspirou. — Chutar o valentão nas bolas não vai consertar isso.

E oh como sua irmã bebê chutou o intimidador e o deixou chorando. Diane amava essa memória.

—Não, não vai, — ela concordou razoável. — Mas se não falar com Merinus, Callan ou David, não me importo quem, então eu vou.

Ignorando a carranca de Rachel, colocou a adormecida Amber de volta na cama ao lado da mãe.

—Deixe para lá, — ordenou sua irmã.

—Não. Encontre a causa e a corrija, ou vou fazer isso por você. — Diane deu de ombros, des preocupada pelos argumentos de sua irmã. — E sabe o que eu quero, Rachel. Essa é minha



sobrinha e é jovem demais para ter que suportar atitudes temperamentais de um adolescente. Não vou tolerar.

— Não é tão fácil, — Rachel sussurrou. — São Castas, não crianças humanas, Diane. Assim como seu pai é. Há mais envolvido que puberdade ou temperamento adolescente.

— Grande merda. — Diane estava em seu rosto, nariz a nariz, se inclinando sobre Amber e olhando nos olhos de sua irmã, mas manteve seu tom suave, gentil, sem um pinga de raiva ou emoção que despertaria Amber. — É assim fácil. Encontre David, pergunte qual diabo é seu problema. Chegue ao fundo você mesma, ou juro por Deus que eu vou.

Os olhos de Rachel arregalaram-se pelo tom de sua irmã. — Você está falando sério.

— Por que está tão surpresa, Rachel? — Diane perguntou entre os dentes cerrados. — A protegi quando era pequena. Lutei por você. Acha que há uma chance no inferno que não faria o mesmo pelo seu bebê? Minha sobrinha? — Diane estendeu a mão, tocou as lágrimas no rosto de sua irmã, querendo chorar também. — Rachel, você é minha irmã. Fomos ao inferno juntas, e andaria no inferno pela minha sobrinha. Não percebe isso?

Rachel balançou a cabeça e Diane percebeu que sua irmã temia as mesmas coisas agora que tinha medo quando criança. Que suas ações prejudicassem alguém que amava ou de alguma forma ofendesse alguém que respeitava.

— Jonas é um menino grande e os pais de David são adultos razoáveis, — disse sua irmã Diane suavemente. — Seu companheiro é Alfa como seu líder. Será que sabe mesmo o que está acontecendo?

— Não totalmente, — respondeu Rachel.

— Corrija isso, Rachel, — Diane ordenou enquanto se aproximava e a abraçava delicadamente. — Corrija por Amber, ou vou fazer isso por você.

Diane se afastou da cama e foi para a janela que usou como entrada.

— Está indo embora, não é? Para encontrar a menina Roberts, — Rachel sussurrou, uma veia de medo enchendo sua voz. — Sozinha.

Diane se virou lentamente. — Você tem Jonas, — afirmou com firmeza, com a voz baixa. — Sua lealdade é para com Jonas e suas causas, e é assim que deve ser. — Ela evitou os protestos de sua irmã com um olhar firme e um levantar rápido de sua mão. — Tenho minhas próprias batalhas para lutar, Rachel. Há coisas que tenho que fazer e não posso fazer isso se estou acorrentada ao seu lado, ou trancada dentro do Santuário.

— Não quero que arrisque sua vida por nós, — Rachel gritou, a suavidade de sua voz de repente rouca por suas lágrimas. — Isso é o que está fazendo, Diane, e não posso suportar isso. Morreria por dentro se algo acontecesse com você por causa de nós, porque sente que tem que nos proteger.

Diane balançou a cabeça. — Isso não é o que estou fazendo, Rachel.

— É. — Ela ouviu sua irmã sair da cama. — Ainda está procurando informações sobre Brandenmore, não é? Ainda está tentando salvar Amber. — Essas lágrimas eram mais espessas em sua voz agora. — Negociando sua vida pela dela. É por isso que não vai aceitar Lawe.



—Não. — Diane virou rapidamente, furiosa. — Eu não sou seu animal de estimação, Rachel. Não sou uma criança que ele pode prender num quarto para minha própria segurança. Eu luto. — Queimava em seu intestino, e inflamava pela cabeça dela. — Faço o que preciso, porque é quem sou. Isso é o que sou. E ele quer tirar isso de mim.

Isso iria feri-la. Partir seu coração. Rasgar algo que não estava certa sequer que reconhecia. Rasgar seu senso de justiça e seu senso de si mesma.

—Ele quer você aqui conosco, — Rachel sussurrou, sua voz hesitante e preocupada.

—Mesmo se eu morrer confinada, Rachel? — Perguntou ela dolorosamente. — Sempre sonhou com uma família, um lugar para assentar e ter filhos. Jonas e Amber são seus sonhos. Isso era o que você sempre quis. — Se movendo para sua irmã Rachel, pegou suas mãos e segurou com firmeza, olhando nos olhos dela, desesperada para fazê-la entender. — E o meu sonho? Alguma vez se perguntou qual era meu sonho ou se tinha direito a ele?

—Você faz isso por causa de mamãe e papai e como foram mortos. Tio Colt a convenceu... — Rachel chorou. — É por isso que luta.

Diane balançou a cabeça outra vez. — Não. Luto porque esse é meu sonho, Rachel. Não quero um carcereiro ou um protetor. Quero um parceiro. Quero alguém que vai me deixar lutar quando precisar lutar e me deixar descansar quando eu precisar descansar. Não quero ser mandada quando preciso fazer um ou outro, porque, acredite, sei o que preciso e sei quando precisar. E o que não preciso é ser algemada ou trancada no Santuário, onde todos estão felizes e satisfeitos, porque eu estou segura. — Ela queria chorar com sua irmã. Queria uivar pela dor de nunca ser aceita pelo que era, mas sempre dando o máximo de si quanto possível.

—Rachel, me deixe ser eu, — ela sussurrou com desespero que não percebeu que estava preso dentro dela. — Se não puder ser eu, então não há razão para sequer existir ou lutar para viver. Não entende isso?

Os braços de Rachel de repente a envolveram, a segurando apertada quando Diane colocou os próprios braços confortavelmente em torno da irmã.

—Sinto muito, Diane. — Ela olhou para cima, permitindo que Diane visse o verdadeiro arrependimento em seus olhos.

Diane engoliu suas próprias lágrimas. — Queria que fossemos crianças novamente. Que a inocência que uma vez conhecemos ainda fosse uma parte de nós.

—Mas é. — Os lábios de Rachel tremiam enquanto tentava sorrir. — Vejo em Amber. Vejo seus olhos, o sorriso do papai, as sobrancelhas da mamãe. Vejo as crianças que já fomos e sei a felicidade que quero para ela. E vejo tudo que Brandenmore poderia roubar, se seu mal conseguir levá-la para longe de nós.

—Não vou deixar isso acontecer, — Diane jurou. — Vou encontrá-los, Rachel. Juro que vou.

—Me ajude, — Rachel sussurrou então, seus lábios tremendo agora. — Ajude a salvar meu bebê, Diane. — Um soluço silencioso sacudiu o frágil corpo de sua irmã. — Não sei se poderia sobreviver a perdê-la.

Diane teve que lutar contra suas próprias lágrimas à medida que abraçavam uma à outra, o medo as comendo enquanto a esperança continuava a queimar dentro delas.



—Vou encontrar Honor Roberts, — Diane jurou. — Por tudo que me mantêm viva, farei tudo em meu poder para ajudar Amber.

Rachel limpou as lágrimas em seu rosto. — Sei que vai. — Ela fungou. — E vou te ajudar como posso.

—Só acredite em mim, Rachel, — Diane pediu dolorosamente. — Não os ajude a me prender. Se somos verdadeiramente irmãs, acredite em mim como fez quando éramos crianças.

Nos olhos de sua irmã viu o arrependimento, o amor e o medo. O temor que estava lá desde que Rachel descobriu que Diane era parte da equipe do tio. Que sua irmã estaria arriscando sua vida na linha de fogo.

—Sinto muito, — Rachel sussurrou. — Apoiei Jonas porque tenho pavor de perder você. De perder a única pessoa que conheço além de Jonas que enfrentaria um inferno por mim. Mas eu o enfrento por você também. Enfrento qualquer coisa para vê-la segura e saber que a segurança não é o que você quer, me apavora.

—Eu sei. — E sabia.

—Mas a segurança te mataria mais rápido que uma bala, — Rachel adivinhou.

Era verdade. Era a coisa mais verdadeira na vida de Diane. Ela encontrou o olhar de sua irmã, e ambas piscaram para conter as lágrimas.

—Então faça o que tem que fazer. — Rachel a soltou então e se voltou com um sorriso choroso. — Faça o que tem que fazer Diane. Nunca vou ficar contra você de novo.

Era uma admissão que Diane sabia que não era fácil para sua irmã.

—Obrigado, Rachel, — ela sussurrou. — Por ser minha irmã. Se precisar de mim, se alguma coisa acontecer, te direi onde estou indo, se jurar manter o segredo para si mesma.

Conhecia sua irmã. Rachel ficaria insana se não soubesse aonde Diane ia. E sabia que Lawe a encontraria eventualmente, de uma ou outra maneira.

Inclinando-se, sussurrou no ouvido a informação para sua irmã, apenas para o caso de Jonas ter deixado um dispositivo eletrônico de escuta, no caso de Diane entrar no quarto.

Rachel assentiu quando Diane deu seu último abraço antes de se mover e se obrigar a sair.

Movendo-se para a janela Diane conseguiu deslizar pela abertura estreita na borda antes de abrir caminho pelas beiras das várias janelas para o canto e o tubo de drenagem que seguia linha abaixo do edifício de mais de vinte andares.

Sabia que Rachel a estava observando quando tirou as luvas de seu bolso e, em seguida, prendeu um gancho de metal do seu cinto na corda que já tinha preparado. Girando ao redor do tubo de metal, Diane abriu caminho até o chão abaixo. Agachada, se moveu rapidamente para os arbustos que decoravam o gramado e levavam ao estacionamento além dela.

Levou apenas alguns minutos para alcançar o Land Rover que pediu para sua viagem. Escorregando dentro, respirou devagar, ligou o veículo e saiu da vaga de estacionamento.



Sair assim, sem homens, sem apoio era desconhecido, mas estranhamente satisfatório. Sempre lutou com uma rede de segurança. Não havia rede agora. Apenas ela, sua formação e seus instintos.

E seu objetivo.

Salvar sua sobrinha. E talvez provasse a Lawe que era forte suficiente para não apenas andar ao lado dele, mas para lutar ao lado dele. Sem essa aceitação, sem sua capacidade de fazer o que tinha que fazer, Diane sabia, uma parte de sua alma ia morrer.

Então, não seria de utilidade para ninguém.

Especialmente para um companheiro.

• • •

Observando o veículo se afastar quando os primeiros raios da aurora começaram a esticar sua frágil luz no céu, Rachel respirou profundamente e tomou uma decisão que orou para que não se arrependesse.

Conhecia Diane, talvez melhor que sua irmã gostaria. Viu a dor nos seus olhos, a ouviu em sua voz quando jurou que morreria se não pudesse lutar. Quando sussurrou com fome a dor do parceiro que precisava.

E Rachel conhecia Lawe. O Casta cuidava de sua irmã. Inferno, amava Diane, e simplesmente não estava pronto para admitir isso. Mas, o que ele não sabia era que a amava por causa de ser exatamente quem ela era, não pelo que pensava que queria que ela fosse.

Se Rachel permitisse que Diane saísse por conta própria e, Deus me livre, fosse machucada, então Lawe nunca a perdoaria por não dizer onde ela estava indo.

Ela nunca iria se perdoar.

Primeiro, tinha que descobrir como dizer sem sentir que traía Diane.

Demorou um pouco, mas tinha um plano.

Sorrindo, tomou banho, chamou a felina Leoa que ocupava a posição de babá e se preparou para invadir a reunião para a qual Jonas deixou sua cama.

Sua irmã era teimosa como o inferno e tão obstinada.

Precisaria de manobras cuidadosas, tanto de Diane como de Lawe, mas Jonas a ensinou um pouco.

Rachel estava extremamente confiante que podia ganhar no último minuto. Que poderia garantir o acasalamento de sua irmã e o comandante Casta. Rachel estava determinada a ver sua irmã tendo a vida que sonhou e a felicidade que merecia.



CAPÍTULO 7

Diane estava atrasada.

Enquanto Jonas atualizava os Alfas de Bandos e Matilhas, incluindo dois que viajaram da Europa para representar o número crescente de Castas saindo do esconderijo lá, Lawe sentiu sua carranca se aprofundar.

Eram quarenta e cinco minutos depois das dez. Atraso suficiente para que se ela não estivesse lá dentro de quinze minutos, então ele a caçaria.

Deveria ter feito isso, pensou impaciente quando sentiu a energia inquieta começando a chiar através de seu corpo. Seus instintos se elevaram, um sentido de consciente estímulo para ele, o avisando.

Algo não estava certo.

Diane nunca se atrasava. O que o possuiu para permitir que Jonas o convencesse que estava simplesmente irritada com todos e que esperasse o pior dela.

Não era o estilo de Diane.

Podia sentir a tensão inundando seu corpo, um aviso de não estava certo e devia ir agora, que deveria ir direto para seus aposentos e encontrá-la.

Seus homens tinham voado para fora horas antes, cada um indo para uma área diferente dos Estados Unidos. Mesmo Thor foi embora.

Ela não sairia sozinha...

O inferno que não.

Por que não viu as pistas?

Se endireitando da posição que tomou contra a parede, Lawe se moveu para sair da sala e verificar sua muito independente companheira.

Ainda não tinha dado o primeiro passo quando uma batida dura e exigente soou na porta e o cheiro da companheira de Jonas alcançou seus sentidos.

O olhar de Lawe se moveu para Jonas enquanto um conhecimento repentino inundava seu sistema. A Genética animal se elevou à frente de seus sentidos quando mordeu de volta um grunhido e se forçou a permanecer no local.

O Casta Executor se moveu para a porta e a abriu rapidamente. Rachel Wyatt entrou na sala numa nuvem de raiva e ressentimento aquecida enquanto se movia para seu companheiro, o diretor do Escritório de Assuntos Castas.

Jonas se virou para a porta quando a figura delicada de sua companheira entrou na sala.

A mulher acasalada com Jonas era adorável, compassiva e inteligente. Com sua feminilidade tranquila e vontade de ferro, era o perfeito oposto às geladas arestas vivas dele. Havia pouco que Jonas conseguia empurrar nela, mas também havia pouco que ela não o perdoaria.



O longo cabelo castanho escuro estava puxado em cima de sua cabeça num toque clássico, os óculos de armação fina pousados em seu nariz quando seu olhar prendeu no seu marido. Sua expressão era tensa, seus lábios apertados e o cheiro de sua raiva flutuava pela sala como cheiro de açúcar, quente e rico.

— Rachel? — A pergunta no tom de Jonas, gentilmente sonora e curiosa ainda tinha o poder de surpreender aqueles que só conheciam o chicote duro de sua língua, antes que encontrasse sua companheira.

Como se o animal dentro de Jonas, sempre andando impacientemente, furiosamente, de repente encontrasse consolo e uma paz repentina e avassaladora. A paz desceu sobre Jonas quando sua esposa se moveu para ele e pegou a mão que ele estendeu para ela.

— O que vocês dois fizeram à minha irmã? — Ela perguntou, em voz baixa, seu tom acusador e angustiado quando olhou para o marido.

— Nada até o momento, — Jonas garantiu a ela enquanto Lawe ignorava o olhar de retaliação nos olhos do diretor. — Embora esteja certo que Lawe tem algumas coisas em mente.

Rachel deu um breve resfolegar nada feminino pela declaração. — Duvido que terá a chance de fazer qualquer coisa. Depois de tudo que disse a ela na noite passada, ela se arrumou e saiu antes do amanhecer desta manhã. Perdi minha irmã, Jonas, e você permitiu que ela fugisse como se fosse alguma criminosa, sem direitos e sem capacidade de escolher seu próprio destino. Desde quando foi tomada a decisão que uma suposta companheira deveria se tornar prisioneira?

Ela não estava satisfeita. E seu desagrado estava centrado mais sobre ele do que sobre seu companheiro, Lawe soube quando sentiu sua própria fúria começando a apertar através de seu corpo. A dor que pulsava e queimava dentro dela se estendeu para cortar cada homem na sala, e para lembrá-lo das suas responsabilidades básicas com sua companheira.

Sua felicidade.

Lawe podia sentir a condenação em cada olhar dirigido na sua direção.

Então, Jonas se virou e olhou momentaneamente Lawe por ter a ousadia de fazer qualquer coisa que desagradasse Diane e, como consequência, desagradasse sua irmã também.

— O inferno que ela era. — Lawe lutou para segurar o ronco surdo no peito.

Sabia que nunca deveria ter saído sozinha. Na noite anterior, alguma coisa o avisou para não tirar os olhos dela. Para não confiar nela. Mas nunca imaginou que se atreveria a tentar sair sem apoio. Sem seus homens. Especialmente depois de sua captura e quase morte a não muito tempo.

Ignorando o olhar de Jonas e dos outros em seu caminho, Lawe rapidamente começou a tentar descobrir o caminho que ela tomou e por quê.

A menina, Honor Roberts, sem dúvida, pensou furiosamente. Diane não tinha intenção de deixá-lo ir ou de permitir que qualquer outra pessoa assumisse essa missão. Jonas podia sentir um rosnado crescendo em sua garganta pelo ronco baixo de raiva que deixava a garganta de Lawe. Como se ele se recusasse a acreditar que Diane Broen se atreveria a sair



sem sua permissão. Jonas esperava este movimento, ainda que Lawe não fizesse nada para impedi-lo.

O Casta estava muito seguro de si mesmo, também da certeza de seu poder sobre Diane apesar da falta de acasalamento entre eles. Espantava Jonas. Onde seu amigo — o homem que considerava mais intuitivo que qualquer outro — foi parar?

—O inferno que definitivamente era. — Rachel cruzou os braços sobre os seios e virou para Lawe com olhos estreitados e raivosos. — Só falei com ela algumas horas atrás, Lawe. Mesmo eu não sabia que estava partindo, até que entrou no meu quarto para me contar. A vi oscilar pela calha de metal vinte andares abaixo quando o sol se levantou, porque era mais fácil escapar do esquadrão de mercenários que colocou sobre ela. O que fez? Bancou o Casta grande e corajoso sobre ela de novo? — Ela não se preocupou em esconder o sarcasmo na voz. — Não avisei que a estava assustando? — Lágrimas não derramadas raspavam sua voz agora e brilhavam em seus olhos. — Não pode acorrentá-la. Não pode forçá-la a ser algum tipo de animal de estimação tímido. Vai conseguir matá-la, forçando-a a se concentrar mais em sua luta pela liberdade do que em proteger a si mesma.

—Ela vai se matar por causa de sua própria maldita teimosia, — Lawe soltou, mas rosnou quando Jonas tentou esconder seu estremecimento.

Não era a resposta que deveria ter saído da sua boca.

Rachel levantou as sobrancelhas, surpresa e irônica. — Então ela deve bancar apenas a mulherzinha indefesa enquanto a conquista e o deixa sair e brincar sozinho, então? — Um riso acentuou a esquerda dos lábios. — Realmente, Lawe, pensei que fosse mais esperto que isso. Só porque desistiu do status de militar ativo e dessa besteira burocrática de planejamento logístico que ama, não lhe dá o direito de aprisioná-la.

Lawe olhou para ela.

Jonas questionou se devia ser solidário com seu próximo assistente ou chutar sua bunda. Viu Lawe olhando para ela, seus olhos brilhando com fúria, e esse olhar provocou um rosnado de aviso vibrando na garganta de Jonas.

—Continue tentando protegê-la Lawe, — disse Rachel dolorosamente. — Tudo que vai fazer é mantê-la fugindo. E cada vez que ela fugir, vai se tornar mais difícil de encontrar e mais determinada a sofrer o calor sozinha em vez de tentar fazê-lo funcionar com você. Ela se esforçou muito para desistir de sua independência ou para permitir que qualquer homem, especialmente um Casta, a controlasse. Só vai fazer com que ela te odeie.

—Então, deveria permitir que continue a se arriscar como se sua vida não importasse? — Lawe estava furioso, seus gelidos olhos azuis se estreitando com raiva enquanto sua expressão tencionava com uma dureza furiosa, a impressão de selvageria felina se intensificando.

—Isso, ou aprenda a lutar ao lado dela, — ela sugeriu com uma dor interna tão agonizante que cada Casta no quarto sentiu. Especialmente Jonas. Podia a sentir se prendendo a ele, queimando direto em sua alma e o cauterizando pelos temores atormentando sua companheira por sua irmã. — Porque se você se tornar a razão pela qual não verei minha irmã, ou minha filha crescerá sem sua tia, então prometo a você, farei tudo ao meu alcance para que pague por isso.



Lawe rosnou, um estrondo baixo e profundo de confusão tão intenso do macho que se não fosse pela dor de Raquel, os outros Castas na sala estariam mais que divertidos pelo som.

—Ruler! — Lawe gritou o nome de seu irmão. —Você vem comigo.

—Eu vou? Não sei se quero ir com você, Lawe, — Ruler afirmou do outro lado da sala. Pelo olhar de fúria que seu irmão enviou em sua direção, ele suspirou de cansaço ao invés de sua zombaria normal. — Tudo bem, mas acho que seria do meu melhor interesse ficar aqui. Essa coisa de acasalamento está se tornando contagioso e apenas quero me manter não infectado se estiver bem para você. Ao contrário de você, ainda estou evitando o assunto e me desdobrando para ficar livre.

Lawe se virou e, embora Jonas não pudesse ver sua expressão por mais tempo, observou no suspiro de Ruler a renúncia quando uma careta apertou seu rosto. —Tudo bem. Bem... — reclamou. — Mas se eu acabar infectado, chutarei seu traseiro do caralho e farei tudo que possa, toda vez que puder, para ter certeza que está com seu pau preso.

Lawe balançou de volta para Jonas. — Vou contatá-lo quando a encontrar.

Pura arrogância Casta e um toque de superioridade masculina enchia seu olhar e sua voz. Jonas poderia tê-lo avisado que estava entrando em problemas. Mas inferno, sabia que o outro Casta não queria ouvir.

Algumas coisas um Casta tinha que aprender por si mesmo. E as lições que Diane estava se preparando para ensinar a Lawe eram daquelas que ele nunca iria esquecer.

Por mais doloroso que essas lições pudessem ser, tão certo como Lawe não tinha necessidade delas e jamais se curvaria, Jonas sabia que seria uma aventura que Lawe nunca ia querer perder.

Afinal, Diane era sua companheira. Uma combinação perfeita, coração e alma, para o homem que ele era. Poderia ter esperado que sua companheira fosse menos guerreira do que ele?

—Sim, faça isso, — disse Jonas com um grunhido quando Lawe e seu irmão se dirigiram para as portas.

Lawe empurrou um dos painéis para abrir, o atravessou e não olhou para trás. Ruler seguia mais lentamente e quando chegou à porta se voltou para Rachel. —Estou certo de que armou isso de alguma forma, — afirmou conscientemente, seu olhar se estreitando sobre ela quando Jonas pegou uma pitada de alguma emoção desconhecida, um perfume que não reconhecia. —Não acho que foi muito esportivo Rachel. Tenho meus próprios problemas que conhece. Não precisava pegar os seus.

Quando a porta se fechou atrás dele, Jonas se voltou para sua companheira e arqueou as sobrancelhas para ela em indagação enquanto ela se encostava à mesa e sorria complacente.

A raiva se foi. Ainda estava dolorida, mas Diane era sua irmã, uma irmã que sempre se colocou em perigo, por algum motivo, e em batalhas que não eram dela, por homens, mulheres, crianças e criaturas que nunca ofereceriam uma palavra sequer de agradecimento.

Estava ciente dos Alfas atrás dele murmurando, sussurrando e se preparando para sair.



—O que fez? — Ele finalmente perguntou à sua companheira, sua voz baixa enquanto olhava para ela em contemplação.

Rachel sorriu doce, inocente. — Vamos apenas dizer que tenho minhas próprias apostas cobertas quando minha irmã está em causa. Vamos apenas esperar que Lawe seja inteligente o suficiente para receber no marcador que dei a ele, e se aprende a ser parceiro da minha irmã, em vez de seu carcereiro.

Ah, sua pequena companheira era mais manhosa do que acreditava, ao que parece. E Deus sabia, ele lhe deu uma abundância de créditos para esse lado astuto de sua natureza.

—Jogando, querida? — Ele perguntou divertido, espantado como sempre que esta mulher perfeita fosse dele. Que o amava. Que era a mulher que Deus criou apenas para ele, quando seus criadores diziam que tal ser superior nunca se importaria e nunca mandaria um raio de sol em sua existência.

—E você pensando que era o mestre manipulador. — Ela deu uma risadinha baixa quando ele abaixou a cabeça para esfregar sua bochecha contra a dela. —Querido, pode conhecer seus Castas, mas eu conheço minha irmã, — ela sussurrou em seu ouvido. —Ela vai tê-lo ensacado e marcado antes mesmo de voltar a DC ou Santuário. Ele vai estar acasalado com mais firmeza que qualquer outra Casta que já conheceu e amando cada minuto disso.

Com isso, ela virou a cabeça e apertou os lábios no seu rosto, dando um beijo tão carinhoso que cada Casta na sala de repente sentiu saudades de sua própria companheira.

Não era um desejo nascido da luxúria, mas um desejo nascido da gentileza e do abrandamento repentino que vislumbravam no Casta, uma vez que juraram que foram criados como uma máquina sem alma. Na verdade, um robô de carne.

Quando ela se virou momentos depois, o olhar dela estava cheio de calor quando olhou para os outros homens. Um pequeno sorriso inclinava seus lábios.

—Onde ela foi, querida? Manter essa informação não é algo que possa fazer. E não é discutível.

Tinham um entendimento e a frase indicava que não era uma situação onde ela podia negar as informações que precisava.

—E você vai lhe dizer, é claro. — Ela fez uma careta enquanto suspirava pesadamente. —Ela vai levá-lo para casa, Jonas. Diane está indo para Window Rock. No coração de sua família, acredito.

Sim, era.

O passado, o presente e o futuro se uniam e Jonas sabia que a dor afetaria Lawe ainda mais do que Rachel podia adivinhar.

—Líder do Bando Leão? — Seu tom era formalmente educado, fazendo as sobrancelhas de Callan arquearem antes que seu olhar se estreitasse.

Levantando uma mão, ele se ergueu e indicou que seu segundo em comando, Kane Tyler, o seguisse, então se moveu para Rachel. Não que isso impedisse os outros de ouvi-los falar, mas seu tom indicava que enfrentaria a sala se o que ela tinha a dizer pudesse ser desconfortável.



—Rachel? — Ele parou na frente deles quando Jonas olhou sua companheira com cautela, de repente certo que ela estava preparada agora para tomar seu conselho e falar com Callan sobre sua filha.

Rachel levantou o queixo e olhou diretamente para ele. —Preferiria que falasse com seu filho antes de mim. — Ela manteve seu tom de voz incrivelmente macio. Tão suave, que talvez os outros não pudessem ouvi-la apesar de tudo. — Da próxima vez que ele assustar minha filha e mostrar aos outros sua recusa em aceitá-la por estar rosnando e expulsando-a, vou levar o assunto à sua mãe. Na sua idade, pode preferir discutir o problema com você primeiro.

As sobranceiras de Callan baixaram. — Há quanto tempo isso está acontecendo? — Perguntou ele, cuidando em manter seu tom abaixo do nível da raiva.

—Desde que minha filha está no Santuário, — informou a ele. — Sua recusa em aceitá-la está afetando as outras crianças, acredito. — Ela piscou rapidamente as lágrimas. — Esta é a razão pela qual já não vou à casa principal, quando convidada, e não participo mais de atividades com as outras esposas. Não posso deixar minha filha sozinha com eles, Callan. Especialmente se David estiver em casa.

Callan ficou estranhamente silencioso. Um músculo assinalou ao lado de sua mandíbula, e por um momento, Jonas considerou afastar sua companheira de seu Alfa. Até Callan o fatar com um olhar de desaprovação, como se sentisse os pensamentos de Jonas.

—Perdoe-me por não ver que um problema existia, Rachel, — Callan disse suavemente. — E aprecio que trouxesse isso para mim, embora Merinus vá entrar em contato com você em breve, tenho certeza. Vamos discutir o assunto com David antes de nós três nos encontrarmos com você e seu companheiro, se isso for aceitável?

Jonas sentiu a mão de Raquel roçar a dele. Entrelaçando seus dedos nos delicados dela, deu-lhe o apoio que de repente ela parecia precisar quando percebeu que o Alfa do Bando, talvez, compreendesse mais do que ela acreditava.

—Obrigado, — ela sussurrou. — Estou certa que podemos estar disponíveis sempre que precisar de nós.

Callan olhou para Jonas mais uma vez. — Sua companheira é boa demais para você, — afirmou com uma contração divertida nos lábios. — E muito mais intuitiva. Deveria ter vindo mais cedo até mim, Jonas.

—Não o culpe. — Rachel balançou a cabeça. — Ficou quieto a meu pedido, Callan. Queria esperar. Não queria causar tensão num momento que sei que outras questões são muito mais importantes. Mas, Diane não é tão paciente e eu tenho medo. Ela me fez fazer isso.

A diversão na declaração quase infantil atraiu uma risada de Callan.

—Vou agradecê-la pessoalmente quando vê-la, — prometeu. — E obrigado de novo.

Ao invés de beijar seu rosto, apertar sua mão ou qualquer outra forma de tocar que pudesse causar desconforto, Callan abaixou a cabeça para a dela e se esfregou contra ela por alguns instantes.



A aceitação, respeito e afeto inerente ao gesto não foi perdida por Jonas ou qualquer outro ocupante na sala. Daquele dia em diante, Rachel seria sempre considerada um membro do Bando pessoal de Callan, e seu círculo íntimo da família.

—Senhores. — Ela acenou para os outros, graciosa, quando Callan recuou. —Vou deixá-los voltar ao seu encontro agora. E se fosse vocês, me prepararia para as consequências quando eles retornarem.

Ela não explicou as consequências, mas não precisava. Se voltassem com as ex-vítimas de Brandenmore, então seria autoexplicativo.

Sem outra palavra saiu graciosamente da sala, balançando a cabeça quando o guarda Casta abriu as portas e depois as fechou por trás dela.

Jonas voltou para os Alfas que deliberadamente encontraram algo mais para olhar.

Todos, menos Leo, o homem que a biologia chamava de seu pai. Os olhos cor de âmbar o observavam cuidadosamente, e torceu os lábios com uma pitada de diversão conhecedora.

Ele assistiu cada momento da conversa e, Jonas suspeitava, ouviu muito mais que ele, Rachel ou Callan desejavam. Mas seu olhar suavizou enquanto sua expressão refletia um respeito que Jonas raramente via no olhar de outros Castas.

Foi então que Leo acenou de volta para ele antes de afirmar, num tom que refletia carinho surpreendente — Acho que ela me assusta.

Jonas deu um suspiro de resignação enquanto seu peito parecia enfraquecer com seu amor por ela. —Sim, — ele falou lentamente. — Acho que somos dois.



CAPÍTULO 8

Três dias depois

Albuquerque, Novo México

Gideon verificou, da janela do quarto de hotel com atenção, todo o âmbito do rifle. As joias e ouro que Scott foi gentil o suficiente para manter no cofre compraram o rifle de atirador e mira altamente sensível através do contato no mercado negro que fez anos antes, durante uma de suas breves fugas dos laboratórios de Brandenmore.

Era uma arma à moda antiga, alimentada por munição carregada, ao invés do tipo que usava uma caixa laser para alimentação antes de cada tiro.

O suave burburinho da caixa de ligação dos rifles a laser eram facilmente detectáveis para a maioria dos Castas, se estivessem dentro de uma certa distância. Mas ainda mais fácil para eles era discernir as duas luzes minúsculas ao lado da caixa. Aquelas luzes podiam ser vistas a quilômetros de distância pelos olhos sensíveis de um Casta.

Esta arma, porém, com seu aço maçante e vidro sombreado no escopo era indetectável para Castas ou seres humanos.

Até que atirasse.

Esta arma, ao contrário da variedade laser, era alta o suficiente para alertar a mais densa população humana da violência sendo cometida.

Não podia ser acionada de volta antes de matar, queimar ou furar. Não podia ser desviada pelo vidro refletor ou material comparável. Havia poucas coisas que podiam ficar entre um homem e uma bala.

Ou uma mulher e uma bala.

No momento, a mulher em questão estava sentada confortavelmente na cadeira que moveu para o lado da cama, em frente à janela. As cortinas estavam abertas e davam uma clara linha de fogo quando ela apoiou as esbeltas pernas em jeans sobre a mesa baixa na frente dela. As botas arranhadas pareciam desgastadas e confortáveis, assim como o jeans desbotado e a confortável camiseta sem manga que usava.

E estava olhando diretamente para ele, seu olhar se unindo na mira da espingarda, desafiando-o a atirar.

Gideon teve que sorrir.

Estava quase se afeiçoando a esta mulher depois dos últimos três meses.

Ela tinha uma coluna de aço, a adversária mais ousada que soube ter. Era ousada, combativa e misteriosa. E condenadamente inteligente.

Suficientemente inteligente para saber que estava sendo seguida e astuta o suficiente para que quase a perdesse mais de uma vez. Gideon nunca chegou tão perto de perder uma presa como com a esta mulher, desde que começou a segui-la.



Era uma adversária danada de boa, e não tinha dúvidas que ela faria algum homem digno num amante danado de bom.

Se sobrevivesse ao pequeno jogo no momento.

Ele quase invejava o homem que partilharia sua cama. Sem dúvida, seria o Casta cujo cheiro detectou em sua roupa, quando escorregou para o quarto dela mais cedo.

Esse Casta teria uma mulher que a maioria dos homens só podiam sonhar em ter. Uma mulher que seria sua parceira. Alguém que entraria na batalha com ele, acalmaria sua alma, curaria suas feridas, e o deixaria louco na cama uma vez que o perigo passasse.

Ela não podia cozinhar coisa alguma, ouviu um de seus homens dizer, mas comandava quatro poderosos, territoriais menos que cortesões bastardos que viviam para a guerra. Três deles a seguiam de boa vontade, lealmente.

Aquele que não era completamente leal ainda vivia porque Gideon só conseguiu identificá-lo nas últimas 24 horas. Se ainda estivesse viajando com ela, então Gideon já o teria matado. Essa mulher merecia mais que o traidor que a vendeu para os inimigos de seu tio, merecia mais que os acidentes supostamente descuidados usados como tentativas de se livrar dela. Alguém a queria fora do jogo. Queriam impedi-la de ajudar o companheiro de sua irmã a proteger sua irmã e a filha dela. De acordo com os rumores, agora que estava tão firmemente alinhada com os Castas, alguém queria garantir que se Colt Broen ressurgisse não haveria ninguém que pudesse alcançar para conseguir ajuda.

Alguém estava com muito medo da combinação que Diane Broen e seu tio representavam. Tão assustado que uma vez que percebeu que ela não diria onde ele ou a base de Leo estava localizada, ou que era forte o suficiente para manter seus segredos, decidiu que estava melhor com ela morta.

Viva representava uma ameaça. Uma ameaça que alguém não estava disposto a encarar.

Gideon duvidava que ela tivesse percebido quantas vezes três desses homens ficaram entre ela e o fogo laser. Se algum deles estivesse lá agora, não tinha dúvidas que estariam entre ela e seu rifle. Como seu tio e seu ex-amante tentaram ficar entre ela e os inimigos que a seguiam. E pagaram por seus esforços com sangue.

Estava sozinha agora. Deixou seus homens atrás, exatamente como ele sugeriu que ela fizesse na carta que deixou para ela na Argentina. Na época, Gideon ainda não tinha descoberto a identidade do traidor em sua equipe.

Agora, sabia. Sabia que foi a causa da morte de seu amante, que traiu seu tio, e que a havia traído.

Para quê? Por um segredo que os pais levaram para o túmulo com eles. O segredo da localização da Cova dos Leões, a casa do primeiro Leo.

Ela os mandou todos para casa, três deles feridos pelas balas de Gideon. Na época, havia apenas um que Gideon estava certo que podia confiar. Foi só nas últimas 24 horas que o traidor mostrou sua mão e Gideon o identificou. Aquele era um perigo para ela. As balas que Gideon usou para tirar os três suspeitos do jogo foi um aviso para cada um dos atingidos, e para o filho da puta ter melhor atenção. Nem homem nem Casta poderia servir dois senhores, e estava cometendo um erro, possivelmente fatal, ao tentar fazê-lo.



Ainda assim, ela o intrigava.

Ela o surpreendeu com a nota que deixou em resposta à sua advertência na Argentina.

Saia e prove que meu inimigo está próximo. Ao me perseguir, só consegue me irritar. Eu prefiro muito mais conversar a continuar olhando por cima dos meus ombros. Se o que suspeito é verdade, estamos trabalhando para o mesmo objetivo. Combinar nossos esforços seria muito mais eficaz.

E agora ela estava dando a oportunidade perfeita para discutir tudo que queria com ela. Ela deu oportunidades semelhantes após fugir do Casta que estava determinado a reclamá-la.

Pena que só queria usá-la, assim como o traidor dentro de seu grupo fez. Ele não tinha intenção de se identificar com ela. Só iria segui-la até o prêmio que ela procurava, e garantiria que o possuísse antes que ela pudesse tomar posse.

Nada disso mudava o fato que Diane Broen o confundia como o inferno.

Era um enigma para Gideon, mas não um fascínio. Não era esta mulher que endurecia seu pau quando pensava nela. No entanto, o Casta cujo pau ela fazia endurecer estaria aqui em breve.

Gideon sabia que estava apenas a algumas horas do Casta que a seguia. E o Casta estava chateado. Lawe Justice rugiu sua raiva no segundo que deixou o Escritório de Assuntos Castas e pisou no SUV preto que esperava por ele fora do Escritório.

Gideon o viu nas sombras do outro lado da rua, e seu olhar se estreitou, imaginando um sorriso quando o Casta parou e olhou em direção à área onde Gideon se escondeu.

Como se o Comandante Justice soubesse que era vigiado. Sabia, e sabia a direção de onde vinha. Como a mulher, seria um bom adversário, mas muito mais perigoso se Gideon se atrevesse a tentar prejudicá-la.

Infelizmente, só podiam se tornar inimigos se ela ameaçasse ficar entre ele e sua presa, ao invés de conduzi-lo para ela. Gideon não podia permitir isso. E sentia que o Casta não seria capaz de impedi-la de fazê-lo tampouco.

Era lamentável que Gideon precisasse dela para atrair Judd, Fawn e Honor de suas identidades escolhidas.

Infelizmente para o Executor, porém, sua busca foi adiada por um tempo. Um prego no SUV antes de sair do bloco. Que foi um golpe de gênio e de sorte, Gideon pensou. O prego que furou o pneu foi posto no momento da chamada de descida para a garagem até o SUV.

Gideon pegou a chamada, preparou o veículo, então saiu para preparar a área para o pequeno prego.

Ele achou incrivelmente divertido ser capaz de escorregar na garagem do Escritório tão facilmente. Não foi capaz de ir mais longe, nas salas do Escritório, nem foi capaz de roubar uma arma do interior. Os sensores eram muito sensíveis e impermeáveis à sabotagem.

Mas chegou perto o suficiente para descobrir que o veículo de Lawe Justice foi solicitado. Perto o suficiente para que o atendente da garagem jogasse as chaves, acreditando que fosse um substituto do Casta doente que ligou.



Duplicar o crachá de segurança foi duro. Levou mais de doze horas seguidas para preparar um que enganasse os sensores, bem como os guardas e o atendente de garagem.

Sorte.

A sorte esteve do seu lado por um minuto.

A jovem centrada no quarto arqueou as sobrancelhas curiosamente, como se questionasse sua desatenção com ela. Sua demora em puxar o gatilho.

Desafiando-o.

Quando se atrevesse com seu companheiro da mesma forma, aprenderia as consequências da insensatez de tais atos impulsivos, pensou com uma ponta de arrependimento. Uma vergonha, realmente, que estivesse marcada pelo cheiro Casta.

Se os tempos fossem diferentes, se fosse o Casta de dezenove anos, ou inferno, mesmo de 27 quando foi recapturado pelos soldados dos laboratórios Brandenmore. Mesmo ainda tinha esperança, lembrava como era rir, da luxúria, de sonhar com a liberdade.

Se ainda fosse esse Casta, então veria que uma companheira podia ficar encantada com seu companheiro.

Uma vez poderia ter conseguido esse objetivo, pensou. Ou pelo menos teria uma chance. Teria dado um inferno por uma tentativa, e teria uma quantidade considerável de diversão na tentativa.

A mulher à vista bocejou como se estivesse entediada e cansada de esperar. Ela deu um aceno e um sorriso repressor, como se o estivesse repreendendo por apenas observá-la ao invés de confrontá-la.

O que a fazia acreditar que ele jamais a confrontaria?

O que a fazia imaginar que não puxaria o gatilho?

Ele o acariciou. Seu dedo acariciou sobre ele como se fosse uma amante enquanto os lábios dela se torciam um pouco no canto, como se fosse um sorriso.

—Viva pela espada e morrerá pela espada, meu tio sempre disse, — ela comentou com uma risada que usou com seus homens antes, no aeroporto de DC. O sueco com ela sacudiu a cabeça como resposta ao seu conselho de que ela devia proceder com cuidado, uma vez que se encontrasse com o diretor Wyatt.

Ela não ouviu seu conselho. Em vez disso, jurou a ele que encontraria os três que foram enviados para coletar e se arrependeria de suas ações mais tarde. Este trabalho, ela afirmou, era muito importante. Sua sobrinha era muito importante para ela falhar.

Encontraria todas elas, uma vez que encontrasse a Sra. Roberts. Ficariam com ela, Gideon sabia, e essa mulher tentaria levá-los de volta para os Castas para realizar mais testes. Tratamentos mais brutais.

Uma faca cortando a carne apenas para ver o que mais doía.

Gideon sabia o que iria ver, no entanto. Não permitiria isso. Odiava a mulher que estava atrás, mais do que odiava qualquer cientista que encontrou. Mas, apesar de seus crimes,



reconhecidamente, foi um crime que uma criança cometeu. Tão terrível como foi, porém, não permitiria que a brutalidade acontecesse a ela.

A Sra. Broen estava se movendo para a área onde suspeitava que sua presa estivesse localizada. Movendo-se para tirar a vingança que ele vivia e respirava há anos demais.

Não podia permitir isso.

Não permitiria isso.

Esperou muito tempo, lutou por muito tempo. E não seria enganado agora que o fim estava tão próximo.

Sua sanidade dependia de manter o voto que fez para si mesmo há muito tempo.

Conhecia a área geral onde estavam, e deu a esta mulher o local. Ela chegaria lá antes dele, mas estaria perto e estaria assistindo. E uma vez que encontrasse a presa, estaria lá para roubá-la. Se ele se lembrava de Judd, e o fazia, então sabia que as meninas estariam muito bem escondidas. Muito bem protegidas.

Talvez até mesmo compartilhando sua cama.

Teve que forçar de volta um rugido de raiva enquanto se concentrava sobre a mulher mais uma vez. Focado no que sabia e não no que suspeitava.

Sabia que uma vez que o Comandante Justice chegasse, Justice se distrairia com o passado que o perseguiria lá, na forma da família de sua mãe biológica que foi morta.

A mesma família que ajudou Judd e Fawn após Gideon desaparecer na escuridão, na noite de sua fuga.

Terran Martinez chegou, assim como Judd disse que faria. Um arranjo do qual Scott Connelly parece ter sido parte. Porque Fawn era sua filha.

Os dentes apertaram quando um grunhido escapou antes que pudesse mordê-lo de volta. Não aceitaria isso. Não podia aceitar.

Ele franziu a testa e olhou através da mira, enquanto a mulher arqueava as sobrancelhas imperiosamente.

Oh sim, ela sabia que estava lá. Assistindo. Esperando. Não estava o desafiando a puxar o gatilho, estava desafiando-o a pegar o que ambos procuravam.

—Boa noite. — Será que ela falou as palavras ou simplesmente permitiu que seus lábios as formassem?

Independentemente disso, ela se levantou da cadeira e caminhou até as cortinas, que puxou fechando com um empurrão, afastando sua visão dela e não deixando nada ao acaso. Ela enfiou as bordas inferiores das cortinas na janela, assegurando que não havia brechas que um assassino poderia usar para se direcionar a ela, então apagou as luzes da sala.

Gideon suspirou pela perda. Houve momentos nos últimos três dias, enquanto a seguia, que não se sentiu tão sozinho nessa busca. Sentiu que alguém, que podia até entender seu desespero, estava lá com ele. Sua batalha para salvar sua sobrinha era nobre. E ele entendia. Infelizmente, também era uma que ela poderia perder.



Ela era única, mesmo para ele, e descobrir mais sobre ela seria imperativo antes de atacar e levar o prêmio que encontraria para ele. Ele não matava inocentes.

Mesmo os médicos assistentes nos laboratórios de Brandenmore foram poupados. Não os responsabilizou pelos horrores sofridos lá. Lutaram em muitas ocasiões para aliviar a agonia ou retardar os testes, para permitir-lhe uma chance de se recuperar antes de serem repetidos.

Vários conspiraram para ajudar sua fuga mais de uma vez, apenas para falhar. Um morreu na tentativa. Outro morreu quando foram pegos tentando aliviar a dor de Judd. Eram sua vida ou as ordens dadas. Gideon nunca investiu contra aqueles que relutantemente seguiam as ordens.

Diane Broen, como os assistentes, era inocente dos crimes que achava puníveis. Não havia crueldade nela. Ao contrário de muitos, no entanto, havia uma feroz necessidade queimando para sobreviver e proteger aqueles a quem amava. Embora houvesse muito poucos aos quais que ela amava. Sua irmã, sua sobrinha. Dos quatro homens que lutavam com ela, viu sua lealdade; não viu amor.

Com o sueco, porém, viu respeito, amizade. No entanto, sabia que ela morreria para proteger qualquer um deles. Eram sua responsabilidade e, portanto, estavam sob sua proteção.

Suspirando baixo, abaixou a arma e esperou, cuidadosamente avaliando as trevas e as sombras antes de se mover. Houve outros olhos a observando, até que ele colocou um fim nisso. Os Castas Coyotes, empregados pelos cientistas de pesquisa que ainda tentavam levar adiante o legado de Brandenmore, a seguiam desde o Tennessee, antes dele se faltar e cortar suas gargantas.

Enviaram uma equipe de dois homens para segui-la. Suas ordens eram, quando e se ela encontrasse o Bengala que escapou quase 12 anos antes, ou as duas meninas, que os levassem antes que o Escritório de Assuntos Castas pudesse mover-se para protegê-los.

Gideon tomou conta deles ao invés disso. Ele permitiria que esta mulher vivesse, mas os Coyotes mereciam apenas a morte.

Não permitiria que nenhum adversário rastreasse os outros ou tentasse prejudicar sua presa ou a mulher guerreira os seguindo. Essa era apenas sua prerrogativa.

Mostrou os dentes pelo pensamento.

A memória do cobre rico do sangue fluindo em suas mãos afiou seus sentidos e um rosnado ameaçador retumbou em sua garganta.

Ainda não, disse a si mesmo enquanto desmontava a arma em partes individuais e as guardava ao lado dele. Em seguida, colocou o chapéu que usava antes. Um chapéu de cowboy batido e manchado que sombreava a marca no rosto e combinava com as botas que roubou junto dele. O cheiro na roupa evitaria que qualquer Casta acidentalmente descobrisse que o indivíduo passando não tinha cheiro próprio.

Tornava-se um incômodo a falta de cheiro. Era um alarme imediato a qualquer Casta que o detectasse. Era preciso que Gideon roubasse roupas usadas, desgastadas, em vez da roupa nova e bonita, que teria preferido.



Sua presa pagaria por isso também, prometeu a si mesmo quando pegou o caso e começou a se mover rapidamente pelo o caminho que descia da elevação em frente ao hotel e de volta para o estacionamento.

Estava passando pela pick-up que comprou dias antes, quando quase congelou, quase se afastou. O veículo saindo e cruzando seu caminho era muito familiar para que ficasse confortável.

Mantendo seu ritmo, atravessou o asfalto para as escadas de metal que levavam ao terceiro andar e ao quarto que ocupava, duas portas abaixo da Sra. Broen. Realmente tinha dois quartos: um que entrou e o que estava entre ele e sua presa.

Os quartos, conectados como eram por duas portas interiores, tornaram possível para ele escorregar em seu quarto e posicionar três dispositivos eletrônicos de escuta que juntou quando deixou o DC. Não foi visto entrando em seu quarto pelas câmeras externas, nem por qualquer um que pudesse ter deslizado para vê-la.

Dois desses dispositivos, ela encontrou imediatamente. Ele teve que dar-lhe crédito por isso, porque realmente tentou impedir que isso acontecesse neste momento. O terceiro, acreditava, permaneceria oculto, indetectável por qualquer um dos detectores Casta ou pelos de John Thorsson, o homem que a mulher chamava de Thor, fazia artesanalmente para "silenciar" dispositivos de escuta, que poderia gravar no modo desativado para curtos períodos de tempo.

Gideon contava com esse dispositivo de escuta para dar-lhe a identidade atual da jovem que estava procurando, assim como do Casta a protegendo. Ele trabalharia com o Casta Bengala se apenas soubesse como Judd pretendia sua vingança.

Tinham a mesma idade, ele e Judd. Compartilharam, por um curto tempo, as mesmas celas, os mesmos testes, o mesmo inferno.

Então, a ordem de encerramento veio para todos eles. Escaparam durante o transporte para as instalações de exterminação. De alguma forma, Judd conseguiu se libertar antes que Gideon dominasse o guarda na parte detrás da van. Gideon foi atrás do motorista, mas o bastardo conseguiu virar a van, fazendo com que as incisões de um corte exploratório ao lado de Gideon reabrisse e começasse a derramar sangue.

Poderia ter morrido então. Orou pela morte tantas vezes que não se importaria se morresse. Inferno, a teria recebido de braços abertos.

Ela se importava, contudo.

Rangendo os dentes, Gideon lutou contra a memória. Ela se importava em vê-lo vivo, para vê-lo torturado ainda mais. Para ver seu inferno estendido de maneira que nenhum deles poderia ter imaginado.

Achou estranho que Judd não dissesse a ele quem os ajudou a escorregar para outros Castas as chaves para suas correntes. Gideon sempre quis saber como Judd conseguiu ganhar sua liberdade, mas seus ferimentos e o resultado de Judd e as tentativas da menina para salvá-lo não permitiram uma sessão de perguntas e respostas.

Os punhos de Gideon cerraram quando se moveu para a janela, em pé ao lado, para olhar pela fresta estreita do lado da cortina. Lá viu que as portas se abriram no SUV preto e



Lawe Justice e seu irmão Rule Breaker saiam do interior para olhar acima no quarto que a Sra. Broen ocupava.

Dois outros veículos pararam de cada lado, ambos similares ao que Justice e seu irmão estavam. Havia três Executores em cada um desses veículos, um total de seis para completar a equipe de oito homens comandados por Justice e seu irmão.

Os Castas não estavam arriscando com a segurança da Sra. Broen. Vê-los, porém, reconhecer a ameaça que representavam forçou um rosnado de sua garganta. Sabia que chegariam em breve, mas a complicação e o animal que ameaçava ultrapassá-lo enviaram um soco de adrenalina e fúria selvagem surgiu através dele.

Atreveriam-se a tentar entrar em seu caminho? A tentar roubar o único consolo que tinha, a única esperança de encontrar a menina e conseguir sua vingança? Não permitiria isso.

Mataria todos antes de permitir que roubassem tudo pelo que se esforçou ou a única chance que teria de encontrar a paz.

Lawe subiu os degraus, enquanto Ruler parava, se mantendo perto do SUV. Gideon deu um passo para a mesa onde o pequeno receptor e fones de ouvido estavam.

O comandante Lawe Justice, era conhecido por ser o braço direito do diretor do Escritório de Assuntos Castas. Se o diretor sabia alguma coisa, então o Comandante Justice sabia disso. Estava curioso para saber que informação podia conseguir neste encontro. Ou se a mulher dentro da sala chutaria o Casta mais rapidamente do que entrasse.

Sabia que Justice seguiria a pequena mercenária. Havia um cheiro sobre ela que ele deixou. Não era calor do acasalamento, e nem a marca que os Castas machos colocavam em suas fêmeas acasaladas. Ainda assim, porém, era um perfume que alertava outros Castas machos a ficar à distância. Que persistia nela e garantia que se outro Casta a tocasse seria invasão territorial.

A genética primitiva que era uma parte muito importante de Gideon sentia o desconforto, incerto sobre se aproximar da fêmea mais do que quando a roçou no aeroporto na outra noite.

Justice não acasalou com ela.

Ele fez algo muito, muito mais primitivo.

Lawe Justice, de alguma forma, conseguiu marcá-la como sua apenas com o suficiente de seu perfume para garantir que qualquer outra Casta reconhecesse sua intenção de acasalar. Ela pertencia a um poderoso e perigoso primal.

Um Casta que mataria para manter o que marcou como seu.

• • •

Lawe destrancou a porta e a abriu. Lentamente, entrou no quarto de hotel que Diane reservou para a noite e olhou ao redor da pequena sala.



O som do chuveiro e o suave perfume fluando do banheiro assegurou que estava debaixo da água corrente, ao invés de vigiando em algum canto escuro, esperando para armar uma armadilha.

Ela era realmente malditamente boa nisso. Era tão silenciosa quanto qualquer Casta, tão capaz e, quando necessário, tão impiedosa. Faltava apenas sua força. Sua força e sua capacidade de invocar o DNA que adicionava o aumento extra de energia, a descarga de adrenalina infundida com um hormônio selvagem, que aumentava sua força e sua falta de misericórdia.

O cheiro dela, de soja e o aroma artificial de amêndoa de seu sabonete e xampu se estenderam até ele, levando-o a fechar os olhos numa careta enquanto a fome pulsava na dureza ingurgitada do comprimento do seu pau.

Deus, jurava que seu cheiro era de paz, de consolo. Sempre que ela estava perto, podia sentir aquelas qualidades tentando passar despercebidas por sua guarda.

O perfume dela era como um farol. Ela cheirava a chuva de primavera e calor de verão, que o perfurou com um raio de pura luxúria que apertou suas bolas e encheu seu pau com uma furiosa e ardente necessidade sexual.

Ela cheirava a promessas, e só Deus sabia como as imaginava. Era um perfume que não podia se livrar, cheio de calor que ia além da luxúria e o deixava com os braços doendo para abraçá-la.

Apenas segurá-la.

Encontrar e dar conforto.

Conforto era outra qualidade que nunca realmente conheceu e não tinha ideia de como conseguia identificá-lo.

Quando virou o trinco na porta, a porta do banheiro abriu e uma onda de vapor derramou pelo quarto. Antes que Lawe pudesse puxar um sopro, Diane saiu e por alguns segundos preciosos roubou qualquer chance que tinha de respirar.

Água gotejava sobre seus ombros. Um pequeno riacho corria por toda a sua clavícula. Sob a toalha, suas pernas brilhavam com uma suavidade acetinada que sugeriam visitas regulares aos salões de beleza para esfoliação. Não havia marcas de navalha, nem vermelhidão da depilação. Ela era especial quando se tratava de seu corpo. Era arredondada, mas tonificada, saudável, mas sem a fixação corrente de ser magra.

Era, para o homem e para o animal, a perfeição.

A excitação o acertou instantaneamente, deixando seus sentidos num caos quando o frescor suave atravessou seu controle. Nunca imaginou que os formidáveis escudos de esforço e determinação que mantinham a emoção longe podiam enfraquecer, uma vez que nunca sentiu nada por outro ser.

Nesse instante, descobriu algo novo. Sentiu as emoções o rasgando, apressando seus sentidos e jogando suas crenças ao vento. E por um segundo, por um inacreditável segundo, se imaginou lutando ao seu lado, compartilhando seus triunfos e ouvindo o riso de seus sucessos.



Um grunhido retumbou em seu peito, rouco e espontâneo enquanto ele lutava para não atravessar o quarto e puxá-la para si. Para não tomar o que tão desesperadamente precisava que ela lhe desse.

• • •

Diane congelou quando entrou novamente no quarto. Um rubor cobriu suas bochechas, nublando seu olhar. Podia sentir o calor lavando seu rosto antes de crescer para o puro calor flamejante e correr abaixo para enviar uma onda de sensação ardente por sua boceta. Ao mesmo tempo, o peito apertava — a triste emoção a inundando ao perceber que para tê-lo perderia sua liberdade — queimando como uma chama através de sua mente.

Oh Senhor. Não precisava disso. Não precisava da emoção. Não precisava de nada mais, ou alguém, para perder. E com Lawe, não havia outro curso. Poderia ter o homem que desejava, ou a liberdade que era o próprio ar que respirava.

As coxas apertaram quando seu clitóris começou a doer, sua vagina vazando umidade, aquecida e lisa que fazia sua boceta parecer inchada, seu clitóris mais sensível.

A excitação que a atormentava sempre que pensava nele, acertou-a em cheio.

Mas não tinha que pensar nele agora, seu corpo excitado gritava superaquecido. Ele estava aqui. Excitado. Pronto para ser tomado. Pronto. Disposto.

Um gemido silencioso e o desejo formigante de esfregar contra ele os sucos que se juntavam deslizando pelas dobras inchadas de sua boceta para umedecer suas coxas também.

Diane sentiu o corpo amolecer, suas coxas enfraquecendo. Apertou mais a toalha. Seus dedos fecharam no material entre os seios, segurando-a como se fosse tudo que impedia a necessidade insana de tocá-lo.

De ser tocada por ele.

Como ele fazia isso com ela? Como a fazia se sentir tão vulnerável e necessitada? Como a fazia querê-lo tão desesperadamente quando não doeu por um homem há anos? Nunca doeu por qualquer um assim, ela percebeu. Por esse "algo" etéreo de promessa de "mais". A saciedade, contentamento e satisfação pura que viu em outras mulheres que acasaram com machos Castas e encontraram sua realização.

Sua irmã. Lyra Jordan. Megan Arness. Merinus Lyons. Faith Arlington, e até mesmo Storme McKenzie e Ria Warrant. Fortes, companheiras vitais para machos Castas arrogantes, dominantes e ainda amorosos que aceitaram que suas companheiras eram mais que receptáculos para continuar o legado Casta, ou bonecas de porcelana que precisavam ser cobertas de proteção.

Aqui estava uma muito boa. Por que diabos estava tão disposta a jogar fora seu orgulho e sua independência por um prazer momentâneo? Por que, naquele segundo, de repente queria ser menos independente e mais parecida com sua irmã, Rachel, só para agradar o Casta, parado e sombrio diante dela.



Era seu sonho. Aquela vozinha, tão cheia de esperança, sussurrava dentro dela enquanto as memórias de tudo o que perdeu ao longo dos anos subiu para atormentá-la.

Ele tornou seu sonho, realmente em vívidas cores, de um futuro colorido com mais sangue. Ela começou a sonhar com um homem que a mulher — a parte dela que era guerreira e a parte que ainda era uma garotinha assustada desesperada para encontrar controle e liberdade — poderia manter. Manter e ainda ser ela mesma.

—Por que está aqui? — Ela forçou as palavras a passar por seus lábios, se forçou a fazer a pergunta ao invés de se mover para ele e implorar para fodê-la.

Ou deixá-la fodê-lo.

O que pudesse ser alcançado e seu orgasmo alcançado no menor espaço de tempo.

Em vez disso, encheu seu tom de irritação para se acrescentar ao olhar indesejado que forçou a vincar sua expressão.

—Por que está aqui? — Ele repetiu a pergunta com uma forte ênfase na sua localização. —Não foi dito para continuar esta missão.

A coisa errada a dizer e ele soube no momento que as palavras passaram por seus lábios. Infelizmente, não havia como pegá-las de volta.

Diane sorriu para ele docemente quando atravessou a sala, e Lawe não pode deixar de olhá-la com cautela. Era condenadamente bem treinada e rápida como o inferno, e ele sabia disso.

Mas ela não se moveu para ele. Atacá-lo, obviamente, não estava nos planos hoje à noite. Pelo menos, não ainda.

Observou com cautela quando Diane passou pelo fundo da cama, mantendo seu olhar sobre ele, seu corpo tenso e pronto para fugir quando se moveu para a mochila deitada no colchão.

Uma mão ficou presa na toalha a cobrindo. Se apenas os desejos pudessem rasgá-la de seu corpo, então já estaria caída no chão, em pedaços.

Quase prendendo a respiração ele observava, seu olhar centrado onde prendia a toalha de forma segura. Desejou seu corpo, cada músculo em seu corpo tenso enquanto queria que ela soltasse o material e desse um vislumbre da carne perfeita e bonita.

A cabeça do seu pau latejava, saltando furiosamente sob o material de seu jeans enquanto sentia as bolas apertadas sob a base do eixo engrossado pela necessidade de liberação. Logo abaixo da coroa ingurgitada de sua ereção, a carne parecia se estender mais apertada, mais quente, uma vez que pulsava em necessidade.

A lingueta estava lá, se esticando apenas o suficiente para assegurá-lo de sua presença. Para assegurar que esta mulher era verdadeiramente sua companheira.

Sob sua língua as glândulas que carregavam o hormônio de acasalamento estava inchadas enquanto latejavam, doíam. A necessidade de enfiar sua língua na boca dela e a envolver no beijo, sensual e aquecido que derramaria o hormônio em seus sentidos, era esmagadora.



—Pare de me olhar assim. — A demanda foi feita enquanto o cheiro de sua excitação começava a intoxicá-lo, preencher seus sentidos e as glândulas sob a língua com o hormônio de acasalamento.

O confronto que ela parecia decidida a iniciar não estava ajudando, e nem o fato que eram roupas que estava puxando da bolsa.

Calças de yoga, uma camiseta, calcinha que era pouco mais que um triângulo de seda.

Segurando a roupa numa das mãos, mantendo seu aperto de morte sobre a toalha com a outra, se moveu para contornar a parte inferior da cama e, Lawe sabia, retornar ao banheiro para se vestir.

Ele deu um passo em seu caminho, impedindo a fuga de forma tão eficaz como barras de aço, garantindo que ela teria que se aproximar, entrar em contato pessoal e íntimo com seu corpo para passar por ele.

Ela olhou para ele desconfiada quando parou no fundo da cama.

—É mesmo um inferno esses quatinhos. — Ele olhou ao redor do pequeno quarto de hotel barato enquanto permitia que um sorriso triste puxasse seus lábios. — Duas pessoas não podem se mover ao redor, ao mesmo tempo sem roçar ou mesmo acariciar um contra o outro. Considerando que as suítes mais caras que a maioria das Castas preferem têm muito espaço para se movimentar e evitar o contato, se for isso que desejem.

Enquanto ele falava, se agachou, com um joelho no chão e o outro flexionado enquanto afrouxava os laços do tornozelo das botas de combate que usava.

Ela olhou para ele com cautela agora, uma ponta de desespero enchendo seu olhar quando ele se moveu para a bota, soltando-a, então se endireitou e puxou cada uma fora.

—Que diabos está fazendo? — Ela suspirou, sabendo exatamente o que estava fazendo. E seu corpo sabia. Podia sentir seu sexo ficando mais úmido, mais quente, ruborizando as dobras sensíveis e fazendo seu clitóris inchar ainda mais.

—Você fugiu de mim, Diane, — ele rosnou quando puxou as finas meias pretas de controle de temperatura dos pés. Em seguida, suas mãos se moveram para o cinto de utilidades de suas calças, seus dedos o soltando.

Castas tinham diferentes rosnados para diferentes emoções: exasperação, irritação, um grunhido irritado, um rosnado furioso. E então esse rosnado. Retumbava profundo com intenção e fome preguiçosa. Este ecoava através de suas terminações nervosas e fazia sua vagina apertar quando jurou que o som ecoou em suas sensíveis profundidades.

—E vou fugir de você de novo. — Ela engoliu enquanto o desafiava, nervosa, seu aperto sobre a toalha aumentando até os nós dos dedos ficaram brancos. — Não sou seu fantoche, Lawe.

—Você é minha companheira. — Ele ouviu o rosnado em sua própria voz, odiava a si mesmo pelo domínio primitivo que vibrava em sua voz.

—Não sou sua para controlar, nem um brinquedo novo brilhando que você compra e pode sentar na prateleira até decidir brincar com ele.



Se sua boceta não estivesse aquecida, fluindo com os doces sucos macios que estava morrendo para provar, então Lawe poderia ter dado atenção a essa ponta de desespero em sua voz. O medo aparente de seu toque, do calor do acasalamento, e teria se forçado a sair.

Não era medo, apesar da aparência, no entanto. Ele cheirava o desespero, fome, confusão. Ela o queria, doía com a mesma fome que tinha por ela e isso era tudo que o animal crescendo dentro de si reconhecia.

Estavam morrendo um pelo outro, mas ela achava que podia fugir e ele não iria caçá-la?

O DNA animal dentro dele exigia que fizesse exatamente isso. Que a caçasse. Que se tornasse o caçador, a força dominante que a ligaria a ele.

O que a fez acreditar que podia se colocar em perigo e que ele não iria ficar na frente dela? Que não a protegeria com cada última gota de força que possuísse? Que não daria sua vida e a vida de cada Casta já criado para vê-la em segurança, pela continuidade dela.

—Colocar você numa prateleira é a última coisa que quero fazer, querida, — ele prometeu sedosamente. —Mas brincar com você definitivamente está nos planos.

Em vez de remover seu jeans após soltar o cinto, Lawe encolheu os ombros da jaqueta fina de seus ombros, em seguida, puxou a camisa preta sem mangas de seu corpo e a jogou de lado.

Sua linguinha rosa e tentadora, se estendeu para tremer sobre os lábios.

O brilho de umidade na sensual curva do lábio inferior fez suas bolas apertarem, a necessidade de tomá-la atingindo-o em cheio.

Era tão forte que mal podia suportar respirar enquanto desabotoava o botão de metal do jeans e, enquanto ela observava, o retirou de seu corpo.

—Acha que pode fugir de mim sem consequências companheira? Sou um Casta do caralho. Fuja e vou te caçar. Desafie-me, Diane, e vou aceitar. Pode me ver como algum pobre animal castrado que pode controlar tão facilmente?

—Castrado? — Seu olhar cintilou em sua ereção. —Na verdade não. Mas tenho certeza que por vezes Jonas se assegurou de que estivesse realmente bem domesticado. Você ronrona ao comando, Lawe? Ou será que só Jonas têm o poder de dar essa ordem?

Ela estava insana, Diane decidiu, com direito a atestado. Seu tio fez essa previsão mais de uma vez durante os anos antes de sua morte.

Estava obviamente certo. Só uma pessoa louca ousava manipular um Casta de tal forma, não importa o quão inofensivo era.

Mas ambos, Lawe e Jonas, mereciam cada momento dela.

Jonas por se atrever a jogar com ela, e ela sabia que ele o fez. Não descobriu como, mas conhecia o monstro calculista, manipulador que ele era quando queria garantir cada Casta capaz acasalado.

E Lawe, por fazê-la sentir. Por fazer com que o quisesse. Por se recusar a ser um parceiro e um amante.



Ela não quer ou precisa sentir as emoções que a dilaceravam ou a dor de tal necessidade por um único homem. Não pediu que entrasse em sua vida e descartasse todas suas crenças e a vida que ela resignara ao caos. E com certeza não pediu que seu cunhado o ajudasse. Implorou a Jonas uma maneira de fazer Lawe entender que nunca funcionaria pressioná-la a desistir da vida que a fazia se sentir valorizada. Em vez disso, ele sugeriu que ela se resignasse a desistir. Ele a avisou sobre puxar as correntes de Lawe mais de uma vez.

A avisou que Lawe não era um gato domesticado, mas um casta Leão totalmente treinado e em seu auge.

Assim como a avisou que Lawe não receberia nenhuma ordem e ele com certeza não ronronaria ao comando.

E o último aviso foi que o animal com quem Lawe partilhava sua pele, um dia superaria sua determinação de mantê-lo afastado, e tomaria a companhia que sentia a espera.

Se o olhar no rosto Lawe e sua dura ereção se projetando fossem qualquer coisa próxima, o animal e o homem estavam muito bem de acordo que era o momento de reivindicar a companhia e estavam dispostos a prová-lo.

Os gelados olhos azuis queimaram, então escureceram, quando sua expressão ficou tensa e a dominação primitiva de repente o marcou.

Era isso.

Estiveram dançando em torno de si por mais de um ano, deliberadamente escorregando, em seguida, voltando ao menor sinal de emoção, apenas para serem atraídos novamente.

Ela brincou e esqueceu as advertências que Jonas lhe dera.

Ela fugiu dele, lutando para escapar do que sentia ser inevitável. Jonas a alertou sobre fugir. Avisou-a sobre o predador vivendo dentro de Lawe, o animal dominante, que moveria céu e inferno, matando ou se arriscando a ser morto, para possuir sua companhia. E daria a ela o que precisava, tudo que sabia instintivamente que tinha que ter, só para ser feliz.

Por mais de um ano, ele ficou afastado. Ele ignorou a fome, assim como ela. Ele ignorou a necessidade e a deixou fugir de todas as emoções que não podia lidar, e o conhecimento que aceitá-lo significava aceitar a gaiola que construiria ao seu redor.

De alguma forma sentia os monstros que se erguiam para cortar suas emoções a cada vez que ela lutava para escapar dele, porque sempre a deixava ir. Ou estaria ocupado com seus próprios monstros e a batalha para se livrar deles, em vez disso?

Qualquer que fosse, obviamente, ele decidiu que era hora de fazer algo sobre a fome arranhando através de ambos.

Diane exalou numa lufada de surpresa quando Lawe se moveu para ela, pegando-a pela cintura quando ela se virou para fugir dele. Agarrando seus quadris, puxou-a de volta, trazendo sua bunda contra o comprimento de seu pênis endurecido quando a pressionou firme contra ele, e dominante, o talo rígido de sua ereção esfregando contra a fenda da bunda dela.

E ela não conseguiu evitar se pressionar para trás, o sentindo, aquecido e rígido a cutucando. Podia senti-lo desde seu ombro até suas coxas. Podia sentir a aspereza de sua



carne, sentir aqueles pequenos, minúsculos pelos quase invisíveis que o cobriam dos ombros até os tornozelos como uma pele de seda áspera.

—Vivendo perigosamente, querida? — Ele lhe mordiscou o lóbulo da orelha enquanto suas mãos caíam em seus pulsos, seu aperto desesperado enquanto ela lutava para empurrar atrás o desejo, ou o medo. Ela tinha que deixá-lo ir porque ele obviamente não permitiria que ela o deixasse.

O desejo não se mexeu de sua posição, só cresceu. O medo a segurava com unhas sangrentas e vacilantes ainda sob seu toque, quando ela sentiu o incrível calor sexual, escaldante até sua espinha.

—Assustada, gatinha selvagem? — Ele sussurrou contra seu ouvido, o calor de seu hálito uma carícia contra a concha sensível de seu ouvido.

—E você? — A bravata em seu tom estava em desacordo com a vulnerabilidade que sentia, para não mencionar o inferno de luxúria crescendo em seu ventre. — Acho que sabe mais do que isso, Lawe.

Mesmo enquanto negava essa acusação, Diane sabia que era mentira. A exalação suave abriu seus lábios enquanto seus dedos apertavam, as unhas raspando sobre a pele de seus quadris quando ele pressionou contra ela com mais firmeza, esfregando mais o pau duro contra a fenda de seu traseiro.

Prazer chicoteou em suas terminações nervosas, enviando acentuadas chamadas de sensação correndo por seu corpo.

O medo diminuiu novamente quando o calor de seu corpo pareceu penetrar o frio que se envolveu em torno dela mais cedo. Mas não desapareceu. Ela se perguntou se alguma vez desapareceria totalmente.

Um tremor correu através dela com o toque de sua língua, como uma lixa áspera contra a carne sensível logo abaixo da orelha. Nesse segundo, o medo foi embora e o prazer ofuscou cada pesadelo que já a perseguiu.

O desejo era um demônio com dentes afiados rasgando o pau de Lawe, por isso não conseguia reter os sentidos animais atraídos pelo cheiro do desejo de sua companheira, o calor de seu desejo, e o frio de seus medos deslizando para longe sob o ataque de prazer.

Sentiu a genética animal vindo à tona dentro dele. Cada Casta carregava a genética do animal que possuía. Alguns carregavam seus animais mais próximos da pele que outros, e para outros os instintos animais eram impossíveis de controlar quando o calor do acasalamento crescia e afundava suas garras profundamente dentro do núcleo primitivo do Alfa-macho de sua psique.

A necessidade por ela estava rasgando-o. Tentou se controlar. Lutou contra. Mas naquele momento, Lawe sabia que perdera a batalha.

Girando-a, seus dedos se enterraram na parte de trás de seu cabelo. Agarrando os fios, puxou a cabeça atrás e antes que pudesse pensar ou considerar suas ações, a cabeça abaixou e os lábios cobriram os dela enquanto o instinto o fazia empurrar a língua entre os lábios e enterrá-la no calor de sua boca.



Encontrando sua língua, ele a esfregou contra a dela, sentindo as glândulas abaixo começar a inchar e pulsar ainda mais, bombeando e derramando o calor picante do hormônio de acasalamento dele para a mulher que seu animal interior escolheu como sua companheira.

Lawe ouviu falar da parte animal de um macho Casta assumindo. Como assumia o primeiro plano do desejo quando o hormônio de acasalamento começava a derramar das glândulas para se misturar com a adrenalina, a fome e o desejo correndo por ele e em sua companheira.

Agora, beijando Diane, tocando-a, Lawe sentiu a mordida requintada de uma necessidade diferente de tudo que já conheceu em sua vida. Um prazer que percebeu que não queria perder, não mais. Esse buraco vazio em sua alma desapareceu. A escuridão, dor, o amargo desconhecido que sempre permaneceu dentro dele foi afastado deslizando desde o momento que percebeu que ela estava com ele.

Segurando a cabeça no lugar com uma mão, usou a outra para acariciar a carne macia e aquecida da parte inferior de suas costas, em seguida, ao longo da ascensão de suas nádegas.

Diane se levantou contra ele, arqueando, um pequeno gemido chorado deixando sua garganta enquanto sentia as mãos apertar contra seu peito, seus dedos curvando, as unhas raspando.

Estava queimando por ela. Os minúsculos pelos que cobriam seu corpo pareciam tão sensíveis, tão brutalmente vivos enquanto ela acariciava contra ele que jurou que estavam diretamente ligados às suas terminações nervosas.

A fome o agarrou. Uma fome sexual impossível de negar, criando uma onda urgente e intensa de luxúria que o deixou apenas distantemente consciente de suas ações.

Diane gemeu quando o sabor aquecido e único dele se derramou em sua língua, seus sentidos e, jurou, sua alma.

Picante, doce, como peras caramelizadas. O gosto de seu beijo estava enriquecido com o elixir mais viciante. O gosto parecia permear todos os cantos de sua consciência.

E isso a deixava com fome. Uma necessidade tão aguda e intensa, que só podia choramingar em perigo uma vez que atingiu repetidas vezes em seu clitóris, nas profundidades sensíveis de sua boceta.

Sacudindo a cabeça atrás com outro rosnado animalesco, Lawe ficou tenso, a ponta dura de seu pau latejando imperativamente. Ainda imersa em seu beijo, Diane deixou viajar sua mão abaixo de seu peito nu, seu abdômen, até que estava correndo a palma da mão ao longo do cume aquecido da pesada ereção.

—Deus, Diane. — Ele espalmou sua nuca enquanto ela apertava os lábios contra o peito, permitindo-se o gosto da carne dura que cobria os músculos apertados, flexíveis.

—Vai me empurrar longe demais. — Sua voz era tão áspera que chegava a ser animalesca, enviando uma onda de prazer sensual através dela.

—Está tudo bem se você me empurrar? — Diane sussurrou contra sua pele sensível antes que sua língua lambesse o gosto dele mais uma vez.

Ela teve que pressionar as coxas juntas, os músculos apertando convulsivamente ao ver a tensa carne.



Não se conteve.

Fantasiou com ele por tanto tempo. Desde a noite que a resgatou do acampamento sírio para onde foi levada por seus sequestradores, sua perna quebrada, o rosto inchado, a clavícula fraturada por causa das pancadas que sofreu.

Ela deu uma olhada nos traços de um Casta selvagem que não conhecia Adão, e pela primeira vez em muitos anos, foi mais que um soldado. Mais que uma pistoleira contratada.

Sangrando, dolorida, tendo certeza que ia morrer e, por um momento de parar o coração, irracional, foi uma mulher e desejou o conhecer quando tivesse uma bolsa de maquiagem acessível.

Um belo vestido.

Saltos.

E nunca usou qualquer um dos três desde o colégio. Não teve chance.

Agora, com a língua lambendo a carne salgada do macho, sua pesada ereção latejando sob seus dedos enquanto acariciava ao longo do eixo grosso, surgiu essa necessidade de novo.

A necessidade de ser uma mulher.

Ser a mulher de Lawe.

Sempre esteve lá, mas quando o gosto de peras caramelizadas encheu seu sistema, amplificou, bombardeando-a com a necessidade.

—Doce, doce Diane. — Ele gemia, suas mãos em punho no seu cabelo. —Sonhava tocar em você. Sonhava em te comer.

Um gemido sussurrado passou pelos lábios.

—Sonhei em ter seus lábios no meu pau, observando como fodia sua boca, esticando seus lábios bonitos.

Seu olhar se ergueu, encontrando seus dedos mais apertados enquanto começava a empurrá-la abaixo. — Me dê, querida. Dê-me seus lábios bonitos. Os envolva no meu pau como sonhei. . .

Pressionando para frente, empurrando-a de joelhos, Lawe observou enquanto Diane lambia os lábios, os separava e se inclinava para colocar a cabeça grossa de seu pênis ereto entre eles e em sua boca.

Lawe congelou imediatamente.

Seu corpo inteiro tencionou, flexionando os dedos em seus cabelos. Eles apertaram enquanto ela se deixava acostumar com a largura morna enchendo a boca, o pulsar forte de poder e vida sob a língua.

Segurando a base do eixo com uma mão, os dedos não eram capazes de envolver em torno da espessura enquanto segurava a carne dura constante para cada exploratória lambida e golpe de sua língua.

Foi há muito tempo. Muitos anos desde que conheceu a força e o calor do desejo de um homem. E tinha que admitir, nunca conheceu uma força ou espessura, como a que enchia sua boca.



—Diane. Me foda, assim. Chupe, querida. Dê-me essa boca doce. — Estrangulada, sua voz rasgada, o prazer no tom rouco e áspero de sua voz fez sua língua abaixo da crista sensível agir com fome renovada.

Cada golpe foi recebido com uma pulsação forte, um gosto sutil de calor poderoso e o macho que era. Ele encarnava a força e a fome do macho, e ela se viu intoxicada com ele. Não era nada senão aventureira, corajosa. Senão ousada.

Determinada a destruir a si mesma para ter esse homem e uma posse tentadora que, sabia, iria destruí-la.



CAPÍTULO 9

Sugando a ponta do grosso pau pesado enchendo sua boca o mais profundamente possível, Diane se deixou esfregar a língua e acariciar a parte inferior com prazer langoroso. Na separação da carne no topo da crista de ferro rígido que queimava, ela sentiu um pulsar forte que parecia flexionar, expandir e recuar.

Seu coração bateu mais rápido. Sabia da lingueta localizada lá, e sentir seu pulso de aviso, ameaçando parte da carne, roubou seu fôlego.

Rachel falou a ela sobre isso, mas os detalhes eram incrivelmente superficiais. Diane sabia o que esperar, porém, e o pensamento a fez aumentar seu aperto sobre ele, quando lambeu a área novamente.

—Ah sim, gata selvagem. — Lawe gemeu acima dela. —Isso é bom pra caralho. Tão doce. Doce, doce boca foda.

Ele enterrou suas mãos em seu cabelo e os dedos apertaram nos fios grossos. O leve beliscão da ação de puxar era mais erótico do que deveria ser. Enviava labaredas de prazer incrivelmente impressionante ao seu seio, apertando-o enquanto seu clitóris pulsava em necessidade dolorosa.

—Chupa, querida, — ele rosnou, a aspereza erótica de sua voz acariciando seus sentidos quando um gemido choroso vibrou em sua garganta.

Teve apenas dois amantes, e nenhum deles era oral. Ouvir o incentivo de Lawe sussurrado em voz áspera, ouvir o prazer dele a fez andar na beira do orgasmo e ele ainda sequer a tinha tocado.

—Diane, docinho, — ele sussurrou acima dela quando ela acariciou o eixo pesado com os dedos, os correu mais abaixo e permitiu que as pontas dos dedos brincassem sobre a carne suave e sedosa de suas bolas.

Os finos pelos mal estavam lá, o corpo dos Castas possuía pelos invisíveis tão suaves como seda sob os dedos de uma mulher. Era suave, Diane decidiu ao deixar seus dedos acariciar as coxas. Quase como uma pele felpuda criada para o prazer sensorial de uma mulher.

Seus dedos apertaram em seu cabelo, puxando os fios quando Diane girou sua língua em torno da pesada crista de seu pênis, degustando a cabeça e saboreando o gosto macho da sua carne.

Cada lambida só parecia deixá-la com mais fome por ele. A cada gostinho, jurava que podia provar peras doces se misturando com o sabor de sua carne.

Era um gosto viciante. Ela queria mais. Queria encher a boca com ele, provar, experimentar cada grama de prazer que podia ser conseguida dele.

Entre suas coxas seu clitóris estava inchado, latejando com abandono furioso enquanto a necessidade inundava seu sistema. Ela podia sentir os músculos de sua boceta em convulsão, se apertando, enquanto a fome a oprimia.



Seus sucos fluíam da carne sensível, amortecendo as dobras entre as coxas dela e sensibilizando o clitóris até o ponto que o prazer montava a borda da dor.

—Basta! Deus, Diane, não continue. — A borda áspera de sua voz fez um arrepio correr até sua espinha enquanto seus dedos apertavam em seus cabelos e puxavam a cabeça para trás.

—Não. Lawe, por favor. — Frustração, necessidade e fome convergiam enquanto dedos fortes agarravam seu braço e a puxavam de pé.

Antes que pudesse protestar mais, seus lábios estavam nos dela novamente, suas mãos deslizando para o traseiro, onde a agarrou, levantou, e em seguida, virou e a apertou contra a parede.

Lawe podia sentir suas mãos trêmulas, sentir o controle do qual se orgulhava derretendo de dentro para fora. Estava perdendo isso. Se perdendo numa onda de calor e prazer que não fazia sentido, até mesmo dentro dos laços do calor do acasalamento.

Tinha sua companheira apoiada contra uma parede, os joelhos agarrando seus quadris, o calor macio e aveludado da sua boceta esfregando contra o eixo do seu pau.

Ele podia sentir a umidade de seus sucos, lisos e molhados. Ele revirou os quadris, a luxuosa suavidade contra sua carne sensível trazendo uma careta para os lábios, arreganhando os caninos quando abaixou a cabeça.

Queria prová-la. Queria tocá-la.

—Ah Deus, — ele sussurrou, logo abaixo da orelha. —Preciso foder você, Diane. Como o ar, como a respiração, preciso de você.

Ele sentiu que morreria se não estivesse dentro dela em breve. E, ao mesmo tempo, se não a tocasse, não consumisse, então morreria de desejo também.

Ele lambeu a carne macia logo abaixo da orelha e sentiu sua respiração crescer ainda mais quando seus quadris se moveram, o broto duro de seu clitóris contra o ajuste de seu pênis.

Ele esfregou sua língua contra a dela, tanto quanto ela esfregou a dela contra a lingueta escondida na crista pesada de seu pau. Uma massagem lenta e experimental. A carícia intensa encheu sua boca do gosto dela e do gosto do hormônio de acasalamento. E ambos eram semelhantes. Ambos preenchiam seus sentidos com o gosto do tempero adocicado, de peras suculentas e verão, fazendo com que ele beliscasse a carne delicada com uma mordida compulsiva.

Um gemido ondulou de seu peito. Um som sem fôlego apertado que fez cada músculo do seu corpo, como os dedos em seu cabelo, espetar, a palma da mão em concha em seu couro cabeludo quando ele virou a cabeça para os lábios.

Primeiro ele simplesmente tocou as curvas suaves com seus próprios lábios, deixando-se senti-la, respirar seu ar enquanto ela olhava para ele com uma fome vulnerável que afundou até sua alma, alma que ele foi treinado para acreditar que não tinha.

—Poderia comer você, — ele rosnou contra seus lábios enquanto os lambia primeiro.



Os lábios entreabriram, os incríveis olhos castanhos escuros se abriram, os cílios esvoaçantes quando seu olhar encontrou o dele.

Esta não era a guerreira que olhava o mundo com suspeita e desconfiança. Esta era a mulher por quem daria sua própria vida para proteger. Aquilo fez sua coragem apertar com medo pelo pensamento dela enfrentando balas.

—Está apenas olhando para mim, — ela sussurrou contra seus lábios quando a determinação de aço que normalmente via em seu olhar brilhou por um instante.

—Você me hipnotiza. — Era nada menos que a verdade. —Você me destrói, Diane.

Os lábios entreabriram para dizer mais e Lawe se viu impotente para fazer qualquer outra coisa senão tirar proveito.

Sua língua afundou passando pelos lábios, encontrando a dela quando sentiu a dor e o pulsar das glândulas sob a língua, uma vez que atingiu o calor de sua boca.

O gosto picante de verão encheu seus sentidos novamente quando seus cílios deslizaram fechados e um gemido dolorido saiu dela mais uma vez.

A mão livre deslizou de seu quadril até a curva do seu seio, envolvendo a carne delicada enquanto seu polegar raspava o mamilo endurecido.

Tanto quanto queria seu beijo, ele queria esse mamilo também. Queria puxá-lo em sua boca, lambe o broto sensível com sua língua e sugá-lo com uma fome erótica que parecia perto da morte.

—Lawe, — ela sussurrou o nome dele quando sentiu seus lábios se movendo abaixo na coluna esguia do pescoço. —Isso não muda nada. Não vou deixar. Não vou deixar que me prenda.

A beliscou em represália, atraindo outro gemido quando então lambeu a ferida erótica.

—Vai mudar tudo, — assegurou a ela. —E nunca quis prender você.

Mudaria os dois, quisessem ou não. Assim como prenderia a ambos.

Puxando seu peso leve para ele, Lawe se virou e alcançou a cama. Colocando o joelho no colchão a baixou para o edredom, seu olhar se estreitando quando seus olhos se abriram mais uma vez, olhando para ele com um prazer atordoado que o maravilhou.

Ele sempre agradou as mulheres que tinha em sua cama, se certificava disso. Mas ver aquele olhar nos olhos de sua companheira fez seu estômago apertar e seu pau duro inchar, impossivelmente maior, com um orgulho masculino que não fazia sentido para ele. Nem sequer a levou ao orgasmo ainda. O orgulho deveria ser guardado para a conclusão, mas estava aqui, subindo em resposta ao prazer que lhe dava.

Levantando seus quadris de entre as coxas dela, permitiu que a mão traçasse a curva arredondada de seu seio, em seguida, abaixo por sua cintura curva, até o quadril, deslizando entre as coxas delgadas e o calor úmido entre elas.

Quente e lisa, a umidade se juntava nas dobras sedosas de sua boceta, estava grossa e pesada, facilitando o caminho para os dedos à medida que deslizavam através da fenda estreita.



Seus quadris se agitavam, um pequeno grito estrangulado saiu de seus lábios quando seus quadris arquearam, levantando para ele quando deixou apenas a ponta do dedo circular o endurecido broto de seu clitóris.

Sedosa, pulsante de excitação, os folículos se estendiam para os dedos quando os quadris de Diane se torceram e se contorceram contra seu toque. O cheiro de sua boceta, aquecida e feminina, o atraiu, enchendo sua boca de água por seu gosto enquanto seus lábios se moviam ao longo de seu tronco, deslizando mais perto da umidade que o hipnotizava.

Entre suas coxas seu pau era uma dor contínua, latejante contra o edredom, enquanto procurava tirar o máximo possível dela.

Dele.

Minha. A palavra ecoou em sua cabeça num pensamento primitivo, um rugido silencioso de posse primitiva quando deixou sua bochecha roçar contra os cachos entre suas coxas.

Elegantes, femininos, apenas protegendo as linhas suaves, os cachos estavam encharcados com seus sucos, um elixir que estava morrendo por provar.

Com uma suave lambida, um toque tão suave como um sopro, lambeu mais das gotas, sentindo-a tremer sob ele.

Não de medo.

De antecipação.

Um som quebrado e animalesco retumbou em sua garganta quando deixou sua língua deslizar em sua fenda, trabalhando, puxando a seda molhada para sua língua e degustando o êxtase puro quando o atraiu para ele.

—Lawe! Oh Deus. . . — Diane se arqueou, cega pela onda de prazer que atravessou seu sistema como um caleidoscópio de pura luz e cor.

Apertando os dedos em seus cabelos, ela lutou para mantê-lo no lugar, a sensação de sua língua, um pouco mais áspera que a humana, causando correntes elétricas pipocando e ziguezagueando através do broto que mandava dedos de sensações arrebatadoras serpenteando e atacando seu ventre.

Voltando a se arquear, com a cabeça jogada para trás, ela dobrou os joelhos e apertou os pés na cama enquanto seu quadril pressionava mais perto. Não podia chegar perto suficiente, não conseguia o suficiente da sensação crescente, suficiente do momento certo para enviar seu prazer ao abismo de êxtase à sua espera.

Estava apenas fora de alcance. Então, se aproximou tentando e atormentando e cada golpe de sua língua a jogava mais perto desse limite, sem permitir que ela sobrevoasse.

—Tão bom, — ela gemia enquanto uma onda de calor perfurava seu clitóris, em torno dele e queimava com chamas sensuais. —Oh Deus, Lawe. Não posso suportar. . .

Ela precisava gozar. Apenas uma vez. Apenas o suficiente para aliviar o aperto sempre queimando através dela.

Em vez disso, ele se alimentou dela, acariciou, e a mandou correndo numa tempestade de pura sensação, mantendo-a a beira do orgasmo que lutava para alcançar.



Um gemido de prazer vibrava contra o broto sensível quando ela sentiu os dedos, as pontas calejadas acariciando desde o interior de suas coxas até as dobras inchadas de sua boceta.

Ela se levantou novamente, seus quadris esfregando em seus lábios enquanto lutava para respirar, então, prendeu a respiração enquanto lutava pela liberação.

Um gemido áspero, tão diferente dela, cheio de súplica e com um silvo de agonia e prazer escapou de sua garganta enquanto sentia as provocações, os dedos atormentando na entrada de sua vagina.

Não apenas um, mas dois. Amplos, fortes, que esfregavam e acariciavam enquanto pressionavam as coxas mais abertas com a mão livre. Abrindo mais as pernas se arqueou para ele novamente, não podia suportar tal toque íntimo sem explodir de necessidade pura.

No entanto, ele conseguiu mantê-la equilibrada sobre essa borda, mesmo quando seus dedos começaram a esticar sua entrada. Esfregando, acariciando, deslizando dentro dela quando Diane o sentiu recolhendo os sucos que fluíam mais duros quando o prazer aumentou pelo calor impossível.

Rachel não mencionou isso, pensou vagamente quando a necessidade imperativa começou a queimar mais brilhante, mais quente que antes, mais do que podia imaginar.

Calor do acasalamento.

Rachel disse que era impossível lutar quando começava.

Não queria lutar contra isso. Território desconhecido se levantava diante dela, mais perigoso que qualquer missão que já participou. A adrenalina corria pelo seu corpo, cantava através de suas veias e o gosto de peras caramelizadas e especiarias enchia seus sentidos enquanto sentia aqueles longos dedos masculinos a penetrando com um golpe repentino e dominante.

Relâmpago. Correu por meio de sua boceta, apertou os músculos internos com espasmos involuntários quando um grito rasgou dos lábios de Diane. Mornos e pesados, seus dedos esticaram e mandaram uma pitada de doloroso prazer sensual através do tecido delicado.

Seus sucos deslizaram através do canal estreito, enquanto ela se contorcia sob ele, seus quadris trabalhando para alcançar o comprimento de seus dedos dentro dela enquanto apreciava a invasão.

—Lawe! — Chorando seu nome, enrolou seus dedos nos cabelos dele novamente enquanto sentia seus dedos recuarem e empurrar dentro dela com força.

Um joelho dobrou, seu corpo de repente desesperado por mais, lutando sem pensamento consciente para deslizar sobre essa borda mágica do lançamento, Diane se arqueou mais perto. Tentou forçar seus dedos mais profundamente.

Levantando a perna atrás para apoiar o pé sobre os ombros de Lawe, seus quadris trabalharam em seus dedos enquanto a fodia. A lixa de sua carne dura, mais áspera contra o delicado tecido interior alcançava terminações nervosas que a fez gritar de prazer. Transpiração cobria sua pele quando o prazer expandiu dentro dela, correndo por suas veias, flamejando através dela. Seus lábios soltaram seu clitóris e só sua língua áspera raspava a área,



começando a esfregar, lambar e acariciar mais rápido, dirigindo as lambidas, e Diane sentiu o próprio mundo começar a desvanecer.

Prazer era uma palavra tão mansa. Êxtase não chegava nem perto.

Uma supernova de tais sensações intensas que não podia dar sentido explodiu dentro dela como uma explosão de energia. Cor e luz chicotearam em sua mente, explodiram atrás de suas pálpebras quando um gemido de violento êxtase explodiu de seus lábios.

Lawe olhou a estremecida forma de sua companheira, os dentes cerrados, prazer e poder primitivo o rasgando quando a virou de barriga para baixo e levantou seus quadris para ele.

Seus dedos se enroscaram no edredom. O cheiro de sua boceta, uma doçura suave e feminina que enchia seus sentidos o atraiu, possuiu. Segurando a base do seu pau, ele se moveu atrás dela, uma mão segurando seu quadril quando alinhou a cabeça inchada de sua ereção nas sedosas dobras molhadas de sua boceta e começou a empurrar dentro dela.

Delicados músculos internos imediatamente o agarraram num aperto pouco menos que dolorido. Ordenhando a grossa cabeça para puxá-lo mais profundamente, apertando e soltando, sucos fluindo e facilitando seu caminho enquanto lutava para segurar a reação primitiva ao prazer da sua companheira.

Não previu isso.

Sabia que seria uma resposta animalesca. Sabia que uma vez entre as coxas dela, afrouxaria o controle pelo qual lutou por toda a sua vida.

Mas não a esse ponto. Não previu isso. Não antecipou que o animal dentro dele assumisse completamente ou roubasse o controle necessário para garantir que a tomasse com gentileza, com a profundidade da dor do prazer que tanto queria dar a ela.

Ele era um animal, e Deus o ajudasse. . .

Ele cerrou os dentes apertados enquanto lutava e não conseguiu segurar a resposta primitiva.

Um grunhido de fome saiu de sua garganta quando se apertou dentro dela, empurrando, empurrando para ela enquanto trabalhava seus quadris, empurrando seu pau dentro dela com curtas estocadas rasas.

Não podia ser devagar. Apesar do desejo de tomá-la lento e devagar. Apesar da promessa que fez para si mesmo que a tomaria de tal maneira, ainda assim, tomou-a como o animal que era.

Agarrando seus quadris ele a cobriu, seus lábios em seu ombro, seus beijos pretendendo acalmá-la enquanto se enterrava dentro dela ao máximo, mais e mais. O aperto feroz de sua boceta o puxava mais fundo, vibrando contra a carne sensível de seu pênis quando sentiu o doloroso prazer latejante da lingueta logo abaixo da crista inchada.

Ele beliscou seu ombro, depois rosnou em autoaversão ao ardor da mordida.

—Deus, sim! — Seu grito era tanto de choque como pela perda de controle.



Seus quadris se moviam a cada impulso, sua boceta o apertando, esmagando a cada golpe feroz dentro das profundezas úmidas enquanto seus doces sucos deslizavam pela posse primitiva.

Não que o animal dentro dele se importasse. Estava pegando fogo por ela, com tanta fome por ela que, pela primeira vez em sua vida, Lawe estava impotente contra ele.

—Minha, — ele rosnou em seu ouvido, ultrapassado pelo sentimento de posse que decorria quente e profundo dentro dele. —Você me entende, companheira? Você. É. Minha!

Ele tinha que marcá-la tão profundamente quanto possível. Tinha que mostrar a ela, convencê-la, fazê-la ver que nunca poderia fugir dele novamente. Garantir que nunca poderia ignorar sua segurança como fez no passado.

Sua sobrevivência dependia dela.

—Diga-me, — ele rosnou quando empurrou dentro dela mais forte, mais rápido. — Diga-me, Diane. Você é minha!

—Foda-se! — Ela gritou. O cheiro dela chicoteava em torno dele, luxúria, ira, fome e uma necessidade que não fazia sentido para seu cérebro primitivo.

—Oh não, querida. Deixe-me te foder! — Ele rosnou para ela quando a cabeça baixou para o vão vulnerável do pescoço, a carne sensível onde seu pescoço encontrava seu ombro, e a lambeu com fome erótica, contendo à força a mordida que precisava dar.

Seus quadris batiam contra as curvas arredondadas de sua bunda. Transpiração cobria seus corpos, a carne molhada deslizava e a união primitiva criava um acoplamento erótico e animalesco que deixou seus sentidos cambaleando.

Controle. Sempre teve controle para nunca tomar uma mulher de tal forma.

Ele sempre teve consideração, conhecimento do que sua força poderia fazer.

E ainda, estava impotente na tomada de sua companheira.

Indefeso, cheio de fome por ela, por cada grito gutural de seus lábios, cada prova de seu prazer só o estimulava ainda mais, empurrava para tomá-la com toda a fome que queimava dentro dele desde o dia que o cheiro dela esbofeteou o animal dentro dele — acordando-o.

E estava acordado agora.

Sua boceta apertou impossivelmente ainda mais, a aderência queimando seus músculos intensificando a resposta esvoaçante que vibrava nas profundezas, acariciando contra o pulsar do início da lingueta emergindo do cativeiro.

Lawe estava certo que não podia perder mais o controle dos instintos animais dentro dele do que já tinha. Estava certo que não podia marcá-la como sua mais profundamente, o prazer não poderia queimar mais alto ou mais quente.

Deveria conhecer melhor sua genética para ter tais pensamentos. Quando sua boceta começou a ondular mais apertada em torno de seu pau, quando seus sucos fluíram mais quentes, o prazer crescendo para uma explosão ao sentir a ondulação através dela, Lawe perdeu essa borda final que mantinha seu controle.



Virando a cabeça quando empurrou o cabelo da nuca, seus lábios se separaram na carne vulnerável, e ele mordeu.

Provou seu sangue quando seus caninos abriram sua carne. Provou o hormônio que fluía de sua língua quando sentiu seu pau contraindo, o sentiu inchar mais grosso, mais duro, quando o sêmen começou a jorrar da ponta num êxtase violento.

Imediatamente, um rosnado saiu de seu peito quando a lingueta saiu de sua posição logo abaixo da cabeça queimando no topo de seu pênis, esticando sua carne latejante, inchando dentro dela e se prendendo na curva escondida no fundo de sua boceta para derramar sua própria liberação.

Vibrando contra a carne ultrafeminina lá, encontrando o feixe de nervos logo abaixo do clitóris e pressionando em seu interior, a lingueta se trancou dentro dela e aumentou o êxtase para ambos.

Arrebato explodiu mais e mais dentro deles.

Sob ele, Diane convulsionou novamente, a segunda onda de liberação, mais intensa que a primeira, alimentada pela lingueta jorrando e esvoaçando contra a curva sensível que detinha em sua posse.

Lawe rosnou contra sua nuca, empurrando seus quadris, sua liberação jorrando dentro dela novamente, o cegando pelo prazer dela até a última erupção enviar um arrepio correndo por ele.

Os dentes ainda estavam presos no lugar, sua língua lambendo, acariciando, aliviando a dor que poderia existir se não fosse pelo hormônio derramando no útero.

O hormônio do acasalamento.

Soltando os dentes da mordida superficial, lambeu novamente, desta vez com mais lambidas langorosas enquanto sentia os pulsos finais do hormônio saindo das glândulas sob a língua.

Cobrindo-a, Lawe sentiu seu corpo relaxar na cama, exausto, saciado, sua respiração irregular combinando com o ritmo de seu coração ainda disparado.

Ainda enterrado dentro dela, preso no lugar para permitir à sua semente todas as chances de encontrar terreno fértil, Lawe também lutou para simplesmente respirar.

Uma parte dele se sentia abalada. Uma emoção muito perto do terror começou a crescer insidiosamente dentro dele.

Poderia perdê-la. Mesmo agora, mais de vinte anos após a vivissecção que matou sua mãe e seu companheiro, ainda existiam aqueles cientistas que usavam os grupos de sangue puro e outros inimigos dos Castas para proteger a pesquisa de amostras vivas para eles.

Companheiros.

Esses Castas que encontravam aquela química única, biológica e hormonal que se unia para garantir que ficassem juntos enquanto vivessem. Porque cada um era a combinação perfeita do outro para garantir a concepção e a sobrevivência da espécie.

Ele ouviu dizer que algum Deus os adotou.



O reverendo dizia que sabia que Deus tocou a criação do homem e deu aos Castas uma alma, para mostrar ao homem, de uma vez por todas, que somente Deus podia dar vida. E outros ainda diziam que não eram mais que um acaso da natureza, como um réptil. Sem alma, capazes de nada além da sobrevivência e do mal sombrio.

E havia aqueles que dariam seus próprios filhos para possuir um Casta híbrido, o filho de um casal, para descobrir os segredos mais exclusivos que os Castas poderiam um dia possuir.

Provar qualquer uma das suas capacidades quase certamente garantiria a destruição dos Castas, se usada da maneira errada.

Isto era tudo que continha a informação. Mantinham-na confinada aos companheiros na maior parte. Homens e mulheres que entendiam exatamente o que tinham a perder se o mundo soubesse.

Isso.

Suas almas.

—Diane, — ele sussurrou seu nome quando apertou os olhos para o momento impossivelmente longo que levou para conter a emoção das trevas que ameaçavam engolir-lo.

Ele a enviaria para trás dos muros protetores do Santuário, no fundo, no meio do complexo, rodeada pelas cabanas, barracas e tocas dos Castas Leões e Leas não acasalados, Lobos e Coyotes que constituíram a comunidade Casta.

Uma vez lá, estaria a salvo dos fanáticos, assim como dos inimigos de seu tio. Os homens que quase a pegaram um ano antes era apenas uma das equipes que procurava por ela. Eram os únicos que sabiam quem procuravam, ou pelo menos conheciam o rosto da mulher que acreditavam poder levá-los até o homem que estavam procurando, e os segredos que acreditavam que ele carregava.

Segredos que ela espalhou para se manter protegida.

—Está pesado, Lawe, — ela disse momentos mais tarde, sua voz sonolenta, preguiçosa.

Ela dormiria bem esta noite.

Ela nem sempre dormia bem, Jonas o informou alguns meses após Diane passar alguns dias na nova ala da casa principal, que foi construída para Jonas e sua companheira.

Jonas era um membro do Bando, gostasse ou não, e meio-irmão do líder do Bando, Callan Lyons, insistiu na construção da nova ala da casa para Jonas, sua nova companheira e sua filha. A casa principal estava ligada a uma série de salas subterrâneas protegidas e túneis que foram usados para a pesquisa Casta. Agora eram usados para proteger mulheres e crianças acasaladas nas poucas ocasiões que o composto foi atacado.

Lawe sabia que uma ala na casa principal era algo que nunca iria querer para si mesmo. Nunca aspirou a tais coisas. Preferia privacidade, e muitas vezes Lawe sabia que Jonas se irritava pela falta dela.

No entanto, a casa de Lawe estava localizada perto da casa principal, menos de meio acre de distância. Como comandante chefe do Escritório de Assuntos Castas, sua posição exigia



uma proximidade com o diretor do Escritório como a força por trás do comando das equipes de Executores.

Trabalhava com Jonas a cada fase de cada operação e missão que saia do escritório e garantia que Jonas fosse atualizado sobre cada um.

Diane estaria tão protegida como qualquer membro da Primeira família, ele garantiria isso.

Obrigando-se à vontade dela, a lingueta se retraiu finalmente de volta para sua posição sob o capuz de seu pênis, e Lawe desabou ao lado dela, o cansaço forçando seus próprios músculos a relaxar.

Não foi capaz de fechar os olhos nas últimas noites desde que o atirador tentou acertar a cabeça de Diane com um dos antigos rifles de franco atirador que usou.

Antigo, sim, mas a arma com bala de propulsão também era inteiramente eficaz, e altamente ilegal. As armas a laser ofereciam mais controle, mas seu tempo de resposta era muito mais lento. Esperar uma arma tão grande ligar antes de abrir fogo em sucessão não deixava muito espaço para erro.

Uma compulsão, totalmente estranha para ele, o fez puxar sua companheira para perto, prendendo-a contra seu peito e a protegendo com seu corpo.

Certificou-se de ficar entre ela, a porta e a janela. Por precaução.

Apenas no caso de alguém ser estúpido o suficiente para entrar pela porta ou tentar escorregar para o quarto. Apenas no caso de não ser rápido o suficiente. Ele a protegeria, dando-lhe uma chance de viver, uma chance de escapar, e talvez. . .

Sua mandíbula apertou e o medo que lutou anteriormente retornou.

Apenas no caso dela conceber seu filho.



CAPÍTULO 10

—Diane, sabe que isso não vai funcionar.

Lawe observou enquanto Diane limpava as armas. De forma eficiente, sem problemas e com uma facilidade que mostrava muitos anos de prática.

—Desde quando desmonta e limpa suas próprias armas? — Ele perguntou quando ela não fez comentários sobre a declaração anterior.

A expressão dela suavizou então. O olhar era cheio de saudades e lembranças muitas vezes carinhosas.

—Desde que tinha apenas sete anos e ficava com o tio Colt enquanto meus pais estavam fora do país em suas várias viagens de negócios, — lembrou com uma risada suave. — Eram espiões como sabe. Agentes da CIA. Se conheceram quando ambos estavam em Langley, logo depois se juntaram na faculdade. E morreram juntos.

—Há um monte de informações faltando sobre a vida de Raymond e Esmeralda Broen, — ele afirmou, enquanto observava seu par verificar a limpeza do cano de uma das armas. — A morte deles e o que estavam perseguindo é um elo perdido. Colt contou o que aconteceu?

Ela olhou para cima por um segundo, sua expressão acalmando sombriamente.

—Ele me disse. — Ela suspirou pesadamente. — Tínhamos um acordo. Uma vez que conseguisse com sucesso comandar minha primeira missão, então ele me daria a informação. Só depois que fiz isso, ele disse aos outros que íamos comemorar em estilo familiar. Sua ideia de estilo familiar era me levar para a montanha em Kandahar, onde meus pais morreram. Foram emboscados e mortos enquanto monitoravam a identidade de um homem que se dizia ser o cabeça de uma rede secreta que transportava arquivos, material genético, fórmulas de DNA Casta, embriões criogênicos e, possivelmente, muitas das crianças e jovens Castas que estavam desaparecendo no momento.

As sobrancelhas arquearam. —Não sabia que a CIA estava trabalhando em nome dos Castas. Os últimos registros que tivemos, muitos de seus agentes estavam realmente envolvidos no controle da formação e informação dos vários laboratórios.

—Minha mãe deixou um diário, — ela disse, —vários deles, na verdade. Ela sabia que muitos dos agentes que estavam trabalhando nesses também deslizavam informações para aqueles que sabiam onde estavam trabalhando para revelar a brutalidade que os Castas viviam. Havia interesses opostos na CIA, segundo ela. Apenas poucos estavam realmente envolvidos com o Conselho de Genética. Langley estava realmente tentando verificar os rumores, rastrear os laboratórios, e ajudar a resgatar Castas. Dei a Rachel o diário do último ano e acredito que ela o entregou para Jonas.

Lawe assentiu. —Sim, eu o li. Pelo que li, seus pais eram muito imprudentes para um casal com duas filhas que dependiam deles.

Era um traço que tragicamente compartilhavam com seu tio, Colt Broen. Como mercenário, Colt estava na posição perfeita para canalizar informações de volta aos Estados Unidos ou garantir que os interesses dos EUA, bem como os da CIA, fossem preservados.



Raymond e Esmeralda Broen coordenavam suas viagens com suas missões, garantindo que, se não estivessem em casa para proteger suas filhas pequenas, então o irmão de Raymond estaria. Ainda assim, eles morreram, enquanto suas filhas eram pequenas e, de acordo com os relatórios que Diane leu depois que entrou no Escritório, os inimigos de seus pais vieram imediatamente atrás do tio, assim como das crianças.

Ela não fez comentários críticos, nem Lawe podia detectar qualquer outra emoção que lamento. Não havia raiva de seus pais ou seu tio, e nenhum ressentimento pela vida que levou.

Mas então, não tinha dúvidas que era capaz, definitivamente, de esconder qualquer emoção que não quisesse que ele visse.

Os Castas que foram parte de seu grupo até o mês passado a ensinaram como enterrar e esconder suas emoções. Como explicaram a Lawe, tornou-se um jogo entre eles e sua "comandante" detectar seus humores, suas emoções ou outros vários estados de ser que ela experimentava.

No final, Diane se tornou muito mais adepta a ele do que qualquer um deles imaginaria que ela faria.

—Eles são a razão pela qual seguiu seu tio para a guerra? — Ele perguntou finalmente.

—Seus inimigos cuidaram disso, — afirmou, com a voz endurecendo quando olhou para ele. —Atacam crianças, Lawe. Vieram atrás de nós como uma praga e se recusaram a desistir por anos. Como se pudessem ter dito às crianças algum segredo que esconderam de seus superiores nos últimos anos.

—Se conseguissem te capturar novamente, e matá-la sem conseguir a informação que estão procurando, acha que, então, iriam atrás de Rachel e Amber? — Perguntou a ela.

Diane queria rolar os olhos. Ele obviamente acreditava que estava marcando um ponto. Era um ponto que não tinha intenção de reconhecer. Ele nunca perdia uma oportunidade, nunca permitia que um momento descontraído fosse preservado.

—Me ignorar não vai resolver o problema que enfrentamos, — ele finalmente a advertiu enquanto Diane lutava para evitar apertar os dentes.

—Não estou tentando ignorá-lo, — ela assegurou quando terminou de remontar a pequena e portátil arma laser pessoal que geralmente trazia amarrada em sua coxa.

Mentia por entre os dentes e ele sabia disso. Não precisava sentir o cheiro.

—Acha que vou permitir que continue esta pesquisa, Diane? Se arriscando contra um renegado que sabemos tão pouco, bem como qualquer assassino enviado para eliminar os projetos de pesquisa de Brandenmore? Se estão mesmo ainda vivos. — Era a maneira errada de entrar no assunto, e Lawe sabia, mas estaria amaldiçoado se podia descobrir uma alternativa melhor.

Ela riu para ele, embora o som não carregasse diversão. O que carregava era desilusão e um sentimento de dor. Podia sentir sua dor como se fosse dele própria. E pela primeira vez em sua vida, Lawe doía mais por sua própria incapacidade de ser algo ou alguém diferente do que seu passado modelou.

—Estou agindo como se precisasse de sua permissão para fazer alguma coisa? — Ela perguntou enquanto reembalava a arma e virava para ele, o desprezo refletindo claramente



em seu olhar. —Realmente, Lawe, sou uma menina grande agora. Não preciso de sua permissão para ficar na rua após escurecer.

Tecnicamente ela estava certa, já que se reportava diretamente a Jonas.

—Estou certo que Rachel foi inteligente o suficiente para avisá-la sobre os efeitos do calor do acasalamento, — afirmou, em vez de amarrá-la e amordaçá-la como queria e forçá-la a voltar ao Santuário. — Não pode simplesmente voltar para a mesma vida de antes. Não é assim que funciona.

Ele não podia deixá-la continuar essa missão também. Ela não estava apenas diante de um Casta raivoso, que era suspeito de estar no auge de uma febre selvagem induzida, mas também de uma equipe de soldados Coyotes leais ao Conselho — procurando a mesma presa. E se os Castas que já lutaram com ela estavam certos, ela também estava lidando com um traidor dentro de suas próprias fileiras.

Nenhum hesitaria em matá-la caso se atrevesse a tentar interferir na captura do Casta Bengala Judd, Fawn Corrigan ou Honor Roberts. E eles sabiam que ela estava fazendo exatamente isso, como foi evidenciado pelo atentado contra a vida dela antes que fugisse para longe dele em DC. E se não a matassem, os cientistas do Conselho, certamente adorariam colocar as mãos numa fêmea acasalada experimentando o calor.

—Posso fazer qualquer maldita coisa que eu queira fazer, Lawe. — Ficando de pé, ela embalou os materiais de limpeza antes de guardá-los em sua bolsa de munição e fechá-la firmemente.

Estava de costas para ele, que era outra coisa que ele odiava. Diane era bastante hábil em mentir com os lábios e manter o cheiro encoberto, mas ela ainda não tinha aperfeiçoado o mentir com os olhos.

Era a única maneira que tinha de detectar suas emoções por enquanto.

Enquanto ela era capaz de esconder certas emoções e seus aromas, não podia usá-lo como um escudo confiável contra Castas por muito tempo. Especialmente de Lawe.

—Qualquer Coyote que detectar o aroma do seu calor fará o que seja para te sequestrar e levá-la até o Conselho e seus cientistas, — argumentou. — Esse não é um lugar agradável para ficar, nem é uma forma agradável de morrer.

Ele estava se contendo e o esforço disso estava prestes a quebrar seus dentes enquanto os apertava tanto que sua mandíbula doía. Se fosse humano, não tinha dúvida que já estariam enterrados nas gengivas.

Nunca apertou os dentes com tanta frequência ou tanto quanto o fazia quando ele e Diane se enfrentavam em desacordo, o que era a cada vez que entravam em contato.

—Deveria ter ficado em DC ao invés de me seguir, — ela disse quando levantou uma das suas mochilas para a cama.

Desilusão a cobria. Como se não houvesse nenhum vislumbre de esperança que ele permitisse que ela continuasse? A parte triste era que ele tentou. Inferno, ainda estava tentando, mas tudo o que via, a cada vez que tentava formular um plano para deixá-la completar a missão, era seu sangue. Seus gritos. Sua morte.



Puxando o grosso zíper, ela abriu a bagagem e começou a guardar alguns itens que usou na noite anterior no interior abarrotado. Era evidente que ela não tinha a intenção de ouvi-lo.

O que só deixava a Lawe essa ideia de amarrá-la e amordaçá-la.

— Não me force, Diane. — A raiva fazia o calor do acasalamento ferver dentro dele. Emoções fortes, especialmente raiva, tinham o efeito de intensificar a corrida dos hormônios sexuais e enviá-los a furar seu corpo. — Você não vai ganhar.

Nesse ponto, ela se virou e o enfrentou, seu olhar se chocando com o dele quando teve um vislumbre das emoções queimando nela, mas que estava mantendo sob-rígido controle.

Foi surpreendido com sua capacidade de fazê-lo. O marrom profundo dos olhos ficou uma matiz mais escura, quase cor de vinho. A fúria devia comê-la viva para seus olhos ficarem de uma cor tão surpreendente. Mas não tanto quanto uma ponta do perfume deslizando para ele.

— O que vai fazer para me forçar a obedecê-lo, Lawe? — Sua cabeça inclinou de lado, e ele viu a visível luta para manter as emoções dentro. — Vai me bater? Amarrar e amordaçar antes de me arrastar de volta ao Santuário? Porque essas são suas únicas opções.

— Eu nunca iria machucá-la, — ele respondeu, lutando contra o impulso de rosnar em indignação. Seus dedos ficaram tensos, o desejo de apertá-los quase avassalador quando enfrentou a suspeita dela em seu olhar. — E sabe que nunca iria golpeá-la.

— Então, resta me amarrar e amordaçar. — Levantou seu quadril, uma mão delicada repousando sobre ele, e o cheiro de sua fúria finalmente deslizou para ele por um breve segundo.

Era violentamente quente, quase o queimando e fazendo com que quisesse dar um passo atrás quando a borda de dor atingiu seus sentidos. Deus, que emoções ela mantinha normalmente para tal intensidade de sentimentos deslizar de seu controle cuidadoso?

O lado animal dele se encolheu ao pensar que podia estar machucando-a. Que sua necessidade de protegê-la, assegurar sua vida poderia criar tal poço de agonia.

— Essas são suas únicas opções, — afirmou. — Porque me recuso a voltar ao Santuário e ser mantida trancada, como seu animal de estimação favorito.

Seu animal de estimação favorito?

Lawe sentiu sua mandíbula apertar e seu pau empurrar com uma demanda imperativa quando ela o confrontou. Iria fodê-la até a exaustão, se não fosse pelo fato que estaria fazendo o mesmo a si mesmo. Ao longo da noite ela provou que era mais que páreo para sua sexualidade e sua fome.

Assim como era mais que capaz de acompanhá-lo de outras maneiras.

— Melhor um animal favorito que uma companheira torturada até a morte. Sabe o que os cientistas do Conselho, os monstros da pesquisa de Brandenmore ou mesmo geneticistas de Castas do governo fariam se pusessem as mãos sobre você? Tem alguma ideia de seu meio preferido de descobrir como o acasalamento modifica o calor do corpo? Como uma vivisseção é horrível? O que faria para mim, ser forçado a assistir tal coisa acontecer com você? — Ele questionou, ouvindo a aspereza, o tom gutural de sua própria voz. — E você. Poderá suportar



ouvir meus gritos quando eles me dissecarem vivo? Talvez mais de uma vez? Uma e outra vez? Porque, querida, eu gritarei como o inferno. Mesmo o mais forte de nós, eventualmente, quebra quando colocam a faca em nossa coragem.

Diane quis se afastar dele. Queria esconder o conhecimento, doloroso e horrível que estava bem consciente que qualquer cientista faria para qualquer um deles agora.

— Já vi isso. — Agonia enfurecia em seus olhos quando ele cruzou com ela, seus dedos se curvando em torno de seu braço, e a puxou para ele. — Assisti, Diane. Forçado a fingir desinteresse. Forçado a não mostrar nenhuma reação do caralho. — Animalesca, cheia de horror, sua voz raspava com as palavras. — Vi como primeiro cortaram o comandante Coyote que cometeu o erro de acasalar com uma das procriadoras do laboratório onde Rule e eu estávamos confinados. Então, vi como cortaram sua companheira. Minha mãe. A mulher por quem eu e Rule lutamos para encontrar liberdade, uma vez que mal tínhamos idade suficiente para perceber que estávamos cativos. Não pude rugir de raiva. Não pude pedir-lhes para parar, porque se eu fizesse... — sua expressão estava cheia de memórias atormentadas, arrastando um soluço abafado de seus lábios — se eu fizesse, então, três outros no laboratório teriam morrido. Poderia ser Rule. Ou a jovem fêmea Cheetah que mantinham separada de nós. Ou outro dos jovens que Morningstar Martinez estendeu a mão em seus sonhos.

Os lábios entreabriram, surpresos. — Em seus sonhos?

Lawe a soltou lentamente e recuou. Empurrando os dedos pelos cabelos, respirou, duro e doloroso. — Em nossos sonhos. Desde que podemos lembrar. Morningstar vinha para os filhos que foi inseminada in vitro. Ela os balançava. Cantava para eles. Pintava imagens do lugar que chamava de lar, a família que estava certa que procurava por ela, e todas as alegrias que conheceu quando era criança.

Diane olhava, em silêncio, sentindo as lágrimas que teriam caído se não tivesse tantos anos de prática as retendo.

— Sua vida era um pesadelo, mas ela nos trazia alegria sempre que podia. E porque o comandante Coyote encontrou alegria com ela e se acasalou, morreu da maneira mais horrível possível.

Ele viu os pesadelos que temia que ela enfrentasse. Não era de admirar que estivesse tão determinado a prendê-la em bolas de algodão. Se ela pudesse sobreviver.

Ele e seu irmão, Rule, foram forçados a assistir, indiferentes, forçados a assistir, despreocupados, como sua mãe era assassinada dessa forma.

— Me mataria. — Ela sabia que perdeu a batalha em esconder as emoções rasgando seu aperto quando a cabeça de Lawe sacudiu atrás, suas narinas queimando quando puxou seu perfume. — Saber que eu fui a causa de tal destino para você, Lawe. Destruiria qualquer parte que tenha sobrado da minha alma no segundo que enfrentasse a morte.

Sim, ela sentia dor. Ela teria pesadelos pela vida que sabia que os Castas tiveram. O próprio pensamento do que enfrentou por muitas vezes era mais do que podia suportar contemplar longamente.

— Então não faça isso, — ele rosnou, seus caninos piscando quando os lábios puxaram atrás de seus dentes furiosamente. — Me dê isto, Diane, e deixe os Executores do Escritório localizá-la em seu lugar.



—Me mataria, — disse ela novamente. — Mas ficar trancada, incapaz de ser eu, me faria te odiar, Lawe. Odiar-te e qualquer Casta com quem eu entrasse em contato outra vez.

Ela lutou muito, sofreu muito. Sua liberdade, sua existência e a razão pela qual seguiu os passos de seus pais e de seu tio e foi para a guerra estava muito profundamente enraizada dentro dela.

—Por quê? — Fúria e dor rasgavam dentro dele como um vulcão ameaçando entrar em erupção.

—Porque eu não posso ser impotente de novo, — ela sussurrou. — Quando meus pais morreram eu era apenas isso, Lawe. Impotente. Quando os assassinos dos meus pais atingiram meu tio em nossa casa, Rachel e eu estávamos sozinhas com nossa babá. — Ela estremeceu, a memória a rasgando com uma força que nunca aliviou. — Não vi minha mãe morrer, mas ouvi os gritos daquela que Rachel e eu considerávamos mais que apenas uma babá. A noiva do tio Colt morreu jurando que não estávamos lá, enquanto eu corri com Rachel e nos escondemos. Tive que ouvir os gritos dela enquanto fazia a única coisa que ela podia fazer para nos proteger, porque ninguém, ninguém... — ela gritou furiosamente, — a ensinou a lutar. Como sobreviver. E se você me prender, então toda vez que ouvir um Casta ser morto, toda vez que ouvir um companheiro ser assassinado tão selvagememente, vou culpá-lo!

Porque seus pais lutaram pelos Castas. Seu tio lutou por eles. E o segredo que todos morreram para manter ainda era só Diane quem sabia. Ela tinha informações que Lawe ainda não tinha. Algo que sabia e que Leo temia que revelasse a cada vez que encontrava seu olhar.

Ela não esperava que a resposta dela causasse tal reação em Lawe, no entanto. Antes que pudesse evitá-lo ele mostrou a incrível velocidade de seu DNA felino e atravessou a sala para pegar seu braço e a puxar para ele novamente.

Seus braços eram como tiras de aço ao redor dela, mantendo-a no lugar e segurando-a contra o peito dele, apesar de sua tentativa inicial de colocar distância entre eles.

Olhando acima, os olhos arregalados, seus sentidos remexeram com raiva e uma excitação que parecia queimar fora de controle quando vislumbrou o tormento que se alastrou nos olhos azuis.

—Melhor seu ódio que sua morte. Ou o horror de ver você desmontada pedaço por pedaço, porra. — Cuspiu suas palavras.

Não havia medo na exposição da posição dominante.

Qualquer um que estivesse ao redor de Castas, aprendia a conviver com tais exposições e tal arrogância. Contudo, o tormento que ardia em seu olhar a afetou. Golpeou através de seu coração, o apertou e deixou sua garganta grossa com as lágrimas não derramadas que se recusava a liberar.

—Pode confiar em minhas habilidades como confio nas suas, — ela gritou de volta para ele, suas emoções impulsionadas por sua raiva, tanto por ele como contra ele, por demonstrar sua total incapacidade de jamais considerá-la uma parceira digna. — Diga-me, Lawe, sua vida muda com este acasalamento também, ou só a minha?

Ela sabia a resposta para sua pergunta. Não era difícil adivinhar exatamente o que o acasalamento afetava e o que não.



Sua expressão não fez mais que confirmar suas suspeitas. Ela deu uma gargalhada de desprezo. — Não se preocupe em responder, porque posso ver em seu rosto. Isso não acontece. Você ainda vai lutar, ainda vai arriscar a si mesmo e espera que eu sente na gaiola que os Castas fizeram para suas companheiras e banque a esposa obediente. Deveria ficar descalça e grávida também?

O lampejo de seus olhos, o vislumbre do repentino desejo que cruzou sua expressão antes que pudesse escondê-lo, fez seu estômago apertar. Desejo, ou raiva pura, não estava certa.

—Então, apenas vai sair, se divertir, então voltará para casa para transar comigo antes de me afagar na cabeça e sair no por do sol novamente. — Oh, então não pensava que ia acontecer.

Não permitiria isso. Nem mesmo por um segundo.

Nunca se permitiu ser capacho de ninguém e não ia começar agora. Seria sua parceira, ou não seria nada. Nada mais e nada menos seria aceitável.

—Pelo menos você vai estar viva, — ele soltou, a tempestade de gelo em seu olhar quase assustadora quando olhou para ela.

—O inferno que vou. — Empurrando contra seu peito, tentou escapar de seu domínio, só para ficar consciente de como a segurava com mais firmeza do que parecia. — Não Lawe, não vou estar viva. Só vou existir, e vou te odiar por isso. Não vou ficar lá esperando por você. Estarei fazendo o que treinei fazer toda a minha vida e vou fazê-lo sozinha, se for o que tiver que fazer. Não vou deixar você me prender!

—Não vou permitir isso. — Uma mão se moveu de volta para empurrar o cabelo da sua nuca quando a promessa deslizou de seus lábios.

Não permitiria isso? Como se ela nunca pudesse opinar no assunto, já que ele estava fazendo isso de tal maneira. Como se fosse dono dela.

A dor da percepção fez seu corpo apertar até que estava à beira da agitação, dor, raiva, e incrivelmente, o medo correndo através dela se misturando com uma excitação que não podia se forçar a afastar.

Ela o queria. Queria que ele a tocasse, abraçasse, compartilhasse seu beijo e o gosto incrível de peras caramelizadas que o enchia. Queria que ele a aceitasse. Ficasse ao lado dela. Que permitisse a felicidade que precisava para tomar essa decisão por si mesma.

E queria chutar sua bunda para sempre imaginando que ela ia permitir tomar tal decisão por ela.

—Desculpe, Lawe, não vou permitir que a mate, tão certo como o Conselho o faria.

O choque das palavras provenientes da voz profunda e normalmente alta de seu segundo em comando fez Lawe se mover. Antes que Diane pudesse detê-lo, jogou-a atrás dele quando Thor entrou no quarto, girando a chave entre os dedos, enquanto olhava para eles, um tique de raiva latejando ao lado de sua mandíbula. —Divertindo-se sozinha de novo chefe? — Perguntou ele. — Pensei que concordamos que não aconteceria neste momento.

Ele estava chateado.



Os olhos azuis de Lawe estavam gelados. Seus traços largos, masculinos, pareciam esculpidos em pedra e a raiva fazia os lábios normalmente cheios apertar quando ela sabia que ele retinha todos os insultos espertinhos, puramente masculinos e arrogantes, que poderia ter jogado para ela.

Thor ignorou completamente o fato que Lawe tinha o cano apontado da arma laser de rápida explosão, o dedo firme na alavanca de ativação. Mas ele não ignorou o fato que Lawe estava tentando protegê-la. Com a ação Lawe ganhou uma das famosas zombarias de Thor. O lábio levantou de um lado enquanto nojo enchia seus olhos.

—Pelo amor de Deus, Lawe, se afaste de mim! — Ela empurrou a parte de trás dos ombros quando ele continuou a segurá-la atrás dele, sem esforço aparente, com um braço.

Caramba, podia chutar a bunda dos homens que tinham o dobro de seu tamanho e puro músculo. Mas não podia movê-lo.

A Voz "o que ele está fazendo aqui?" de Lawe foi o rosnado de um animal.

—Saia! — Ela finalmente conseguiu alavancar poucos centímetros entre eles, antes que ele lentamente, muito lentamente, permitisse a ela sua liberdade.

Ela deu um olhar cheio de promessa de vingança.

Não ia se colocar com isso. — Esta é a razão número um pela qual a maioria dos parceiros envolvidos em qualquer tipo de trabalho militar ou disfarçado se divorciam, — ela retrucou furiosamente.

—Companheiros não se divorciam.

—Pode ser, Lawe, mas cuidado, — sugeriu ela, sua voz rouca com a profundidade absoluta de sua raiva. — Vai ser o primeiro.

—Posso vender os bilhetes. — No sorriso de Thor faltava qualquer diversão ou calor.

—Deveria estar de férias, — ela se virou para o sueco enorme na frente da porta agora fechada.

—E você deveria estar visitando sua irmã antes de partir para o Santuário com ela. — A testa de Thor subiu, com curiosa zombaria. — Acho que nós dois mentimos, hein?

Sim, ela mentiu. Algo que nunca fez com Thor desde que o conhecia.

—E eu tinha uma razão muito boa para isso, — ela informou quando se moveu ao redor de Lawe, apenas para tê-lo pegando seu braço e segurando-a de volta silenciosamente.

Ele não disse uma palavra. Olhava para Thor, com as sobancelhas e os olhos apertados, seu corpo inteiro tenso e pronto para a ação.

Pelo amor de Deus, seu comportamento tão dominante e contundente deixava sua boceta furiosamente cremosa apesar da irritação enojada que a ação provocava.

Ela decidiu que odiava Castas.

—As razões não importam. — Thor deu de ombros. — Apenas a ação.

Diane grunhiu para sua postura padrão de não-perdoo.



—Você estava me seguindo? — Suspeita de repente se ergueu dentro dela, escura e feia.

Thor foi o único a chegar com seu tio para contar das mortes de seus pais. Ele cuidou dela quando seu amante, o segundo-em-comando de seu tio foi morto, e foi o único a sentar e rezar em sua cama de hospital depois de seu resgate daquele inferno sírio.

Suspeitar de qualquer coisa parecia com nada menos que um pecado.

No entanto, lá estava ele.

—Eu não estava te seguindo, — afirmou com uma mordida em sua voz. —Realmente vim seguindo sua sombra. Só queria ver quem a estava rastreando quando o avistei furtivamente ao redor do hotel na noite antes de sair. Não sabia que você era sua presa até que ouvi você e o Leão argumentando aqui dentro. Faz sentido, no entanto, considerando o fato que avisei que alguém estava lá para te matar. — Virou-se para Lawe enquanto cruzava os braços sobre o peito largo. — Os Castas estão ficando chateados pelo trabalho. Não estavam na porta como deveriam estar.

—Por uma razão, — Lawe respondeu irritado. —Sabíamos que a estava seguindo. A única razão que chegou até a porta foi porque não é considerado uma ameaça.

Diane estava mais preocupada com a revelação de Thor que com a discussão entre ele e Lawe. Ela saiu antes do amanhecer. Gideon Cross a esteve vigiando e ela sabia. Assim como sabia que a seguiu, apesar do fato que ela foi capaz de capturar sua visão.

Um dia desses, talvez pudesse alcançá-lo e convencê-lo a ensinar a ela esse pequeno truque.

Ficando um passo à frente de seu companheiro, assim como seus inimigos, poderia ser muito bom no futuro. Ele não pareceu estar lá para matá-la. Ela só não descobriu exatamente o que ele queria. Evidentemente, Lawe estava prestando muita atenção em Thor, especialmente na parte sobre Gideon ser a sombra dela e o boato que havia um preço por sua cabeça. Apenas o que ela precisava, para Lawe se tornar mais protetor do que já era. — Deixe-me sair antes que tenha que chutar seu traseiro, — ela murmurou, sua indignação descendo para simples raiva quando ele lentamente a soltou.

—Essa ameaça está ficando velha, — ele disse calmamente. — Ou me chute ou encontre outra parte da minha anatomia para considerar abusar.

Ela quase revirou os olhos. Não ia cair nessa.

Enfiando os dedos pelo cabelo, ela olhou para a janela ao lado da porta. As cortinas ainda estavam fechadas e cuidadosamente dobradas perto da parede para garantir que nem mesmo uma sombra pudesse ser revelada.

Soube na noite passada que uma arma estava apontada para ela. Bem entre seus olhos enquanto sentava na cadeira que felizmente mudou esta manhã. Se Thor não soubesse que o rastreador a estava seguindo, então não poderia tê-la visto na noite anterior se fazendo de alvo disposto.

—Teve um vislumbre dele? — Ela perguntou a Thor.

Por longos momentos Thor olhou para ela em descrença zombando que tivesse mesmo feito tal pergunta. Indicou sua janela com um movimento da cabeça. —Consegui um vislumbre



dele com os binóculos de longo alcance que conseguimos daqueles Coyotes no ano passado. — Os binóculos eram um inferno de muito mais que de longo alcance, com visão noturna, sensores de calor e vários outros truques que Diane ainda não foi capaz de experimentar. — Ele tem um bom e poderoso rifle de atirador apontado bem aqui, é meu palpite. Vi a sombra e o rifle, mas não pude chegar perto o suficiente para vislumbrar suas feições ou impedi-lo de puxar o gatilho. — A última parte foi dita furiosamente.

— Que diabos estava fazendo escorada na frente da janela desafiando o filho da puta?

Ela revirou os olhos para ele, antes que seu olhar voltasse cauteloso ao estrondoso som de puro desagrado que ouviu vibrar no peito de Lawe.

— Pare com isso. — Ela sussurrou a ordem enquanto seus nervos iam imediatamente ao limite.

Não gostava do som.

— Estou pronto para imitá-lo, — Thor soltou em irritação. — Pelo amor de Deus, Diane. Não tem ideia do que está lidando aqui.

— Maravilhoso. — Diane apoiou as mãos nos quadris novamente e olhou ao redor da sala quando disse ironicamente: — E eu aqui esperando que se contentasse com binóculos para observar minha figura feminina.

Não que um ou outro homem tomasse sua zombaria pelo que era.

— Esse assassino ainda está controlando você e insiste em permanecer nesta missão? — Lawe virou-se para Diane com incredulidade, além de qualquer controle que pudesse ter considerado impor em seu perfume. — Perdeu a cabeça?

— Bem, ele não atirou em mim ainda. — Ela ignorou o brilho de um incisivo malvado em sua exclamação.

— Bem, então porra dê-lhe tempo, — Lawe de repente gritou com ela. — Ele só fez sua primeira tentativa. Se na primeira não foi bem sucedido?

Seus olhos se arregalaram.

Nunca ouviu Lawe gritar, e viu ele e Jonas discutirem em mais de uma ocasião. Lawe sempre estava calmo, controlado e frio. Os três C². Ela sempre invejou isso dele.

Mas todos os três C foram embora hoje de manhã, no entanto. O Casta diante dela estava pronto para explodir com a força da raiva furiosa correndo por ele.

— Você precisa de Valium, — afirmou irritada. — Se ele quisesse me matar, então seria minha massa encefálica que estaria limpando ao lado do hotel em DC. Pare para pensar, Lawe. Ele não queria me matar. Queria me afastar da minha equipe para me impedir de ser morta por quem está me traindo. A melhor maneira de fazer isso era se assegurar que não podiam me seguir. — Ela olhou para Thor. — É uma coisa danada de boa ser o único que sei que posso confiar. Mas quero saber quem é. Estava esperando convencer Gideon a se juntar a mim tempo suficiente para me dizer.

² 3 C em inglês: calm, collected and cool (calmo, senhor de si e frio)



Ela se virou para seu segundo no comando. Era tarde demais para esconder algo dele agora.

Uma maldição passou pelos lábios de Thor um segundo antes que sua expressão se transformasse em pedra.

— Vou matar o desgraçado, — ele jurou, sua voz retumbante com violência próxima ao do Casta, e ficou frio como pedra. — Quando descobrir quem é, será carne morta, Diane. Ele vai desejar que o tivesse entregado para seu companheiro, porque não há nenhuma Casta na Terra que vá fazê-lo sofrer como eu quero.

— Tudo bem, vai fazê-lo sofrer, — Lawe soltou quando segurou o braço de Diane e a puxou para encará-lo. — Que porra faz você pensar que pode confiar no que um Casta selvagem diz? E justamente quando a informa de qualquer coisa.

— E por que diabos não te falei sobre ele quando isso aconteceu? — Ela perguntou docemente enquanto batia seus cílios para ele e imitava um passível sotaque de Bela do sul. — Por que, Lawe, poderia ser por causa de todos esses hormônios Casta em fúria enlouquecendo dentro do seu corpo agora? Ou poderia ser pelo fato que poderia lidar com isso muito bem sozinha?

— Oh você pode agora? — Mostrou todos os dentes. Seu sorriso era francamente desconcertante. — Bem, Companheira, vamos ver o quão bem me aguenta, agora que sei sobre isso. E prometo a você, não vai ficar perto dele tão facilmente quanto fez no passado. Pode apostar nisso.

• • •

Gideon puxou o receptor sem fio fino da sua orelha e o jogou na mesa antes de cansadamente passar sua mão sobre seu rosto. Quase sorriu.

Caramba, ela era mais esperta do que ele havia lhe dado crédito. Mas, quando se tratava de seu companheiro, não estava agindo da maneira mais sensata para lidar com ele. Desafiar um Casta era simples idiotice. Especialmente um Casta macho. Essa era a maior idiotice. Especialmente quando se tratava de companheiros.

Inferno, talvez devesse ter encontrado com ela antes que o Comandante Justice chegasse. Mas foi sua intenção guardar as informações por um tempo mais útil. Talvez quando precisasse distraí-la depois de entrar entre ela e sua presa. Bem, suas presas.

Verdade que queria se encontrar com ela. Queria ver se podia tirar qualquer informação dela, talvez enganá-la ao dizer-lhe mais do que ele já sabia, mas tinha a sensação que não iria acontecer. Esforço inútil nunca o atraiu. Seria divertido, porém, pensou enquanto retinha uma risada. Estariam jogando o mesmo jogo. Seria interessante ver se algum deles ganhava ou se apenas haveria um empate, como suspeitava que seria. Na verdade, respeitava-a. Sua força e ousadia eram quase lendárias, sua integridade impecável. Como seu tio antes dela, Diane Broen levava homens em missões que nunca prejudicava inocentes, apenas salvava. Ela seguia os monstros do mundo e tentava fazer a vida um pouco mais fácil para aqueles que ajudava.



Gideon desprezava traição e traidores, e Diane tinha um traidor em seu meio. Alguém que confiava alimentou os inimigos de seu tio com informações até que finalmente a apanharam na Síria e conseguiram raptá-la.

Gideon estava na área rastreando um dos assistentes de Brandenmore quando soube do rapto. Assegurou-se que Thor tivesse a informação e soubesse onde poderia encontrar uma equipe Casta que podia estar disposta a ajudar.

Ele devia muito ao seu tio.

Engraçado o quão pequeno o mundo poderia ser. Foi seu tio, Colt, quem o ajudou durante uma das poucas vezes que conseguiu escapar dos laboratórios de Brandenmore.

Gideon estava na Europa, quando fugia da equipe de Coyotes procurando por ele. Colt Broen vinha seguindo os Coyotes num boato que estavam atrás de um projeto de investigação muito especial. Sua curiosidade era perigosa. Também acabou sendo o motivo de sua morte.

Naquela época, porém, o mercenário ajudou Gideon e até permitiu que se juntasse à equipe e compartilhasse os pagamentos. Inferno, deveria ter ficado com eles em vez de acreditar que encontraria segurança no Santuário, na época.

Nem sequer chegou à pequena cidade de Buffalo Gap antes de ser emboscado, provando que mesmo o Santuário não era seguro. Porque só ele e os Castas com quem falou sabiam que estava chegando e qual rota tomaria.

Ele pagou por essa fuga. Não o impediu de tentar novamente, no entanto. E de novo. E de novo. Exceto, que Colt não estava lá para salvar seu traseiro. Talvez fosse melhor, pensou ele. Não que Thor o reconhecesse agora, ou soubesse quem era na noite que Diane fugiu nas sombras de DC. Era uma coisa maravilhosa, que às vezes Thor fosse apenas inteligente o suficiente para desconfiar, e intuitivo o suficiente para juntar as informações que Gideon lhe deu.

Precisaria do sueco, ele temia. Gideon não poderia protegê-la, e temia que Lawe tivesse a intenção de forçá-la à segurança para observar seus pequenos truques enquanto tentava escapar dele.

O som de vozes raivosas no fone de ouvido chamou sua atenção de volta ao confronto no outro quarto.

Sabia qual seria o resultado, embora estivesse certo que o Comandante Justice não tinha ideia que perderia esta rodada.

Diane não era uma mulher que qualquer homem ou Casta pudesse proteger trancando longe do mundo. Era uma mulher que sempre sentiria a necessidade de encontrar uma maneira de lutar ao lado de seu companheiro. Se o Casta queria uma florzinha de estufa, então deveria ter acasalado com alguma tímida mocinha e ficado bem longe da guerreira que encontrou.

Porque não havia dúvida em sua mente que a mulher encontraria um caminho para a liberdade. E se não conseguisse encontrar seu próprio caminho, então os homens leais a ela o encontrariam para ela. Especialmente o que chamavam de Thor.



Lawe enfiou os dedos por seu cabelo quando virou para Diane, mais uma vez. Descrença fazia sua pressão arterial subir, e nunca ouviu falar de um Casta com pressão alta, misturada com a excitação já mordendo suas bolas, para criar um incêndio que ameaçava explodir dentro dele.

Olhou para sua companheira. Estava tão séria como o inferno, enquanto se levantava e discutia sobre um traidor em seu grupo como se não tivesse quase morrido 16 meses antes por causa de sua traição.

E estava discutindo com um dos homens de quem deveria suspeitar.

Estava com 34 anos de idade e nunca esteve tão perto de perder o controle como agora. Mesmo quando bebê, ou filhote, como eram chamados nos laboratórios, não esteve tão perto de se entregar à raiva irracional como estava agora.

Ele viu amigos e irmãos morrerem.

Foi traído várias vezes por seus treinadores.

Foi traído por Castas que acreditava serem seus amigos.

Viu sua mãe morrer por vivissecção e viu inúmeras crianças Castas sofrerem até suas mortes sem misericórdia.

E ainda, manteve o controle, porque não tinha outra escolha. E agora, quando esse controle era ainda mais imperativo, podia sentir-se o perdendo.

—Não como colocar uma armadilha quando a última coisa que preciso agora é fazer com que qualquer um deles saiba o que estou fazendo. — Diane abanou a cabeça pela sugestão de Thor em encontrar uma maneira de prender o traidor dentro do grupo. — Além disso, ele pode esperar. Quero me concentrar em encontrar as cobaias da pesquisa de Brandenmore agora. Com relação aos outros, estou no Santuário e Rachel vai me cobrir se por acaso um deles tentar entrar em contato comigo.

—Sabe onde estão se escondendo, então? — Thor perguntou quando se encostou à parede, os braços cruzados sobre o peito e olhava para sua comandante sombriamente.

Diane respirou lentamente. Podia sentir a batalha que travava dentro de si, por um momento, antes da renúncia se revolver dentro dela. Seus ombros se endireitaram quando sua cabeça se ergueu com orgulho por qualquer decisão que estivesse silenciosamente contemplando.

—Sei onde estão. — Ela balançou a cabeça. — Window Rock, Arizona. Na noite que o Casta Judd e a jovem humana, Fawn, deviam ser exterminados, Judd de alguma forma conseguiu fazer com que o guarda destruísse o veículo e levou a menina para um nativo americano que foi contatado por uma fonte anônima vários dias antes. Ele os encontrou, escondeu por vários dias, e depois os levou para Window Rock.

—E como sabe disso? — Lawe podia se sentir tenso, a boca do estômago apertando ao olhar em seus olhos.

—Porque sou inteligente assim, — ela falou devagar, zombeteiramente. — E uma vez que tive esse pedaço de informação comecei a investigá-lo. É conhecido por desaparecer regularmente e é conhecido por seu hábito de tentar ajudar Castas. Ele também estava perto



da área onde Judd e Fawn Corrigan estavam sendo transportados para a exterminação na noite que escaparam.

Lawe olhou para ela.

Ele podia sentir o gelo lutando contra o calor do acasalamento, querendo assumir mais uma vez. Se envolvendo em torno de sua alma, congelando o abismo emocional que se espalhava por ele, e destruindo-o de uma vez por todas.

Window Rock, Arizona. Um nativo americano que estaria disposto a ajudar Castas. Lawe sabia que de fato estava procurando uma jovem em particular, que foi sequestrada décadas antes pelo Conselho. Terran Martinez, seu tio. Mas nem Terran nem seu pai estiveram lá por Morningstar Martinez. Sua irmã.

A mãe de Lawe.

—Todas as evidências apontam a exterminação, — assinalou Lawe.

—Porque ninguém foi deixado vivo para desmentir, — ela lembrou.

—Restos foram encontrados na unidade de cremação, — argumentou. — O suficiente para provar que havia pelo menos dois corpos.

—E cada guarda no prédio estava morto, — lembrou ele. — Achou os dentes? Matéria óssea? Qualquer coisa para verificar DNA? Sexo? Sei como os Castas são completos. Não havia nada lá ou eu saberia sobre isso quando Jonas me deu o arquivo de Honors Roberts.

—E como ficou sabendo sobre isso? — Ele perguntou, seu tom áspero. —Essa informação não surgiu em nenhum outro lugar.

Ao que Diane sorriu. —Ninguém pode verificar suas mortes, nem mesmo os cientistas de Brandenmore e assistentes de pesquisa que consegui falar. Eu estava sondando a suspeita de sua fuga quando Gideon deixou sua pequena nota para mim no meu quarto de hotel me informando que eu tinha um traidor no meu time e se eu quisesse achar o que estava procurando, deveria ir para Window Rock e prestar muita atenção a Terran Martinez.

—E confiou nesta informação? — Thor perguntou, surpreso.

Ela não o culpava, normalmente era a pessoa mais desconfiada que conhecia.

Ela suspirou pesadamente. — Houve muitos acidentes, Thor. Já estava desconfiada. E uma vez que comecei a verificar a informação do passado de Terran Martinez, começou a somar.

—Por que não deu a Jonas esta informação no seu relatório? — Lawe soltou. —Por que não me disse?

Diane sorriu para ele conscientemente. —Porque não confio na criptografia dos arquivos digitais e quero me certificar que o nome de Martinez ou Window Rock não sejam pegos pelas orelhas erradas ou dispositivos de escuta. Quando vi que você não tinha intenção de me permitir completar a busca por ela, então continuei por mim mesma. Este é meu trabalho, Lawe. Gideon Cross pode ser um assassino, assim como um Casta selvagem, mas o que o levou a me dar informações me manteve viva. Alguém quer me tirar do caminho para que Amber ou Rachel, possivelmente ambas, fiquem mais vulneráveis. Cada "acidente"



coincidiu com um evento onde Amber estava em perigo. Ela precisa de todos nós, não apenas Castas, para protegê-la.

— Já pensou no fato que alguém poderia estar usando você para atrair sua irmã? — Lawe exigiu, sua voz áspera, torturada. — Por piedade, o que no inferno a faz acreditar que pode confiar num Casta que foi cravado pelos cientistas de Brandenmore como carne de porco num piquenique?

Ela revirou os olhos. Lawe tinha uma tendência a se tornar irritante e cáustico quando ficava mais irritado.

— Não disse que confiava nele. Disse que até agora, ele não mentiu para mim, — ressaltou.

— Por que dizer algo sobre a menina Roberts ou sobre o Casta? — Thor ponderou.

Ao que Diane olhou para ele, então, de volta para Lawe com sabedoria zombeteira. — Porque ele os quer também. Por alguma razão está atrás do mesmo objetivo e, obviamente, acredita que tenho uma chance muito maior de atraí-los. Vai me seguir. Observar-me. Vai tentar chegar a eles primeiro, uma vez que os identifique. E eu pretendo evitar que isso aconteça.

— Como? — Lawe soltou. Sua paciência estava gravemente esgotando.

— Vou deixar você saber quando descobrir. — Ela encolheu os ombros com indiferença. — Até então, apenas farei o que faço melhor, Lawe. Vou perguntar, observar, ouvir e reunir fatos. Se tudo isso falhar, vou me apresentar ao Sr. Martinez como sua futura sobrinha por afinidade e ver se isso ajuda.

Estava brincando.

Infelizmente, Lawe não estava em estado de espírito para brincadeira.

— Nem tente. — O rugido em sua voz fez arrepios correr pela sua espinha. — Se entesoura tanto sua independência como afirma, Companheira, nem tente experimentar.

Tinha a sensação que voltar ao passado era a última coisa que Lawe pretendia e que isso acabaria acontecendo antes dessa missão ser concluída.

Assim como tinha a sensação, uma grande, de que antes que seu coração acabasse quebrado, talvez estivesse seu pescoço em vez disso.



CAPÍTULO 11

Lawe teve que se afastar de Diane. Puxando uma respiração profunda enfiou os dedos pelos cabelos e contemplou o retrato barato pendurado na parede em frente a ele.

Terran Martinez. O irmão mais novo de Morningstar. O irmão que procurou sua irmã, ou a prova de sua morte, por mais de 30 anos.

Então, o que aconteceu com a prova de sua localização, que Lawe enviou para seu pai, Orin, uma semana antes que ela fosse morta? Lawe soube da família depois de seu resgate, mas nem ele nem Rule jamais se aproximaram deles.

Nunca foi à Window Rock encontrá-los, nem seu irmão, tanto quanto sabia. Nunca falou sobre sua mãe ou sua morte com ninguém, embora soubesse que Rachel muito provavelmente encheu Diane de detalhes. Estavam perto assim. E nunca estendeu a mão para deixar o pai de sua mãe saber o que aconteceu com sua filha ou o fato que foi cremada e suas cinzas jogadas nas montanhas ao redor das instalações de exterminação no interior de Nova York.

Ainda ouvia os gritos de sua mãe em seus pesadelos. Podia ainda ouvir a certeza em sua voz que seu pai teria sua vingança, que sua família puniria a todos. E assim como previu em silêncio, ninguém se arriscou no Conselho para fazê-los pagar por sua morte.

Ou tinham?

Dias mais tarde os Castas do laboratório foram libertados. A força enviada para libertá-los atingiu os laboratórios Castas escondidos nas montanhas nos arredores da cidade de New York, e os Castas foram liberados do cativeiro cruel e desumano de treinamento que foram submetidos.

Apertando os dedos em seus quadris por longos momentos, ele se obrigou a virar e confrontar Diane, mais uma vez.

—Não existem Castas Bengala em Window Rock, — disse ela. —O chefe da Nação Navajo é Ray Martinez, Diane. Irmão mais velho da minha mãe biológica. Continuo com eles. Saber se houvesse qualquer Casta Bengala lá.

O olhar de Diane era sombrio. Lawe podia sentir o calor reconfortante de sua compaixão estendendo a mão para ele. Quase desejava que mantivesse sua raiva porque sem a dela, estava malditamente duro manter a sua.

Claro, ela conhecia os fatos de sua história. Os Castas que lutaram com ela antes que Jonas acasalasse com sua irmã provavelmente responderam todas as perguntas que ela fez. Era difícil para seus homens dizer não, ao que parecia. E pareciam particularmente encantados com ela.

—A Genética Casta de Judd era recessiva antes de sua fuga, — Diane o lembrou. — Foi a razão por que foi encaminhando para a exterminação. De alguma forma, as drogas que davam a ele pareciam que revertia o DNA Casta.

Lawe franziu a testa pela informação. — Onde diabos ouviu isso?



Seus lábios se torceram. — Argentina, Lawe. Vários cientistas e pesquisadores que trabalhavam com Brandenmore escaparam para lá quando receberam a notícia que o FBI e o Escritório de Assuntos Castas estavam se preparando para cumprir um mandado de busca na unidade e promulgar a Lei Casta contra qualquer pessoa encontrada lá.

Lawe assentiu firmemente. — A Argentina revogou o acordo de extradição contra pesquisadores Castas e indivíduos que participaram com as Nações Unidas por crimes contra seres geneticamente alterados. Suspeitamos que recebem uma bolada de pagamento anual em troca.

Diane de repente esfregou a parte superior dos braços, como se estivesse com frio e balançou a cabeça em concordância. — Eu estive lá por três semanas. Vários dos assistentes de pesquisa com quem falei eram informantes dos EUA no grupo de cientistas que ali vivem. Um dos meus contatos conseguiu marcar uma reunião com vários deles. Uma vez que souberam que eu não tinha a intenção de dar ao Escritório seus nomes, foram muito cooperativos.

Lawe não tinha dúvida que conhecia vários desses informantes. Podiam apostar em querer garantia que os Castas não tinham conhecimento deles, mas a verdade era que estavam ainda vivos apenas por que davam ao Escritório a mesma informação ou mais do que davam ao governo dos EUA.

Saber que ela falou com eles deu à luz outra suspeita, no entanto, que fez seus ombros apertarem.

Seu olhar passou a Thor enquanto ele permanecia em silêncio na porta, os braços cruzados sobre o peito largo, sua expressão pensativa enquanto ouvia a conversa.

Saber que Diane saiu sem ele obviamente não estava muito bem para o outro homem.

—Seus homens sabem com quem falou? — O Escritório não podia se dar ao luxo de perder nenhum dos seus informantes na Argentina. Se o espião em seu grupo soubesse com quem ela conversou...

O olhar que ela lançou estava cheio de desdém, mas deslizou um pedido de desculpas silencioso para Thor. — Já havia recebido o aviso de Gideon. Embora na época, chamasse a si mesmo de carrasco. Não ia arriscar. Saí à noite e me reuniu com eles. Dê-me o crédito por saber como proteger meus contatos.

— Eu te dou crédito por muito mais que isso, mas quem a está traindo é malditamente eficaz nisso. E tê-lo lá fora, torna essa situação muito explosiva, especialmente considerando o calor do acasalamento. Vamos estar muito distraídos por seus sintomas para ser eficaz em qualquer pesquisa ou proteção de quem encontrarmos lá. Se encontrarmos alguém. Não podemos continuar isso. — Ele suspirou, sabendo que estava perdendo seu tempo.

Ela nunca retornaria ao Santuário com ele até que isto estivesse terminado e ele sabia que aceitar qualquer coisa a menos podia significar sua morte. Sabia disso, e o conhecimento queimava em suas entranhas como ácido. Era uma opção que não podia enfrentar.

—Uma vez que o calor do acasalamento atenuar, — ele começou, forçando as palavras a passar pelos dentes apertados, odiando o fato que estava mentindo para ela agora. — Uma vez que possamos pensar de novo, podemos rever a opção de retornar aqui e encontrá-los.

Seus lábios se levantaram lentamente, a curva suave de um sorriso cheio de dor ao olhá-lo muito próximo.



—Até então estarão foddidamente mortos ou presos em celas de pesquisa, — murmurou Thor enquanto Lawe piscava um olhar sufocante.

Isso não ia acontecer, Lawe prometeu silenciosamente. Enviaria uma equipe atrás deles, uma equipe que sabia que se asseguraria que qualquer um dos três ainda vivos sobrevivesse e chegasse ao Santuário de forma segura.

—Não vou deixar isso acontecer, — rosnou Lawe.

A sobrançelha de Thor se arqueou com simulada perplexidade.

O bastardo não tinha intenção de desistir, e ele não era Casta. Não havia nenhuma maneira que Lawe pudesse fazê-lo cumprir qualquer ordem que desse.

—Acha que sou estúpida, Lawe? — Diane perguntou em voz baixa. —Vai enviar alguém atrás deles e então fugirão no segundo que sua equipe entrar na reserva e ficarão desconfiados.

—E não fugirão quando você chegar? — Ele zombou. —Vão fugir tão rápido, Diane, se não mais rápido.

—Ela sabe o que está fazendo, Casta, — Thor soltou como se precisasse de um protetor. *Ela tinha uma merda de protetor*, Lawe pensou furiosamente. —E ela sabe como encontrar as pessoas sem fazê-los se sentir como presa. Se não, a equipe estaria falida.

—Maldição, Thorsson, está falando como um homem que quer ver sua comandante morta em vez de mostrar sua lealdade e ver seus melhores interesses, — ele se virou para o outro homem.

Thor sorriu, sua expressão gelada e cortante. — É uma coisa boa para você que minha comandante vai ficar louca sem você, Casta. Caso contrário, teríamos que discutir essas palavras. Violentemente. Sempre a tive de volta, e sempre a terei.

—É sua obrigação protegê-la, e não a pôr em mais perigo, incentivando-a a continuar esta pesquisa, nas circunstâncias atuais, — Lawe bateu novamente.

Thor riu enquanto Diane franzia a testa e cruzava os braços sobre os seios, enquanto observava.

—Quer dizer, enquanto ela está no calor do acasalamento? — Thor perguntou com um bufo divertido. — Quando ela tinha dezesseis anos quebrou dois dos meus dedos para ganhar uma luta que precisava vencer para viajar para a Nicarágua com a equipe, para supervisionar as comunicações. Brick ainda carrega uma cicatriz em seu pulso onde ela o cortou para participar de um resgate de reféns na Califórnia, e seu tio e o ex-segundo-em-comando se viam saltando sobre seus rabos, pelo menos uma vez por semana sempre que cometiam o erro de sugerir que ela ficasse fora de uma missão. Ela venceu todas as batalhas que precisou aos meus olhos. É a minha comandante. Sigo suas ordens e cuido dela como ela cuida de mim. Acasalar com ela não vai mudar isso.

Quando Thor disse que ela venceu todas as batalhas que precisava, Lawe sabia que estava se referindo à batalha para garantir sua lealdade.

Não havia cheiro de mentira vindo do outro homem, mas, novamente, como Diane, Thor provavelmente aprendeu, com os dois Castas que foram parte da equipe, como controlar certos cheiros. A mentira sendo o mais importante.



Diane provou a si mesma no campo de batalha para seus homens, não havia dúvida disso, ou a teriam matado para tentar assumir o comando. Ela provou que podia se proteger dos homens e de si mesma. Tinha provado sua capacidade de planejar e orientá-los através de qualquer situação que sua habilidade para liderar excedia a deles. Ela ainda tinha um traidor em seu grupo, no entanto. Um traidor que pretendia prejudicá-la. A questão era, era Thor o traidor?

—Então vou amarrá-la e amordaçá-la antes de jogá-la num heli-jet, — rosnou Lawe precipitadamente enquanto ignorava o sopro de zombaria de Diane.

Inferno, ele nunca foi precipitado. Nunca, nunca fazia ameaças vazias até que se bateu contra a vontade obstinada de Diane. Qualquer outra mulher e teria uma equipe de Executores a raptando e transportando para um local seguro até que a situação fosse resolvida.

Mas Diane não era qualquer outra mulher. Era sua companheira. Além disso, provavelmente atiraria em suas rótulas na primeira oportunidade pelo insulto.

—E vai fazer com que ela o odeie, bem como torná-la uma inimiga, — alertou Thor quando seu olhar o agarrou com fúria. —Porque vai ter que me matar, Casta, para levá-la. E confie em mim, sou o favorito dela.

Seu favorito? Os olhos de Lawe se estreitaram sobre o mercenário quando começou a avaliar qualquer outra ameaça que Thor podia representar. Pelo olhar, Thor deu um sorriso insultuoso, confiante.

Abaixando a cabeça, Lawe era apenas distantemente consciente dos seus lábios se curvando atrás num lado para mostrar os caninos enquanto um grunhido soava em sua garganta.

O perigo, a ameaça que o outro podia representar, fez o animal primitivo que se escondia dentro dele subir perigosamente.

Diane se adiantou ao sorriso de Thor, respondendo ao som selvagem e vibrando na garganta de Lawe. Podia ouvir a raiva na voz de Thor. A raiva era algo que ele raramente mostrava, e o fato que estava sangrando dele era uma indicação que o confronto precisava parar agora. Porque ele tinha a intenção de pressionar o botão que sabia que só chatearia Lawe.

Ainda mais perigoso, porém, era o totalmente felino som que um Lawe enfurecido estava fazendo. Ela nunca ouviu falar disso de qualquer Casta, e lutou com dois deles por vários anos antes que Jonas e Lawe tornassem impossível mantê-los na equipe.

—Saia, Thor, — ela ordenou, usando seu tom de autoridade. Tinha que separar os dois antes que tivesse mais problemas em suas mãos do que podia lidar.

Thor olhou para Lawe acusadoramente por longos momentos antes de se voltar para ela, os ombros tensos, sua expressão apertada com indignação quando olhou para ela. —Você é a chefe, tem certeza?

—Dei a ordem, não dei? — O chicote de comando que atingiu a voz dela antes que pudesse detê-lo fez o olhar de Lawe voltar para ela.

Thor fez uma careta antes de se voltar para Lawe. — Não me faça seu inimigo, — alertou a Lawe. — Leve-a a força, e prometo a você que vou retaliar.



—Thor! Agora! — A última coisa que precisava agora era Thor jogando com Lawe.

Thor deu a Lawe um olhar que até Diane claramente compreendeu. Um olhar que garantia a Lawe que não hesitaria em atacar se sentisse que tinha que fazer. Era um lado que Diane sempre sentiu no outro homem. Thor a seguia, respeitava suas habilidades e seu comando, mas sempre a via primeiro como mulher e depois como soldado. Uma falha dele no que concernia a ela, e uma das principais razões porque o deixou de fora como traidor. Thor teve oportunidades demais para matá-la e fazer com que parecesse um acidente, se fosse isso que quisesse. Não tinha que jogar.

—Eu realmente tenho que dizer uma terceira vez? — Terceira vez significava dinheiro de sua conta para a dela. E uma boa quantidade.

—Foda-se, tudo bem. Mas não é pelo maldito dinheiro. É o chute que vai dar nele, — Thor estava saindo quando se virou rapidamente, abriu a porta com um empurrão furioso, então fez uma pausa. Olhando por cima do ombro, disse para Lawe. —Ela realmente não pode chutar minha bunda, sabe, mas joga sujo e vai pelas bolas, — disse antes de sair caminhando e batendo pesadamente a porta atrás dele.

Ela se encolheu quando a porta de metal encontrou a armação com força suficiente para sacudir as janelas.

—Adolescentes, — Diane murmurou quando olhou para a porta, então para Lawe.

Jurava que homens não eram mais que adolescentes crescidos.

Olhando para ele teve que conter um suspiro. Lutou bem e sabia que precisava ignorar o calor abrasador através de seu corpo, enquanto Thor estava lá. As ondas a atormentando, o chicote de fome e vontade incontrolável de se esfregar contra ele eram quase impossíveis de negar, no entanto.

A sensibilidade dos mamilos e seios, clitóris e até mesmo sua carne a fazia sentir como se cada nervo em seu corpo se tornasse erógeno. Queria tomá-lo. Queria senti-lo. Queria queimar a raiva e a dor de seus olhos por apenas alguns momentos, e doía para ser uma parceira, mesmo se apenas sexualmente.

Ela não tinha tempo para isso. Não tinha tempo de ser a gatinha sexual de algum Casta Leão. Tinha uma missão para terminar, mas tudo que queria fazer era rastejar sobre seu corpo, apertando duro e senti-lo contra ela. Queria se esfregar nele.

Inferno. Ela não estava fazendo isso. Esta não era a maneira de provar que podia lidar com o calor do acasalamento e a missão.

E não tinha escolha, ou apenas provava isso ou recuava e dava a Lawe exatamente o que queria. O fim de sua liberdade.

Levantando a mão, a enfiou sob os cabelos e esfregou as ardentes sensações que pareciam pulsar logo abaixo da pele lá.

A mordida que Lawe lhe deu doía com uma sensação quente e quase levou um gemido aos lábios quando a tocou.

Sacudindo a mão atrás, olhou para ele antes de voltar para a cama e pegar suas malas.



Puxando as botas curtas de caminhada do armário junto com as meias limpas que havia empurrado nelas na noite anterior, Diane as jogou sobre a cama.

—Você pode ir comigo ou pode levar seu rabo de volta a DC, realmente não dou a mínima — ela disse a ele enquanto se preparava para sair.

Mentirosa. Mentirosa. A gatinha sexy interior cantava a palavra enquanto seu corpo gritava por sexo. Por sexo descuidado, erótico e duro e mais uma daquelas primitivas mordidas na parte de trás do pescoço.

Ela se virou para informá-lo exatamente o que poderia fazer com a sua atitude protetora e possessiva e sua recusa em considerar qualquer coisa, além de seu próprio caminho, quando ele de repente estava ali atrás dela. Agarrou seu braço e a arrastou contra o calor emocionante de seu corpo muito maior, com os braços em torno dela, o calor dele parecendo penetrar através de sua carne diretamente até o núcleo de excitação ardente por sua maior proximidade.

Sua respiração ficou presa na garganta.

—Você quer tanto ser fodida que mal pode suportar, muito menos se proteger desse monstro arrogante com quem luta, — ele rosnou para ela. — E ainda assim se afastaria de mim?

—Num piscar de olhos, — Diane arremessou de volta para ele. — Se é tão teimoso e chauvinista que não pode aceitar o fato que não posso ser qualquer coisa além do que sou, mais do que você pode, então está malditamente certo, eu o farei. Não vou implorar para ser meu parceiro, Lawe. Deve ser intuitivo o suficiente para querer ser.

Ela morreria de excitação antes que implorasse para deixá-la ser outra coisa senão ela mesma. Ela era quem e o que era e não pediria desculpas para ele. Assim como ele não podia ser nada mais do que quem e o que era.

Não ia pedir-lhe para mudar e sabia que não podia, mesmo que o pedisse.

Ele não tinha o direito de pedir isso a ela.

—Mal consegue andar pela necessidade de foder, — a acusou de novo, a luxúria e ira ardente em seu olhar, escurecendo o azul de seus olhos e intensificando a fome que ela sabia que já sentia.

O calor do acasalamento não era nada se não exigente. E indiscutível.

—Então me foda e acabe logo com isso. — Ficando na ponta dos pés, empurrou o nariz quase no dele, seu olhar preso com fogo perverso e sexual quando ela sentiu seu pau pressionando seu estômago. —Vamos, Lawe, se não vai comigo, então pelo menos me dê uma rapidinha para a estrada.

Ela nunca ficou tão furiosa com ninguém em toda a sua vida. Mesmo Padric, o segundo em comando de seu tio, e por um tempo tão breve, seu amante, não a fez sentir essa raiva durante os anos que ajudou a treiná-la.

Ninguém ou nada nunca a deixou tão furiosa quanto Lawe. Assim como nada ou ninguém jamais a fez querer como ele a fazia querer seu toque.



—Uma rapidinha para a estrada? — Incredulidade encheu sua voz e seus ricos olhos azuis. — Perdeu a cabeça? Como se uma rapidinha fosse suficiente para qualquer um de nós.

Inclinando a cabeça, Lawe forçou a cabeça atrás, simplesmente enfiando seus dedos nos cabelos dela e a puxando.

A picada de doloroso prazer que atacava seu couro cabeludo parecia ecoar direto para sua boceta. Os lábios se entreabriram num suspiro de emoção crescente quando os lábios cobriram de repente os dela. Sua língua avançou possuindo sua boca e controlando o beijo quando Diane subiu para ele e afundou no prazer.

O sabor viciante de peras caramelizadas encheu seus sentidos quando o hormônio de acasalamento começou a derramar dele. Imediatamente nada mais importava, só o beijo que o homem lhe dava. Nada importava, exceto segurá-lo com ela, compartilhar o beijo, e acariciar Lawe ao ponto de não retorno, assim como era empurrado para ela.

Mesmo sem o hormônio, Diane tinha a sensação que nunca seria capaz de dizer não a ele. Havia algo em Lawe que tornava impossível para ela ignorar. Se era a dominação pura que desafiava cada centímetro de sua raia independente ou o conhecimento sexual primitivo que brilhava em seus olhos azuis e preenchia sua natureza exigente, não tinha certeza.

Fosse o que fosse, ele era um fascínio para ela desde a noite que a resgatou daquele inferno. E desde aquela noite não foi capaz de decidir se devia matá-lo ou foder com ele.

Não queria matá-lo.

Queria amarrá-lo em sua cama e ter seu tempo com ele. Queria traçar cada centímetro de seu corpo largo e musculoso antes de montá-lo até a exaustão. Só queria que ele precisasse dela como ela precisava dele, e a aceitasse como ela o aceitava. Pela primeira vez na sua vida, queria ser parte de algo ao invés de alguém tentando manipulá-la a aceitar apenas uma parte menor do que merecia.

—Deus, Diane. — Lawe gemeu quando se afastou do beijo, seus olhos azuis em chamas pela necessidade e um tormento interior que enviava um eixo de dor apertando seu peito.

Podia ver o conflito rasgando dentro dele.

Podia sentir isso, e sabia que provavelmente destruiria ambos antes que acabasse.

Porque ele só sabia ser protetor com ela.

E ela só sabia ser a mulher que seu tio criou quando permitiu que ela visse o que foi feito aos corpos de seus pais.

Na mesma pulsação, ela percebeu que ele estava puxando sua camisa de seu jeans. Ela sentiu a fome pura e primitiva rasgando através dele e sabia que não podia fazer nada, apenas enfrentá-lo de frente.

Levantou os braços e um gemido escapou de seus lábios quando o material passou pela cabeça e os lábios de Lawe cobriram o bico apertado, violentamente sensível do seu seio.

Os músculos de sua boceta apertaram. Seu ventre convulsionou com fome voraz e uma onda de calor correu sobre sua carne como um incêndio fora de controle.

Quando ele se inclinou para ela, a boca a atraindo com uma fome intensa de macho, seus dedos soltaram seu cinto e eficientemente eliminaram os botões de metal de seu jeans.



Era uma coisa danada de boa que ela não tivesse posto suas botas ainda, pensou com prazer atordoado quando ele começou a empurrá-los abaixo por seus quadris. Caso contrário podiam ter problemas.

A raiva intensificou a excitação já amplificada pelo calor do acasalamento, e a necessidade de tê-lo dentro dela agarrou os músculos de sua boceta.

—Depressa, — ela implorou enquanto também agarrava a camiseta que ele usava, puxando-a pelas costas até sua cabeça erguida e então ele a estava rasgando de seu corpo.

Suas mãos se moveram para o cinto, e depois ao botão e zíper da calça jeans, enquanto ela chutava seu jeans longe.

Lawe cuidou da calcinha rapidamente. Simplesmente a rasgou de suas pernas antes que seus braços estivessem ao seu redor. Agarrando sua bunda Lawe a ergueu para ele enquanto ela levantava seus joelhos, apertando seus quadris quando ele posicionou seu pau na entrada aquecida e lisa de seu sexo.

Foram apenas segundos antes dela sentir a cabeça inchada de seu pau pressionando dentro dela. Grossa e quente, a carne larga empurrava contra a entrada macia enquanto a cabeça de Diane se inclinava atrás e estremecia pelo prazer correndo sobre seu corpo.

—Há uma cama. — Ela ofegou, as unhas mordendo seus ombros quando a cabeça de seu pau de repente seguiu em frente.

Pontinhos de luz explodiram atrás de seus cílios quando a ponta entrou. No próximo batimento cardíaco, no impulso seguinte, estava a esticando ainda mais. As sensações, tão perto do êxtase, se misturavam com a dor da penetração para se tornar o maior prazer que já conheceu.

O presente do calor do acasalamento, sua irmã disse. Levou horas para obter a informação de Rachel. Era como estar suspensa no interior de puro êxtase, êxtase aquecido. Queimava, energizava e deixava uma mulher muito fraca para protestar contra qualquer toque dado, e com muita fome para negar.

E Diane não podia protestar. Não tinha nenhum desejo de negar.

—Oh Deus, sim, — ela gemeu quando ele continuou a empurrar dentro dela. Diane podia sentir o aconchego da sua carne interior, como se ele não tivesse passado a noite passada, quase toda a noite, enterrado dentro dela.

Apertando as pernas em torno de seus quadris, ela arqueou as costas e se moveu contra ele, forçando a ponta ingurgitada mais profundo. Cada pulso da carne grossa acariciava terminações nervosas sensíveis e a adrenalina corria por seu corpo.

Era como estar no auge do perigo de uma missão, só que melhor.

A sensação de seu pênis se movendo dentro dela, espetando-a com movimentos curtos e rápidos estava deixando-a louca de prazer. Cada carícia interna provocava o aumento do aperto dentro dela com uma intensidade violenta.

—Não, querida. — Lawe gemeu quando ele virou e cambaleou para a parede, apoiando as costas dela na parede. Seus joelhos dobraram quando a segurou no lugar e empurrou duro. O impulso feroz a pegou desprevenida. Prazer se amarrou em seu corpo quando a súbita



mordida do doloroso prazer do empalamento a deixou ofegante e sua transpiração começava a umedecer sua carne.

—Ah inferno, sim, aperte meu pau desse jeito, Diane. Como se o estivesse chupando com sua boceta pequena e aconchegante.

A sensação golpeou através de seu útero. A penetração ardente detonou um flash de calor dentro dela. O erotismo do momento e suas palavras iam além do prazer e não tinha ideia de como descrever.

Movendo-se novamente, Lawe a empurrou contra a parede, puxando-a de volta com um empurrão duro de seus quadris que acariciaram ao máximo entre suas coxas. A áspera carne dentro dela, a sensação que a estendia tanto, as terminações nervosas nunca utilizadas para tal sensação, fizeram um grito rasgar de seus lábios.

Era tão bom. Oh Deus, era tão bom.

Como podia viver sem ele, viver sem isso, pelo mesmo um dia?

A cabeça abaixou, os dentes raspando seu bíceps rígido antes que o agarrasse desesperadamente para conter as palavras que dariam tudo o que ele queria.

Por favor não me deixe.

Por favor, não deixe escapar mais uma oportunidade de sentir não apenas o prazer, mas as emoções que de repente chicotavam por ela também. Porque só quando ele a segurava, quando a pegava, quando cedia às suas próprias necessidades Diane sentia como se estivesse dando a ela mais do que apenas o que derramava em seu corpo.

Seus quadris se contorceram, sua boceta apertando a carne grossa quando Lawe golpeou dentro dela.

Diane sentiu os sucos derramando, seus músculos ordenhando sua ereção a cada vez que abria caminho pelo aperto confortável de sua boceta.

A sensação de seu pau enterrado tão profundamente, a cabeça latejando ingurgitada nas suas profundezas fazia seus sentidos cambalear, sua boceta mais molhada derreter e deslizar. Suas mãos seguravam as curvas de sua bunda, flexionando os dedos na carne arredondada quando Diane sentiu seu sexo ondulando ao redor pela grossa invasão, tentando puxá-lo mais profundo dentro dela.

—Lawe, — ela sussurrou o nome dele num gemido quando a necessidade de continuar agarrava seus sentidos.

—Estou aqui querida, — respondeu asperamente com a cabeça baixando, seus lábios se movendo para a coluna esguia do pescoço.

Seus dentes raspavam no ombro dela quando sentiu a mudança que lentamente se aproximava dele. Tensão apertava através de seu corpo quando Diane moveu seus quadris, se levantando, em seguida, retornando quando ele rosnou contra seu pescoço.

Rosnado que vibrou através dela, fazendo com que seus quadris empurrassem enquanto sentia o impulso de Lawe contra ela mais uma vez.

Não conseguia ficar imóvel. Seus quadris rebolaram e impulsionaram quando ele começou a se mover dentro dela. Puxando e, em seguida, subindo fundo e forte, a ponta



ingurgitada e o eixo temperado acariciando e afagando as sensíveis terminações nervosas interiores e empurrando-a mais perto do êxtase.

Os joelhos apertaram seus quadris quando ela levantou e abaixou contra ele. Sua cabeça inclinou de lado, enquanto os lábios viajavam nesse ponto entre o pescoço e o ombro. Seus lábios pararam ali, sua língua lambendo, seus dentes raspando sobre a carne. Havia uma rugosidade faminta ao seu toque que enviou trilhas de fogo de sensação correndo através dela, o prazer se tornando uma ganância faminta que não podia negar.

A boceta dela segurou seu pau num vai-e-vem desesperado. A necessidade de liberação apertando através dela com uma fome violenta que deixou seu pulso acelerado. A necessidade de seu beijo era esmagadora, um vício que não podia lutar.

Que ele parecia sentir.

Com uma última raspagem de seus dentes contra seu pescoço, a cabeça de Lawe levantou, os lábios cobrindo os dela enquanto a apertava mais na parede, segurando-a mais forte quando começou a se mover com uma força que fez Diane clamar com grande prazer, o apertando com dolorosa força.

—Lawe. — Ela queria gritar seu nome, mas só raspou sua garganta.

A força do desejo cresceu dentro dela e começou a fazer tremer todo seu corpo. Arqueando em seus braços e lutando contra ele, as unhas raspavam ao longo de suas costas, desejo começando a rasgar por ela, através dela enquanto a fome avassaladora subia dura e rápida através de seu corpo.

Arrancando seus lábios dos dela, Lawe espalhou beijos até sua mandíbula, pelos lados, abaixo de seu pescoço. Picadas minúsculas, o raspar de seus caninos, então, quando a sensação de queimação correu ao longo das terminações nervosas de repente ela explodiu, e sentiu os dentes furando a linha vulnerável entre pescoço e ombro.

Seu orgasmo surgiu numa série de ondas que se apressavam para jogá-la num lugar de êxtase puro e exigente. Ela se perdeu nele. Furando o maremoto quando Lawe enterrou o duro e latejante pau dentro de suas profundezas, ampliando e jorrando dentro dela enquanto a lingueta de repente surgia. Tornou-se ferozmente, densamente ingurgitado, ondulando contra a macia e sensível carne, se trancando por dentro. Diane sentiu o calor queimando e o êxtase do prazer mais amplificado e intensificado pelas sensações que se abateram sobre seus sentidos.

Havia uma parte dela que percebia, distante, que cada vez que seu orgasmo crescia e se expandia pelo prazer que Lawe proporcionava, sentia uma parte de si mesma enfraquecendo, se abrindo. Como se seu coração, sua alma ou algo estivesse se abrindo, apesar de sua determinação em manter essa parte sua fechada. Para se manter segura do abismo emocional que sabia estar à sua espera.

Caindo contra ele, tremendo, sua respiração ofegante de tanto êxtase e a agonia das emoções voando livres, forçando-a a reconhecê-las e reconhecer os medos que a travaram por tanto tempo.

Ela se agarrou nele, terrificada que algo ou alguém o levasse para longe dela. Certa que as divergências que compartilhavam explodiriam em seu rosto.



Havia muitas explosões ameaçando estourar fora de controle dentro dela. Muitas emoções que não podia controlar nem afastar o suficiente para dar a ela a chance de controlá-las.

Em vez disso, se levantavam, empurrando os escudos que as prendiam e quase saindo livres.

Diane estava apenas parcamente consciente dos lábios de Lawe ainda em seu pescoço, enquanto lambia e raspava sua carne.

Marcando-a.

Tudo que ele fez nos últimos meses foi para um propósito e ela sabia. Forçando-a a se liberar ao seu redor. O que se recusava a lhe dar.

Seu coração inteiro. A parte de sua alma que só o homem a quem seu coração pertencesse teria.

E Diane jurou a si mesma que nenhum homem jamais teria seu coração e definitivamente nunca abriria essa parte de sua alma.

Estava apavorada de que se ele possuísse essa parte dela, então a controlaria. Porque se Lawe pudesse mudá-la, se pudesse forçar sua independência a dar lugar a sua necessidade de protegê-la, então faria isso num piscar de olhos.

—O pensamento de perder você me destrói, — ele de repente sussurrou em seu ouvido. — Quando vi você naquela cela imunda, espancada, quase quebrada, tão delicada e tão determinada a viver, roubou uma parte da minha alma.

O choque a prendeu em silêncio ao ouvir este Casta forte, sempre tão emocionalmente frio, dizer tal coisa. Lawe não era um homem propenso a ceder à emoção. E certamente, mesmo para um Casta, parecia ainda menos disposto a experimentar a emoção que a maioria.

Mantendo os olhos fechados, só podia se apertar mais nele. Não havia uma chance de esconder o que sentia dele. Sua habilidade de cheirar, e reconhecer, emoções era boa demais.

E sabia que ele podia sentir as dela.

A negação, a rejeição do que estava lhe oferecendo e a dor de ser incapaz de alcançá-lo e mantê-lo perto dela.

—Por quê? — Ele perguntou de repente, seu rosto ainda enterrado em seu pescoço. — Por que não quer o que tenho a oferecer, Diane?

Ela sentiu as lágrimas apertando sua garganta e, embora não pudesse sentir o cheiro que ele podia, e a dor não estivesse em sua voz, ainda assim podia senti-la. Apertando o peito e enviando uma dor se enterrando tão profundamente dentro dela que sabia que nunca iria escapar.

—Porque se recusa a aceitar quem sou, — ela sussurrou com voz rouca. — Assim está me rejeitando Lawe. A rejeição apenas é mais profunda. Eu aceito quem você é. Você se recusa a fazer o mesmo por mim.

Sua cabeça levantou e ele recuou.



Ela ainda estava pressionada contra a parede, seu corpo ainda uma parte dela e do prazer... O prazer ainda pulsava dentro dela pela presença da lingueta, uma vez que mantinha preso seu companheiro a ela.

—Me aceita por quem sou? — Ele perguntou em voz baixa, sombriamente. —Se o fizesse, Diane, então me ajudaria. — Seus dedos tocaram o rosto, as costas deles acariciando sua pele suavemente. — Nos ajudaria a encontrar uma forma de compromisso. Em vez disso, você foge. E isto não fará nada, apenas destruir a ambos.

Quando ela olhou para ele, lutando contra as lágrimas que não tinha experiência, Diane sentiu a lingueta a liberando lentamente, retraindo de volta para a capa de seu pau e levando com ela os ecos de êxtase que a mantinha em suas garras. Que mantinha Lawe preso a ela.

—Você quer compromisso, Lawe? — Ela sussurrou. — Porque, honestamente, não vi nenhuma indicação disso em você.

Baixando sua cabeça em seu ombro, ele deu um beijo antes de lentamente a ajudar a deslizar dele enquanto puxava o semirrígido eixo de sua boceta e recuava.

—Vamos para Window Rock, — ele disse suavemente, e Diane teve que engolir a dura onda de emoção que apertou sua garganta pelo frio em sua voz, porque quando ele olhou para ela, pôde ver o tormento ardente em seus olhos. — Tenha cuidado enquanto estamos lá, — ele disse, quando a soltou plenamente. — Lembre-se do que acontece comigo, Diane, se alguma coisa acontecer com você, e vice-versa. Porque independentemente do que acredite de mim, desde o dia que percebi que você era minha companheira, me afastei do meu posto de ativo. Porque nada significava mais para mim que sua vida, sua saúde e sua segurança. Nunca lutei novamente.

Ele não mencionou sua felicidade. Estranhamente, o fato que esqueceu teve o poder de furar seu coração.

Ele não deu a ela uma chance de responder. Ela não poderia responder de qualquer jeito, porque estava muito chocada, muito incerta sobre as implicações do que ele acabou de dizer e a emoção que não tinha mencionado.

Para um Casta, nada era mais importante que a batalha por segurança, a batalha para garantir que os Castas, como povo, sobrevivesse.

Tanto assim que todos os Castas sem companheira faziam um juramento para proteger, mesmo à custa de suas próprias vidas, todos os companheiros, machos ou fêmeas, até que também encontrassem seu próprio e único par químico, biológico e hormonal.

Castas não acasalados compunham a maioria da força de combate. Uma vez acoplados, saiam das operações ativas, ou para as fileiras de proteção e segurança de qualquer base Casta: Felina no Santuário, Lobo de Haven ou o no próximo reduto Coyote, a recém-criada Cidadela.

Era uma informação que precisava processar, e Diane sabia, enquanto observava Lawe ajeitando suas roupas antes que arrumasse as dele, que agora não tinha escolha senão enfrentar as decisões das quais estava fugindo.

A escolha de aceitar Lawe como seu companheiro e, fazendo isso, aceitar também a perda da sua liberdade, ou ela poderia negar a ambos e eventualmente, cedo ou tarde, talvez ser a causa da morte dos dois.



CAPÍTULO 12

—Como sabe que Thor não é o traidor em suas fileiras? — Lawe perguntou quando ela estava deitada em seu peito nu, exausta, flácida e sonolenta enquanto o sol nascia brilhante e quente na manhã seguinte.

—Porque sei. — Ela bocejou, se perguntando se tinha tempo para um cochilo.

Tomaram café da manhã mais cedo, então tiveram um ao outro como sobremesa. Ela tinha pelo menos dois dias de atraso e em vez de se apressar para fazer as malas e sair, estava considerando um cochilo no final da manhã. Se Lawe só fosse gentil e não começasse a perguntar.

—Como ele a encontrou, querida? — Perguntou ele. — Não disse a ele que estava partindo. Não contou a ninguém.

—Ele seguiu Gideon, lembra? — Ela desejava que ele apenas desistisse. Defender Thor não estava em seus planos. Ela precisava de uma soneca, então possivelmente comer antes de pegar a estrada com dois homens rabugentos, territoriais e superprotetores.

—Isso não é uma resposta. — E era óbvio que ele não ia desistir.

—Ele se oferece para levar meu equipamento.

Bem, isso o calaria. Talvez devesse ter tentado a explicação mais cedo.

Quando o silêncio continuou, ela se permitiu mexer mais no sono.

—Ele faz o quê?

Bem, o calou por um minuto de qualquer maneira.

Expirando em resignação Diane forçou-se a sentar e olhar para ele quando puxou o lençol sobre os seios. — Eu disse que Thor se oferece para levar meu equipamento.

—E isso prova sua inocência como? — Ele perguntou como se a resposta não fizesse sentido.

Puxando os joelhos acima e envolvendo os braços ao seu redor, ela olhou para ele diretamente. — Um homem não se oferece para levar equipamentos de uma mulher que vê como soldado. — Ela estava ciente do desgosto que pesava em seu tom. — Thor me segue, porque posso criar estratégias e cobrir bases enquanto ele e os outros fazem o trabalho pesado. Ele faz a contabilidade que ama, vê sua conta bancária crescer e tira férias uma vez por ano. Ele não vai correr esse risco.

—Diane, pode ter que explicar isso um pouco mais. — Limpou a garganta com cuidado quando Diane escondeu um sorriso. — Alguém em sua equipe está traindo você. Colocaram seu traseiro no bloco de desbastamento e todos desfrutaram dos mesmos benefícios.

—Mas nem todos levariam um tiro por uma mulher que não conhecem ou arriscariam suas vidas para deslizar numa aldeia inimiga para deixar comida na porta da casa de uma viúva. A última de suas rações, devo acrescentar. — Ela balançou a cabeça com o pensamento. — E ninguém, exceto Thor, deliberadamente garante que está, literalmente, cobrindo minhas costas a cada missão que tomamos. Ele se apresenta para levar uma bala por mim, assim como



fez pelo adolescente que resgatou no ano passado, pelo velho diretor inchado que tiramos quando estava preso num país que não deveria estar, ou pelo adolescente sequestrado no ano anterior, enquanto estava de férias com seus pais na Jordânia. Os outros nunca fizeram isso, mas Thor faz.

—Coloca muita fé nele. — Ele balançou a cabeça por sua explicação. — Assim como no maldito Gideon. O que a faz pensar que pode atraí-lo?

Lawe viu seus lábios se torcerem em diversão. — Gideon derrubou todos, exceto Thor. Atirou em Brick, Aaron e Malcolm. Estava tirando os jogadores de quem suspeitava de fora do campo. Obviamente não suspeitava de Thor. Ou você. — Ela marcou as razões com os dedos. — Ele não deixou apenas uma advertência para o traidor no meu grupo, mas também do local onde suspeitava que Honor Roberts, Judd e Fawn Corrigan estão. Também me levou na direção de vários contatos na Argentina que foram capazes de verificar as informações, bem como adicionar, possivelmente, me dando algumas pistas quando chegar lá de onde começar a procurar por ela.

Ele resmungou para isso, mas a explicação fazia mais sentido que queria admitir.

—O que a faz pensar que ele quer falar?

—Ele não atirou em mim. — Ela deu de ombros. — E está me seguindo desde que estava na Argentina. Essa é a razão que levou tanto tempo para ir para Window Rock. Queria saber o que ele queria.

—Então, simplesmente se colocou fora como uma porra de pedaço de carne crua animal? — Acusou ele, sua expressão incrédula. Diane duvidava que alguém tivesse visto incredulidade na expressão de Lawe, em sua vida.

—Se me quisesse morta, então teria me matado na Argentina, — ela assegurou causticamente. — Me dê um pouco de crédito, Lawe. Não sou exatamente estúpida. Se fosse, você já teria vindo me ajudar.

Assim, mesmo concordando que ela não era idiota, porque era, obviamente, ainda estava viva.

—Diane. — Passou a mão no rosto.

Diane riu em voz alta pela reação. Seria agradável se não fosse o fato que ele mostrava uma completa falta de fé em suas habilidades para fazer seu trabalho e para se proteger.

—Diane, ele é um macho Casta suspeito de ter sido forçado à febre selvagem, — ele rosnou. — Se metade do que sei for verdade, então estamos bem cientes do fato que não está completamente são, no mínimo. Seja qual for seu plano, ele não tem intenção de ajudar ninguém, exceto qualquer meta que tenha em mente.

—E, claro, eu não poderia ser inteligente o suficiente para usá-lo também, — ressaltou ela razoavelmente.

—Não foi isso que quis dizer, — ele retrucou. — Gideon é um mestre estrategista, Diane. Você vai pensar que o está atraindo até que ele tenha uma bala enterrada no seu cérebro ou seu bisturi arrancando a carne do seu corpo. Será um pouco tarde para considerar o erro de suas crenças então.



Era o suficiente para fazer uma mulher querer ranger os dentes em irritação. Inferno, ela estava se remoendo. Sua arrogância apenas a chateava.

—Acredite no que quiser. — Doeu, mais que palavras jamais poderiam descrever, que ele não estendesse a mesma fé por ela que teria estendido a qualquer outro Casta que desse a mesma explicação. Ou qualquer outro homem. Gideon pensava que estava jogando, estava ciente disso. Tinha seu próprio plano também.

Ele não lhe deu a possível localização das ex-vítimas de Brandenmore. Ele sabia onde estavam, ou onde podiam estar, mas o que não sabia, apesar do tempo que passou nos laboratórios com eles, era como pareciam agora. Doze anos era muito tempo. As meninas estariam com 24 ou 25 anos. Judd estaria na casa dos trinta. A maturidade poderia, provavelmente, mudar drasticamente a aparência.

—Isso não é pessoal, Diane. — A expressão de Lawe estava atormentada enquanto a observava e provavelmente sentia o quanto sua falta de fé a feriu.

—Certo Lawe. — Estava muito cansada para discutir com ele, e também desiludida pela tentativa de justificar ou explicar suas próprias intenções. — Preciso fazer as malas. . .

—Prefiro esperar para sair, Diane.

Ela se virou lentamente para ele, a suspeita crescendo dentro dela. — Por quê?

Seus lábios afinaram. — Enviei Rule e Malachi para Window Rock para solicitar a permissão do Conselho Navajo para realizar a busca de um casta renegado em seu território, — revelou. —Isso não acontece durante a noite.

Quão estúpida ele acreditava que ela era?

—Merda, Lawe, — disse ela, cansada. —Enviou uma equipe para Window Rock para encontrar Gideon ou preparar uma armadilha, não é?

—Não, não. — Raiva apertava sua expressão quando saiu da cama, seus olhos azuis gelados enquanto levantava da cama. — Fiz exatamente como disse que fiz. Enviei uma equipe para Window Rock, quando me dei conta de onde estava indo e o que estava fazendo.

—Quando eu disse onde estava indo, enviou uma equipe à nossa frente para capturar Gideon, — ela o acusou conscientemente. Inferno, não estava sequer surpresa. — É assim que vai ser, Lawe? Uma série de jogos para me manter um passo atrás de você e sempre sob seu polegar?

Ela deveria estar com raiva. Furiosa. Mas, surpreendentemente, estava mais divertida. Muito divertida para realmente se doer, mas estava certa que viria em breve. O próprio fato que ele achava que tinha que notificar o Conselho da Nação Navajo a surpreendeu.

—Se pensasse que não danificaria irremediavelmente a relação de acasalamento que quero construir com você, então isso seria exatamente o que teria feito, — ele retrucou. — Em vez disso, estou tentando limpar o caminho para você. Não foi tão difícil rastrear as chamadas em seu telefone por satélite para a reserva. Especialmente depois de fazer sua reserva no Suítes Navajo pouco antes de eu chegar aqui. Você não tinha que me dizer onde estava indo, eu já sabia. Como você rastreou a menina Roberts nesta área era o que eu desconhecia.

—E isso foi tudo que fez, só rastreou meu telefone? — Estava muito desconfiada.



— Isso foi tudo que fiz. — Passou a mão sobre o rosto de novo.

— E pensou que conseguiria o que me atrasando por aqui? — Pegando o jeans e a camisa do chão, Diane se vestiu rapidamente, consciente da sensação de estar em clara desvantagem de pé diante dele nua. — Como me atrasar o beneficiará, Lawe?

Era difícil tentar fazê-lo ver que era mais do que capaz de completar sua missão, inferno, para que ele mesmo desse a ela a chance de provar que podia terminá-la sem o sentimento de vulnerabilidade que estar nua lhe dava. Além disso, ele ainda estava duro, o pau ainda muito interessado no sexo do acasalamento.

Era impossível negar seu próprio interesse renovado pelo prazer sexual encontrado em seus braços também. Felizmente, o interesse era temperado pelo calor do acasalamento saciado por agora, deixando só o desejo natural que partilhavam e que era forte o suficiente sem a adição de hormônio, feromônios, biologia e tudo mais que era a reação de um para o outro.

— Não estava tentando conseguir coisa alguma, Diane. — Ele suspirou quando puxou as calças sobre seus quadris e fechou o zíper casualmente. — Estava tentando nos dar um pouco de tempo juntos, enquanto Rule abre caminho para nossa investigação na área. Os Castas contam com os Navajos como um dos nossos maiores defensores e apoiadores. Não podemos fazer nada que comprometa isso. Conduzir uma investigação secreta em seu território apenas poderia irritá-los e não sou suficientemente otimista para pensar que podemos fazê-lo e fugir.

— Eu não preciso de sua maldita ajuda, — disse a ele. — Já tinha permissão para entrar no território do Escritório com base na Nação. Isso é tudo que eu precisava.

O escritório de base era comandado por três Castas e um membro da Agência de Lei da Nação Navajo. — Contanto que tivesse permissão da base, estava bem.

— A Base não pode lhe dar permissão para investigar Castas ou Genética, — ele rangeu fora.

— Não, mas podem me dar permissão para investigar outras áreas. Áreas como resolução pacífica do conflito do cassino fora de Window Rock. Pelo amor de Deus, Lawe, nem mesmo considerou o fato de que fiz meu trabalho e abri meu próprio terreno, porra? Uma vez aqui, poderia usar isso para explicar para toda e qualquer pessoa com quem conversasse. E então poderia voltar atrás para explicar como posso ter tropeçado com a identidade das meninas. Sou boa nisso. — Frustração tornava áspera e colorida em sua voz quando descrença completa inundou seus sentidos. — Tomou a rota do confronto, e eu tomei a eficaz. Uma das diferenças entre você e eu.

Aqui estavam mais uma vez discutindo sobre se sabiam ou não como fazer seu trabalho. Ela sabia que eventualmente ele viria atrás dela e quando o fizesse, seria de uma forma que a deixaria completamente louca.

Neste ponto, não havia sequer qualquer sentido em ficar com raiva. Arrancar os próprios cabelos, contudo, era uma opção. Ou os dele.

Não ia discutir sobre isso por mais tempo. Estava cansada de apontar tudo, cansada de pedir uma chance para provar. Não tinha que provar uma maldita coisa, já tinha provado com cinco anos de comando e o fato de ter sobrevivido neste mundo desde antes de se formar no colegial.



—Estou indo para Window Rock, — ela o informou quando enfiou a camisa na cintura de seu jeans antes de sentar para puxar suas meias. — Pode ficar ou pode ir, realmente não dou à mínima.

Ela podia senti-lo estreitando seu olhar sobre ela quando empurrou os últimos itens em sua bolsa e fechou o zíper com um furioso empurrão de seu pulso.

—Diane, somos um tipo de agência do governo, — afirmou com óbvia paciência forçada. — Não podemos apenas valsar em suas terras e começar uma investigação, especialmente contra um Casta que poderia carregar a genética de um dos seus próprios. Jonas não quer foder com a Nação Navajo, e por uma boa razão.

—E isso não poderia ter nada a ver com o fato de que está desesperado para ter certeza de que estou envolvida em bolas de algodão e protegida até de uma brisa fresca, — ela respondeu.

—Faz parecer como se o bastardo não acabasse de atirar em você e seus homens na semana passada, — Lawe mordeu com raiva. — Eu estava lá, sei o que aconteceu, Diane, e que o bastardo poderia ter matado você tão facilmente como feriu seus homens. Há mais em seus planos que lhe dar uma mão amiga.

Duh. Não brinca. Esta não era sua semana do idiota, não importa o que ele quisesse pensar.

Ela encolheu os ombros novamente quando continuou a recolher suas coisas. Não havia sentido em ficar por mais tempo, assim como não tinha sentido em tentar convencê-lo de que era treinada o suficiente, que era inteligente o suficiente para fazer o que tinha que ser feito.

—Será que pode me escutar. — Ele agarrou o braço dela quando se virou para levar suas malas à porta. — Não tem que fazer isso.

Diane olhou para ele, vendo a preocupação em seu olhar, mas também vendo o fato que seu futuro seria tão sombrio como o inferno se desse a ele o que queria, se voltasse com ele para a segurança do Santuário.

—Tenho que fazer isso Lawe, — ela declarou em voz baixa, a raiva crescente caindo em face de sua preocupação e das emoções conflitantes que podia ver no escurecimento de seu olhar. — Não tenho que fazer isso por você ou até mesmo por mim. É por Honor Roberts. É por Fawn e Judd, e outros Castas torturados nos laboratórios. Estou fazendo isso, Lawe, porque ninguém mais se importava o suficiente ou sabia o suficiente para protegê-los quando precisavam. Faço isso por minha sobrinha. — Lágrimas encheram seus olhos pelo pensamento de Amber. — Pelas consequências que pode pagar pela pesquisa Casta, após aquele bastardo a injetar. Faço isso pelo que fizeram a você, aos outros e para que não continuem a fazer. Deus, Lawe, faço isso porque é quem sou.

Lawe olhou em seus olhos, viu a convicção lá, viu a mulher que ela sabia ser, assim como a mulher que ele sabia que ela poderia ser. — Você só vê a guerreira que é, Diane. — Ele suspirou, sentindo-se cansado como ela soou momentos atrás. — Não vê sua outra parte, mas eu a sinto. Espero que você a encontre, antes de destruir nós dois.

O calor do acasalamento era muito mais que uma fome sexual que unia um casal. Lawe conhecia o abismo emocional que poderia ser, assim como a relação próspera e bonita que poderia se tornar.



Olhando em seus olhos, ele tentou, Deus sabia que ele tentou com tudo, segurar a dominância que era uma grande parte dele. Para dizer a ela o que sentia e saber que não daria a ela o encorajamento que queria dele.

Ele sentiu a dor, sabia que a machucou e se odiava por isso.

Sem pensar tentou ferir sua autoconfiança, assim como tentou enfraquecer sua crença em si mesma.

Ele fez isso sem pensar, sem um momento de hesitação, e ela viu através dele. Ele viu isso nos olhos dela, em sua expressão. Ela sabia, antes mesmo dele, o que estava fazendo. E ela merecia muito mais.

Ela merecia muito mais dele.

—Antes de destruir nós dois. — Ela suspirou quando se afastou dele. — Não há “nós”, Lawe. Ainda há apenas você e o que você quer.

Ela parecia sozinha, desolada. Olhando para ela, Lawe não pode acreditar no presente, de pé diante dele, e na força incrível que ela possuía. Ela era tão forte como a mulher que lhe deu a luz. E ele sabia, sem sombra de dúvida, que ela morreria por ele do mesmo jeito que Morningstar morreu por seu companheiro, Élder.

—Depois da minha fuga dos laboratórios, evitei toda mulher que sentia que, mesmo que remotamente, poderia ser minha companheira. — A surpresa em seu rosto não era nada comparada à sua própria quando se ouviu falando.

Alcançando-a, Lawe tocou o lado de seu rosto com as costas de seus dedos, empurrando os cabelos atrás quando fez isso. — Não porque não queria você. — Ele tocou a parte de trás do seu pescoço como se lembrando da fome dolorida o atingindo. — Queria Diane. Com tudo que sou, tudo que era, queria minha companheira. Queria te abraçar, ter você para me abraçar. Eu queria rir e sentir a satisfação que sabia que outros Castas sentiam com seus parceiros. Queria dormir com aquela sensação de paz que os outros falavam. Mas, ainda mais, até mais que isso, queria garantir que nunca o mal que sei existir neste mundo tocasse você. Porque conheço os perigos, a dor e os horrores que posso trazer para você. E não quero nada mais que vencer todos os seus dragões. E aqui estou eu, o maior de todos os dragões.

Ela virou a cabeça, piscando. Porra, estava piscando as lágrimas?

—Lágrimas, — ele sussurrou espantado. — Nunca quis que tivesse razão para lágrimas ou para sentir o desamparo que grassa por mim quando você o faz. — Saber que a feriu o suficiente para chorar o deixou louco. Fez toda a genética animal que se alastrava dentro dele ameaçar ultrapassá-lo mais uma vez.

—Não pode evitar a vida, Lawe — afirmou, a frustração a comendo, e rasgando o controle que Lawe estava lutando para manter quando percebeu isso.

—Eu sei que não posso evitar a vida, — ele concordou quando puxou a mão para trás ao invés de aumentar seu aperto sobre ela. — Não quero evitar sua vida. Quero fodidamente compartilhá-la. Droga Diane, só quero garantir que nada nos leve um do outro. Somos companheiros. Se você morrer, então posso morrer também com você. E se eu morrer... — Ele balançou a cabeça, o outro lado do acasalamento, de repente mais claro para ele do que nunca. — Se eu for embora, então estará sempre sozinha. Sempre, Diane. Sempre sofrendo



essa perda, porque será incapaz de suportar ter outro homem a tocando. Estaria completamente vulnerável. Você e todos os filhos que podemos ter, a menos que esteja no Santuário. A menos que esteja protegida e entenda que precisa de proteção.

Vendo seu rosto, vendo a dor e o medo que brilhava em seus olhos, de repente ele se perguntou se aqueles Castas que ainda desconheciam a verdadeira profundidade do mesmo, permitir-se-iam começar se soubessem a verdade. Ele conhecia o medo. O medo de estar fechado, de ser preso. Ela estava apavorada porque ele encontraria uma forma de prendê-la, e Lawe não podia jurar que esse dia não chegaria quando tivesse que ser feito.

Abaixando a cabeça, ele pressionou a testa contra sua têmpora, inalando o perfume dela. O calor do acasalamento, um aroma frutado picante, uma combinação dele e dela, uma fusão de quem eram.

Era o cheiro do acasalamento. Era o que fazia o acasalamento. Fundia os dois seres, fundia seus aromas, e, às vezes, quando necessário, fundia seus sonhos em seus corações e almas.

—Você é mais que um soldado, — ele jurou a ela quando deixou seus lábios roçarem o cabelo, quando inalou o cheiro concentrado de ambos. — É mais que uma companheira, mais que apenas uma mulher, uma irmã ou uma tia. Não pode lutar sozinha nesta luta, Diane, e isso é o que está tentando fazer. Também não pode lutar contra Castas renegados que podem sentir o cheiro vindo a uma milha de distância. Ou Coyotes do Conselho, que podem cheirar seu aroma e sabem o que é. E se for levada por causa disso, se você for levada, se tornará o mesmo que outros companheiros que o Conselho tem capturado. Tornar-se-á uma experiência científica. — Gritos ecoavam em sua cabeça agora. — Vivissecada, gritando, implorando e morrendo enquanto eles comparam seus órgãos, comparam as mudanças neles com aqueles que assassinaram da mesma maneira antes de você.

Se afastando, ele olhou para seu olhar atormentado e queria rugir sua raiva e dor com o que viu lá.

Uma mulher lutando não apenas por sua fome, mas por todos os sonhos e necessidades que nunca se negou antes. Sonhos e necessidades que ele pedia, exigia que desistisse. Ela era mais que apenas um soldado, era sua companheira. Era a mulher que sempre sonhou em ter e aquela cuja pura bravura o apavorava.

—Lawe. — Ela o tocou. A palma da mão contra sua mandíbula, os dedos contra sua bochecha. — O Santuário é atacado pelo menos uma vez por ano. Sei de duas tentativas contra a comunidade durante eventos sociais que Callan e Merinus são forçados a dar ao longo do ano. Franco-atiradores foram capturados duas vezes tentando entrar em posição e Callan quase foi morto num evento patrocinado por um defensor Casta. O Santuário não é seguro também. E cada vez que fosse atacado, cada vez que uma Casta, companheiro ou qualquer membro da comunidade fosse prejudicado eu morreria por dentro. Sempre sentiria que poderia ter ajudado. Sempre me sentiria responsável.

Ele tentou protestar, só para ter os dedos pressionados contra seus lábios para evitar as palavras.

Suas mãos não eram seda e cetim, mas também não eram calejadas e ásperas. Eram mãos de uma mulher verdadeira. Ela as usava. Trabalhava com elas. Ela o tocou e ele jurou que deu vida à sua alma na noite que a resgatou.



—Não posso ser mais que um soldado, Lawe. Mesmo por você. É tudo que sonhei em ser. E, até você, era tudo que sonhei em ter. Não quero um protetor ou um carcereiro. Quero um parceiro. E é isso que vou ter ou não terei nada nem ninguém. Mesmo você. — Ela deu um passo devagar em volta dele, e podia sentir sua necessidade rastreando em seu corpo e ficando lá.

E era onde a queria. Enterrada tão profundamente dentro de si que saberia cada respiração que ela tomava. O que sentia. Que poderia chegar a qualquer momento e se assegurar de sua segurança, de sua felicidade.

Enquanto observava, ela pendurou a tira da mochila sobre um ombro, a alça da mochila sobre o outro, então levantou a mala preta que continha suas armas. Lawe quase balançou a cabeça em perplexidade. O equipamento parecia muito pesado para ela carregar sozinha.

No entanto, ela conseguiu isso. Pesava sobre os ombros delgados, puxava o braço dela, mas ela saiu pela porta e a bateu atrás dela.

Seus olhos se estreitaram.

Voltando ao quarto, Lawe levou seu tempo e terminou de se vestir. Não havia equipamentos para embalar ou recolher. Tudo estava armazenado na parte de trás do SUV que Rule deixou no estacionamento antes de sair para Window Rock com todos, menos um dos membros da equipe que ficou com eles.

Ele vestiu a camisa sem mangas preta que combinava com a calça de missão da mesma cor, então a camisa leve de mangas compridas abotoadas. Amarrou suas botas pretas confortavelmente e atou o coldre que segurava a pistola laser. Finalmente, enfiou a faca embainhada que carregava na parte baixa das costas.

Moveu-se sem pressa para a porta, abriu-a e saiu da sala. Saindo para a passarela coberta olhou o estacionamento onde o SUV e o Executor Casta Felino o esperava.

Com sua companheira e seu segundo em comando.

Diane encostou-se à frente do veículo, e até mesmo através da distância podia sentir o cheiro da fúria rasgando através dela e exalando para perfumar o ar com o adocicado cheiro de calor e chamas de ambrosia.

Porra, seu pau estava como aço rígido.

Foi de semirrígido para uma ereção, cheio e ingurgitado em cerca de um quarto de segundo. As glândulas sob a língua começaram a encher com o hormônio do acasalamento, as especiarias e o sabor doce inundando seus sentidos quando deu um suspiro resignado.

Ela estava chateada como o inferno e saber disso enviou adrenalina por ele, enquanto ela o olhava em desafio.

E era definitivamente um desafio.

O soldado estava de frente para ele. A expressão endurecida, a linha achatada de seus lábios, em alerta quando o viu. Ela se endireitou, inclinando seu quadril, uma mão apoiada contra ele, seus dedos estendidos.

Não estava batendo o pé. Não estava tocando em nada. Estava de pé imóvel, seu olhar preso no dele, os olhos o queimando por dentro.



A expressão era toda de soldado, mas aquele olhar, aquele era o olhar da mulher. Cheio de raiva, com sonhos não realizados, com emoções de uma mulher. A batalha pela independência de seu companheiro.

O acasalamento e a vida com um Casta era um inferno para uma mulher independente. Era um inferno também para as mulheres Castas que eram fortes, independentes e a confiança personificada.

Diane poderia ser uma fêmea Casta. Treinou desde cedo, mas ao invés de ser maltratada ou tratada cruelmente, seu tio lutou para ensiná-la a proteger a si mesma e sua irmã. Reagir pelo instinto, assim como teve anos de treinamento. Para traçar estratégias e prever todos os ângulos possíveis e problemas que podiam surgir.

Ela matou para não ser morta. Lutou nos mais escuros e profundos infernos e nas selvas de concreto onde a civilização deveria governar. Ela assumiu o comando dos quatro piores bastardos nas comunidades militares independentes e assegurou que todas as suas contas bancárias estivessem bem recheadas e atraíssem excelentes interesses.

Ela não era apenas um soldado e um comandante. Era um inferno de investidora.

Desviando o olhar do dela, se virou e moveu ao longo da passarela do terceiro andar até a escada de metal no meio do longo prédio.

Ele podia sentir os pelos na nuca formigando. Quase parou para procurar a causa, mas não era uma sensação de perigo iminente, tanto quanto era de estar sendo observado, estudado.

Se fizesse uma pausa para procurar a causa, então permitiria que seu inimigo desconhecido soubesse que estava ciente dele. Muito melhor surpreender Gideon se decidisse tentar pegar Lawe desprevenido.

Por enquanto, tinha sua companheira para lidar, juntamente com uma viagem para Window Rock.

Assim que chegou à calçada de concreto, o telefone por satélite ao seu lado vibrou. Seus sentidos alertas, seu olhar ainda em sua companheira, Lawe o puxou e levou ao seu ouvido.

—Executor Justice, — respondeu ele.

—Temos um problema. — A voz de Rule era tensa. O que em si era incomum.

Lawe pegou ritmo até o SUV.

—Relatório, — Lawe ordenou, seu tom de voz declarando sua total atenção ao seu irmão.

—Tivemos uma situação aqui, — declarou Rule. —Malachi acasalou com uma Martinez. Nossa prima, Isabelle, e seu companheiro tinham um perseguidor. O perseguidor Coyote atirou em nossa pequena favorita, Ashley Truing. Não sabem se ela vai sobreviver.

Ashley Truing. Ela tinha listras coloridas destacadas no cabelo loiro, tão bem cuidado, unhas pintadas e decoradas — unhas tão falsas quanto a cor de seu cabelo. Tinha tantos pares de sapatos que diziam que seu quarto inteiro era revestido com prateleiras para guardá-los.



Não que ele acreditasse. Ela dava a impressão de egoísmo, vaidade e preguiça, mas era uma das Castas fêmeas mais perigosas já criadas.

O olhar de Lawe foi para Diane, enquanto se movia mais rápido. Instantaneamente, ela se endireitou e se moveu para o lado do SUV, onde abriu a porta do passageiro enquanto Thor se movia rapidamente para deslizar sobre o banco de passageiro atrás dela.

O Executor Josiah entrou na parte detrás ao invés de tomar o assento do motorista como sempre fazia, seus sentidos Castas pegando a súbita sensação de pressa que Lawe podia sentir surgindo através dele.

—Estamos indo — Lawe assegurou quando agarrou a porta do motorista que Diane deixou aberta para ele. — Vou chamá-lo quando estivermos chegando.

—Certifique-se disso — Rule declarou asperamente. — Gideon derrubou o perseguidor. Deveríamos ter dito a Malachi o que estávamos procurando, Lawe. Ele o conhecia. Inferno, sabe muito sobre ele. Ashley está em cirurgia, a Dra. Armani e Dra. Sobolov estão com ela. Vou contatá-lo novamente quando houver mais.

A linha foi desligada.

A chamada durou tempo suficiente para informar Lawe plenamente da situação, mas não suficiente para que um inimigo tentasse rastreá-la.

Diane pegou o acionador de partida eletrônica com Josiah, e o motor estava ligado e pronto quando Lawe deslizou no banco do motorista. Jogando o veículo em marcha, Lawe saiu do espaço de estacionamento.

—Ashley foi baleada, — informou-os. —Gideon já está em Window Rock. Pegou o atirador e depois desapareceu. — Olhou para Diane, não podia evitar o medo que um dia ela pudesse estar no lugar de Ashley. — Parece que vamos obter essa permissão para investigar, depois de tudo. Vamos ver o quão rapidamente podemos cuidar de Gideon e contê-lo. — Olhou no espelho retrovisor. — Notifique o Santuário onde estamos indo, e que quero meu time regular aqui o mais rápido possível. É hora de caçar.

Um Casta caçando Casta. Lawe nunca imaginou que estaria nesta posição, a menos que um dos Castas malevolentes do Conselho fossem causa, ou que precisaria caçar um Casta que conheceu o mais cruel dos infernos durante seu confinamento.

Rapidamente, explicou o breve relatório de Rule.

Gideon estava em modo de proteção, um papel muito diferente do que desempenhava nos últimos meses. Protegeu a companheira de Malachi, prima em primeiro grau de Lawe, e era conhecido de Malachi. Rule estava certo; Lawe deveria ter dito à equipe a identidade completa do Casta que estavam perseguindo em vez de dar apenas detalhes minuciosos. Nunca deveria ter assumido que Gideon era desconhecido pela equipe que viajava com ele.

Procuraram um mês por um Casta que conhecesse o assassino. Aquele que poderia dar-lhes alguma informação do Casta que estavam procurando.

Não esperava que fosse Malachi.

Não esperava que Gideon protegesse uma humana, especialmente a companheira de outro Casta.



Mas com certeza não esperava que Ashley, enérgica, vivaz e completamente eficiente fosse alvo ou pega de surpresa por um perseguidor.

Deus o ajudasse se tivesse que enfrentar o dia que Diane se tornasse uma vítima, porque Lawe sabia que se isso acontecesse, o animal o controlaria. E o animal era, de longe, mais selvagem que o homem jamais poderia ser.

CAPÍTULO 13

A pele perpetuamente bronzeada de Ashley Truing parecia tão pálida, desbotada e sem graça que Diane realmente podia detectar as raízes escuras que começavam a sair no seu couro cabeludo.

Normalmente, o profissional que tingia seu cabelo fazia parecer tão natural, tão bem pintado e mesclado que era impossível dizer que era artificial.

Também não era natural vê-la tranquila, quase sem vida, como se a exuberância e força vital e vivaz que era uma grande parte dela fosse drenada para fora com o sangue que perdeu pela ferida do tiro a laser.

Todas as armas laser manuais eram silenciosas, quase sempre mortais quando definidas em seu nível mais alto, podendo se comparar às velhas armas carregadas com balas, mas com resultados bem mais mortais.

Felizmente, Ashley tinha tecnologia médica bem versada no atendimento imediato de tais feridas. A mantinham viva por suficiente tempo para os médicos Castas chegar até ela. Assim como a genética Casta e incrível força interior a ajudavam a viver com uma ferida que um mero humano não teria chance de sobreviver.

Diane ficou olhando pela janela da sala da UTI enquanto Lawe estava na cabeceira de Ashley ouvindo a Dra. Armani e Dra. Sobolov informá-lo sobre seu estado.

O Alfa do Bando e sua prima, Callan e Merinus Lyons, já estiveram lá e estavam atualmente em sua suíte aguardando Lawe e Diane no Suítes Navajo, juntamente com o Alfa Casta lobo e a Lupina, Wolfe Gunnar e Hope, e o Alfa Coyote e sua Coya, Del-Rey e Anya Delgado.

Os enfermeiros relataram que o Alfa Coyote teve que forçar a Coya a sair do hospital. Ashley era uma de suas amigas mais queridas, e estava inconsolável de preocupação.

—Eles a perderam duas vezes durante a cirurgia.

Diane virou para Rule, o atual comandante encarregado das equipes que foram enviadas para Window Rock na frente deles.

—Será que ela vai ficar bem? — Diane se virou para o espelho da sala mal iluminada quando enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans e olhou Lawe.

Sua expressão estava tensa pelas linhas de preocupação quando olhou para Ashley. Seus braços estavam cruzados sobre o peito largo, os olhos ardendo em fúria.



Ashley parecia uma bonequinha enfiada na cama do hospital. Pálida, imóvel, uma boneca sem vida.

— Os médicos dizem que a cada hora que está respirando é um motivo de esperança, — disse ele com um suspiro. — Foi uma batida ruim. Muito próxima ao coração, e ela é pequena.

O reflexo casual de seus ombros estava em desacordo com a tristeza pesada em sua voz e expressão. Era raro ver Rule mostrando todas essas emoções. Ele era bom em sarcasmo, raiva e escárnio, mas poucas vezes se permitia sentir algo mais.

— Ele vai ficar pior. — As palavras ditas no silêncio a deixaram tensa quando seu olhar tocou em Lawe novamente.

— O que quer dizer? — Ele estava ciente da luta que ela e Lawe estavam envolvidos?

— Lawe a viu quase quebrada quando a salvou na Síria, — ele disse suavemente. — Vi seu rosto quando eu e a equipe a conhecemos no hospital que foi levada. Ele sabia que você era sua companheira. Viu você em seu ponto mais fraco. Nada vai tirar a imagem de sua cabeça.

Ela olhou para seu reflexo mais uma vez, seu olhar se unindo no vidro quando reconheceu a emoção que girava no mais escuro de seus olhos de topázio.

— Não gosta muito de mim, não é, Rule? — Seus lábios se torceram com o pensamento.

— Na verdade, — disse ele, exalando a grosso modo, — o problema é que gosto de você, Diane. Gostei de você antes mesmo de saber que era sua companheira. — Ele balançou a cabeça em direção ao seu irmão. — O que não gosto é o fato que não está disposta a mantê-lo tão seguro quanto ele está disposto a mantê-la.

— E é assim que vê, — ela murmurou.

Ele balançou a cabeça com firmeza. — É assim que vejo.

Quão pouco conhecia seu irmão, mas inferno, quão pouco ele se conhecia na verdade. Lawe podia ter se afastado das situações ativas, significando que não estava mais pegando o pior das piores missões, mas ainda estava lá, trabalhando lado a lado com o bicho-papão dos Castas, Jonas Wyatt.

Os lábios dela se torceram pelo pensamento, um reconhecimento zombeteiro de seus próprios pensamentos. Lawe não seria baleado, mas ainda estava em perigo.

— Ele não vai exatamente voltar para uma fazenda agrícola, Rule. — Uma lembrança amarga que Lawe não se retirou ao Santuário para construir cabanas, trabalhar na segurança da base, fazer relações públicas ou ocupar posições políticas que foram abertas para aqueles Castas acasalados que saíram do status ativo. — Ele ainda está dirigindo missões e jantando adrenalina. Mas espera que eu amarre um avental e asse pão, não é? Isso é o que você e Lawe tanto esperam de mim. — Sarcasmo escorria de seus lábios e ela sabia disso. No momento, se superava por ele.

A cabeça inclinou em reconhecimento. — Facilitar a vida do resto de nós. — Seu olhar desviou do dela no vidro. — Infelizmente, não acho que seria comestível.

Diane quase sorriu pelo comentário, embora seu coração apertasse de dor pela lembrança que Lawe não daria a mínima, enquanto ela estivesse fora de perigo.



Antes que pudesse recolher a emoção e tomar o controle, a cabeça de Lawe se virou no meio da sua conversa com os médicos, seu olhar se estreitando, em seguida, focando seu irmão.

Rule estalou a língua atrás dela. — Vê o que quero dizer? Lá está ele, ficando todo protetor. No segundo que sente sua mágoa, está pronto para a batalha.

Pelo canto do olho viu a imagem de Rule no vidro quando deu ao seu irmão um aceno zombeteiro com o dedo. Teve que revirar os olhos. Irmãos eram irmãos, se eram Castas ou humanos. Irmãos alienígenas provavelmente eram iguais, pensou com tristeza.

Evidentemente, o insulto tranquilizou Lawe porque se virou para Armani e Sobolov, apesar de dar ao seu irmão um olhar de advertência quando fez isso.

Ela estava prestes a odiar os homens. Podia senti-lo chegando. Eram irritantes, confiantes, arrogante e apenas simples idiotas. Pelo menos, os bons eram. Ela suspirou, resignada com a ideia.

Ela realmente deu a devida atenção ao assunto de desistir do trabalho quando Lawe estava dormindo na noite anterior. Deus sabia que não queria vê-lo distraído na hora errada, e não queria vê-lo ferido ou morto porque não podia ficar atrás e voltar ao Santuário com ele. Foi no meio da noite que percebeu que não havia uma possibilidade no inferno que ficasse lá com ela. Não por muito tempo de qualquer maneira.

Como Jonas, estaria à frente e atrás. Mas Rachel era assistente pessoal de Jonas e, quando possível, viajava com ele. Dividia o trabalho com ele, muitas vezes falavam dos assuntos e ele valorizava sua opinião.

Ela simplesmente não podia ver Lawe fazendo o mesmo. Ele queria muito desesperadamente esquecer que ela era um soldado. Que não era nada, a não ser sua companheira.

A Dra. Sobolov ajustou o cobertor de Ashley, alisou uma mecha de cabelo atrás de seu rosto e olhou para a forma em silêncio por longos momentos.

—Seu agressor foi morto? — Diane perguntou.

Rule assentiu bruscamente. — Gideon o matou. Holden Mayhew estava tentando raptar a nova companheira de Malachi Morgan. Ela e Ashley são amigas e Ashley foi apanhada no meio.

Diane conhecia Malachi. O ex-Executor, que entrou para as relações públicas por sua excepcional capacidade de ler expressões e detectar conspiradores, era tranquilo e intenso e, para um Coyote, muito simpático.

—E sua companheira?

—Machucada, atingida, embora não grave. Havia dois Coyotes do Conselho à espera na saída da escada. Ele a estava vendendo por ser uma companheira Casta. Encontramos os dois Coyotes do Conselho, esta manhã, sem pele e eviscerados no deserto. Gideon pode ser um bastardo selvagem ao que parece.

Diane reprimiu um arrepio ao pensar no que aqueles Coyotes sofreram, mas as palavras que seu tio costumava murmurar deslizaram em sua mente: "Quem vive pela espada, morre pela espada".



—Lawe disse que Malachi informou conhecê-lo? — Surpreendente o bastante.

Rule assentiu. — Se conheceram durante uma das fugas de Gideon, sua primeira. Gideon trabalhou com um pequeno grupo que Malachi estava liderando, até que chegou em Amsterdã, onde Gideon decidiu seguir seu próprio caminho.

—E lá foi traído por uma prostituta, — Diane murmurou.

—Sim, foi. — Rule suspirou. —A Companhia de Malachi é sobrinha do Chefe Ray Martinez, no entanto. O ataque os convenceu a nos dar permissão para começar a investigação para procurá-lo.

Diane se calou por um longo segundo antes de se virar para Rule, indiferente se Lawe ou qualquer outra pessoa pudesse detectar seu descontentamento.

—Isso não é por que estamos aqui, — lembrou.

—Não vamos conseguir permissão para investigar os projetos de pesquisa sumidos, e não vamos informá-los que é por isso que estamos aqui, — disse a ela, seu tom de aço agora quando baixou a voz. — Posso dar a você as razões mais tarde, em privado, quando for atualizar Lawe. Basta dizer que, nossa história é que estamos à procura de Gideon por medo que a febre selvagem em que desliza poderia causar uma morte injustificável. Isso é tudo que precisam saber. Os Navajos não querem corpos começando a se acumularem em Window Rock, especialmente após o ataque de Isabelle Martinez por um homem que seu pai uma vez achou confiável.

Ela girou de volta e olhou para Lawe agora. Ele se virou, seu olhar se juntando ao dela, taciturno quando o desviou entre ela e Rule.

—Não devia ter vindo aqui para começar. — Rangendo as palavras entre os dentes cerrados, enfiou as mãos no bolso da calça jeans para não tentar estrangulá-lo. — Causou um incidente onde não era necessário.

—Então, Malachi não encontraria sua companhia, — Rule apontou, como se isso de alguma forma validasse a decisão.

—Você e seu irmão acabam de me irritar. — Diane se voltou para ele, a irritação agitando em raiva. — Nunca sua arrogância e total falta de consideração pelos outros me surpreendeu tanto, Rule.

Os cantos de seus olhos se deslocaram e a testa arqueou. — O que fizemos desta vez?

—Encontrou uma maneira de discutir uma decisão que sabia estar errada, para começar. Gideon sabe que está aqui, e agora sabe que não é só ele que está perseguindo os projetos de pesquisa Brandenmore que também está atrás. Você acabou o avisando.

—O Conselho de Genética acredita que estamos procurando por ele. — Sua voz ralou.

—Ele não é estúpido, — ela respondeu. — Fazê-lo acreditar que você sequer sabe onde ele está, antes de me deixar chegar primeiro, era tudo que ele precisava. Não está lidando com o Conselho ou seus chacais. Está lidando com uma Casta cuja inteligência alcança o nível de gênio e com capacidade de coordenar e realizar o que os outros consideravam missões suicidas quando era apenas um adolescente, deveria ser seu aviso. Ele sabe, e agora vai garantir que não chegue a lugar nenhum perto deles. Só peço a Deus que não considere matá-los uma opção viável por perdê-los para você.



Melhor ainda, estava a ponto que se não fosse por sua própria sobrinha, dificultaria sua busca de qualquer maneira possível. Felizmente para eles, Amber precisava das meninas. As respostas para o que o soro fez para eles quando amadureceram, especialmente Honor Roberts, era de vital importância.

Por alguma razão, o contato que encontrou na Argentina acreditava que era Honor que podia ter as respostas para o que Amber enfrentaria quando crescesse.

As mudanças em sua sobrinha eram surpreendentes. Caminhou nas últimas poucas semanas, apesar do fato que tinha apenas oito meses de idade. Ronronava quando encontrava algo que a agradava, se acreditasse que estava sozinha. E sua irmã jurava que sua filha entendia muito mais do que deveria na sua idade. Os poucos momentos que Diane passou com Amber antes de sair de DC asseguraram que sua Amber sabia muito mais do que deveria.

Jonas estava convencido disso, Rachel disse a ela durante uma discussão anterior. Muitas vezes via Jonas falando com a criança, dando-lhe as direções, então a olhando as tomar quando pensava que seu "pa" deixava o quarto.

Rachel estava com medo que a inteligência avançada fosse apenas o primeiro sinal que sua filha seguiria o mesmo caminho do monstro que a injetou. Que seu cérebro se deterioraria, como o de Phillip Brandenmore, depois de ter se injetado ele mesmo.

—Diane.

Lawe pegou o braço dela enquanto ela andava pelo corredor. Seu único pensamento era ficar longe dele e de sua suprema confiança de que fazia a coisa certa. Qualquer idiota saberia que isso não podia ser a coisa certa. Seria muito melhor deixá-la lidar com isso sozinha. Gideon não estaria tão preocupado com ela, porque acreditava que estaria fraca sem seus homens. Todo mundo que conhecia, acreditava que ela não era mais que uma figura decorativa para o grupo de mercenários. —Vamos destruir suas vidas aqui, — ela sussurrou sem se virar, a certeza que não fariam nada menos se continuassem ali queimando sua consciência. — Sabemos que ele está aqui para encontrá-los também. Essa é a única razão por que me deu a localização de onde suspeitava que estivessem. Por alguma razão, acredita que terei uma chance melhor de identificar, localizar ou convencê-los a se revelar. Mas o que ele pretende fazer, uma vez que esteja feito? Por que ir a esses extremos?

Seu único pensamento era para sua sobrinha. Passaram por anos de testes torturantes para curá-los de suas doenças, e de acordo com os cientistas na Argentina, quase morreram várias vezes depois de receber o soro que acabou por ser inventado.

De acordo com um de seus contatos, era possível que Amber nunca sobrevivesse ao seu segundo ano sem a ajuda das duas meninas que estiveram nos laboratórios, especialmente Honor. Tristeza enchia seu olhar quando ele disse a ela que Honor Roberts era sua única chance, porque Fawn Corrigan morreu com o Casta Bengala que era parte da experiência, conhecido como Judd.

Assim como a avisou para ter cuidado com o Casta restante que ficou nos laboratórios. O que possivelmente passou do ponto da sanidade.

A fúria de Gideon já estava se tornando uma lenda. A suspeita febre selvagem que o tomou fez dele um dos assassinos mais cruéis que saiu das criações que a ciência sonhou.



Ela se perguntava por que ele a estava ajudando. Ela se deixou acreditar que era por causa da preocupação pelos três que estiveram presos com ele, mas uma parte dela sabia melhor. Não acreditava que o homem conhecido como carrasco — mas também conhecido por nunca ferir um inocente — golpearia contra as vítimas com quem partilhou os laboratórios de Brandenmore. Ela ainda não podia acreditar.

—Ele não tem motivos para matá-los. — Segurando seu braço levemente começou a ir com ela na direção dos elevadores que Rule seguiu. —E nós entregamos uma petição ao Conselho Navajo para esta investigação. Não podemos operar em suas terras sem informá-los. Quebraria o acordo que temos com eles e vamos perder muito mais do que ganhar. Mesmo por seu caminho seria visto por eles como sanções desonestas e faria com que nos esbofeteassem imediatamente. Ray Martinez não tolera os jogos de Jonas e não se importa com os efeitos uma vez que descobre que está sendo manipulado. Não haveria maneira de convencê-lo que Jonas não estava por trás disso.

—Há mais acontecendo aqui do que Gideon nos permite ver, — ela falou baixo quando as portas se abriram e ele a levou ao cubículo vazio, seguido por Rule. — Ele conhece Malachi. Sabe que foi a companheira de Malachi que salvou de ser levada pelos Coyotes do Conselho. Isso significa que está vigiando. E está escutando. Sabia que não estava me dando as informações que eu precisava pela bondade de seu coração, mas não consigo encontrar nenhuma outra razão para a ajuda que nos deu.

—Qual era seu relacionamento com os outros? — Lawe perguntou.

Diane empurrou os dedos inquietos através de seu cabelo enquanto exalava impotente. —Aparentemente bom. Os quatro encontraram maneiras de ajudar uns aos outros, muitas vezes. Havia vários técnicos de laboratório que tentavam ajudá-los sempre que podiam, também. Quando a ordem para a exterminação saiu, Honor Roberts já tinha sido devolvida à sua família. Ninguém sabe o que aconteceu exatamente. A instalação de exterminação foi destruída, mas não havia provas que mais de um corpo foi colocado na câmara de cremação naquela noite. Não havia guarda ou assistente vivo para verificar, apesar de seus arquivos de computador mostrarem que três foram registrados e Judd e Fawn foram exterminados. Brandenmore decidiu que Gideon devia ter encontrado uma maneira de escapar e destruiu as instalações. E Gideon era excelente com computadores. Poderia ter encontrado um modo fácil de falsificar as entradas.

Mas por que ela não considerou seus motivos antes? Deveria. Deus, deveria. Ela apenas tinha certeza que poderia trabalhar em torno dele. Que poderia encontrar uma maneira de levar Fawn, e talvez Honor, de Window Rock sem Gideon perceber o que ela fez até que fosse tarde demais.

Ela sabia por que não considerou antes.

Cada pensamento foi consumido com sua sobrinha, em salvar a criança cuja inocência e sorriso doce a fazia lembrar pelo que estava lutando.

Lawe ficou em silêncio. Mas ela quase podia ouvir o que ele poderia ter dito.

Ele a avisou. Avisou-a que não poderia saber o que estava na mente de Gideon. E ela não ouviu. Ele estava lá para prejudicar ou ajudar? Tinha um rancor ou uma redenção o direcionando? Estava arriscando as pessoas que poderiam muito bem ser a última esperança de Amber?



Esperava um argumento, uma negação confiante e a garantia que Lawe sabia o que estava fazendo, e blá, blá, blá. Ela quase poderia cuspir o argumento por ele, de tantas vezes que o ouviu de outros Castas.

Em vez disso, ele permaneceu quieto enquanto o elevador fazia seu caminho para o andar principal.

Ela não arriscou olhar seu rosto, não se atreveu. Sabia que não seria capaz de suportar ver essa arrogância, essa confiança de que estava sempre certo em sua expressão.

Ela devia ter pensado nisso mais cedo. No momento que percebeu que Lawe a seguiu, deveria saber o que ele faria. Deveria saber que ele teria avisado Gideon que estavam procurando por ele. Saber que, Gideon seria muito mais difícil de prever, e muito mais difícil de escapar.

—Os planos já estavam prontos, — disse ele calmamente. — Antes que me contasse o que sabia ou o que ele disse a você. Percebi isso, Diane. Esse é meu trabalho. É o que faço. É o que sou treinado. Pegar os menores detalhes de uma operação e juntá-los, como peças de quebra-cabeça. Uma vez que fugiu de mim, e eu percebi a direção que estava indo, ele veio junto.

Sim, era para isso que foi treinado. E sim, teria juntado tudo. Mas ela deveria ter percebido que teria que notificar a Nação Navajo sobre quem o Escritório estava procurando.

E só para começar, ela deveria ter percebido que não podia fugir dele, não podia se esconder dele.

Ele descansou nos últimos meses e a deixou sozinha. Acreditava que o faria novamente. Ela nunca realmente acreditou que ia segui-la até o Arizona quando não a seguiu para qualquer outra missão desde que a resgatou.

Ela estava preparada para evitar sua brigada de capangas, mas não ele. Porque não havia como evitar Lawe.

Agora, Gideon sabia que não estavam apenas atrás dos que compartilharam o inferno daqueles experimentos com ele. Sabia que também estavam atrás dele, e isso faria dele uma ameaça para todos. O sentimento de desesperança que a enchia era quase irresistível.

O que ela fez?

Lawe garantiu que ele e Rule estavam em posição de proteger Diane quando saíram do elevador e depois pela frente do hospital.

O SUV estava esperando na porta como ele ordenou. Rule abriu a porta traseira, seu olhar duro como pedra, examinando a área, enquanto Diane entrava e Lawe seguia.

Ele podia sentir a sensação de desesperança irradiando dela e sabia que era a causa da mesma. Não tinha ideia de como corrigir. A dor que ela sempre mantinha enterrada tão profunda irradiava para ele, assegurando-lhe que tudo o que ela estava pensando cortava profundamente dentro de sua alma.

A sensação de desesperança proveniente dela fez seus dedos apertarem em punhos de necessidade, diferente de tudo que conheceu antes dela. Sua própria impotência subia como um demônio dentro dele quando percebeu que não havia maneira de estancar a dor que ela sentia. Não havia como aliviar isso.



—Comandante Justice, Diretor Wyatt e o líder do Bando Lyon e sua Prima pediram que os encontrassem quando chegar. Uma refeição está sendo preparada, assim como os relatórios de sua chegada.

—Por favor, informe que assim que estivermos acomodados em nosso quarto, entraremos em contato com eles, — ele respondeu enquanto mantinha um olhar sobre Diane pelo canto do olho.

Nem ela nem sua expressão mostrava emoções alteradas. Não reagiu da forma que teria imaginado que faria. Simplesmente olhava pela janela, uma leve carranca em seu rosto enquanto observava a pequena cidade de dentro do veículo.

O que estava pensando? Às vezes era impossível decifrar seus pensamentos. Lawe achava as outras pessoas de fácil leitura, mesmo Castas. Diane, no entanto, nunca foi capaz de prever com precisão e isso tinha o poder de irritá-lo como o inferno.

Ela não estava com raiva, e devia estar, ele admitiu. Se ela admitisse a ele que o enrolou tão facilmente, ou que tentou interferir numa de suas missões em seguida, ele ficaria furioso. Consigo mesmo, assim como com ela.

Não foi fácil de fazer, mas ele deu corda suficiente para se ela enforçar, bem como Gideon e os três indivíduos que estavam procurando.

Será que percebia que estavam trabalhando para o mesmo fim? A sobrevivência de uma criança muito pequena e vulnerável, e para entender as mudanças em curso dentro dela ou explicar a alguém o que essas mudanças eram?

Não podia permitir que seus sentimentos ou sua dor por ela se envolvesse em suas decisões. Se permitisse simpatizar ou entender como os três do Laboratório de Brandenmore se sentiriam em ser arrastados para a guerra, então podia alterar sua capacidade de fazer o trabalho que Jonas lhe confiou. E podia afetar a sobrevivência das Castas como um todo. Havia também muitas mudanças em evolução no calor do acasalamento, muitas crianças exibindo anomalias inesperadas e mudanças quando amadureciam, para permitir que a emoção influenciasse o que tinha que ser feito.

Sua lealdade era para sua companheira, seu líder de Bando e as Castas. Nessa ordem. Não podia permitir que nada nem ninguém mudasse isso.

Deus sabia que desejava que não houvesse vítimas da loucura do Conselho ou da insanidade de Phillip Brandenmore. Mas não houve. Milhares deles. Toda criança sequestrada como material genético, toda mulher levada como receptáculo para procriar as criaturas que defendiam e cada Casta criada foi vítima.

Por mais de um século a pesquisa evoluiu. Jonas realmente acreditava que a investigação vinha acontecendo há mais de cento e cinquenta anos. Cento e cinquenta anos de horror que evoluiu para a vida que viviam agora.

Não podia se permitir virar as costas para isso, ou para aqueles que dependiam das decisões tomadas agora para preservar o futuro.

—Josiah, a companheira do diretor está com ele? — Diane dirigiu a pergunta para o Executor dirigindo.



—Sim, Sra. Broen. A Sra. Wyatt está viajando com o diretor, como sua sobrinha, Amber. Sua irmã espera que participe da próxima reunião desta noite também.

Lawe observou enquanto ela levantava a mão e esfregava a testa, cansada.

O cheiro de sua desesperança calmamente foi para longe, mas não foi substituído por outras emoções como faria com qualquer outra pessoa. Havia apenas o cheiro da mulher, um perfume fresco de verão, alterado apenas com um mínimo do seu próprio e o hormônio do acasalamento. O cheiro do calor do acasalamento estava lá, mas esse perfume alterado não evoluía como deveria.

Ele controlou seu franzir de testa, sua confusão. Cada casal desenvolvia um aroma único, uma combinação de ambos que carregavam depois que o calor do acasalamento começava. Era seu hábito mudar completamente cada aroma para garantir que os companheiros eram um aroma só, assim como eram uma unidade completa. No entanto, Diane cheirava ainda só como ela mesma. Tingida com seu cheiro, similar ao de uma tempestade iminente, mas nada mais, e sua genética primitiva reagiu a isso com um levantamento cuidadoso dos cabelos na nuca.

Uma advertência de perigo ou uma resposta instintiva a uma situação que o animal sentia que não estava certa, reconheceu Lawe. Mal conteve o rosnado que teria retumbado em sua garganta. Mal travou a necessidade súbita e furiosa de tê-la ou do perfume que precisava que enchesse o interior do SUV.

Ele a queria. Nua, disposta. Queria-a se arqueando para ele, o calor de sua boceta envolvendo o eixo ingurgitado, atualmente o atormentando, e queria que ela o aceitasse.

Aceitasse que não podia enfrentar o perigo que estava tão determinada a desafiar.

Luxúria crescia forte e rápido dentro dele, e Lawe silenciosamente admitiu que o encontro com Jonas e Callan Lyons teria que ser adiado por isso. Se prender em sua companheira para ele era prioridade, não podia ignorar por muito mais tempo. O conhecimento que ela estava de alguma forma, emocionalmente e à força, recusando o acasalamento deixou seus sentidos em alvoroço. O desejo de assegurar que carregasse seu cheiro, mesmo que apenas pelas poucas horas que permaneciam em sua pele depois que a possuía, rasgava em suas bolas com garras impiedosas. A fome por ela era uma febre em seu sangue, que crescia sob sua carne a cada segundo que passava sem seu toque.

As glândulas sob a língua começaram a inchar, o hormônio a preenchendo e afundando em seus sentidos com demanda aquecida. Chegaria um momento que negá-lo não seria possível. Quando a teria imediatamente, com o controle necessário para garantir que a tocasse e a abraçasse para amar como doía por fazer.

Parecia que toda vez que estavam juntos era com uma fome de fogo que roubava sua capacidade de levá-la à beira da loucura sensual com apenas um toque seu. O hormônio de acasalamento alimentava um tipo diferente de fome, os enredando com a febre viciante e sexualmente carregada, levando ambos a acharem impossível demorar.

Como se sentisse a fome rasgando através dele, a cabeça de Diane se inclinou para o lado para o olhar e não a paisagem que passava.



Lawe teve de apertar os punhos, seu corpo inteiro tenso pela necessidade de fodê-la quando o perfume de suas emoções, finalmente chegou até ele. Ou melhor, o cheiro de sua fome.

Chocou-se contra ele, como se o ato de olhar em seus olhos, vendo a necessidade queimando lá, abrisse suas próprias comportas.

E ela doía. Desejava.

Ela o queria como ele a queria, rápido e forte, com um prazer tão incrível que os queimaria no centro e os fundia um no outro, coração e alma.

Nada importava para Lawe exceto segurá-la, senti-la se enrolando ao redor dele, gritando seu nome, suas afiadas unhas perfurando a carne de suas costas e ombros.

Era isso que importava.

Só mais uma vez. Antes que se reunisse com Callan e Jonas, precisava dela, só mais uma vez antes que a realidade se intrometesse mais e tentasse roubar seu coração.

Se ainda tinha um.

A pergunta era: Será que podia sobreviver sem o coração da mulher que desejava? Ou será que experimentaria a morte lenta e agonizante de sua própria alma por causa de sua rejeição a ele?

Ou por causa de sua recusa em aceitá-la?



CAPÍTULO 14

Diane sempre tinha a sensação que estava do lado de fora olhando para dentro, mesmo antes de seus pais morrerem. Ela era diferente. Era diferente e sempre soube disso. Nunca se sentiu aceita até que a equipe a permitiu na primeira missão. Até que o último homem votou nela, não porque seu tio era seu comandante, mas porque confiavam nela para vigiar suas costas. Eles confiavam nela para fazer sua parte e a deles, se necessário.

Encontrou seu nicho num mundo de violência, sangue e sua justiça final. Ela foi aceita, mas havia ainda uma parte dela em busca de algo. A parte dela que olhava ao redor e se perguntava se isso era tudo que havia.

Até a noite que abriu os olhos para ver Lawe de pé sobre ela. Para vê-lo cortar suas cordas, senti-lo erguê-la e levá-la, apesar dos protestos de que ainda podia andar.

Ela teria caído de cara no chão e ele sabia. Ela sabia. E ele a levou para a segurança, ignorando seus protestos.

Mesmo assim, quase inconsciente, atordoada pela dor dos espancamentos que seus captores infligiram, Diane reconheceu esse "algo" que procurava. Percebeu que não era uma coisa, mas alguém. Um sentimento, uma emoção que se esquivou desde a noite que Padric morreu.

Era o amor. Aquele primeiro olhar, o toque de seus dedos contra sua bochecha, o cantarolar baixo de sua voz, enquanto prometia que estava segura.

Estava esperando por Lawe.

Na segunda vez que o viu, olhou para ele e percebeu o quanto era impossível tê-lo.

Não era apenas poderoso, não era apenas perigoso. Era o poder supremo do macho com habilidades de luta avançadas. Mas não estava disposto a compartilhar seu mundo com ela. Ela viu isso em seus olhos, ouviu em sua voz. Sentiu no aperto do peito e na sensação de ser contida, travada e protegida.

Ele queria que ela esquecesse suas próprias necessidades, sua formação e sua fome em fazer a diferença. Queria prendê-la, para que ela sempre soubesse que havia mais para ela, mas não poderia tê-lo, apenas ele.

Não, ela sempre o teria. O calor do acasalamento garantia que nunca deixaria o outro ir completamente. O que não podia era ter qualquer paz e ainda ser ela mesma. Não podia estar completa.

Estaria sempre do lado de fora olhando para dentro, e odiava esse sentimento. O veria saindo para fazer o que devia. Supervisionar missões, claro, ou talvez os rumores que ouviu sobre Jonas pretender promovê-lo a diretor-assistente não fosse apenas rumores. Seja qual fosse seu papel particular, ainda seria uma parte das missões, ainda estaria comandando, dirigindo, lutando por aquilo que acreditava. E ela ainda estaria à margem desejando estar lá. Desejando pelo menos algo para lembrá-la que era um ser que respirava. Que estava ajudando.



Quando o SUV entrou sob a copa larga do hotel, Diane soube que esta seria sua última missão se Lawe pudesse organizá-la. E não havia dúvida em sua mente que Lawe iria organizá-la.

Esperando enquanto Rule pulava na frente e abria a porta de Lawe, podia sentir o protecionismo de repente fechando em torno dela, ameaçando sufocá-la.

Podia sentir o olhar de Lawe enquanto ela deslizava pelo banco ao invés de pular pelo outro lado como faria normalmente.

Ela poderia lidar com isso? — Se perguntava. Será que realmente encontraria uma maneira de viver assim?

Deslizando do veículo, Diane estava ciente de Josiah se juntando a eles, movendo-se logo atrás dela enquanto Lawe colocava a mão na parte baixa das costas e pedia para ela ir na frente. Como se precisasse ser levada ao invés de ser a líder de si mesma.

—Onde está Thor? — Ela perguntou enquanto se moviam através das portas automáticas e por toda a vasta área da recepção para o pequeno lance de escada que levava ao lobby.

—Eu o juntei a Emma e Sharone, — disse a ela à medida que se aproximavam do lobby. —Precisavam de estabilidade no momento.

Emma era irmã de Ashley, e Sharone era o mesmo que uma irmã. Da ninhada que foi treinada ao lado de Ashley e Emma na Rússia. Estavam perto, e sem dúvida sofreram a dor e o medo de que viessem a perder a vivaz jovem risonha, que dependiam tanto para vencer os medos escuros que às vezes assombrava suas vidas.

—Estabilidade? — ela perguntou enquanto se dirigiam aos elevadores, se perguntando se talvez um acesso de raiva das meninas e estavam em perigo de ceder à febre selvagem.

Ela se sentiu oprimida, como se as paredes estivessem se movendo sobre ela, como se estivesse sendo privada de ar, liberdade, e a única maneira de sobreviver era encontrar uma maneira de empurrá-lo de volta.

—Estão se recuperando do ataque de Ashley. — Sua mão se moveu para seu quadril, apertando, parecendo puxá-la mais perto à medida que entravam no elevador. —Estão à procura de vingança por Ashley e não sabem como alcançá-la. Estou esperando que ele possa mantê-las longe de problemas.

—Ele é bom nisso. — Diane se concentrou no display digital quando o elevador subiu.

Lembrou-se por um momento que a vingança foi tudo em que pensou. Quando Padric foi tirado dela e da equipe e Thor estava lá por ela também. Ele deixou sua luta. Deixou-a assumir a liderança e se assegurou, quando a dor a atingiu, que não estivesse sozinha.

—Quanto tempo vai ficar com elas? — E se Lawe pretendia tirá-lo da equação, porque jurou que não permitiria que ele restringisse sua liberdade?

É claro que ele fez. Sabia que, se a situação ficasse crítica, teria que lutar com Thor e ela nunca o perdoaria por isso.

—Não muito mais tempo, — disse a ela. — As meninas vão voltar para a Cidadela, a base Coyote, com a Coya — ela está aqui no momento para supervisionar o progresso de



Ashley. É próxima de todas as três meninas e se recusa a deixar Ashley quando está no hospital.

Diane acenou com a cabeça lentamente, ciente de Rule e Josiah olhando para ela e depois para Lawe, suas expressões preocupadas.

O que estavam sentindo? Ela se perguntava. Não poderia ser qualquer emoção crescente dela, porque se assegurou que suas emoções permanecessem trancadas tão profundo dentro dela quanto possível.

Mas por mais fundo que tentasse enterrá-las, a dor física centrada em seu ventre parecia crescer. Como um fogo ardente fora de controle e a ultrapassado com um calor que não podia evitar.

Felizmente, quando o elevador parou no vigésimo quinto andar e Josiah saiu e a tensão pareceu diminuir. Um segundo depois, um breve aceno e a mão de Lawe foi pressionada contra suas costas, guiando-a com firmeza para fora do elevador, pelo corredor.

Havia guardas Castas postados em todos os quartos ao longo do corredor largo e elegantemente acarpetado.

Viu os guardas pessoais de Callan e Merinus, bem como os de Wolfe e Hope e Del-Rey e Anya. Cada Alfa tinha quatro guardas pessoais, enquanto o segundo em comando, chefes de segurança ou outros líderes do alto nível Castas ou Alfas de Matilha normalmente só viajavam com dois.

A menos que estivessem acasalados. Se acasalassem, para esses Castas eram atribuídos nada menos que quatro Executores de segurança para garantir que não fossem atingidos em retaliação ou sequestrados para pesquisa.

—Aqui é nosso quarto. — Lawe parou num conjunto de portas duplas largas, deslizou o cartão-chave, então abriu a porta e se moveu de lado.

Rule e Josiah se moveram à sua frente e depois Lawe. Passando por cada quarto, verificando dispositivos de escuta ou quaisquer outras ameaças eletrônicas ou digitais.

Lawe pensava que ia mantê-la em pé na porta?

Seus lábios apertaram quando decididamente passou por ele e se dirigiu para a área de estar, enquanto Josiah entrava pela porta dupla que levava à área de dormir, e Rule ia na direção oposta para inspecionar a cozinha e sala de jantar.

Luxuosamente equipada e abrindo para uma longa varanda blindada, cortinas diáfanas, o carpete cinza macio que suas botas afundavam, paredes creme, decorada com pinturas sutilmente coloridas, davam um ar relaxante e pacífico para a sala de estar que Diane tinha diante de si.

Ela sentia tudo, tudo exceto calma, tranquilidade.

Movendo-se para o lado do vidro bonito e das portas de ferro forjado da varanda, cuidadosamente, e com um sentimento de pesar, fechou a cortina escura, escurecendo a sala.

A vista do lago artificial lá fora, dos patos nadando tranquilamente sobre a água e a brisa soprando suavemente tranquila que deveria ser um pecado cobrir.



Poderia ter aproveitado a brisa soprando em seu rosto, enchendo seus sentidos por um momento. Mas o risco que acompanhava a vida das Castas não valia a pena. Porque tudo podia ser soprado ao inferno com uma bala bem colocada.

Era um preço alto demais pela experiência de apreciar o cenário perfeito.

—Informe Callan e Jonas que vou notificá-los quando estivermos prontos para ir ao seu encontro, — ela ouviu Lawe murmurar para Josiah ou Rule quando voltaram à sala.

—Será feito, — respondeu Rule. Alguns segundos depois a porta abriu e fechou de novo, sinalizando sua partida.

Diane se virou para encarar Lawe, apenas para encontrá-lo em suas costas, baixando a cabeça, seus lábios, de repente, na base do seu pescoço enquanto ele afastava seus cabelos, sua língua passando sobre a marca de acasalamento deixada lá.

Um tremor de prazer correu por sua espinha. Fechando os olhos, sentiu os braços em volta de sua cintura, puxando-a para ele enquanto seus lábios se moviam ao lado de seu pescoço até a segunda marca que deixou sobre ela.

Uma lenta, vagarosa lambida sobre a pequena mordida fez seus joelhos enfraquecerem e um gemido deixar seus lábios enquanto arrepios de excitação percorriam todas as células do seu corpo.

Diane não pôde evitar que a cabeça caísse no ombro dele, um braço se elevou para permitir que a mão dela envolvesse em volta do seu pescoço para segurá-lo no lugar. Os olhos fechados, seu peso inclinando-se para ele enquanto se entregava às sensações requintadas. Porque precisava disso, ela precisava dele. Nada mais importava e nenhum outro prazer podia se comparar.

—Está partindo meu coração, — ele sussurrou, seus lábios a acariciando, enviando foguetinhos de sensação para atacar suas terminações nervosas enquanto ele falava. — O perfume da sua dor está me matando.

Ela teve que engolir a necessidade de derramar a raiva que estava tentando tão duramente esconder.

Ele não podia evitar seus instintos mais do que ela podia evitar suas próprias necessidades, sua própria fome de ser mais que apenas uma companheira.

Ela só podia escondê-la dentro de si, arqueando mais perto dele e deixando que o prazer abrisse caminho, enquanto esperava que cobrisse o cheiro de qualquer dor que não estava escondendo eficazmente.

A mão que envolvia sua nuca mergulhou no comprimento grosso do cabelo preto. Não era tão sedoso quanto parecia. Havia uma sugestão de aspereza na sensação, apenas áspera o suficiente para o sentir incomum, para lembrar uma mulher que não estava com um homem normal.

Assim como o raspar de seus dentes em seu ombro, a sensação de sua língua, alisando contra a carne era apenas diferente o suficiente, apenas excitante o suficiente para enviar uma corrida dura de sensação ondulante por seu útero e apertar em torno de seu clitóris com prazer erótico.



Sua respiração falhou enquanto suas mãos deslizavam em volta da cintura e soltavam a camisa de seu jeans, e Diane mal conteve o gemido que teria soltado.

Suas mãos tocaram a carne nua de seu diafragma, apertando-a contra ele para subir e cobrir a curva dos seios doloridos. As pontas ásperas de seus polegares acariciaram sobre o tecido do sutiã, sensibilizando as pontas e enviando sensações eróticas diretamente para seu ventre.

—Preciso de você, — sussurrou Lawe, seus lábios se arrastando do pescoço para a orelha, onde brincou com o lóbulo, primeiro com um movimento de sua língua, depois com os dentes. — Deixe-me ter você, amor.

Ele não tinha que pedir. Certamente sabia que ela não podia dizer não. Mesmo se quisesse. Mas mesmo sem o calor, Diane sabia que não podia se negar a ele.

As mesmas coisas que a deixavam insana com ele eram as que a atraíam para ele. A força e a arrogância, o domínio e a proteção, a honra que era uma grande parte dele.

Era muito mais que apenas um homem, e ocupava tanto de seu coração e alma que não estava certa de como sobreviveria ao que a fazia sentir ou aos sacrifícios que sabia que queria dela.

Virando em seus braços, Diane esperou o beijo de Lawe. O calor de seus lábios cobrindo os dela, sua língua trêmula contra eles enquanto o sabor picante de pera tentava seus sentidos. A necessidade de seu gosto, a excitação da adrenalina que bombeava em seu sistema fez seus lábios abrirem, sua língua esperando, batendo contra a dele quando os lábios se fecharam em torno dela. Se aconchegando sob sua língua, esfregou a dela e acariciou os lábios apertados, atraindo o gosto rico do hormônio das glândulas inchadas, enquanto ela gemia com a força do prazer a enchendo.

A contradição entre o homem e o gosto do hormônio do acasalamento nunca deixava de surpreendê-la. Era um dos mais sombrios, um dos mais fortes Castas que conhecia. No entanto, o gosto de seu beijo de acasalamento era doce com um toque de especiarias. Um gosto de peras de verão, mas com uma pitada da bem vasta sensualidade que ele possuía e que mantinha escondida do mundo.

Envolvendo seus braços em volta do pescoço dele, enfiando os dedos em seus cabelos para puxá-lo para ela quando se arqueou mais perto, Diane permitiu que as emoções que mantinha num controle tão restrito corressem através de seus sentidos.

Não precisava combatê-las agora. Não precisava se esconder dele, não precisava se preocupar que a vulnerabilidade inerente a essas emoções pudesse ser usada contra ela. Porque Lawe estava ali com ela. Perdido na fome que deflagrava através deles, perdido para as emoções que o calor do acasalamento não permitiria lutar.

A sensação de sua ereção sob a calça, pressionando a parte inferior do seu estômago era um lembrete do aquecido prazer por vir. Suas mãos puxando a camisa para cima, retirando-a quando ele separou o beijo apenas tempo suficiente para eliminá-la, era uma tentação sensual.

Abaixando as mãos para afastar o casaco negro que ele usava, Diane puxou a camisa sem mangas preta, arrastando-a até seu peito e a empurrando mais, quando separou os lábios dos dele.



—Tire isso, — ela ordenou, ofegante pela dilacerante necessidade dele, correndo como um incêndio fora de controle, a deixando indefesa contra ele. — Agora. Tire agora, Lawe.

Ele a rasgou.

A larga extensão bronze dourada de sua carne atraiu seus dedos, sua carne doendo para tocá-lo, sentir a sensação dos invisíveis pelos sedosos que o cobria, acariciando com as palmas das mãos numa sensação exuberante, erótica.

—Tire a porra das botas, — rosnou Lawe enquanto a puxava de volta, depois a descia até a cadeira ampla e confortável ao lado para puxar as dele.

Ela tirou as dela primeiro. Então seu jeans. Empurrando-os sobre seus quadris e coxas e os chutando para o lado antes que ele estivesse em pé, as calças pendendo presa na pesada ereção ainda coberta.

Quando as empurrou abaixo, ela estava lá, mas não para ajudá-lo a se despir. Seus dedos se enroscaram em torno do grosso caule de carne, acariciando a base. Lawe de repente se calou, apertando seu corpo quando deu um grunhido áspero.

Diane olhou para ele. Sua expressão estava tensa, seus olhos azuis como uma chama viva em seu rosto bronzeado quando olhou para ela, sua mandíbula flexionando, apertada pelo esforço óbvio de restringir a necessidade de afirmar seu controle sobre a batalha sensual.

Segurando o pênis com os dedos de uma mão, a outra levantou, as pontas arrastando no peito, pela carne escura ondulando enquanto os músculos abaixo ficavam tensos. A carne dura pulsava em seu aperto. A cada pulsar duro de sangue através do eixo pesado, que parecia crescer ainda mais, sua boca enchia de água por provar a força primitiva que segurava.

Um rosnado duro e áspero escapou de sua garganta quando Diane se dobrou, baixando a cabeça e seus lábios abriram para permitir que sua língua passasse sobre a crista ingurgitada, saboreando a carne úmida, o gosto salgado de macho de seu sêmen antes de sugá-lo lentamente em sua boca.

Com os dedos acariciando o eixo grosso, Diane apertou sua boca em torno da cabeça de seu pênis e o chupou com lento prazer.

As veias pesadas latejavam sob seus dedos quando ele finalmente conseguiu tirar suas calças das pernas. Seus dedos se enterraram nos cabelos dela, apertando as raízes e enviando alfinetadas de prazer por todo seu couro cabeludo quando a puxou para ele. Seu prazer pelo toque dela era óbvio. Todos os músculos do seu corpo estavam apertados enquanto aqueles em suas coxas musculosas flexionavam poderosamente, sacudindo os quadris e enterrando a carne ingurgitada mais fundo entre os lábios.

—Você me deixa fraco. — Ele gemia. — Diane, querida. . .

Ele rosnou novamente quando ela enfiou a língua por baixo da cabeça e esfregou a carne suave ali, sentindo o pulso e palpitar abaixo.

Chupando-o novamente, a cabeça para trás, abaixando sobre ela, tomando-o enquanto ele se movia em estocadas rasas contra seus lábios, fodendo com ela num ritmo lento e aquecido que fazia sua respiração apertar no peito.

Ela o queria. Queria senti-lo cobrindo-a como antes, tomando-a, seus dentes na parte de trás do pescoço enquanto a segurava no lugar. Queria senti-lo perder o controle com ela,



dentro dela, bombeando dentro dela, aquela lingueta, má e pulsante enviando ardentes sensações explodindo através de seu clitóris, sua boceta, reduzindo-a a uma massa de puro prazer.

Nunca imaginou que poderia ter tal prazer no ato. Que sem o estímulo de tê-lo tocando seu corpo podia queimar tão intensamente por ele.

Não estava culpando todo o fogo pelo calor do acasalamento, embora soubesse que desempenhava um papel. Ela culpava o homem.

Era tudo culpa de Lawe que o puxão de suas mãos em seu cabelo enviasse um pulso de sensação apertando em torno de seu clitóris a cada vez que puxava os dedos. Que a lixa de suas unhas contra seu couro cabeludo apertasse seu útero com uma onda de prazer.

Ela o queria. Com um poder que não sabia que uma mulher podia sentir, ela o queria como nunca quis nada em sua vida. Como nunca soube que poderia querer um homem. Ou um Casta.

Ela tentou chupá-lo mais profundamente, tomar tanto dele como pudesse. Dar-lhe tanto prazer quanto possível antes que ambos perdessem o controle.

E a perda de controle estava por vir.

Ela podia sentir isso na maneira como seus dedos massageavam seu couro cabeludo, puxando seus cabelos. Cada volta da língua ao redor da cabeça de seu pênis o fazia latejar mais duro, parecendo engrossar ainda mais em sua boca. E cada reação fazia chamas queimarem mais alto em seu próprio corpo.

Seus sucos deslizavam pelas dobras inchadas de seu sexo, aquecendo e amortecendo seu clitóris enquanto ela apertava as coxas, desesperada agora pela fricção contra o feixe de nervos para alcançar o lançamento pelo qual doía.

A necessidade apertava sua vagina, as sensações, a fome crescente de seu toque lá, no trecho ardente de sua penetração, acelerando seu desejo, até que estava gemendo a cada estocada rasa de seu pênis em seus lábios.

Com uma mão em volta da carne grossa, a outra se moveu entre as coxas, acariciando as inchadas dobras molhadas e encontrando o botão latejante e dolorido entre elas.

—Basta.

Antes que ela pudesse detê-lo, Lawe se afastou, forçando-a a liberar seu pau quando a puxou para cima, cobrindo os lábios dela novamente.

O beijo era selvagem, sua língua bombeando em sua boca antes de se afastar, inclinando seus lábios nos dela quando a beijou com insistente fome. Sua mão apertou os quadris, em seguida, deslizou ao redor, abaixo, agarrou suas nádegas e a ergueu para ele.

Diane agarrou seus ombros com os dedos desesperados quando tentou se aproximar, ficando na ponta dos pés, precisando tê-lo dentro de suas ardentes terminações nervosas. Cada célula do seu corpo doía por seu toque, por sentir suas mãos acariciando sobre sua carne, seu corpo acariciando contra ela, seu pau acariciando dentro dela. A sensação dos cabelos sedosos que cobria seu corpo se esfregando contra ela. Ela doía pela força de seus braços em torno dela.



Sofria por ele. — Deus, Diane, — ele sussurrou enquanto seus lábios se moviam por cima do ombro, os dentes raspando com intenção sensual, antes que desse um beliscão quente.

A sensação rasgou nas terminações nervosas dela, o prazer crescente dentro de sua barriga quando se arqueou contra ele. Dobrando o joelho, ela montou sua coxa enquanto estava na ponta dos pés. As dobras escorregadias de sua boceta esfregavam contra a base de seu pênis, separando e expondo a raiz inchada de seu clitóris no eixo quente.

—Sua boceta é tão gostosa. Tão molhada e escorregadia. — Ele gemia, as palavras explícitas queimando por suas terminações nervosas enquanto sentia que ele se dobrava apenas o suficiente para que a cabeça de seu pau esfregasse mais em seu clitóris.

Um tremor correu ao longo de sua espinha. As unhas escavaram a carne do seu ombro quando seus lábios alcançaram os dela, de repente, novamente, sua língua contra a dela. Antes que pudesse capturar seu beijo, capturar o golpe atormentando seus lábios, Lawe se afastou. Sua língua acariciou seu pescoço e para baixo, fazendo um caminho de ardente prazer em seu ombro novamente.

Um estreitamento na curva, seus dentes raspando sobre sua pele fizeram um grito escapar de seus lábios.

—Vem aqui. Não posso esperar Di. Ah inferno. Venha aqui, querida. Me fode. Me fode, Diane, — ele rosnou quando se moveu, se moveu até que se acomodou na cadeira mais uma vez.

Agarrando sua coxa com uma mão ele a levantou, puxando-a sobre sua coxa quando Diane montou nele, a outra mão segurou a base do seu pau quando seus quadris se moverem e ele a puxou para ele.

—Tome-me. — Ele gemeu quando ela montou seus quadris, abaixando e sentindo a cabeça larga e redonda do pau dele separando as dobras inchadas de sua boceta e começando a pressionar dentro dela.

Um arrepio correu até sua espinha.

—Muito devagar. — Ela gemeu. Ela queria mais, queria tudo dele, e queria agora.

As mãos apertaram sua cintura quando empurrou para cima, penetrando o suficiente, esticando o suficiente para que a cabeça inclinasse, um grito desesperado saiu de seus lábios.

Lawe aproveitou o rápido arqueamento de seu corpo. Inclinou-se para frente apenas o suficiente para passar a áspera língua sobre a ponta do seu seio, lambendo e sugando quando ela se torceu contra ele, forçando-o mais profundo dentro dela.

Acariciou as mãos de seus quadris para suas costas, puxando-a mais perto, os lábios ao redor de seu mamilo, puxando-o em sua boca com força, apertando com fogo. Quando sua língua prendeu a ponta macia, mais sensibilizada, seus quadris arquearam, subiram, enterrando-se ao máximo dentro dela, enquanto ela gritava pelo prazer flamejante.

Suas mãos fecharam em seu traseiro quando ele começou a se mover com ela, levantando as mãos dela, em seguida, puxando-a abaixo, seus quadris para cima, subindo, espetando-a com força e profundo quando garras de sensações agudas brilharam em seus sentidos.



Seu pau esticou, pulsou dentro dela, empurrando-a mais perto desse abismo de puro êxtase que podia sentir começando a crescer em torno dela.

Outro duro rosnado saiu do fundo de sua garganta enquanto sentia sua boceta apertando a carne pesada a invadindo, desesperado para segurá-lo dentro dela, sentir a carícia palpitante mais fundo dentro dela.

O calor crescia em volta dela, crescia dentro dela.

Levantando e se erguendo, com as mãos agarrando sua bunda, movendo-se no ritmo com ele, Diane sentiu a fome crescer. A ponta do pênis se movendo dentro dela empurrando a necessidade mais profunda, mais quente. A cada impulso através do tecido sensibilizado por seu toque, pelo calor, pela excitação que parecia subir ainda mais dentro dela, Lawe a marcou como sua, a tomava com uma fome que sabia não poder mais viver sem, agora.

Ela estava perto, tão perto, quando ele se moveu. Erguendo-a com ele, apesar de seu súbito grito de protesto, ele a virou, empurrou-a de joelhos na cadeira e, em seguida, moveu-se atrás dela.

Entre uma respiração e outra ele a colocou onde ela desejava de estar. Cobrindo-a, empurrando seu pau dentro dela quando deitou sobre ela, seus lábios beijando e mordiscando seu pescoço quando começou a foder com golpes direcionados.

O bater da carne úmida, a sensação dele se introduzindo nela, esticando-a, empurrando fortemente nas garras apertadas de sua boceta, fez as unhas cavarem o estofado da cadeira enquanto ela gritava de felicidade crescente.

Não conseguia segurar os sons, não conseguia conter a perda do controle. A capacidade de se conter, controlar as sensações que a perfuravam, que pediam para se entregar a ele, toda para ele, foi embora.

Não era o calor do acasalamento. Não era apenas prazer. Não era o medo de perder sua independência ou o medo de perder a si mesma. Era o homem. O Casta. Era o prazer que sabia, instintivamente, estar chegando amplificado por sua insistência de ampliá-lo. Que a forçou mais profundamente no incêndio, quando tirou os cabelos atrás do pescoço, lambendo sobre a ferida muito sensível, então inclinando a cabeça, seus caninos a perfuraram mais uma vez.

Diane entrou em erupção numa liberação tão cega, tão ardente que perdeu a respiração. Não podia gritar. Não podia gritar seu nome. Só conseguia se segurar enquanto o êxtase explodia mais e mais quando sentiu a lingueta se estender, a sentiu vibrar dentro dela, empurrando sobre a outra ponta flamejante de sensação que apenas ampliou a liberação.

Ela era uma criatura de puras sensações sensuais.

Perdeu-se nele. Perdida num sentimento que os enredou, juntando-os com mais firmeza que a lingueta que os prendia juntos. Mantendo-a mais apertada nele que qualquer obrigação, fosse natural ou feita pelo homem, jamais poderia.

Apertando, derramando sua libertação na dele, sua boceta ondulando em torno da penetração de seu pênis e da felicidade do travamento da lingueta. As sensações, o clímax que parecia nunca acabar, então o aperto de doloroso prazer de sua contração uterina enquanto a vagina ordenhava a carne presa dentro dela, foi esmagadora.



Quando ele calmamente deslizou, bem devagar, devolvendo sua respiração, Diane se encontrou caída sobre as costas da cadeira, lutando para respirar, cada entrada de ar áspera e ruidosa. Lawe estremeceu atrás dela, seu rosto contra seu ombro, sua respiração difícil, as mãos amassando seus quadris enquanto sentia seu pau ainda pulsando dentro dela, embora sem a força de ferro que possuía anteriormente.

Ela estava exausta, sonolenta, saciada.

Mole, com os olhos fechados, queria ficar lá até que o mundo endireitasse, até que não houvesse necessidade de proteção, nenhum perigo para assombrá-los. Queria se esconder para sempre, aqui, assim, presa em seu domínio, estremecendo pelas sensações muito grandes para lutar, e muito aquecida para brigar.

Queria ignorar o mundo exterior, ignorar os problemas que sabia que cresceriam entre eles novamente, e queria ignorar sua incapacidade de se contentar com o que devia ter e não o que não sabia se poderia viver sem.

—Eu te amo, Diane, — ele sussurrou atrás dela, tirando seu fôlego por preciosos segundos com a declaração. — Se há alguma coisa, ou alguém, que já amei na minha vida, então é você. A tal ponto que se algo acontecesse com você, então eu deixaria de existir junto com você.

Lágrimas encheram seus olhos.

Não queria ouvir isso.

Não queria enfrentar isso. Ainda não, não até ter controle sobre suas próprias emoções, controle sobre as decisões que sabia que tinha de tomar.

—E sei que me ama. — Ele beijou seu ombro suavemente. —Posso sentir o amor, posso cheirá-lo quando se esquece de prestar atenção em suas emoções, para escondê-las de mim. Assim como posso sentir sua dor e sua indecisão. — Outro beijo na base do pescoço, uma gentil lambida sobre a sensível ferida que infligiu mais uma vez. — Se eu pudesse dar o que precisa para sobreviver, então, daria num piscar de olhos, — ele sussurrou, seu tom aprofundando, tornando-se mais áspero pelo pesar. — Se pudesse fazer isso por você, e ainda viver com o medo, então, Deus é minha testemunha, eu o faria.

Mas ele não podia.

A mensagem estava lá, e Diane a ouviu alto e claro.

— Se eu achasse que poderia sobreviver sem ele, então eu o faria, — disse ela, mantendo sua própria voz suave enquanto sua respiração engatava num soluço. — Se pudesse Lawe, viveria só para você. — E a primeira lágrima caiu de seus olhos. —Porque eu te amo tanto que isso parte meu coração. Quebra meu coração... Diariamente.

Os olhos fecharam enquanto ela lutava para conter mais lágrimas, sentindo-o se retirar dela, essa ligação quebrada quando seu pau deslizou pelo tecido sensível, em seguida, escorregou dela inteiramente.

Ele a ajudou a levantar, e Diane deu um passo atrás, sabendo o que ele poderia fazer, e sabendo que não poderia suportar. Sua mão levantou num gesto instintivo, e estendeu a palma, numa negação silenciosa.



Não poderia suportar se ele fizesse o que fez antes. A limpar tão gentilmente, e com tal óbvio prazer, fazia algo com ela que tornava cada vez mais difícil lutar contra sua necessidade de protegê-la.

—Vou tomar banho. — Sua voz estava áspera pelas lágrimas e gritos que foram arrancados dela quando o prazer explodiu ao seu redor. —Preciso pensar.

—O que há para pensar? — Ele olhou para ela, sua expressão escura e proibitiva enquanto a observava. — Não podemos negar o que temos Diane. O calor do acasalamento não vai permitir isso.

Ela deu um aceno duro. — Mais tarde, Lawe. Vamos lutar sobre isso mais tarde. Depois que descobrirmos o que viemos procurar, depois que Gideon for neutralizado. Dê-me isso, pelo menos.

—E se eu não puder? — A pergunta foi feita duramente, como se as palavras fossem arrancadas da própria alma da criatura que vivia dentro dele. — Se não puder deixar você fazer isso, Diane, então o que?

Ela se sentia atormentada, torturada. Como se a dor que vivia dentro de sua alma a rasgasse com garras serrilhadas.

O que faria se ele não permitisse que concluísse isso? Se não ficasse ao seu lado ao invés de na sua frente e a deixasse encontrar os três indivíduos que já foram injetados com o mesmo, ou com algo muito semelhante ao soro que sua sobrinha foi injetada? Se não descobrisse com eles o que aconteceu com aqueles que morreram pelas injeções e os fatos que cercaram essas mortes?

Poderia viver com o fracasso?

—Se me ama, — ela sussurrou dolorosamente. — Se realmente me ama como diz, Lawe, então vai ficar ao meu lado. — As lágrimas com que lutava estavam mais perto de ganhar a guerra quando outra correu por sua face. — Porque sabe que não serei capaz de suportar de outra maneira.

Ele também podia prendê-la numa gaiola, pensou ela, enquanto se movia rapidamente para o banheiro e o banho que tanto precisava. Precisava de uma fuga maior, no entanto. Eram poucos momentos preciosos que poderia roubar para pensar, pesar suas opções e considerar o futuro. Porque o tempo estava acabando, e não seria capaz de rodar por muito mais. O tempo estava acabando, e não seria capaz de se esconder mais.

O tempo estava acabando quando uma decisão deveria ser tomada.

• • •

Gideon olhou para a parede diante dele, uma carranca no rosto enquanto ouvia Diane praticamente implorar para seu companheiro acreditar nela.

Lawe Justice era um inferno de soldado Casta, assim como seu irmão, Ruler Breaker. Gideon não achava boa sua escolha de nomes, mas parecia que lhes convinha.

No entanto, isso o incomodava.



Não que devesse se preocupar de qualquer maneira. Inferno, quanto mais os dois tivessem conflitos, mais fácil seria mantê-los distraídos e descobrir mais sobre eles.

O fato que perderam a nova escuta eletrônica foi agradável também. Manter-se à frente de seus detectores de escuta estava ficando mais difícil a cada dia. Este não era tão forte quanto os outros, e perdia muito de qualquer conversa. A estática, quase sempre gerada quando se discutia missões, poderia incapacitá-lo completamente. Mas uma informação como esta era malditamente útil também.

Lawe e Diane não estavam em seu pico de habilidades de luta por causa do calor do acasalamento. O que os deixava mais fracos, mais lentos. E eram líderes, comandantes. Com alguma sorte, os outros não sentiriam a necessidade de trabalhar sobre ou em torno dos dois. Eles confiavam neles. E Gideon estava confiando que permaneceriam imersos um no outro enquanto ele encontrava Fawn.

Seus grandes olhos escuros, tão cheios de lágrimas. — Dê-lhe meu sangue, — ela soluçava para Judd. — Não o deixe morrer! — Ela gritou com o Casta quando o frio do ar da noite ecoou nos ossos de Gideon. — Não se atreva, ou juro, juro que vou fazer você pagar.

E Gideon tinha morrido. Queria morrer. Deus sabe que seria um alívio deslizar sobre a borda do nada e encontrar o descanso eterno.

Ela negou a morte para ele. Pediu e ordenou, até Judd encontrar um kit médico no veículo de transporte. Como o destino queria, havia um kit de transfusão também, e ela deu-lhe seu sangue.

O salvaram, e ele não queria ser salvo. Estava muito fraco para detê-los, fraco demais para fazer qualquer coisa, exceto olhar para ela com ódio.

Ele sabia que, ao salvá-lo, apenas estendia seu horror. Estava certo.

Ele tentou perdoá-la. Lutou para tirar a memória de sua cabeça. Então, uma década depois, foi forçado a permitir sua recaptura para entrar no laboratório, mais uma vez para destruir os registros guardados de Judd, Fawn e Honor. Para garantir que nenhum DNA correspondente poderia ser encontrado quando descobrissem que os Laboratórios Brandenmore estavam mais uma vez à procura deles.

A suspeita que Judd e Fawn não estavam mortos revivia a cada poucos anos, mas desta vez, o General Horace Roberts, desesperado para encontrar sua única filha, exigiu que buscassem até Honor ser encontrada. Procuraram, até que foi provado que os outros morreram. Estava certo que sua filha nunca teria fugido sem ajuda e os únicos amigos que conhecia eram Judd, Gideon e Fawn. Gideon planejou isso perfeitamente. Estava certo que teria pelo menos algumas semanas antes do teste começar novamente.

Então, testaram seu sangue. Ele foi imediatamente contido, o soro paralítico bombeado em seu corpo, e então, o mataram. Lá na maca de autópsia, enquanto gritava e pedia, o cortaram e abriram para investigar as alterações encontradas em seu sangue. A força adicional que adquiriu ao longo dos anos era estranha o suficiente, mesmo para ele. Mas depois que morreu na mesa sob seus bisturis, depois que fizeram outra transfusão, usando o sangue dela, que foi tirado anos antes, as mudanças começaram a se multiplicar.



Não que encontrassem respostas após abri-lo. Não havia nada lá. Nenhuma razão para as anomalias aparecendo em seu corpo até que ele começou a experimentar breves episódios de febre selvagem.

O pensamento da morte foi apagado. A dor que arranhava seu interior não significava que não podia conseguir vingança, no entanto. Isso era algo que nunca quis. Não queria viver, e ao desenvolver uma febre assim, o animal agonizante dentro dele foi forçado a se libertar para puxá-lo de volta da beira da loucura.

Quando o homem se encolhia em silêncio abençoado dentro de seu corpo, o animal se enfurecia e gritava, arranhava paredes e rosnava para os guardas. Olhava para os cientistas, lembrava da menina, do sangue que os cientistas usaram enquanto riam dele e ele jurava vingança.

Seu sangue o destruiu. E ela foi embora. Não foi capaz de encontrá-la em dez anos, e várias vezes, realmente procurou por ela e Judd, e em seguida, por Honor, uma vez que descobriu sobre seu desaparecimento.

Era como se tivessem simplesmente deixado de existir.

Quando voltou ao deserto, onde os deixou na noite que acordou depois da primeira transfusão, não havia sinal deles. Tinha memórias breves da instalação de extermínio. Um edifício de metal pequeno, uma caixa de cremação e os corpos ensanguentados que jogou dentro dela. Havia flashes de imagens de guardas, olhares de horror em suas faces, o sabor do sangue substituindo seus sentidos.

O animal assumiu dentro dele, por quanto tempo, Gideon nunca determinou.

Quando finalmente retornou a si mesmo e voltou à cena de sua fuga, descobriu que todos foram embora. O veículo destruído, os dois guardas, Judd e Fawn.

Foi somente mais tarde que começou a suspeitar da mentira dela. Só mais tarde o animal dentro dele começou a sonhar com os olhos escuros no rosto de uma adulta. Mas os traços daquele rosto nunca apareceram nos sonhos do animal.

Ela pagaria por exigir que ele vivesse. Pelo que seu sangue fez a ele, por que roubou o tempo que precisava para garantir que ela nunca fosse encontrada. Pagaria a agonia adicional. E quando terminasse com ela, talvez, apenas talvez, tiraria ambos de sua miséria.



CAPÍTULO 15

Amber estava mudando.

Diane estava ao lado de sua irmã no fundo do berço e olhava a criança dormir. Em apenas alguns breves dias, mesmo ela podia ver as alterações. Minúscula, tão pequena para sua idade.

Seu cabelo castanho-escuro estava mais longo, caindo no pescoço em cachinhos. Seus cílios sempre foram longos, sombreando suas bochechas rosadas. Os lábios do bebê estavam entreabertos enquanto estava deitada de costas, sua respiração lenta e fácil.

Ela olhou para a imagem perfeita. Um bebê, inocente em seu sono, sonhando os sonhos brilhantes e felizes de um bebê. Mas havia mudanças.

Seu rosto estava mais fino, os traços alterados de forma quase imperceptível e parecendo quase felinos. Seu cabelo mais fino, com suaves listras pretas e avermelhadas aparecendo em meio ao marrom dourado.

Lá estava o menor ponto de uma orelha pequena e de vez em quando um ronronar muito distinto.

—Ela está com febre, — Rachel sussurrou, sua voz rouca de lágrimas. —Tem estado nos últimos dois dias. Fez exame de sangue duas vezes, mais de uma centena de testes, e a Dra. Morrey tentou de tudo para baixá-la. Nada funcionou. Em seguida, foi embora por conta própria.

—Ela deveria estar aqui? — Diane não queria nada mais que estender a mão e pegar sua sobrinha, abraçá-la, abraçá-la perto e evitar que o que a atormentava não a machucasse novamente.

—A Dra. Morrey está na sala ao lado, — respondeu ela. —Com Callan e Merinus, aqui também, decidiram que era melhor trazer Amber. Dessa forma, ela está conosco, se necessário.

Outro ronronar fez o bebê fazer uma pequena carranca e franzir a testa antes de relaxar.

Lawe estava atrás de Diane, a mão apoiada contra seu quadril enquanto também olhava o bebê. Ela podia sentir sua preocupação. Assim como podia sentir a de Jonas, atrás de sua irmã.

—Ela está saudável, — Jonas sussurrou. —Ely mantém um controle diário sobre ela. Não está doente.

Mas isso era pouco conforto hoje em dia, quando amanhã tudo podia mudar.

—Recebeu meu relatório dos médicos na Argentina? — Diane olhou para o diretor.

Ele deu um aceno de cabeça afiado. — Contudo, os principais cientistas que trabalharam com as meninas foram mortos por Gideon.

—Antes que eu pudesse chegar até eles, — ela concordou. —Só encontrei seus assistentes.



A informação que lhe deram a fez ter medo. As meninas sobreviveram, obviamente, mas os assistentes não entendiam como, nem por que. Porque os estágios de dor agonizante e o ajuste para o soro fizeram as crianças implorar pela morte muito frequentemente.

Sua irmã viu esses relatórios?

— Ela é tão pequena, — Rachel sussurrou. — Não está crescendo adequadamente, mesmo Ely admite isso. Se passar por uma das etapas das meninas...

Fawn Corrigan e Honor Roberts eram mais velhas. Não eram recém-nascidas quando os experimentos começaram, nem foram crianças saudáveis.

— Ely está aqui por ela, — Diane prometeu. — E vamos encontrar as meninas, Rachel. Prometo a você, vamos. Elas terão as respostas que precisamos.

Orou que tivessem as respostas necessárias, e se nada mais, lembrassem do que os cientistas fizeram. A mãe de Honor Roberts relatou que sua filha possuía uma memória fotográfica. Não havia nada que ouvisse ou visse que esquecesse. Lembrava-se de tudo, em detalhes ofuscantes.

Esses detalhes foram o que convenceram sua mãe a ajudá-la a fugir. Quando os cientistas vieram ao General Roberts solicitar que ele retornasse sua filha para os laboratórios, ela sabia que não tinha outra escolha. Porque o marido acreditava que sua filha foi infectada de alguma forma com a genética Casta. Genética que ele queria dela.

— Ela não está sentindo dor neste momento, Rachel, — Jonas sussurrou em seu ouvido. — Até agora, tem estado relativamente livre de qualquer coisa, exceto nossa preocupação. Vamos orar que continue assim.

Diane olhou para o diretor. Ele nunca deveria ter mostrado a Rachel esses relatórios, mas de alguma forma sabia que ele o faria. Rachel não foi criada como Diane, em meio ao sangue e horror que o mundo podia gerar. Diane e seu tio fizeram todo o possível para protegê-la, para assegurar que a vida dela fosse mais estável, mais segura.

Diane era mais velha, e queria seguir seu tio em sua carreira escolhida. Na noite que os pais morreram, Diane usou alguns truques que seu tio e seus pais ensinaram a ela para salvar a si mesma e sua irmã.

Apenas no caso, sempre a asseguravam. Ela nunca suspeitou que suas viagens pudessem carregar o risco de suas mortes, assim como a dela e a de Raquel. Nunca soube de seus segredos, que o resgate de certas Castas e ajuda no transporte para uma base escondida na África poderia voltar para destruir suas vidas.

Rachel não estava preparada para a vida em que foi jogada.

Diane a sentiu, e ao conhecê-la, prosperou dentro dela.

— Vamos lá, querida. — Jonas beijou o topo do cabelo ruivo de sua companheira. — Vamos deixá-la descansar. Podemos falar na sala de estar.

Eles saíram da sala em silêncio.

— Este é o primeiro dia que ela cochila nas últimas semanas, — disse Rachel, quando Jonas fechou as portas com cuidado atrás deles.

Sua irmã estava começando a parecer exausta. Exausta e preocupada em sua mente.



— Nós também conseguimos, secretamente, sequestrar um dos pesquisadores envolvidos no teste dos laboratórios de Brandenmore, Jenny Austin-Carrew, — Callan Lyons, Alfa do Bando Felino afirmou quando levantou da pequena mesa, quando voltaram à sala. — Era assistente de pesquisa de nível superior, e estamos esperando que realmente trabalhasse extensivamente com os principais cientistas.

— Já a questionou? — Diane perguntou.

Ele deu uma sacudida de cabeça quando sua esposa, Merinus, se moveu para seu lado.

— Ashley foi ferida antes que Jonas pudesse começar a questioná-la sobre seu trabalho. Viemos para cá com suas irmãs, Dacey e Marcy. Ainda estavam no Santuário.

As irmãs de Ashley. As irmãs Truing eram irmãs verdadeiras. Sharone Bryce não foi concebida pela mesma mãe ou pelo mesmo esperma geneticamente alterado que foi usado para fertilizar quando foi concebida.

Porém todos da mesma ninhada, criadas no mesmo laboratório e supervisionadas pelos mesmos cientistas.

Não havia registros a respeito de como o esperma foi alterado ou quem foi o principal doador. As meninas Emma, Ashley e as gêmeas Dacey e Marcy, não se pareciam, no entanto. Poderiam ter nascido de genética completamente diferente, em vez do mesmo doador com o mesmo perfil genético animal.

— As gêmeas estão no hospital com ela, — afirmou Merinus. — Sharone e Emma estão... caçando. — A pausa de Merinus fez Diane lançar a Lawe um olhar duro.

— O que ou quem estão caçando? — Perguntou ela.

— Estão com Thor em busca de quaisquer sinais de que a equipe Coyote, que subornou Holden Mayhew para sequestrar a companheira de Malachi, não tem amigos como apoio, — disse suavemente Lawe. — Estão questionando as pessoas de Mayhew e a equipe entrou em contato para construir um perfil de seus movimentos.

Estavam sendo mantidas ocupadas e longe de problemas.

Diane enfiou os dedos pelo cabelo, em seguida, enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans e olhou para os outros antes de perguntar: — Temos alguma informação sobre o paradeiro das meninas ou do Bengala Judd? — Ela odiava o fato que parte desta missão tenha sido tirada dela.

— Até agora, tudo que temos é a suspeita que Terran Martinez os trouxe para sua fazenda. Poucas horas depois, foram levados por um grupo de guerreiros usando pintura de guerra e desapareceram, — Jonas disse a ela.

— De onde tirou essa informação? — Diane perguntou, seu olhar se estreitando de surpresa.

— Uma ligação anônima que não fomos capazes de rastrear. — Sua mandíbula se apertou com raiva. — Terran não confirmou ou negou o relatório. Diz que se essas pessoas vieram para a cidade à procura de segurança, então estão agora em segurança, e nem ele nem qualquer pessoa envolvida, no momento, sabe onde estão, com quem estão ou qualquer um que possa dar-lhes essa informação.



Diane acenou com a cabeça lentamente. — Quando os Navajos descobriram que as crianças resgatadas, cuja genética correspondia a alguns dos seus desaparecidos, criaram um grupo cujo trabalho era assegurar proteção e a identidade oculta dessas crianças. Não fui capaz de encontrar sequer uma sugestão de quem poderia adivinhar quem são, mas a mulher acasalada com Braden Arness, Megan, e sua família, confirmaram as histórias deles.

O Casta Leão Braden acasalou com uma empática Navajo do Novo México com estreitos laços com Window Rock. O Casta tipo assassino, agora trabalhava com sua esposa quando seu conjunto de habilidades, ou seus dons de investigação eram necessários.

—Já informamos o chefe, assim como seu pai, o curandeiro e Terran, que é atualmente o representante legal e líder Navajo, da situação em relação à Amber. Sua recusa em nos dar a identidade, pelo menos das duas meninas, e nos permitir interrogá-las sobre sua estadia nos laboratórios será visto como um ato de hostilidade contra as Castas. Como tal, a Nação Navajo não será mais considerada um santuário para nosso povo, e serão afastados a toda pressa.

Diane suspirou enquanto olhava para a expressão fechada de Callan.

Esta era simplesmente a forma errada de agir.

Movendo seu olhar acusador em direção a Lawe, ela apertou os dentes de raiva pelo fato de que Jonas decidiu que não era prudente esperar por sua chegada e permitir que Diane fizesse o que fazia melhor. Encontrar pessoas que estava procurando.

Não gostava de andar atrás de Lawe, mas era exatamente isso que ela e Thor concordaram em fazer enquanto esperavam por Lawe fora do hotel na manhã que partiram.

Se achava que dar a Thor outra atribuição mudaria algo, então estava errado. Deu a Thor a chance de trabalhar como ele e Diane preferiam. Sob o disfarce de uma missão completamente alheia, enquanto Diane ficava com Lawe e mantinha os Castas longe de suas costas.

Era geralmente o contrário. Ela investigava enquanto Thor cortava qualquer interferência que considerasse perigosa para seu trabalho. Mas, ela sabia como lidar com esta parte. Ela e Thor aperfeiçoaram ambas as áreas de parâmetros das missões e entendiam como cada um funcionava.

—Os Navajos não sabem quem são, onde estão ou, após todo esse tempo, como alcançá-los, — Diane os informou enquanto os enfrentava com impaciência. — Não há nem mesmo um número para chamar mais. Ninguém sabe como o grupo se torna consciente que um captor é necessário, mas eles estão sempre lá.

—Então eles têm um Casta trabalhando com eles, — Jonas adivinhou.

Diane deu de ombros. — Como ninguém vai falar com qualquer um de vocês não vai acontecer, — disse a eles. — Tenho algumas ideias, uma vez que eu comece a investigar.

—Uma vez que começarmos, — Lawe injetou.

Ela olhou para ele, sentindo o peito apertar com o que sabia que tinha que fazer.

—Não, uma vez que eu começar, — reiterou ela suavemente. — Não vão falar comigo se estiver por perto ou em qualquer lugar perto o suficiente para identificá-los. Você é um Casta, Lawe. Para eles, é o mesmo que um Coyote, um cientista ou um renegado.



Viu seu olhar se tornar gelo quando Jonas amaldiçoou em voz baixa.

—Odeio ficar me repetindo, mas sei o que estou fazendo, — afirmou, sabendo que, com exceção de sua irmã, possivelmente, ninguém lá estava disposto a acreditar nela neste momento, devido ao fato que estava agora com um companheiro.

Suas chances de investigar eram de mínimas a nenhuma, mas este era seu papel a desempenhar, e se simplesmente se afastasse, então não havia como Lawe aceitar que ela e Thor não planejaram outra coisa.

—Diane, você é a mulher mais forte que conheço, — disse Rachel com uma ponta de amargura, uma clara indicação que tentou discutir o assunto com Jonas. —Mas agora o perigo para as companheiras não vai permitir que investigue um único Casta na vizinhança em seu próprio território.

Apesar da tristeza, ouviu na voz de sua irmã o conhecimento que poderia significar a vida de sua filha, e Diane percebeu que nem mesmo sua irmã poderia ajudá-la aqui.

—E todos estão dispostos a perder Amber por isso? — Ela encontrou o olhar de sua irmã e viu as lágrimas brotarem em seus olhos.

—Não há nada nesta terra que não faria para proteger meu bebê. — A voz de Rachel engatou num soluço. — Mas nada vai alterar a forma como vão cercá-la ou sua determinação e promessa em protegê-la. Nada vai mudar o fato que nem mesmo minha filha é tão importante para Lawe ou para a genética animal, que é uma parte dele, como é sua companheira. Mesmo as ordens de Jonas não vão influenciá-lo.

Diane se recusava a aceitar isso.

Sua cabeça se ergueu quando observou os homens olhando para ela. — Cada um de vocês vai superar isso, — ela disse friamente antes de girar para Lawe. — Chame Thor de volta aqui se a proteção é tão importante para você. Ele não é Casta, não será visto como suspeito como você será.

—Ele segue suas ordens, — rosnou Lawe. — Se disser para ele recuar, então faria exatamente isso. Sua segurança estará sempre ameaçada pelo fato de que é sua comandante.

Havia verdade nisso.

—Ele cortaria seu próprio braço e me diria para ir ao inferno antes que me permitisse fazer qualquer coisa que me colocasse numa situação em que arriscasse minha captura por qualquer coisa ou qualquer associado com o Conselho, — informou a todos firmemente. Discutir com eles era como tentar usar combustível para apagar um incêndio. E sabia disso, no fundo da sua alma.

Não havia uma chance no inferno de que ele voltasse atrás, se fosse esse o caso.

Mas era melhor no que estavam fazendo do que Thor. Sabia como ouvir, como falar com as mulheres e como deixar os homens à vontade. Somente o tamanho de Thor já intimidava todos. Emma e Sharone eram Castas, e o fato que a informação que conseguiram até agora foi roubada por ouvir conversas, boatos e suspeitas antes de serem reunidos, apenas a frustrava.

Viu Lawe apertar a mandíbula, viu a negação em seus olhos, embora não na voz dele. O músculo em sua mandíbula sacudiu quando olhou para ela por um longo segundo silencioso.



A tensão na sala era palpável. Seu olhar se moveu para Rachel, e Diane sabia o que ele via ali, sabia que o apelo enchia o rosto de sua irmã, enquanto Jonas se afastava, virando as costas para a troca.

Diane olhou para ele.

Jonas segurava o encosto de uma cadeira com as garras que haviam retraído e perfuravam o estofado. Manchas de sangue ásperas apareciam em suas cutículas enquanto olhava para eles.

Estava se distanciando violentamente. Ele poderia ordenar a Lawe que permitisse, poderia convencê-lo, mas não desejava fazer exatamente isso. Pelo menos não ainda. Ela conhecia sua devoção à sua companheira e à filha que chamava de sua. Faria isso se considerasse a única opção, mas somente se todas as outras opções fossem extintas.

Diane fechou os olhos por um segundo, rezando por força. Ele a deixaria louca antes que a noite acabasse, muito menos a missão.

Esta era sua última chance. Podia sentir isso.

Se não estivesse disposto a se dobrar agora, quando a situação era tão desesperadora, então nunca teria uma chance em que permitisse que ela participasse, nem para proteger seu próprio filho, se tal situação alguma vez surgisse.

— Não, — ela sussurrou desesperada. — Não me faça te odiar, Lawe, porque vai ficar no caminho da salvação da minha sobrinha. Nunca vou perdoá-lo.

Não era mais um jogo. De frente para seu companheiro, de frente para a batalha que parecia nunca acabar, percebeu que teve o suficiente.

Thor poderia fazer isso sem ela. Fez antes. Mas era sua sobrinha. Precisava ser parte disto.

O olhar de Lawe prendeu com o dela enquanto ela observava a luta que travava em sua expressão quando a fúria primitiva brilhou em seu olhar gelado e o iluminou ainda mais.

Seus olhos estavam de um azul tão flamejante agora, que ela jurava que podia ver o animal feroz dentro dele, exigindo supremacia. Exigindo que o homem a protegesse, dominasse e utilizasse todos os meios necessários para garantir o bem-estar de sua companheira.

— Quero ouvir primeiro seu plano, — rosnou Lawe.

Ela olhou para ele em choque. Não acabava de dizer isso. Ou sim?

— Lawe? — A cabeça de Jonas se levantou, sua intenção no olhar, nas profundezas prata, de repente parecendo uma luz difusa pela mudança de luz e cor, até que quase parecia reflexivo.

A expressão de Lawe estava rasgada, atormentada. — Está certo, Jonas. É a hora errada para esta batalha entre mim e minha companheira. Ela continua me dizendo isso, e eu continuo me recusando a entender. Até agora, — afirmou pesadamente. — Ela não está fazendo nada que não faria em seu lugar. Inferno, teria atirado em mim muito antes de agora se eu fosse meu companheiro, por estar no meu caminho.

Os lábios de Diane se abriram, a esperança surgindo dentro dela agora.



Não nutria nenhuma ilusão que este poderia ser o início de uma tentativa de comprometimento, porque sabia melhor. A devoção de Lawe a todas as crianças, mas a Amber em particular, estava o direcionando. O fato de que ele e Jonas eram mais que companheiros, que eram amigos íntimos, tinha papel importante também.

Ela observou as garras retraindo das pontas dos dedos de Jonas, mal contendo um arrepio quando nada apareceu, apenas a unha normal agora, e as cutículas sangrentas. Ele passou a mão sobre o rosto e se voltou para sua companheira, tomando-a em seus braços antes de se voltar para Lawe.

—Todos precisamos ouvir o plano, — afirmou Callan. —E confie em mim, Diane, será vetado se a colocar em risco de qualquer maneira. Estamos claros sobre isso? Não sou seu companheiro, e não posso ser influenciado por sua emoção.

Diane olhou para Merinus, se perguntando se tinha uma aliada lá.

Os lábios de Merinus se contraíram. — Sua irmã é uma das minhas mais queridas amigas, — disse ela suavemente. — E sei que a minha alma se quebraria se alguma coisa acontecesse a qualquer um dos meus bebês. Mas saiba disso, Diane, Callan e eu temos uma confiança que não vai quebrar. Tão cruel, desumano e brutal quanto parece, Rachel pode ter outros filhos. Se você perder Lawe, contudo, então não perdemos apenas você, mas Lawe e qualquer criança que possa ter. — Ela olhou para Rachel quando a outra mulher virou a cabeça no peito de Jonas, triste, e seus olhos brilharam de tristeza. — Rachel e eu discutimos isso. Se algum dia sentir que há perigo para qualquer uma de vocês, então juro, seus companheiros vão saber sobre isso.

Naquele momento, Diane quase odiou a outra mulher.

—Amber nunca poderá ser substituída, — Diane assegurou a Alfa fêmea com frieza. — Saibam disso, todos vocês. Se Amber morrer porque qualquer um de vocês ficou no meu caminho, ou tiraram isso de mim, então juro que terei a maldita certeza de fazer de suas vidas um inferno.

A expressão gentil de Merinus nunca mudou. — Nunca duvidamos disso por um momento, — ela soprou. — Mas isso não muda o fato que sua segurança e de Rachel é fundamental.

—Então preciso da sua garantia, — Diane exigiu deles. — Quero seu voto que nenhum de vocês vai levá-la e decidir que podem atingir seus fins sem mim.

Ela olhou para Callan primeiro, depois para Lawe e Jonas. Olharam para ela, e ela quase zombou. Oh, como conhecia bem os Castas. Esse pensamento esteve em todas as mentes. Ela podia estar furiosa com todos eles, incluindo sua irmã, no momento, mesmo se considerar ainda amiga da *Prima*, mas não a tornava estúpida.

—Vai tê-lo. — Foi Lawe quem quebrou o silêncio. Virou-se para Diane. —Contanto que não esteja em perigo imediato e enquanto estiver confiante que tem a chance de sobreviver, então a operação não será tirada de você ou interferida de forma alguma.

Ela levantou a cabeça, analisando, sabendo que, se havia qualquer ser na terra que manteria sua palavra, então era Lawe. E por sua vez, Callan e Jonas. Mas nenhum deles foi testado dessa forma, tampouco.



Ela engoliu com força. — Há algumas coisas que vou precisar, e preciso de sua paciência.

—Vamos ouvi-la primeiro. — Callan e Merinus retomaram seus lugares na mesa enquanto Diane, Lawe, Jonas e Rachel seguiam o exemplo.

Diane não esperava a concordância tão fácil, tinha que admitir. Esperava ameaças, raiva, e quando tudo mais falhasse, esperava que Jonas superasse todos os outros meios de convencê-la usando seu amor por Rachel, ou, pior por Lawe, contra ela. Inferno, esteve mesmo preparada para continuar a desempenhar a guerreira em silêncio enquanto Thor, Emma e Sharone rastreavam informações.

Ela sabia algumas coisas sobre a lei Casta. Sabia que sua recusa quebrou vários estatutos, o que poderia resultar em sua prisão e de Lawe se fosse forçado. E seria, se não fosse pelo fato que o bebê em questão pertencia à Jonas. Se não pelo sangue, então pelo amor.

—Nos últimos dois dias não fiquei apenas sentada na minha bunda. Thor, com Emma e Sharone, usando o pretexto de procurar Coyotes do Conselho, coletaram informações. Suspeitas e boatos, discussões a portas fechadas, mas não a salvo da capacidade de Sharon de ouvir através de janelas, portas ou de outros meios ocultos. O grupo responsável pela proteção de Honor, Fawn e Judd não tem sequer um nome, — Diane avisou. — Pelo menos não que eu fosse capaz de descobrir. O que descobri é que Judd, Fawn e Honor não foram as primeiras ou as últimas crianças a desaparecer com um grupo anônimo de homens disfarçados pela pintura de guerra. Houve outros. Crianças trazidas para eles, mesmo antes do resgate começar, assim como pelo menos um híbrido cuja mãe foi morta, e cujo pai foi ferido mortalmente.

—Por que não vieram até nós? — Callan rosnou, raiva e preocupação enchendo seu rosto agora.

Diane balançou a cabeça. — Nem todos confiam nos Castas ou Santuário ou Haven, — lembrou a ele. — Os espões encontrados dentro das duas bases representam um risco para os Castas criados para fins especiais ou que já eram uma parte dos projetos políticos ou privados que o Conselho consideravam metas de longo prazo. São Castas que, por qualquer motivo, não podiam ser identificados como Castas. Então — ela respirou profundamente — existem as crianças desaparecidas. Os seis que uma Casta conhecida como Harmony Lancaster localizou, mas que desapareceram antes que suas equipes pudessem chegar até eles. Bebês híbridos que foram retirados dos corpos de suas mães, e que depois de roubados dos laboratórios foram contrabandeados ou sequestrados de laboratórios supostamente protegidos e desapareceram quase imediatamente. Há dezenas, Callan, e são apenas os que sei. Estou certa que há muito mais, na verdade.

Thor, Emma e Sharone conseguiram desenterrar segredos que Diane ainda não suspeitava até agora.

Rachel e Merinus cobriram os lábios em horror e esperança enquanto ela falava. O destino dessas crianças estavam sempre em suas mentes, e a descoberta de seu paradeiro era considerada prioridade desde o dia que o Primeiro Leo informou das meninas desaparecidas apenas alguns dias antes de sua equipe chegar.

—Há quanto tempo este grupo vem operando? — Os olhos de Jonas se estreitaram, seu desprazer, que tal operação existisse sem ele claramente a delinear, em sua expressão.



Ela lambeu os lábios, nervosa sobre dar esta informação.

—Se quer que eu mantenha minha palavra, Diane, então temos que saber tudo, — afirmou Lawe duramente.

—Não é a informação em si que é problemática, é o Casta por trás dela. — Ela suspirou.

Os lábios de Jonas apertaram. — Quem eu acho?

Ela tinha a sensação que estaria certo.

—Minha informação diz que Leo Vanderale pode ser a força por trás da criação do grupo, — ela os informou. — Sei que ele pôs radares para conseguir informações desde que Brandenmore injetou Amber com o soro, mas sem sucesso. Um dos meus contatos me disse que ninguém que veio para a terra Navajo em busca das crianças desaparecidas Castas ou adultos, voltou para relatar qualquer coisa. Desapareceram tão rapidamente e tão completamente como as crianças.

Lawe se recostou em sua cadeira lentamente, estreitando seu olhar sobre ela.

—E como pretende atingir seu objetivo sem desaparecer também? — Ele mostrou seus caninos perigosamente.

—Não correrão o risco de me fazer desaparecer. — Ela balançou a cabeça, positiva que não iria acontecer. — Existem muitos Castas aqui, sou muito conhecida e agora já estarão cientes que sou sua companheira. Não ousarão me tocar.

Os Navajos queriam preservar os castas, garantir sua sobrevivência e se certificar que as mulheres, especialmente as mulheres e esposas Castas acasaladas, eram bem cuidadas. Companheiras, como Megan Fields Arness e a casada com o xerife do Novo México, Harmony Jacobs. Uma, Diane acreditava, que era a misteriosa Harmony Lancaster que desapareceu vários anos antes e uma vez suspeita de ser a assassina Casta conhecida como "Morte".

—Minha pergunta original então. — A testa de Lawe arqueou zombeteiramente. — Como pretende ter sucesso?

—Ao discutir a situação com três membros da comunidade que acredito que podem ter informações ou conhecer alguém que tenha informação, — afirmou. — Não podem me dizer uma maldita coisa, mas acredito que sabem tanto de Fawn como de Honor, e sabem quem elas são.

Eles olharam para ela em silêncio, e nos olhos de sua irmã, Diane viu esperança pela criança que todos amavam.

—A companheira de Malachi, Isabelle, sua irmã Chelsea e sua amiga Liza, — afirmou. — Isabelle estava em casa e tinha idade suficiente para lembrar de seu pai levando as crianças para dentro. Estou apostando que os viu e talvez também tenha visto quem os pegou. Chelsea Martinez e Liza são suas melhores amigas, mas ainda mais do que isso, são parte da família Martinez e trabalham com o Conselho Navajo, especificamente com três dos homens suspeitos de fazer parte da rede. Terran, Ray e Orrin Martinez. Estou certa que pelo menos um dos membros do Conselho Navajo lidera a equipe de resgate de crianças. E se isso for verdade, então pelo menos uma das meninas tem que saber disso. Aquela que trabalha em estreita colaboração com três deles. E estou apostando que é ou Chelsea ou Liza. Se fosse Isabelle, seu companheiro teria perguntado, e ele daria essa informação se ela a tivesse.



—Ela diz que não a tem. — Callan assentiu. —Nos encontramos com ela. Mas ela está escondendo algo. Podemos sentir no perfume dela. Mesmo Malachi está ciente que há algo que Isabelle não está dizendo em relação à informação que precisamos.

Surpresa, ela olhou para Jonas. Não era como se permitisse que qualquer pessoa escondesse informações dele, especialmente alguém com quem podia usar a Lei dos Castas.

—Prefiro eliminar todas as opções antes de usar a Lei dos Castas contra ela, — disse ele com um suspiro cansado. — Odiaria como o inferno fazer de Malachi um inimigo. Mas ele sabe do perigo que ela corre, se continuar se recusando a nos dizer o que sabe.

Diane olhou para Jonas pensativa por longos momentos antes de falar. —Duvido que saiba o suficiente para ser de alguma ajuda, — afirmou delicadamente, com o coração doendo pela recém-acasalada Isabelle Martinez, que devia estar sentindo o peso da Lei dos Castas batendo em seu cérebro.

Malachi entendia muito bem as consequências dessas duas meninas não serem encontradas. Tinham que saber o que Amber estava enfrentando para que pudessem combatê-lo e esperar garantir sua segurança.

Callan esfregou seu queixo antes de suspirar. — Esse é meu pensamento, também, — ele finalmente disse. — O cheiro da sua mentira não é forte suficiente para indicar conhecimento vital. Mas poderia ser suficiente para nos levar a alguém que saiba mais. O fato que está escondendo dele, e se recusa a falar até mesmo com seu companheiro é o que me preocupa.

—A equipe de resgate Navajo esconde essas crianças aqui, em Window Rock. — Diane sabia que estavam aqui, podia sentir isso, e Thor estava tão certo.

—Diane, vou assumir que tem mais que apenas o instinto apoiando suas conclusões. — Jonas suspirou quando pôs a mão no ombro de Rachel enquanto ela lutava contra as lágrimas.

—Jonas, Amber é minha sobrinha e a amo tanto quanto amo minha irmã. E nunca colocaria toda a minha fé apenas no meu instinto com a vida da minha irmã na balança.

Ela tinha provas circunstanciais, sua crença, seu instinto e o fato de saber que Terran Martinez estava na área era prova suficiente para ela.

Se o Líder do Bando Leão se recusasse a permitir esta oportunidade, porque não gostava da falta de informação, então era nada menos que uma certeza que Jonas e Lawe recusariam também.

Isso não significava que a impediriam.

—Acredita que pode atrair Fawn ou Honor se estiverem por perto? — Jonas finalmente perguntou.

Esta era sua criança. A criança que não veio de sua genética, mas era definitivamente uma parte de sua alma, assim como sua mãe era.

—Estou certa que se alguém pode, esse alguém sou eu, — afirmou confiante. — Aqui é onde sou melhor, Jonas, sabe disso.

Callan suspirou e falou quando Jonas permaneceu em silêncio. — Muito bem, ficamos nisso por enquanto, — ele concordou. — Mas até o final da semana quero respostas. Quero



algum tipo de prova que possa levar ao Conselho Navajo para garantir sua cooperação. Encontre-a, Srta. Broen, antes que todos nós nos lamentemos.

CAPÍTULO 16

Precisava encontrar a ligação com o grupo Navajo acusado de recolher e esconder Castas, criadas ou híbridas, bem como crianças humanas e/ou adultos envolvidos em qualquer tipo de experimento Casta ou seus perfis genéticos, e fazê-lo dentro de uma semana.

O que era uma grande ordem. E a semana estava chegando ao fim.

Lawe manteve sua palavra. Permitiu que fizesse tudo que precisava. Ele mesmo ficou atrás quando necessário e sem pedir, nunca questionando a relação de trabalho que tinha com Thor.

Contudo, ela não se deixava enganar. Esta batalha ainda não tinha terminado.

E o tempo estava se esgotando. Restava um dia para conseguir informações. Depois disso, Jonas ameaçaria o Conselho da Nação Navajo com sanções se não conseguisse a informação que queria sobre Honor Roberts e Fawn Corrigan.

E estava cansada de desperdício de tempo e esforço.

Era uma coisa danada de boa Diane ter excelentes contatos. Contatos que queriam as identidades desse grupo para sugerir que aceitassem o trabalho de esconder do Conselho mais Castas ameaçadas e humanos.

Não importa o quanto tentassem, não havia como encontrá-los, no entanto. Se houvesse, então os homens com quem seu tio colaborou os teriam encontrado.

Movendo-se através das salas escuras que o Suíte Navajo disponibilizou para ela e Lawe, Diane escorregou silenciosamente pelas portas da varanda, que conseguiu desbloquear mais cedo com um pé-de-cabra.

Lawe teria um ataque sobre isso, sabia, mas estava cansada de sombras e da presença constante e asfixiante de Castas em torno dela. Precisava correr solta e livre para limpar seu cérebro. Além disso, sabia que Liza Johnson usava a pista de corrida em torno do pequeno parque para seu exercício matinal.

Caso se apressasse, chegaria lá a tempo de explorar a área, então ficaria à espreita da amiga que a Casta Coyote Ashley Truing se importava tanto.

Levar Lawe com ela serviria apenas para intimidar Liza, que parecia ter medo sempre que os machos Castas estavam envolvidos. Diane sabia como “medo dos homens” parecia para olhos desconfiados.

Assim como sabia que Liza e Chelsea Martinez eram a razão de Isabelle não acabar estuprada pelo ex-namorado recentemente.

Escalando sem esforço a varanda antes de se agarrar à densa e forte trepadeira que crescia ao longo do edifício, ela começou, silenciosamente, a descer até o chão.



Lawe deixou a sala minutos depois de serem escoltados até lá por uma equipe Casta. E se não entendeu mal, esses Castas estavam fora de sua porta, encarregados de se certificar que estava protegida, enquanto Lawe estava ocupado.

Filho da puta, estava tão cansada de proteção.

Isto estava se tornando ridículo.

Saltando para o chão, Diane se agachou, ajustando seu olhar à escuridão exterior enquanto procurava por qualquer Executor Casta que pudesse ter chegado a este lado do hotel enquanto patrulhava.

Não havia. A grama verde e macia que rodeava o prédio era uma parte do campo de golfe, que se estendia por trás do Suíte Navajo. Do outro lado havia uma grande piscina, um parque para crianças e uma variedade de outros divertimentos simples.

Se endireitando, Diane correu rapidamente pelo gramado e se dirigiu para um grupo de árvores que faziam fronteira com o campo de golfe antes que os guardas Castas conseguissem sentir o cheiro de seu perfume e impedi-la.

Liza Johnson era a suspeita do contato de Diane de ser a intermediária na captação de várias crianças Castas, um cientista com raízes Navajo que foi forçado a trabalhar para o Conselho e uma jovem cujo companheiro foi morto.

Liza estava altamente envolvida no Escritório de Assuntos Castas como ligação entre o escritório, o Conselho Navajo e a comunidade, e era também amiga próxima de várias Castas de alto nível. Se alguém em Window Rock sabia onde estava se escondendo Honor Roberts e a identidade que tomou, então seria Liza.

Usando o caminho de pedras do campo de golfe, em pé no abrigo das árvores e usando as colinas artificiais como cobertura, Diane abriu caminho rapidamente do hotel até o outro lado do campo, orando que os olhos Castas não vissem sua fuga.

Uma vez lá, se virou ao longo de um caminho estreito, não mais se preocupando em ficar escondida nas sombras mais escuras quando puxou o capuz de seu casaco sobre a cabeça e esperou que o eventual guarda Casta não percebesse imediatamente quem ela era.

Não havia Castas atribuídos a esta área, pelo que sabia. Pelo menos, os planos que estava a par não mostravam qualquer um. Havia sempre a chance que Lawe assegurasse que não soubesse exatamente onde os Castas estavam patrulhando, mas não achava que ele fez isso. Como via, desde que deu sua autorização para conduzir sua investigação, ela não teria nenhuma razão para escapar.

Nenhuma outra razão além do fato de que não podia mais suportar ser cercada por grandes feras brutas determinadas a morrer por ela. Lawe manteve sua palavra, mas como Rachel a avisou, outros Castas fizeram um voto, e não se importavam em ser a sombra de Lawe e, especialmente, dela e Thor, sempre que a viam sair.

Deus, poderia sobreviver a ver outro homem que conhecia, possivelmente Lawe, o homem que amava, morrer por ela? Ela viu isso antes. Ela viu a vida fugindo do olhar de Padric quando a bala que tomou em seu peito para protegê-la o matou.



A memória que tinha dele machucava-a. Ela nunca escapava dos pesadelos que a obrigavam a reviver e não conseguia se convencer que era mais velha, mais experiente e, definitivamente, mais cruel do que foi então.

Ela também não era tão imprudente como Lawe queria acreditar que era. Passando o playground das crianças pequenas e entrando no parque da cidade, Diane parou no monumento de pedra alta que marcava os membros ausentes da Nação Navajo, bem como outras tribos que foram usadas em pesquisas Castas.

Havia 57 nomes no total, homens e mulheres cujas vidas foram perdidas, sem dúvida, muito antes dos Navajos descobrirem sobre suas mortes.

Pisando dentro da longa sombra lançada pelo pesado edifício, Diane parou, estreitando o olhar contra a luz do amanhecer enquanto gravava as redondezas na memória. Então, com uma respiração suave, imitou o chilrear feliz de um dos pássaros cantando tão docemente.

A resposta da chamada fez os lábios inclinar em carinho.

—Vamos conseguir nossos traseiros mortos. — Thor saiu da sombra de um pinheiro há vários metros de distância e andou até ela.

Vestido de preto, um boné cobrindo o cabelo loiro branco, seu cinto de utilidades amarrado com uma variedade de armas e ferramentas, parecia o guerreiro altamente eficiente que era.

Diane bufou pela previsão. — Está com medo?

—Muito bonito. — Ele suspirou, seu olhar inquieto enquanto investigava a área.

—Quer que eu o envie para casa para sua mãe trocar sua fralda e tirar uma soneca, Thor? — Ela zombou.

—Você é uma cadela, Di. — Ele suspirou de novo. — Uma cadela verdadeiramente dura.

—Sim, sim, sempre me diz isso. — Seu tom transmitia uma deliberada falta de preocupação, mas podia sentir seu coração acelerado de medo.

O medo que algo aconteceria com ele. Que, se a situação ficasse crítica, então ele também se jogaria na frente de uma bala para ela.

—Tenho sua agenda, — disse Thor antes que tivesse chance de perguntar se conseguiu as informações que pediu enquanto ela e Lawe estavam no hospital para verificar Ashley.

—Bom. — Diane acenou com a cabeça. — O que é? — Ela olhou para ele, se perguntando se teria que arrastar cada peça de informação de sua bunda.

—Ela sai de casa nas primeiras luzes, — ele disse suavemente. — Tinha parado de correr depois que sua amiga Isabelle quase foi estuprada num encontro. Estava perseguindo Isabelle e as amigas ficaram com muito medo que as atacasse em retaliação. O mesmo filho da puta que quase sequestrou Isabelle e atirou em Ashley.

—O mesmo que Gideon matou, — ela murmurou. — Gideon nos venceu aqui, Thor.

—Mas esperávamos. — Thor deu de ombros. — E o que é esta merda de "nós"? Não houve "nós", chefe. Esqueceu de me dizer sobre esta viagem. Tive que adivinhar, lembra?



—Ainda bravo, Thor? — Ela perguntou quando se encostou no memorial para esperar a luz do dia e a mulher que ia rastrear esta manhã.

—Ainda bravo, — ele concordou, embora seu tom não fosse tão relaxado como antes. — Você e eu somos uma equipe, não importa o resto. Ou assim pensava até que me abandonou.

Ela balançou a cabeça cansada. — Havia muito peso sobre isso, muita ameaça para Liza, bem como para Honor Roberts, se eu conseguir encontrá-la. Não era justo com ela adicionar perigo adicional para sua vida.

—Nós dois sabemos que não sou nenhum traidor de merda, — ele sussurrou na escuridão. — Me dá um tempo. E se acreditasse nessa porcaria que vomitou de seus lábios, então não estaria aqui agora.

Seus lábios se contraíram pelo tom zangado e as palavras descritivas que usou.

—Você está certo, — ela concordou. Realmente não havia sentido em discutir sobre o assunto.

Ela deve tê-lo surpreendido, porque ele não disse nada por longos momentos.

—É por causa de Padric. — Ele suspirou de novo. — Inferno, Di, não pode se afundar na culpa para sempre, sabe disso.

Na verdade, ela podia, se quisesse.

—Não estou tentando me afundar na culpa, — disse a ele. — Simplesmente queria protegê-lo de Gideon. Ele não tem escrúpulos em matar um homem, mas vai permitir uma margem de manobra maior para uma mulher. A esse respeito, é como qualquer outra Casta.

Thor simplesmente grunhiu, uma indicação que ainda sentia que sua pergunta não foi respondida.

—Então vai rastrear a garota Liza, — Thor murmurou. — O que a faz pensar que ela sabe onde a garota Roberts está, ou quem é?

Diane deu de ombros. — Ela é a melhor aposta. Trabalha mais próxima de Terran, Ray e Orrin. Está lá desde os 16 anos. Sua família é íntima dos Martinez e ela e Terran muitas vezes se fecham com Ray Martinez e Orrin para longas discussões. Se não está a par de segredos internos, então está dormindo com os três, e simplesmente não consigo ver isso acontecendo. Só porque aceito não significa que deslizo por aí assim.

Ele suspirou. — Você e Lawe têm um acordo.

—E se recusou a ouvir quando tentei dizer a ele que precisava me encontrar com ela sozinha. — Ela suspirou.

—Ele foi muito paciente, — Thor apontou. — E fez seu melhor.

Ela tinha que concordar, ele fez seu melhor. Melhor que ela, se quisesse admitir a verdade.

—Não disse que gostava, — ela murmurou. — Disse que não fazia sentido não ter pelo menos um local, uma pessoa que soubesse onde todo mundo está escondido ou realocado.



Mas ela se recusa a lidar com os Castas. Não vai falar comigo com qualquer um deles pairando. Especialmente Lawe.

Essa pessoa tinha que ser Liza.

Diane passou meses, mais meses do que queria lembrar, investigando todos os jogadores, cientistas, assistentes de pesquisa e técnicos das Pesquisas Brandenmore. Em Window Rock, rastreou linhas familiares e todos os cidadãos novos que se mudaram para a área nos últimos doze anos.

Ela passou inúmeras horas à procura de respostas, da identidade dos desaparecidos Honor Roberts e Fawn Corrigan, juntamente com o Casta Bengala conhecido apenas como Judd.

Liza Johnson era o mais próximo que chegaram. A filha do melhor amigo do atual chefe e camarada militar. Era neta do melhor amigo do curandeiro. Suas famílias estavam tão entrelaçadas como se fossem parentes de sangue.

Tudo, exceto parentes de sangue.

Não havia sangue compartilhado, apenas laços comuns de luta, amizade e lealdade. Ela olhou para Thor com um sentimento de tristeza esmagadora. Tinham os vínculos, mas como seria satisfatório estar nesta pequena missão com Lawe. Ver como poderia lidar com a mulher que realmente era.

Ter Lawe a observando, sentindo todos os perigos vindo, a adrenalina correndo através de seus corpos. Saber, sim, que morreriam um pelo outro, mas que Lawe não colocaria em risco a vida por ela desnecessariamente ou ignoraria suas forças.

Quando a primeira luz da madrugada levantou no céu, tanto Diane como Thor se agacharam na sombra contínua da lança apontando para o céu.

Ela tentou fingir que era Lawe nas suas costas, mas nenhuma quantidade de fingimento, tampouco imaginação poderia colocá-lo lá quando não estava.

—Cinco minutos, — disse Thor, sua voz tão suave que era quase um sussurro. —Ela corre sozinha a menos que Isabelle e Chelsea Martinez a acompanhem. Isabelle está atualmente morando no hotel com Malachi Morgan. Chelsea e seu pai estão hospedados na suíte do chefe na Câmara do Conselho Navajo. Todos os membros foram chamados pouco antes de você e Lawe chegarem, pelo que entendi. Suspeito que é para discutir como realocar as duas meninas e o Casta antes que possam ser encontrados.

Diane abanou a cabeça. — Eles não arriscariam.

Ela olhou em volta, a dor no peito se intensificando, o arrependimento e o sentimento de medo a deprimindo quando o conhecimento que estava nessa batalha sem o guerreiro a quem a natureza escolheu como sua outra metade rasgava em seu coração.

Nunca doeu assim, quando ela e Padric se separavam por missões ou feridas. Nunca se sentiu magoada ou com raiva quando Padric discordava dela ou quando se recusava a acompanhá-la.

Ela não gostava disso.

Piscando rapidamente, lutou contra a emoção que ameaçava dominá-la.



Isto não era calor do acasalamento. Calor do acasalamento era sexual. Era ofuscante, faminto, esmagador e descontrolado pelo companheiro.

Isto era dor, a solidão doendo e a certeza que não importa o quanto a amasse, não importa o quão miserável ela fosse, Lawe a preferiria assim antes que sua outra fome a levasse. A fome de justiça.

—Lá vem ela, chefe.

Lá estava ela.

Vestida com calças de corrida cinza e um top de exercício combinando. Uma faixa cinza enrolada em sua testa, enquanto seu longo cabelo loiro ondulado estava puxado para cima num rabo de cavalo que arrastava em seus ombros. Quando solto, seu cabelo pendia logo acima dos quadris em grossos cachos sedosos.

Presos na parte de trás da cabeça, como agora, o rabo de cavalo saltava, os cachos dançando e girando como fitas enlouquecidas.

—Está limpo?

—Limpo, — respondeu Thor.

Ainda agachada, Diane correu da sombra do monumento atrás da outra mulher numa corrida saudável correspondente. Sabia que Thor ficaria escondido nas sombras, vigiando-a, protegendo suas costas.

Lawe deveria proteger suas costas.

Quando chegou por trás de Liza Johnson, não ficou nem um pouco surpreendida quando a outra mulher, de repente pulou de lado, se torcendo e a enfrentando agachada.

Diane chegou a parar, com a sobrelheira arqueando em falsa surpresa pelo treinamento óbvio que havia no movimento.

—O que quer? — Os olhos cinzentos se estreitaram, seu corpo tonificado tenso e preparado, olhando para Diane desconfiada.

—Uma agradável corrida? — Diane perguntou com um pequeno sorriso quando cruzou os braços sobre os seios e olhou a jovem, curiosa.

Era muito delicada. Mesmo com toda graça usada para fazer esse movimento, havia pouco tônus muscular e força ainda menor em seu pequeno corpo.

—Está mentindo. — Cortante e claramente desconfiada, Liza permaneceu em guarda, enquanto Diane a encarava. — Agora o que quer e por que está me seguindo?

—Quem treinou você? — Perguntou ela ao invés de responder a pergunta da menina.

—Ninguém que conhece, estou certa, — Liza zombou de volta. — Agora o que diabos quer?

Diane inclinou a cabeça, curiosa pela posição e o medo óbvio de ser atacada, que podia sentir vindo de Liza.

—Não sou ameaça para você. — Ela deu uma risadinha quando a outra mulher se endireitou lentamente, seu olhar rapidamente avaliando os arredores, procurando outras ameaças ocultas.



O olhar era inconfundível. Diane o viu inúmeras vezes, ela teve esse olhar mais de uma vez.

—Então gentilmente volte pelo caminho que veio, — Liza disse a ela.

Diane sorriu tristemente. — Desculpe, Liza, mas realmente precisamos conversar. Só um pouco, entende. Poderíamos voltar ao hotel para a discussão, se quiser? — Ela olhou na direção do Suite Navajo. — Juro que não vai demorar muito.

Liza olhou por cima do ombro, seus olhos arregalados quando seu rosto lentamente empalideceu.

Ela nunca soube que Thor podia esse efeito à primeira vista, então preferia que ele tivesse permanecido escondido por mais algum tempo.

—Ele é inofensivo, — ela murmurou.

Liza engoliu firmemente. —Temos que sair daqui.

—Thor não vai te machucar.

—Querida, conheci o boca quente de seu Thor, e não é ele. São quatro.

Diane se virou, a mão chicoteando nas costas pela arma no coldre lá.

Quatro.

Seu coração se enfureceu em seu peito.

A adrenalina corria como um rio através de sua corrente sanguínea quando enfrentou os quatro Castas. E não eram os mocinhos.

Infelizmente, muito infelizmente, viu como o único macho humano saía das sombras de um pesado carvalho para encará-la com um sorriso triunfante.

—Malcolm, — ela sussurrou dolorosamente.

Pela segunda vez em sua vida, seu coração estava partindo. Partindo dentro dela, travando sua garganta pela descoberta horrível que não deveria surpreendê-la. Que não deveria ferir tanto ou doer com um sentimento de traição esmagador.

—Pensei que era Brick, — sussurrou ela, a dor deixando áspera sua voz agora.

Malcolm riu, um som cruel, vicioso. — O bom e velho Gideon teria conseguido encontrar uma forma de despachar o bastardo estúpido do Brick e tirá-lo do caminho. O filho da puta nunca percebeu isso também.

—Onde está Thor? — Tudo que podia ver eram os quatro Castas Coyotes, os lábios puxados atrás para exibir os caninos curvos, seus olhos cheios de prazer malévolo.

—Está um pouco baqueado, chefe, — ele zombou dela. — Pode ter algo a ver com a faca que enfiei em seu peito. Acredito que consegui perfurar o coração gelado daquele pequeno bastardo.

Apontando a pistola laser em seu coração, Diane atirou.

—Liza, corra, — disse pesadamente.

Ela ia matá-lo. Se não conseguisse fazer mais nada, iria matá-lo.



—Para onde? — A voz de Liza estava cheia de descrença. — Já percebeu que há quatro Coyotes aqui, senhora? Parece que tenho qualquer chance?

Um dos Coyotes sorriu. A inclinação dos seus lábios cobriu os caninos curvos.

—O primeiro que se mover vai morrer, — ela retrucou. — Agora, dê o fora daqui.

—Se ela correr, um de nós vai persegui-la, — um Coyote murmurou. — Não podemos resistir. É como um cão com uma bola. Apenas temos que buscar. — Ele balançou as sobrelanceiras de brincadeira.

Como se estivesse flertando?

—Malcolm, onde achou seus coiotes? — Ela perguntou com nojo. — São foddidamente loucos.

—São foddidamente eficazes, — retrucou. — Pegaram sua bunda, não foi?

Bem, ele a tinha ali, não era?

—Onde está seu companheiro, pequena guerreira? — Outro murmurou sedutor enquanto seus olhos cinzentos escuros dançavam em diversão. — Posso cheirar sua marca em você e é fresca. Sabe, quando ele por as mãos em você, vai te mostrar exatamente como um Casta pune pequenas companheiras desobedientes.

—Vá para o inferno! — Ela retrucou.

Ele fez uma careta para ela. — Ah, vamos, o inferno é quente demais e meu ar condicionado nem faz uma brisa. Vamos tentar algo mais frio.

Ela levou um momento para olhar para ele com completa descrença.

—Ótimo, um comediante, — Liza murmurou atrás dela.

—Sim, e tudo antes do café. — Diane suspirou. — Acho que poderia ficar enjoada de qualquer maneira.

—Avisei para não trazê-lo, Malcolm, — outro Coyote falou. — Vai começar seus joguinhos sem fim de novo.

—Loki, pare esses joguinhos sedutores, porra, — Malcolm se virou para a criatura flerteira. — Estamos aqui para sequestrar uma companheira Casta, não para ver se conseguimos seduzi-la.

—Eu ainda estou em desenvolvimento. — O Coyote encolheu os ombros com uma fria e experiente expressão muito cruel de desagrado.

—Ele tem tanto bom senso quanto seu irmão Farce tinha, — a outra voz arrastou. — Lembra do que aconteceu com ele, Loki? O lado errado de uma arma felina, acredito.

Diane os seguia com os olhos, mantendo sua posição, protegendo Liza com seu próprio corpo. Tão ignorante como agiam, tão lúdicos quanto fingiam ser, sabia que estavam agora no seu grau mais perigoso.

—Liza, vá! — Ela sussurrou.

—Vamos persegui-la. — O Coyote mais alto e maior enfiou a mão no bolso e puxou um charuto.



Com diversão preguiçosa, pôs sua arma no coldre antes de acender a ponta, enviando o cheiro do tabaco para encher o ar de manhã.

Estava fodida. Tinha apenas um tiro, que estava na configuração atual.

Ela se virou para Malcolm. — Vou te matar primeiro. — Com um movimento de seu polegar, colocou a arma em seu nível mais alto.

Malcolm sorriu complacente. — Não, Diane, não vai, — assegurou a ela. — Porque se o fizer, então vamos pegar sua pequena amiga atrás de você também. E acho que sabe o que vai acontecer com ela depois. Tem apenas um tiro. Isso deixa três coiotes para ela lidar. Acha que ela vai sobreviver?

Liza não ia sobreviver. Os Coyotes do Conselho eram conhecidos pelo que faziam a pessoas inocentes e era horrível.

E estavam sozinhas, sem apoio e, possivelmente, nenhuma esperança de alguém chegar a tempo.

O peso que se instalou em seu peito era esmagador.

— Prefiro lutar, — Liza sussurrou atrás dela.

Diane acenou com a cabeça lentamente. — Tem uma arma?

— Uma faca, é tudo que tenho. — Pesar enchia a voz da outra menina.

Diane respirou fundo e duro. — Não deixe que te levem. Seria muito melhor usar a faca em si mesma que ser capturada por eles. Uma vez que venham por mim, corra para o hotel. Os Castas estarão procurando por mim. Vão cuidar de você.

— Estou surpresa, Srta. Broen, — o Coyote ruivo zombeteiro falou devagar então. — Já ouvi falar de seu companheiro. Estou chocado que não esteja ao seu lado diante de nós com essa atitude de merda dele. Ou ele fez como sempre jurou que faria e fugiu para o outro lado no minuto que percebeu que estava acasalado?

— Ele só atrasou um pouco, — ela assegurou.

— Era melhor que fosse uma boa moça e ficasse em sua cama, em vez de sair para salvar essa vadia. — Malcolm acenou com a arma na direção de Liza. — Como sabia que estávamos vindo por ela, Diane?

Ela não sabia.

Diane se virou, trazendo mais perto a outra garota, num esforço para protegê-la, respirou fundo e se preparou.

Não tinham outra chance. Malcolm derrubou Thor, o que a deixava sem ninguém na retaguarda. Ela tinha um tiro, e sem tempo suficiente para abastecer a arma novamente para outra tentativa de morte.

Ela não tinha que matar.

Com um movimento imperceptível de seu polegar contra o mecanismo, Diane baixou o poder de matar a ferir, e de ferir a desativar.

Poderia dar oito tiros, e se alcançasse seus joelhos, podia ter uma chance.



E também Liza.

—Pobre Malcolm, — ela balbuciou com uma ponta de riso quando olhou para ele, o único plano intermitente que podia alcançar em sua memória.

Ele fez uma careta quando o Coyote com o charuto riu maliciosamente. — Soa como um desafio para mim, pequeno homem.

—Cale a boca, — Malcolm soltou. — Ninguém perguntou.

Lawe teria dado por sua falta agora, certamente. Fazia mais de uma hora. Ele a conhecia muito bem. Assim como ela o conhecia. Estava o empurrando, desafiando, agora tudo que tinha a fazer era permanecer viva por tempo suficiente...

—Ninguém precisa me perguntar. — O Coyote deu outra risada baixa e divertida. — Ela é bonita como o inferno, Malcolm.

—E ela pode chutar o traseiro de Malcolm até o inferno e voltar, — Diane garantiu. Olhando para o Coyote, claramente o Alfa dominante, ela lançou um esgar de zombaria. — Ele sabia que teria que me enfrentar. — Ela acenou para Malcolm. — Não veio pela menina, veio por mim.

O Coyote voltou a cabeça para Malcolm. — Isso é verdade, Malcolm?

Os lábios de Malcolm apertaram com raiva. — Dois coelhos com uma cajadada só, certo? Ela junto com seu tio mataram seu segundo em comando para que ela e aquele bastardo do Thor pudessem assumir a equipe. Disse que queria sangue.

—Essa não era a missão, — ele foi lembrado.

Diane riu. — Quatro coiotes. — Ela suspirou. — Por mim? Todo esse medo de mim, Malcolm?

Sua mandíbula apertou, as mãos apertando a arma.

—Se me quer, venha lutar comigo, — sugeriu ela com uma risada. — Desafio você.

Cada Coyote lá se animou.

—Mil na menina, — o líder murmurou.

—Cale a boca, cão, — Malcolm se enfureceu.

—Coloco mil nesse idiota. Ele tem músculos onde ela não tem. — Loki fez a aposta antes de virar para os outros dois. — Mutt, Mongrel? Estão dentro?

—Mil na menina. — Olhos cinzentos o mediram.

—Mil no idiota. — O último aceitou a aposta.

Malcolm estava tremendo de fúria.

Diane sorriu em antecipação.

—Facas ou punhos? — Ela perguntou, sabendo seus pontos fortes, bem como suas fraquezas.

—Sua prostituta do caralho, — ele rosnou.

—Aceite o desafio ou saia, — Dog soltou. — Não vamos levá-la sem a luta.



Deus ama um coração de Coyote e seu amor por um desafio ou uma boa aposta.

—Se eu ganhar, nós saímos, — ela exigiu enquanto mantinha os olhos em Malcolm.

O sorriso de Dog era claramente antecipado, mas balançou a cabeça facilmente. —Se chicotear a bunda dele, você parte. Se ele chicotear a sua — você foge. Como será isso?

Diane deu um aceno de cabeça firme quando sorriu para Malcolm. —É uma aposta.

CAPÍTULO 17

Ele estava morrendo!

Lawe podia sentir a fúria queimando dentro dele como uma praga definhando célula a célula do seu corpo, enquanto observava e ouvia o Coyote flertando com sua companheira.

A única coisa que o salvava, e salvava a eles, era o fato que não havia cheiro de luxúria saindo deles. Ainda assim, seus punhos estavam fechados, seus lábios curvados atrás dos caninos, afiados nos lados de sua boca, e o rugido que teria retumbado em seu peito estava apenas um pouco travado. Era tudo que podia fazer para segurar um puro rugido de raiva felina.

—Ei, Leãozinho, se importaria de apertar um pouco menos aqui?

O pedido rouco, cheio de dor o fez levantar a mão completamente do peito de Thor e sacudir os dedos para o Casta Executor atrás deles, indicando que devia aplicar pressão sobre a ferida de faca que Thor levou.

Lawe se moveu para levantar. Tinha toda a intenção de se apressar para o lado de sua companheira, proteger seu flanco. Compartilhar o triunfo que sabia que experimentaria, uma vez que Malcolm fosse despachado.

Então, decidiu Lawe, teria a certeza que o desgraçado morreu.

—O que eu disse a você? — Os dedos de Thor estavam subitamente presos no antebraço de Lawe, o restringindo antes que pudesse sair de seu abrigo à sombra dos pesados pinheiros e correr até o conflito se desdobrando muito longe para ajudar sua companheira se precisasse dele.

Deus, como poderia sobreviver?

Ele puxou uma respiração funda e dura.

—Ela está sofrendo, — ele rosnou. — Posso sentir até mesmo aqui.

Virando-se, levou um momento para olhar o mercenário antes de virar para olhar Diane numa onda de orgulho e puro terror.

—É claro que ela está sofrendo, seu filho da puta idiota, — Thor foi grosseiro, sua voz baixa e cheia de dor de uma espécie muito diferente. — Está lá fora, sozinha. Está sofrendo desde o minuto que deixou o hotel de DC sem seu companheiro a apoiando. É uma guerreira,



Justice, não alguma presunçosa florzinha. Você não é apenas a porra do seu companheiro — é seu parceiro e sentirá o cheiro dela rasgando sua alma ao meio.

Lawe virou a cabeça, mostrando, perigosamente, os dentes ao sueco antes de virar para ver sua companheira mais uma vez.

Ela era incrível.

Alta e em pé, uma mão ao lado apoiada num quadril, os dedos preguiçosamente batendo contra ele enquanto apontava a maldita arma laser para o homem com quem lutava desde o dia que seu tio a trouxe para o grupo.

Esta era a comandante mercenária Diane — não a Diane que seus amigos e família conheciam — como os Castas mais próximos de Jonas, e seu companheiro Lawe a conheciam. Esta era a Caçadora. A mulher conhecida por sua habilidade em perseguir aqueles que foi contratada para encontrar, resgatá-los e trazê-los de volta sãos e salvos.

E era assim há mais de sete anos.

Ela assumiu o comando oficial do grupo cinco anos antes, mas nos dois últimos anos antes da morte de seu tio, conseguiu suas próprias missões e ganhou mais dinheiro para o grupo do que imaginavam possível.

Estava confiante, segura de si em seu elemento, mas a dor emocional rasgava através de sua alma como chicotadas ardentes.

Ela precisava dele.

Não era fome sexual. Não era calor do acasalamento e não era necessidade de extinguir as chamas do calor. Era a companheira precisando de um parceiro. Seu parceiro.

Ele prometeu ficar longe dela, dar o espaço que precisava para completar sua missão. Jonas e Callan lhe deram uma semana para alcançar seu objetivo. No entanto, ele ainda pairava perto dela, passando por cima de seus planos com um pente fino. E, sabia, a fazendo sentir que não tinha fé em suas habilidades.

O que o fazia acreditar que sua companheira — com o espírito de luta incrivelmente vivaz que possuía — aceitaria essa gestão, após os anos que levou para aprender a fazer o que fazia tão bem?

Ele falhou de novo.

Baixou a cabeça por um momento, puxando duras respirações desesperadas enquanto o animal se enfurecia, sua genética agarrando seus sentidos enquanto lutava contra a necessidade de protegê-la. A necessidade de ficar diante dela, rosnar em alerta aos bastardos que acreditava ser uma ameaça.

Havia apenas uma ameaça realmente na frente dela.

Dog, Mutt, Mongrel e Loki não eram Coyotes mercenários recentemente separados do Conselho, como Malcolm acreditava. Não eram sanguinários, animais raivosos dispostos a ajudá-lo a levar sua comandante até o Conselho de Genética.

Eram agentes duplos de Jonas. Seus olhos e ouvidos no Conselho, por assim dizer. Ainda eram soldados ou isso o Conselho acreditava, apenas numa capacidade diferente agora do que eram antes.



Ainda assim, mesmo sabendo que o perigo estava minimizado, tinha que se manter afastado à força, para estrangular os rosnados e rugidos de raiva que subiam dentro dele.

Sua confusão e desilusão enviavam um pico de raiva amarga através de seu cérebro e direto para sua alma.

—Você não vai apoiá-la, — Thor rosnou, e por um momento, apenas por um breve segundo, foi quase como um animal. — Se recusa a deixá-la ser quem é, o que é. Ela é uma maldita guerreira, Lawe. Não se enterra isso, se incentiva. Você a treina, orienta, aprimora até que ela se adapta à sua mão como o melhor aço e corta duas vezes mais profundo. Ela é sua companheira de merda. Sua parceira. É a arma mais fina já criada por Deus e dotada por um homem. Ela fica ao seu lado, Lawe. Vai ficar ao seu lado, ou perderá as coisas que tanto ama a respeito dela.

Sua cabeça virou quando ele encarou o mercenário, a raiva agitada dentro dele em ebulição. — Cale a boca!

Moveu-se para levantar, só para sentir uma segunda mão prender seu braço.

Sua cabeça virou para o outro lado para ver seu irmão, seu aperto mais leve que o de Thor, sua expressão firme, embora simpática.

—Eu poderia acasalar, — Rule disse suavemente, seu olhar escuro, e pela primeira vez Lawe sentiu a dor que seu irmão mantinha trancada tão profundo. —Somos irmãos. Gostaria de ter uma companheira que sonhasse em lutar e permitiria que fosse a guerreira que é ao meu lado. Vou te dar minha companheira, — ele sussurrou. — Gentil. Suave. Uma mulher que sequer sabe dar um soco, quanto mais segurar uma arma. Proteja minha companheira, Lawe, e vou proteger a sua. Teremos o que precisamos sem envolver nossas almas como nossa mãe fez.

Companheira do seu irmão? Ele olhou para Rule em completa descrença. Quando seu irmão acasalou e onde estava o cheiro delicado, sutil da mulher que sua genética animal reclamava?

Era uma pergunta que lidaria depois. Tentaria dar sentido a isso uma vez que desse sentido à sua própria confusão e necessidades conflitantes.

A necessidade de possuir a guerreira enquanto se ajustava à sua liberdade. A necessidade de possuir a mulher para protegê-la e abrigá-la como apenas seu companheiro podia fazer.

Lawe deu um empurrão duro de sua cabeça antes de virar à cena diante dele.

—Deixe-me ir. — O rugido era duro, o animal estava livre e não seria retido por mais tempo. — Agora.

Lentamente, com relutância, Thor e Rule soltaram.

—Rule, no meu seis, — Lawe ordenou. —Leve de volta minha companheira. Braden, Megan, vocês pegam Liza.

—Se ela não lutar contra ele, Lawe...

—Ela vai lutar com ele, — o animal jurou. —É sua batalha, a menos que alguém cometa o erro de interferir. Então vão morrer. Malachi, Josiah, se movam por trás da equipe de Dog.



Não confio em ninguém, nem mesmo nos animais de estimação favoritos de Jonas quando minha companheira está envolvida. Agora vão.

Movendo-se através das sombras, deslizando com a graça animal e invisível, abriu caminho com seu irmão cobrindo suas costas, até onde seu companheiro doía, onde chorava por dentro pelo homem, pelo companheiro que acreditava que nunca a veria como parceira. O companheiro que nunca veria seu espírito e a feroz e finamente afiada arma que Thor sabia que ela era.

Não era decisão do homem agora. Pela segunda vez o animal cresceu dentro dele e tomou o controle. E o que o homem descobriu naquele segundo o encheu de incredulidade.

Da primeira vez marcou a mulher que temia que se atreveria a ir embora para sempre. A mulher que o animal percebeu estar tão perto de negar o homem.

Desta vez, o animal teve o suficiente da luta do homem, de sua necessidade de proteger contra a necessidade dela de um parceiro.

O que diabos faria com uma mulher que assava biscoitos, costurava roupas para as crianças da vizinhança? Uma mulher cuja ideia de perigo era um passeio pela cidade?

Isso não era a mulher que precisava.

Diretor-assistente do Escritório de Assuntos Castas não era o trabalho que ele precisava.

Era um guerreiro, assim como sua companheira era uma guerreira. O guerreiro estaria condenado se permitisse que alguém tirasse isso dela, especialmente o homem que a amava com toda sua alma. Com todos os sonhos, toda a paixão, e todo o medo que residia dentro dele.

Quando se aproximou do grupo em silêncio, seu irmão próximo, compartilhando sua força e seus sentidos com ele, Lawe se encontrou a alcançando.

Havia dons que compartilhava com seu irmão gêmeo. O Casta que nasceu menos de um minuto depois dele. Era por isso que Rule seria o diretor assistente perfeito. Pela mesma razão que Jonas sentiu que Lawe seria. A capacidade de Rule se focar com seu irmão gêmeo, para compartilhar a gama de seus sentidos, uma gama muito maior que a habitual. Lawe de repente ficava mais rápido, mais forte, sua audição mais aguda, a visão mais nítida, seu sentido de cheiro tão aguçado que podia detectar indivíduos a quilômetros de distância.

Sabia que as equipes Coyote estavam deslizando através do deserto, em silêncio, se movendo com precisão furtiva para tirar da equipe de Dog o prêmio que procuravam.

A Companheira de Lawe Justice. Talvez apenas uma das duas companheiras capazes de conceber gêmeos.

Ele sentiu isso. Sentia.

Esse foco total identificava, marcava e memorizava cada perfume num raio de dez quilômetros em torno dele, e detectava todos os sons desde o click de um mouse, sussurros de paixão de inúmeros casais perturbando o suave ar até o comandante Coiote no deserto dirigindo seus homens a se moverem mais rápido. Cada imagem que seus olhos tocavam, todos os gostos que vinham a cada respiração eram subitamente amplificados.



O perigo era real agora. Havia duas dezenas de soldados humanos inimigos e coiotes determinados a levar sua companheira. A levar a mulher que um dia teria o filho, ou talvez gêmeos, de um Casta que tinha um vínculo psíquico com seu próprio irmão gêmeo.

—Fique às suas costas. — A ordem não era mais que uma lufada de som, mas sabia que seu irmão ouvia claramente. —Se ela conceber...

—Conceberá uma ferramenta que poderia ser usado contra todos nós, tal como minha companheira... — ele confirmou.

Sabia por que foram criados. Os cientistas foram surpreendentemente explícitos nos detalhes, poucas horas antes de ser dado cada um à sua primeira mulher.

Era o início de um experimento único, um que os cientistas acreditavam ter falhado.

Na equação do acasalamento, não levaram em conta o calor do acasalamento, que acreditavam ser febre selvagem, e o fato que a concepção nunca poderia ser forçada no que dizia respeito a Castas e suas companheiras. Acreditavam que os Castas não podiam reproduzir, e que o cruzamento mesmo com humanos seria um fracasso.

Até os primeiros sinais do calor do acasalamento começar a aparecer e as vivisseções revelarem as mudanças tanto no Casta quanto no companheiro experimentado. Internamente, ambos os companheiros experimentavam uma ampla gama de anomalias.

Um coração que batia mais rápido. A adrenalina misturada com um hormônio desconhecido capaz de forçar suas fêmeas à ovulação. E em certos casos, Castas que faziam parte de um conjunto duplo, a genética animal determinava se a ovulação produziria um híbrido, ou se gêmeos na primeira fase seriam criados.

Movendo-se para as sombras na borda dos pinheiros, Lawe entrou na clareira, ignorando o choque de Malcolm e envolvendo em torno dele o surto repentino de adrenalina de sua companheira fundida com outra emoção, espetando através dela.

Ele e Rule se moveram para ela enquanto Braden e Megan iam na direção oposta e rodeavam Liza antes de puxá-la atrás.

—Bem, olhem quem veio se juntar à festa, meninos, — Dog falou devagar. —Parece que não haverá aposta.

—O inferno que não. — Lawe se moveu, apenas um pouco atrás do ombro direito de sua parceira. —Tem meus mil. Minha companheira vai chutar a bunda dele. — Ele colocou sua mão sobre a coroa da sua arma laser, uma arma Casta carregada. —E vamos fazê-lo sem armas, não é, Malcolm? — Ele balançou a cabeça para Dog.

O Coiote se adiantou com um sorriso triunfante e recolheu várias armas de um Malcolm atordado.

—Companheira, — Lawe murmurou, o animal ainda dominante, mas agora se fundindo totalmente com o homem para nascer o Casta que foi concebido para ser parceiro de sua companheira.

Estava ciente de Rule vacilando, seu animal de repente surgindo livre de suas restrições e fazendo o mesmo. Não esperava isso, mas talvez, como ele, seu irmão precisasse ser forçado a reivindicar o que foi feito para pertencer a ele.



—Lawe, — Diane sussurrou, seu olhar cortando o ele.

—Temos uma dúzia de coiotes e humanos se deslocando para cá. Talvez em vinte minutos e totalmente armados, — disse a ela. —Tem dezessete minutos para cuidar deste pequeno assunto. — Movendo seu olhar abaixo por ela, deixou um sorriso inclinar seus lábios. —Mostre-me o que tem, companheira.

Diane sentiu seu lábio inferior tremer quando a esperança cresceu dentro dela. Seu coração corria de excitação e pura antecipação infundia o forte treinamento de uma vida inteira.

—O que recebo em troca? — Ela murmurou quando soltou o cinto de utilidades, sem tirar os olhos de Malcolm.

—Mais do que provavelmente esperava, — ele assegurou quando sentiu uma onda de alegria súbita o enchendo. —Mas tem que ganhar esta apostinha para mim primeiro.

—Sem problema, — ela assegurou, com o olhar deslizando nele com uma pitada de sensualidade, um sutil flerte que fez seu pênis se contrair de excitação quando ela virou de volta para o traidor, que falhou mais de uma vez em sua tentativa de matá-la.

—Você me traiu, Malcolm. — Ela soltou o cinto e coldre de seus quadris. —O que o fez pensar que era inteligente o suficiente para fugir com ela?

Ela podia sentir a preocupação de Lawe, podia sentir seu amor e as estranhas e confusas demandas da força primitiva e determinação do animal que podia vislumbrar em seu olhar.

Não estava confortável com isto.

Ele sempre temia por ela, mas se não o fizesse, então o amor não seria tão forte como sabia que era entre eles.

—Infelizmente, você sobreviveu, — ele zombou. —Supostamente não deveria. Padric foi morto no seu lugar. Ele era dez vezes mais soldado que você, e então você fugiu com a porra de seu tio antes que eu pudesse matá-la. Puta, como se sente sabendo que ele está se escondendo de você?

—Ele está morto. — Disse ela com um suspiro. —Nunca se esconderia de mim. Não teria me abandonado, Malcolm.

—Ele fez pior que desertar. — Ele riu. —A abandonou por um cientista do Conselho, — ele gritou. —Por um sujo fabricante de monstros em vez de matá-lo como foi contratado para fazer.

Ela nunca o convenceria que seu tio não a abandonara, ou que não estava se escondendo com o cientista do Conselho que foi contratado para encontrar, um pouco antes que fosse morto naquele armazém. E não se importava.

—Vou chutar a bunda dele por você, se ele aparecer. Parece bem? — Ela prometeu.

—Chute sua bunda e vamos, querida, — Lawe murmurou. —Dog é amigável e está aqui para recolher informação para Jonas antes de abandonar o Conselho completamente. Mas as dezenas se movendo sobre nós estão fortemente armados e vão atirar. Gostaria de ter ido embora antes que chegassem muito mais perto.



Ela fez uma pausa, o olhar indo para Dog e o charuto, onde estava dando a ela um sorriso cheio de dentes em volta dele. Levantando o braço, encostou dois dedos na testa em saudação.

—Eu deveria saber. — Soltando os músculos, se aproximou de Malcolm. —Nunca me inspirou lealdade, Malcolm. Deveria saber que não faria isso agora.

—Quinze minutos, — lembrou Lawe quando sua cabeça se inclinou para dar um beijo em sua testa, um tributo de amor, confiança e sua crença na autoconfiança que podia sentir perfurando-a.

—Quinze minutos. — Ela balançou a cabeça, em seguida, virou para Malcolm.

Ela revirou os olhos. — Oh, veja, está tirando sua camisa, — afirmou ironicamente. — Deus ama seu coração, se realmente acha que será tão fácil?

Ele achava que a visão de seus músculos a intimidaria. Que a flexão e ondulação sob sua carne teria o poder de fazer meros mortais recuarem.

Diane não se abalou. Não olhou de lado.

Ela coçou a nuca com um suspiro. — Então, Malcolm querido, vamos fazer barulho?

Ele flexionou os ombros. —Vamos lá, prostituta, deixe-me chutar seu traseiro.

Lawe rosnou, mas Diane estava ciente que não tinha nenhum medo da interferência de seu companheiro, e não tinha medo de sua incapacidade em permitir que ela terminasse a luta.

Quinze minutos.

—Isso só vai levar dez, — prometeu.

—Apenas certifique-se de poupar energia suficiente para gozar da punição por fugir de mim novamente, companheira, — sugeriu. — Posso entender, mas vou garantir que nunca acontecerá novamente.

Pausando, seu olhar correu ao longo dele, da cabeça até a prova de sua ereção, sob a calça jeans que usava, para as botas militares que calçava e acima novamente. —Não tenho medo, companheiro. — Seu sorriso era arrogante, feminino, e confiante. —Vou economizar muita energia para todos os castigos que pode pensar.

—Esta merda piegas está me dando nos nervos, cadela, — Malcolm rosnou. —Traga seu traseiro até aqui e me deixe mostrar como o filho da puta desnaturado de companheiro é fraco. Então meus amigos podem recolher todos e transportá-los.

Diane sorriu quando começaram a circular entre si. Arrebatou Malcolm antes. Não foi fácil. Era um lutador sujo, que conhecia suas fraquezas. Não estava certa, porém, de como Lawe reagiria quando Malcolm conseguisse realmente atingir um de seus pontos fracos.

Sem hesitação.

Ele pulou nela, o punho colidindo num golpe visando seu rosto e a surpreendendo.

Um violento rosnado felino ecoou na clareira.

Diane não se preocupou em levantar. Em vez disso, se apoiou em seus ombros, deu uma rasteira e derrubou Malcolm.



Quinze minutos ou menos. Não tinha tempo para jogar limpo. Não que se incomodaria de qualquer maneira, mas poderia ter demorado um pouco mais, só para humilhar Malcolm.

Quando ele caiu, ela foi para cima. A bota com ponteira de aço, reforçada para aumentar sua força se enterrou do seu lado antes que ela pulasse atrás, arredondando numa carícia de mão aberta no chão, onde varreu um punhado de areia do deserto.

Malcolm levantou facilmente, apesar das manchas de sangue do seu lado agora que ele protegia instintivamente.

Se movendo perto o suficiente para jogar a areia direto em seus olhos, Diane se voltou, balançando a perna fora até bater a bota de ponteira de aço direto em sua mandíbula.

Ouviu o rachar quando ele caiu novamente.

Desta vez, quando ele veio, acertou um curto soco na traseira de seu joelho e a derrubou no chão enquanto ela se virava.

Ela não foi rápida o suficiente.

Antes que pudesse detê-lo, Diane se viu presa no chão, o sangue deslizando do corte profundo no lábio enquanto sentia o lado de seu rosto ardendo pelo golpe dele. Ela podia sentir o desconforto, a rejeição ao seu toque cortando através de seu corpo. Ao invés de enfraquecê-la, ele a chateava.

Teve que sorrir apesar da dor no corte de seu lábio.

—Oh, esteve praticando, — ela zombou. —Pena que ainda é um filho da puta lento, com um ego que vai te matar. O que acha que vai acontecer quando seus amigos aparecerem, e eu não estiver aqui. Dog não estará aqui. Só você, sozinho, sem o prêmio que prometeu entregar.

—Então irão atrás de você. — Ele girou em triunfo enquanto Diane tentava abaixar e se mover.

Seu pé girou para fora, colidiu com suas bolas, mas não rápido o suficiente para evitar o punho que atingiu seu rosto.

—Porra! — Amaldiçoou quando Lawe rugiu de raiva. —Vão te matar antes que eu tenha uma chance.

Dando os passos até onde ele caiu de joelhos, Diane lançou outro chute forte, desta vez com a sola do pé ao lado de sua cabeça.

Forte.

Ela colocou toda a sua força nisso. Usando os músculos bem tonificados das coxas, como seu tio ensinou e colocando toda a sua força nele, chutou com a esperança de precisar de um único golpe para acertar a cabeça dele.

Isso não aconteceu.

Em vez disso, o atingiu atrás, jogando-o de costas e forçando um gemido rígido de seus lábios quando ele perdeu a consciência.

Como ela sabia que faria.



Seu tio trabalhou com ela por meses em sigilo para ensiná-la a cuidar de Malcolm especificamente. Ele era um filho da puta teimoso que não queria ouvir as ordens nas ocasiões que ela comandava os contratos para a equipe.

Esse era o acordo. Seu tio daria o comando ao membro da equipe que obtivesse o contrato, se esse indivíduo quisesse a experiência no comando.

Diane queria.

Thor não queria, mas sempre estava mais que disposto a dar-lhe seus contratos e ser o segundo em comando. Como se sempre soubesse o que estava por vir.

Respirando duramente, o corpo dolorido, viu como Dog correu para Malcolm e verificou seu pulso com eficiência fria.

—Ele vai ficar fora por um tempo, — relatou, levantando o olhar para Diane. —Quer que termine isso para você? — Perguntou com um toque sutil de antecipação.

Ela olhou para ele. —Se eu o quisesse morto, o teria matado eu mesma.

Suas sobrancelhas levantaram. —Já matou um homem? — Ele perguntou delicadamente, suavemente, como se acreditasse que ela era muito gentil ou talvez muito fraca.

Ela olhou para ele com nojo. —Quer a lista?

—Balas não contam. — Ele levantou, olhando para ela com aquele sorriso debochado.

—Facas contam? — Ela perguntou em voz baixa. —Mãos? Posso quebrar um pescoço tão facilmente como você pode, nunca duvide. Ele simplesmente não sofreu o suficiente. — Seu olhar se estreitou com determinação. Era a única maneira de olhar um Casta por baixo. —E quero que ele sofra.

—Ele vai sofrer. — Dog acenou com a cabeça. — Porque o comandante da equipe Coiote vindo é um filho da puta louco. Vai ter certeza que ele morra por você. E se não nos mandarmos daqui, vai tentar assegurar que a gente se junte ao pequeno bastardo.

Ela deu de ombros e se voltou para seu companheiro.

—Fez promessas de novo, — ela murmurou quando ele entrou com ela, o próprio ar em torno dele pulsando com fome primitiva e necessidade de reafirmar seu domínio.

Sobre ela.

Ela sorriu para ele.

Um segundo depois, ele tinha uma mão enterrada no cabelo de sua nuca e seus lábios cobrindo os dela.

O beijo era mau, de boca aberta, as línguas duelando e o gosto do hormônio de acasalamento derramando em seu sistema.

Ah Deus, isso era o que ela queria também. A dor indo embora, a necessidade de seu toque nunca saciada.

Seus dedos apertaram a camisa que ele usava, seus quadris inclinando para cima quando ele de repente a levantou, a segurando contra ele enquanto sua língua bombeava deliciosamente em sua boca e em segundos fazia sua boceta queimar por ele.



—Temos dificuldade em sair, — Rule anunciou inesperadamente. — Vamos sair antes de ficarmos no tiroteio, sem apoio.

Entre uma respiração e outra, Lawe a soltou. Sua mão agarrou a dela quando começaram a correr para a proteção de pinheiros e a segurança do hotel com os Executores Castas do outro lado.

Megan e Braden já haviam deixado Liza e vinham pelo outro lado do campo de golfe num dos Dragões do deserto completamente carregado e usado para operações militares no deserto.

Passaram por eles e foram para onde Thor estava sendo ajudado, nas árvores, por Josiah, e dois outros Dragões aceleraram em direção a Lawe, Diane e o grupo os seguindo. Jonas dirigia o veículo, com um Casta tripulando a poderosa arma laser montada nas barras estabilizadoras. Atrás dele, o segundo Dragão saltava sobre a paisagem ondulante com Dane Vanderale ao volante, seu parceiro, Rye DeSalvo tripulando a arma montada nesse. O calvário estava viajando e se as expressões em seus rostos eram qualquer coisa perto, então estavam antecipando um inferno de briga.

Esta era a área de especialização de Lawe. Amava os tiroteios, e Diane amava as investigações, os resgates. Não havia resgate necessário aqui. E não era que ela não conseguisse um inferno de descarga de adrenalina nos combates. Não era como se não estivesse ciente que estaria envolvida em muitos com Lawe.

Mas neste caso, ele estaria em perigo se fosse forçado a se preocupar com ela. Ele deu a ela a investigação, a luta, a chance de provar si mesma, e ela sabia que essa não era sua luta. Honor Roberts estava ainda lá fora, e Liza Johnson precisava ser interrogada. Suavemente.

Mas sua parte nesta batalha em particular acabou, iria esperar e ver o que a guerra trazia.

Virando-se para ele, jogou os braços em volta do seu pescoço e deu um alegre beijo nos seus lábios.

—Se sair ferido pagará um inferno por isso, Companheiro, — alertou a ele.

A surpresa encheu seus olhos, mas a expectativa que o iluminou era algo que estava familiarizada. Algo que conhecia em si mesma. A antecipação do trabalho que amava.

Justiça.

Era por que tomou como seu nome, e era uma parte dele.

Ela era sua companheira, mas a adrenalina era sua amante, assim como ela era sua admiradora.

—Eu te amo. — Ele tocou seu rosto antes de virar para o Casta que Diane não viu até que ele saltou do Dragão, que parou diante deles. — Tarek, cuide da minha companheira.

—Como se fosse minha, — Tarek prometeu.

Tarek Jordan, acasalado e fora da ativa, mas ainda fazia parte das equipes de apoio quando estava disponível. — Vamos sair. — Ele deu um aceno rápido para Diane antes de se moverem rapidamente, atravessando o campo de golfe até a segurança do hotel.



Uma parte sua se preocupava por deixá-lo atrás, mas sabia que ele nunca seria capaz de fazer seu trabalho se ela estivesse ao seu lado durante um tiroteio. Uma batalha com uma dúzia de coiotes e soldados humanos era muito diferente do que permitir que lutasse contra Malcolm, e Diane sabia disso.

Ela olhou por cima do ombro para ver a poeira dos veículos que corriam para atender os soldados do Conselho que se aproximavam quando outro Dragão correu em direção a eles e o hotel.

—Aqui está nossa carona, — gritou Tarek enquanto Thor era carregado para dentro.

Alcançando o veículo, Diane pulou no lado aberto, dando uma última olhada para a poeira desaparecendo quando os Dragões de Lawe e Dane desapareceram sobre a colina, e quatro outros correram pelas trilhas que cortavam os pinheiros para encontrá-los.

Reforços. Dane e Jonas não arriscariam. Tinham Executores suficientes se juntando a eles, juntamente com as equipes de Dog, para garantir a vitória.

E quando ele voltasse...

Quando voltasse, seria a companheira disposta a dar tudo de si para o Casta que finalmente a libertou.



EPÍLOGO

Ele foi ferido.

Diane ficou em silêncio, mordendo o lábio enquanto observava como a médica Casta trabalhava em silêncio no corte em seu bíceps direito, e isso depois de cavar a bala no ferimento superficial no ombro.

Manchas de sangue cobriam seu peito, mas sentava-se silenciosamente, quase relaxado, exceto pela borda de preocupação em seu olhar sombrio enquanto a observava.

Ela estava franzindo a testa para ele. Suas mãos apoiadas em seus quadris enquanto olhava para as feridas.

— Eu disse para não se ferir, — ressaltou ela calmamente.

— Você disse, — ele concordou com um lento aceno de cabeça, pensativo. — E tentei muito agradar você, companheira, mas aquele moleque do Vanderale parecia pensar que sua própria pele era mais importante que a minha e me usou como escudo.

Oh, agora isso estava errado. Estava descaradamente mentindo para ela. Descaradamente e brincando. Quase flertando enquanto mentia para ela. Ela já tinha ouvido os detalhes quando ele foi trazido, mas se virou para Jonas e Dane que estavam atrás dela de qualquer maneira.

Os dois homens estavam olhando para seu companheiro.

Sua testa se arqueou curiosa. — O moleque do Vanderale? — Ela perguntou a Dane com curiosidade.

Ele resmungou pelo insulto. — Da próxima vez, vou jogá-lo para os malditos coiotes.

— Parece que ele vai viver, de qualquer forma, — Jonas arrastou enquanto observava Lawe pensativo. — Agiu como se realmente sentisse falta das balas passando por sua cabeça.

Lawe sorriu.

A visão daquele sorriso fez alguma coisa com ela. Derreteu suas entranhas. Como manteiga num dia quente de verão, podia sentir a emoção escorrendo através dela, o excesso penetrando em todos os furinhos escondidos das áreas antes bloqueadas de sua alma para preenchê-las com um sentido de vida, rico e súbito.

— E acredito que é melhor sairmos, — Dane murmurou.

— Maldito sentido de olfato Casta. — Diane suspirou quando deixaram a suíte, as portas exteriores se fechando atrás deles, enquanto o médico colocava o último curativo sobre os feios grampos usados para unir as bordas da ferida.

Selando a crua carne exposta, a Casta se afastou, embalado seus instrumentos na antiquada mala preta que carregava e balançou a cabeça para Lawe. — Acho que acabei de consertar você.

— Isso acontece muitas vezes, não é? — Diane perguntou.



A médica sorriu. — Toda vez que sai em missão encontra um soldado do Conselho para lutar, ou simplesmente quer treinar com os Castas mais jovens para provar que sua experiência bate sua juventude e força. — Ela riu. — Está certa que o quer de volta à ativa?

Ela se virou para seu companheiro. Sua testa estava arqueada, sua expressão conhecedora.

—Inferno, — ela suspirou, exasperada, — é provavelmente a única maneira de evitar que eu o mate.

—Sim, ele é bastante inofensivo enquanto está se curando. — A médica riu enquanto se dirigia para a porta. — Chame-me se ele soltar os pontos.

Em segundos, também havia deixado a sala, deixando-os sozinhos.

—Sente dor? — Perguntou ela.

Ele levantou da cama e rapidamente desceu seu jeans. A camisa foi cortada antes, as botas tiradas de seus pés no momento que foi colocado na cama.

Estava excitado.

O comprimento bronzeado de seu pau espetava para fora de seu corpo, grosso e latejante, a crista em forma de cogumelo reluzente pelo pré-sêmen enquanto suas bolas se erguiam apertadas na base do eixo.

—Tenho certeza, — ela murmurou quando arrancou a camisa pela cabeça e rapidamente desceu as calças de ioga que vestia.

Estava pronta para ele.

Diane podia sentir seus sucos se juntando nos lábios de sua boceta enquanto os músculos internos pulsavam e flexionavam pela necessidade de atenção.

Envolvendo os dedos em torno da coluna pesada, ele se acariciou preguiçosamente enquanto olhava para ela, seu olhar sombrio e cheio de intenção.

—Hora do castigo, — ele murmurou.

Sua testa levantou, seu olhar descendo para os dedos à medida que acariciavam sua ereção poderosa.

—Sério? — Ela murmurou.

—Sério. — Andando para ela, abaixou a cabeça, os lábios pegando os dela num beijo que parecia afundar dentro de sua alma.

O sabor do hormônio sexual estava mais rico, mais picante. Parecia subir para a cabeça mais rápido, a essência viciante como um soco poderoso na sua excitação enquanto ela gemia pelas sensações de fogo que de repente corriam através dela.

Ele acabava de ser ferido, uma bala foi tirada do músculo de seu ombro, pontos fechavam o corte em seu bíceps, mas a ereção pressionando sua barriga parecia mais forte, mais grossa do que nunca. Seus braços, que a puxavam para ele, enviavam uma onda de segurança aquecida — não protetora — correndo através dela.

Estava segura aqui. Emocionalmente segura. Seu coração sempre seria valorizado por ele, sua felicidade sempre a prioridade dele.



Envolvendo os braços em volta do pescoço dele, os dedos vasculhando seu cabelo, Diane prendeu a respiração num gemido quando o poder do hormônio do acasalamento continuou a crescer dentro dela. Apressando seu sistema, e ateando fogo em sentimentos, emoções e necessidades que não tinha ideia de como decifrar.

Ela puxou seu cabelo e quando ele mordiscou seus lábios, podia jurar que quase atingiu seu orgasmo.

Sua boceta pulsava, seus sucos derramavam pela abertura apertada para saturar as dobras inchadas mais além. Seus mamilos doíam e latejavam enquanto roçavam contra o peito dele, mas quando seus dedos e polegares encontraram os pontos sensíveis e começaram a massageá-los com aspereza erótica sentiu seus sucos umedecerem suas coxas também.

O calor corria pelo sangue em suas veias, ultrapassava as terminações nervosas e a deixava tremendo enquanto juntava suas coxas e lutava pelo auge do prazer.

—Lawe — Oh Deus, precisava dele.

Suas mãos deslizaram para seu traseiro, seus dedos curvando-se e apertando a carne arredondada que puxava para ele.

—Lawe. — O que era essa sensação?

A picada de prazer ou calor iminente quando puxou as bochechas de seu traseiro, separando-as, o movimento descobrindo a entrada escondida, proibida.

Não foram as sensações físicas que enviaram aquele soco de chamas elétricas correndo através de seu ventre. Não foi o eco da excitação crescente derramando os sucos de sua boceta que a fez gemer por ele.

Foi a emoção. Esse sentimento. Era algo que nunca sentiu antes, e de repente rasgava por ela, enfraquecendo seus joelhos, lembrando que ela era uma mulher.

Estava fraca — seus músculos relaxados, tremendo como se não houvesse nenhuma força dentro deles.

Estava feminina, sua boceta derretendo, derramando a essência que manchava a feminilidade de suas coxas.

Estava... — Oh Deus, Lawe. — Ela queria dizer "não". Queria negar o que estava sentindo e ainda assim não podia.

Quando ele recuou, girou-a e desceu para a cama, sua respiração começou a acelerar. Seu coração disparou forte e rápido em seu peito. Porque dentro de segundos ela a tinha de joelhos, os ombros pressionados na cama enquanto suas mãos corriam sobre as curvas de sua bunda.

—Tão bonita. — Ele gemeu atrás dela.

Sua respiração sussurrou nos cachos úmidos que escondiam as dobras de seu sexo um segundo antes da sua língua varrer através dos sucos escorregadios. Enrijecendo, formando um ponto teso, começou a sondar sob clitóris, pressionando o botão sensível antes de extraí-lo rolando sob o capô da carne tenra.

Com movimentos lentos e diabólicos começou a esfregar a ponta aquecida contra sua carne, queimando-a com o hormônio derramando de sua língua. Um segundo depois chupou o



broto sensível dentro de sua boca, fechou os lábios sobre ela e começou a sugar firme, sua boca faminta. Seus dedos separaram a carne, encontraram a entrada macia e, antes que Diane pudesse murmurar uma aceitação ou negação, sentiu as pontas dos dedos esfregando contra ela, deslizando dentro dela, separando a carne e enviando ondas de prazer através dela.

— Oh sim. — Ela gemeu, seus quadris se contorcendo contra a superficial penetração.
— Oh Deus, Lawe, sim. Por favor. Tome mais.

Ela estava à beira do choro, lágrimas enchiam seus olhos enquanto o desespero começava a queimá-la.

Seus dedos se moveram mais, esfregando, acariciando lentamente, trabalhando sua carne aberta, esticando-a e, em seguida, voltando atrás e repetindo o processo.

Um segundo depois, os dedos da outra mão também se ocuparam.

Lisos, quentes. Oh Deus, então o pequeno jarro ao lado da cama era para isso. O lubrificante a confundiu. Não mais. Não quando os dedos esfregaram o refrescante gel sobre a sensível entrada apertada.

Ela não aguentava mais. Sua língua estalou em seu clitóris enquanto ele sugava, o calor de sua boca a queimando enquanto a sensação crescia dentro dela. Cada nervo em seu corpo parecia, de repente, cheio de eletricidade. Chiavam pelas terminações nervosas, roubavam seu fôlego e a faziam lutar pelo clímax.

Quando os lábios recuaram, quis gritar em negação. Mal podia gemer. Então ele a estava beijando por um caminho menor, seus dedos deslizando dentro dela. Sua língua esfregando sobre a entrada, atraindo os sucos para sua língua, em seguida, com um golpe duro e rápido enterrou a língua dentro dela.

Diane quase pulou em pé. Faria-o, se não houvesse, de repente, uma mão pressionando seu ombro, segurando-a na cama.

Sua língua era má. Perfurava-a, acariciava e esfregava, e fazia seus sentidos girar. Fodendo a delicada e apertada entrada, a fazia sentir como se estivesse saboreando cada gosto dela. Como se ela fosse a sobremesa antes da refeição.

Ela estava chorando, se contorcendo contra sua boca, se empalando em cima de sua língua. Se apenas empurrasse dentro dela um pouco mais, um pouco mais rápido, se simplesmente lambesse aquele ponto um pouco mais, um pouco mais forte.

— Ah sim querida. Doce Diane. — Ele se afastou, apesar do seu grito.

Ela se sentia preparada, tão perto.

Só um pouco mais de sensação.

Seu pênis pressionou na abertura, aquecido e ingurgitado quando Lawe começou a se mover contra ela, empurrando seus quadris, trabalhando o duro e quente eixo de seu pênis dentro dela, lentamente, um centímetro de cada vez, jogando-a em tal turbilhão de sensações que se sentia maltratada por ele.

Os dedos de uma mão massageavam, pressionando. A ponta invadiu a entrada intocada de seu traseiro, enviando um prazer que dilacerava seus sentidos. Deslizando pelo gel, aquecido e dominante ele pressionou um dedo dentro dela, trabalhando contra o tecido tenso



para esticar o canal muito apertado. Só quando ela pensou que poderia explodir em êxtase pela onda de prazer, o dedo saiu, e ele empurrou seu pau dentro de sua boceta com um golpe duro, então seu dedo voltou, desta vez com outro.

Dois dedos trabalhavam dentro dela.

Seus quadris se moviam contra ela, pressionando, mergulhando seu pênis enquanto os dedos lentamente, facilmente começavam a foder sua bunda.

—Lawe, por favor, — ela gritou com voz rouca.

—Por favor, o que, Diane? — Ele gemeu atrás dela. —Por favor, foda seu rabo com os dedos? Por favor, pare? Por favor, mostre para você que é realmente minha?

Ele se afastou, seu pau escapando do aperto que sua boceta tinha sobre ele, só para voltar segundos depois, só que desta vez, à entrada sensível formigando pelo estiramento dos dedos.

—Por favor, — ela gritou de novo. —Oh Deus, Lawe, qualquer coisa. — Girando seus quadris, pressionou atrás contra a ponta de seu pênis, que queimava como fogo e gelo, parecendo consumi-la da cabeça aos pés.

Prazer e dor.

Lawe pressionou contra a entrada, o gel liso que trabalhou em seu ânus e o revestimento adicional que espalhou sobre seu pênis auxiliando na entrada.

Alongando, queimando.

Agonia e êxtase irromperam dentro dela, saindo de sua coluna para atravessar seus sentidos a cada pressão interior que o sepultava mais fundo dentro de seu traseiro e desencadeava ainda mais a intensidade da emoção.

Ela se sentia muito feminina agora.

Seus quadris trabalharam atrás. Podia sentir cada mudança de sua carne, cada pulsar através dos espessos vasos sanguíneos cobrindo o eixo, cada pulso da crista ingurgitada. Ela o sentiu com tal profundidade, as sensações ampliadas quando ele recuou, voltou, abriu mais sua bunda, esticou, e afundou.

Suas costas arquearam, um grito saiu de sua garganta, e quando seu pau ganhou os últimos centímetros dentro do traseiro dela, sentiu os dedos se enterrando abaixo, em sua vagina.

Estava possuída. Foi tomada.

Ela pertencia.

Ela pertencia a ele de forma tão completa, tão completamente que seu corpo aceitava uma possessão que Diane sabia que nunca teria permitido a outro homem.

A posse que afundava dentro de sua alma, com dedos de vínculos emocionais afundando na objeção do passado e se negando a encontrar retenção, e ela sabia que ele nunca iria libertá-la.

Ele estava rosnando atrás dela. Eram rosnados animais, gemidos parte humanos e parte leão. Sua cabeça abaixou e ele apressadamente empurrou o cabelo de lado com o queixo



enquanto a cabeça se inclinava e os dentes estavam subitamente presos na parte traseira de seu pescoço enquanto seus quadris começavam a se mover.

Seus dedos se enfiaram dentro dela, a fodendo com desespero, com a mesma fome que fodia sua bunda. Dentro e fora, um depois do outro, um vai-e-vem dentro de seu corpo que afastava um véu que não sabia, escondia seu coração de mulher dele.

Não ficaria escondido por mais tempo.

Era dele.

Era sua voz gritando por ele.

Implorando.

— Oh sim, — ela choramingou quando a almofada da palma da mão raspou seu clitóris. — Sim, por favor. Oh Deus, Lawe, me foda. — Ela soluçou. — Me tome. Por favor, por favor, me tome.

Ela queria que ele tomasse tudo que tinha para dar.

Seus dedos se moviam rapidamente, afagando, acariciando as sensíveis terminações nervosas, em seguida, acendendo um lançamento dentro dela que arrancou um grito mudo de sua garganta e a fez convulsionar contra ele com um súbito e violento orgasmo do qual não podia se defender.

Seus dentes apertaram no pescoço, mas ela não sentiu dor.

Seu pênis subiu como um punho, o surto aquecido de seu sêmen de repente explodindo em seu traseiro e um segundo depois, sentiu o surgimento da lingueta como nunca sentiu antes. Grossa, mas não incrivelmente longa. Talvez metade do comprimento de um polegar e levemente grossa. Vibrou, empurrou um pulso de fluido aquecido entre as ejaculações rápidas da semente da cabeça de seu pênis.

Sua boceta ordenhava os dedos enquanto a liberação o alcançava. Seu clitóris inchou de repente, um pulso luminoso, forte de sensação, correndo enquanto sentia o orgasmo o queimando.

Ela estava explodindo. Morrendo em seus braços. Derretendo por ele.

Ele estava derretendo dentro dela. Tomando-a, inundando-a.

Era o dono e ela nem sequer dava a mínima.

Era completamente dele. Dele para sempre.

Assim como ele era dela.

Companheiros.

Criados um para o outro.

Concebidos para se pertencer.

Achou a liberdade que sempre escapou dela, e a independência que sempre tentou alcançar estava bem aqui. Nos braços de seu companheiro. — Eu te amo. — As palavras saíram de seus lábios. — Oh Deus, Lawe. Eu te amo.

— Não vai fugir de novo, — ele rosnou.



—Não vou fugir...

—Vai lutar ao meu lado. — Outro pulso intenso de sua liberação, um roçar da palma da mão contra seu clitóris, prolongando seu prazer.

—Ao seu lado, — ela gritou.

Onde sonhava estar.

—Me ame, querida. Ah Deus, Diane, eu te amo até depois da morte.

Ele estava tremendo em cima dela, empurrando contra ela, enquanto as ondas finais de lançamento a deixavam tremendo sob ele, molhada de suor, saciada.

Acasalada.

Diane era uma companheira.

E seu companheiro era um Alfa: dominante, protetor e possessivo.

Mas a genética animal, primitiva e poderosa, e a genética humana tiveram o suficiente de batalha. Tinham, naqueles casos raros, quando era necessário, se fundido e aumentado o lado humano, criando o homem que daria ao seu companheiro o melhor dos dois mundos. Um que morreria por ela, que lutaria para viver por ela. Um companheiro que finalmente a via, que finalmente entendia que não era sobre estar sempre segura.

Tratava-se de estarem juntos e criar sua própria segurança.

Criando seu próprio mundo, onde pudessem.

Ela não era apenas uma companheira, ela era uma guerreira.

Ela não era apenas uma guerreira, era uma companheira.

E era amada.

• • •

Gideon assistiu.

Esperou.

Mas ainda assim, ela não estava lá. Honor não estava lá, e Judd não se mostrou.

O vice-chefe de polícia chegou poucas horas depois da apreensão, com sucesso, dos soldados do Conselho que chegaram para raptar tanto Lawe quanto sua nova companheira, Diane.

Apenas três estavam vivos, mas essa era a maneira dele.

Viu como a menina, Liza, foi escoltada para o hotel e levada para a suíte do diretor do Departamento de Assuntos Castas, e esperou.

Ouviu. O dispositivo eletrônico que colocou pegava excepcionalmente bem.

Jonas chegou com sua companheira.

Os Alfas chegaram.



Lawe, Rule e Diane Broen chegaram.

—Srta. Johnson, precisamos da sua ajuda, — declarou Jonas suavemente.

—Precisa de muito mais que minha ajuda, vai precisar de vários bons advogados.

Liza Johnson não estava contente.

—Apenas salvamos sua vida. — Jonas declarou.

—Seu povo é que estava ameaçado, — ela retrucou. — Deixe-me dizer agora...

E nada.

Ele olhou para o hotel. Olhou para ele.

Bateu nos fones de ouvido. Não havia nem mesmo estática.

Porra.

• • •

Jonas olhou para o dispositivo que Diane entregou, localizado por outro dos detectores alterados que Thor consertou.

Forte.

O sinal pegava carona nos seus próprios dispositivos sem fio e os traía.

E não tinha ideia de quanto tempo esteve em seu quarto.

Ou se haviam mais.

Virando-se para Lawe e usando os movimentos da língua de sinais, indicou um conjunto completo, a estática, bem como tecnologia de interferência.

Gideon apenas aumentou a aposta.

Jonas olhou para Liza Johnson e pelo cheiro do seu medo, descobriu mais alguma coisa.

Ele sorriu lentamente.

O jogo estava apenas começando...